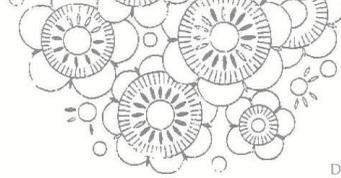


Adelina Lopes Vieira
 Anália Emília Franco
 Adelina Tecla Correia Lyrio
 Alaíde Ulrich
 Alba Valdez
 Albertina Berta
 Amélia Beviláqua
 Amélia de Resende Martins
 Ana Aurora do Amaral Lisboa
 Amália dos Passos Figueiroa
 Maria Benedita Câmara Bormann
 Maria Clara da Cunha Santos
 Ana Teófilo Filgueiras Autran
 Andradina de Oliveira
 Ângela do Amaral Rangel

Anita Philipowsky
 Bárbara Heliodora
 Júlia Lopes de Almeida
 Júlia Cortines
 Júlia Maria da Costa
 Julieta de Melo Monteiro

Zalina Rolim Rita Joana de Sousa Matilde Ulrich
 Rosália Sandoval Inês Sabino Narcisa Amália
 Sinhazinha Wanderley Delminda Silveira
 Georgina Mongruel Maria Augusta Guimarães
 Beatriz Brandão Ildefonsa Laura César Madame Chrysanthème
 Maria Firmina dos Reis Cândida Forte Maria Angélica Ribeiro
 Guilhermina Rocha Úrsula Garcia Carmosina Uzel
 Maria Josefa Barreto Clarinda Siqueira
 Isabel Gondim Francisca Júlia Corina Coaraci
 Gabriela de Andrade Rita Barém de Melo
 Serafina Rosa Pontes Josefina Álvares de Azevedo

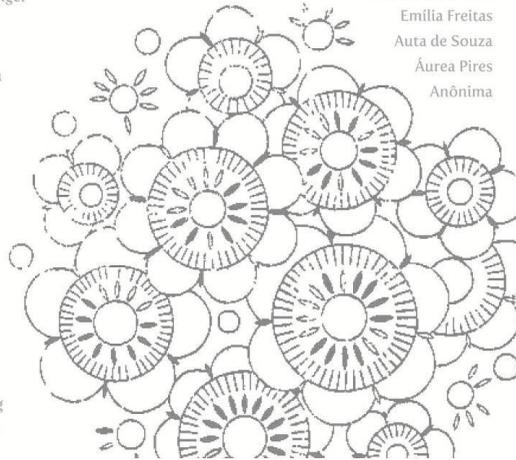
Luciana de Abreu
 Leontina Licínio Cardoso
 Luísa Amélia de Queirós
 Luísa Leonardo
 Ibrantina Cardona
 Maria Lúcia Duarte
 Mariana Coelho
 Gertrud Gross-Hering
 Mariana Luz



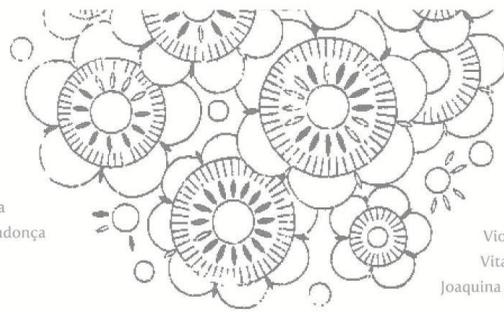
Targélia
 Ana César
 Ana Facó
 Colombina
 Carmem Freire
 Delminda Silveira
 Ana Nogueira Batista
 Alexandrina da Silva Couto dos Santos
 Anna Alexandrina Cavalcanti de Albuquerque
 Ana Ribeiro de Góis Bittencourt

Amélia de Oliveira
 Amélia Rodrigues
 Ancilla Domini

Ana Luísa de Azevedo Castro
 Emília Leitão Guerra
 Eufrosina Miranda
 Francisca Clotilde
 Emília Freitas
 Auta de Souza
 Áurea Pires
 Anônima



Castorina Lobo S. Thiago
 Carolina von Koseritz
 Honorina Galvão Rocha
 Francisca de Basto Cordeiro
 Escolástica de Moraes Veloso
 Delfina Benigna da Cunha
 Joana Paula Manso de Noronha
 Francisca Izidora Gonçalves da Rocha
 Honorata Minelvina Carneiro de Mendonça
 Maria Carolina Corcoroca de Sousa
 Emília Moncorvo Bandeira de Mello



Maria do Carmo de Melo Rego
 Maria Luísa de Sousa Alves
 Maria Cândida de Jesus Camargo
 Prisciliana Duarte de Almeida
 Nísia Floresta Brasileira Augusta
 Revocata Heloisa Figueiroa de Melo
 Maria Benedita de Oliveira Barbosa
 Maria Clemência da Silveira Sampaio
 Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco
 Vitalina Pompeu de Camargo de Sousa Queirós
 Joaquina Júlia Navarro da Cunha Menezes de Lacerda

ISABEL MARIA BARREIROS LUCLKTENBERG



EDITORA MULHERES

UMA ARQUEOLOGIA LITERÁRIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura, área de concentração em Literatura Brasileira, linha de pesquisa Literatura e Mulher, Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Literatura.

Orientadora: Prof.a Dr.a Tânia Regina Oliveira Ramos

FLORIANÓPOLIS

2011

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da
Universidade Federal de Santa Catarina

L941e Luclktenberg, Isabel Maria Barreiros
Editora Mulheres [dissertação] : uma arqueologia literária
/ Isabel Maria Barreiros Luclktenberg ; orientadora, Tânia
Regina Oliveira Ramos. - Florianópolis, SC, 2011.
300 p.: il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-
Graduação em Literatura.

Inclui referências

1. Muzart, Zahidé Lupinacci, 1939. 2. Editora Mulheres.
3. Literatura - Historiografia. 4. Mulheres e literatura -
Santa Catarina. 5. Estilo literário. I. Ramos, Tania Regina
Oliveira. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa
de Pós-Graduação em Literatura. III. Título.

Editora Mulheres: uma arqueologia literária

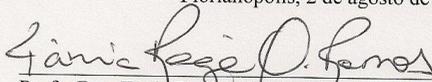
Isabel Maria Barreiros Luelktenberg

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título

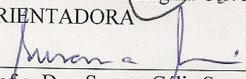
MESTRE EM LITERATURA

Área de concentração em Literatura Brasileira e aprovada na sua
forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da
Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 2 de agosto de 2011.

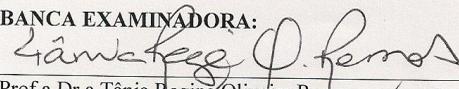


Prof.a Dr.a Tânia Regina Oliveira Ramos
ORIENTADORA

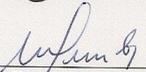


Prof.a. Dr.a Susana Célia Scramim
COORDENADORA DO CURSO

BANCA EXAMINADORA:

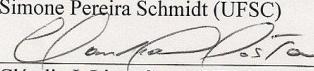


Prof.a Dr.a Tânia Regina Oliveira Ramos
PRESIDENTE



Prof.a Dr.a Maria Teresa Santos Cunha (UDESC)

Prof.a Dr.a Simone Pereira Schmidt (UFSC)



Prof.a Dr.a Cláudia J. Lima Costa (UFSC)

*À Zahidé Lupinacci Muzart e à Editora Mulheres,
começo, meio e fim
de minha dissertação.*

AGRADECIMENTOS

Aos professores da Pós-Graduação, especialmente à minha orientadora, professora Tânia Regina Oliveira Ramos, pela paciência, pelas conversas, pelos novos olhares...

À Elba, secretária da Pós-Graduação, pelo carinho com que sempre me recebeu, pelas palavras de incentivo e também pelos “puxões de orelha”, pela habilidade em resolver os meus problemas, pelos gestos e pelo sorriso, pelos olhares e pela dedicação.

Aos amigos e aos colegas de aula e de corredores, pela troca de experiência, pela palavra amiga, por acreditarem em mim.

À minha família, especialmente à pequena Manuella, por entender minha ausência.

Ao Andrik, pela ajuda, pelas palavras sempre certas, pelo companheirismo.

Nós não temos a profissão das ciências nem a
obrigação de sermos sábias; mas também
não fizemos voto de sermos ignorantes.

Theresa Margarida da Silva e Orta

Este não é um trabalho de floricultura...
O que à primeira vista parece um trabalho de jardinagem,
não é em seu todo senão um estudo de psicologia feminina.

Inês Sabino

RESUMO

O objetivo desta dissertação é, através de um recorte a partir do estudo da formação do livro e da leitura no Brasil no século XIX, refletir sobre a sociedade leitora no período e como a história da literatura se relaciona com a solidificação de uma produção editorial. O foco da análise é a inserção das mulheres no campo literário brasileiro e como essa inserção se dá no século XX-XXI, com a atuação dos movimentos feministas e de uma produção acadêmica que se volta para o estudo da literatura produzida por mulheres. É com esse objetivo de recuperar obras de escritoras do passado, sejam elas brasileiras ou não, que surge a Editora Mulheres. Esta pesquisa busca, assim, fazer um levantamento documental das obras publicadas pela Editora desde 1996, quando de sua criação, através de pesquisa na internet e de textos mantidos pela própria Editora. Como esta pesquisa é datada, 15 anos da Editora Mulheres, até julho de 2011 foram publicadas 96 obras, entre romances, poesia, teatro, relatos de viajantes estrangeiras e estudos sobre questões de gênero; todas compostas de biografia, ensaio crítico, bibliografia e pequena amostragem de texto. Com a recuperação dessas escritoras do passado e a visibilidade e o acesso de vozes de teóricas e críticas contemporâneas, é possível ampliar a história literária brasileira e escrever uma história que não apenas inclua nomes de autoras, mas apresente, numa linha editorialmente coerente, outras e silenciadas formas de ler e de escrever.

Palavras-chave: Editora Mulheres; Zahidé Lupinacci Muzart; Literatura e Mulher; historiografia literária; campo literário.

ABSTRACT

The objective of this Master's Thesis is to reflect upon the literate society in 19th Century Brazil, through a profile based on study of the formation of books and reading in the period, as well as how the history of literature relates to the solidification of an editorial process. The focus of analysis is the insertion of women in the field of Brazilian Literature and how such insertion plays out in the 20th-21st Century, with the participation of feminist movements and academic production which is geared to studying literature produced by women. From this objective to recover works from past female authors, whether Brazilian or not, Editora Mulheres is born. This study thus seeks to provide documentary inventory of works published at Editora Mulheres since establishment in 1996, through internet research and texts provided by the publishing company itself. Considering this is a dated sample covering the 15 years of Editora Mulheres publication encompassing biographies, critiques, bibliographies, and extracts of texts composed of 96 works through July of 2011, including fiction, poetry, plays, foreign travel logs, and studies concerning gender. With the recovery of such past authors and the visibility and access to the voices of contemporary theories and critiques, is it possible to amplify Brazilian literary history and write History which does merely include the names of the authors, but presents within a coherent editorial line other silenced forms of reading and writing.

Keywords: Editora Mulheres; Zahidé Lupinacci Muzart; Literature and Women; Literary historiography; Literary Field.

SUMÁRIO

MO(VI)MENTO INICIAL.....	21
1 MO(VI)MENTO UM – LIVRO E LEITURA NO BRASIL: ENTRE ENCONTROS E DESENCONTROS	27
1.1 QUANDO AS MÃOS FEMININAS EMPUNHAM O LIVRO	30
1.2 DIREITOS AUTORAIS: UMA HISTÓRIA DE CONTRATOS	33
1.3 LIVRO DIDÁTICO E LEITURA: UMA RELAÇÃO DE PARENTESCO.....	43
1.4 LEGITIMAÇÃO DA LITERATURA	47
1.4.1 Novos meios de legitimação	49
1.5 MOVIMENTOS FEMINISTAS	51
1.6 QUANDO OS DEDOS FEMININOS TOMAM DA PENA	56
2 MO(VI)MENTO DOIS – A EDITORA MULHERES.....	61
3 MO(VI)MENTO TRÊS – CATÁLOGO DA EDITORA MULHERES.....	143
MO(VI)MENTO FINAL	277
REFERÊNCIAS	281

Mo(vi)mento Inicial





MO(VI)MENTO INICIAL

Escoger o que trabalhar na dissertação não é tarefa fácil. Durante a graduação fiz parte de um programa de pesquisa voltado para a linguística, mais precisamente para a análise do discurso. Dessa forma, depois que terminei a graduação, estava certa de que seguiria estudando linguística. Porém, depois de algumas disciplinas feitas na linguística e na literatura, optei pela segunda. Era chegado o momento então de escolher a linha de pesquisa, com que exatamente trabalhar durante os dois anos de mestrado. Interessei-me inicialmente por estudar as antologias *Escritoras brasileiras do século XIX*, da Editora Mulheres, dentro da linha Literatura e Mulher. Mas, passado um ano fazendo as disciplinas de mestrado e buscando entender as próprias antologias, revi meu projeto e resolvi trabalhar com a Editora Mulheres.

Considerando que a literatura é atravessada pelas formas de produção responsáveis por transformar um original em livro, no nosso país – com tradição escrita e história de leitura tão recente – as histórias literárias raramente se voltam às condições de produção e circulação de livros, excluindo as mulheres do seu *corpus* de análise. Criada em 1996, a Editora Mulheres busca exatamente recuperar as obras de escritoras do século XIX, sejam elas brasileiras ou não, incluindo obras editadas e textos nunca antes publicados.

Para compreender o processo de exclusão das mulheres da história literária é necessário conhecer como se deu a formação do leitor e da leitura no Brasil. Após o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e a valorização da privacidade doméstica, tem-se início a história da leitura. Na Europa isso acontece no século XVIII, quando a impressão de livros deixa de ser artesanal e passa a ser empresarial.

Nessa época os livreiros disputam os direitos de propriedade sobre os livros com os próprios autores, decorrendo daí as primeiras leis que tratam desses direitos, como o *Estatuto de Ana*, de 1710, que transfere para o autor o direito de impressão na Inglaterra; e outros estatutos estabelecidos pelos norte-americanos em 1783 e pelos franceses dez anos mais tarde. Ao contrário dos autores da Inglaterra, dos Estados Unidos e da França, ainda na metade do século XVIII os autores em Portugal não têm condições de requerer seus direitos em virtude do estabelecimento da Real Mesa Censória pelo Marquês de Pombal.

No Brasil a situação ainda é mais precária; traços de uma sociedade leitora só vão aparecer em 1840, no Rio de Janeiro, quando surgem as tipografias, as livrarias e as bibliotecas. É somente em 1888 que nosso país entra em acordo com Portugal para proteger legalmente a propriedade das obras. Mas o Brasil só sanciona a lei de direitos autorais em 1898, cabendo à Biblioteca Nacional o papel de receber e cadastrar os originais.

Vários relatos de escritores brasileiros indicam que não se conseguia viver de literatura no século XIX, pois o país não tinha conseguido acabar com o analfabetismo e ainda carecia de imprensa e de livrarias, cujas lacunas vão sendo preenchidas pela Impressão Régia, pelas tipografias, pelos editores e pelos livreiros. Esses escritores demonstram que o texto articula-se com o modo de produção da sociedade; trata-se de uma história de contratos entre eles e editores, livreiros, críticos, leitores...

Depois do fortalecimento da industrialização, da comercialização e da regulamentação dos livros, outras necessidades surgem como a formação discursiva da legitimação da literatura. Inicialmente o certificado de nossa identidade é emitido pelos estrangeiros Ferdinand Denis e Almeida Garret, precedidos de outros historiadores que lhes fornecem os critérios de análise e seleção. Com essas e outras coleções se determinou o cânone literário, dando visibilidade a alguns autores e textos.

A visibilidade das escritoras só acontece bem mais tarde, graças à atuação dos movimentos feministas, que garantiram a publicação de obras excluídas da historiografia literária. Para compreender como as escritoras posicionam-se e são posicionadas no campo literário, é necessário levar em consideração as condições de exercício da literatura e como o feminismo influencia esse campo.

No final da década de 1970 surgem vários estudos sobre a questão da mulher que abrem espaço para a análise do percurso das

escritoras brasileiras, sendo o de Zahidé Lupinacci Muzart com a Editora Mulheres tratado nesta dissertação.

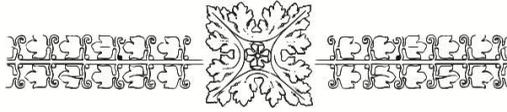
Procuramos aqui fazer um levantamento documental das obras publicadas pela Editora durante esses 15 anos, classificadas dentro das séries Referências, Ensaio, Gênero e violência, Romance/Narrativas, Poesia e teatro, Viagens, Cartas e memórias, Feminista e Infantojuvenil. Ao todo foram publicadas 96 obras, não somente romances, poesia, teatro, mas relatos de viajantes estrangeiras e estudos sobre questões de gênero (de cunho teórico). As obras recuperadas apresentam biografia, ensaio crítico, bibliografia e pequena amostragem da prosa literária e jornalística, do ensaio, das memórias, da poesia... Registramos igualmente as entrevistas dadas pela professora e pesquisadora Zahidé Lupinacci Muzart e a recepção e repercussão da Editora Mulheres na mídia, quando de sua fundação e em seus primeiros mo(vi)mentos.

Inicialmente a pesquisa para o levantamento das obras foi feita através do *site* da Editora <www.editoramulheres.com.br>. Depois de listadas as obras, foram feitas buscas na internet com o objetivo de encontrar reportagens, artigos e/ou resenhas que tratassem dessas obras. E, finalmente, foi colhido todo o material selecionado e mantido pela Editora.

Esta dissertação encontra-se dividida em cinco mo(vi)mentos de leitura, contando com este chamado de Mo(vi)mento Inicial. No Mo(vi)mento UM tratamos do processo de exclusão das escritoras brasileiras da historiografia literária e do modo de produção, circulação e consumo da literatura brasileira. No Mo(vi)mento DOIS traçamos a trajetória da Editora Mulheres através de uma conversa com Zahidé Lupinacci Muzart e de textos publicados na mídia e em periódicos científicos. No Mo(vi)mento TRÊS apresentamos todas as obras publicadas pela Editora. E no Mo(vi)mento Final encontram-se as considerações finais sobre o entendimento dessa arqueologia literária. Ressaltamos que o Anexo A – que traz apresentação e/ou introdução de todas as obras publicadas pela Editora – e o Anexo B – que apresenta os textos críticos sobre essas obras publicados na mídia e em periódicos científicos – estão em CD-Rom em virtude de seu tamanho.

Mo(vi)mento Um





1 MO(VI)MENTO UM – LIVRO E LEITURA NO BRASIL: ENTRE ENCONTROS E DESENCONTROS

Escrevo meus livros só nas horas vagas de minhas outras ocupações. No Brasil ainda é raro o escritor que pode viver dos seus próprios livros. Me dedico por isso ao jornalismo e ao professorado, que são ocupações sempre de ordem intelectual, e me conservam dentro da minha realidade primeira que é a arte.

Mário de Andrade (1982, p. 20).

Para tratarmos da questão do livro e da leitura no Brasil, é necessário falar do leitor, personagem da modernidade e produto da sociedade burguesa e capitalista, pois é com o individualismo, o antropocentrismo, o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e o fortalecimento das instituições culturais que se propicia o espaço necessário para transformar um número de pessoas em leitores. Como o leitor nasce com a sociedade moderna, a história da leitura demonstra seu nascimento bem como narra a modernização da nossa sociedade.

Ao narrar a história do leitor, começamos com a ampliação do mercado do livro, a difusão da escola, a alfabetização em massa, a valorização da privacidade doméstica e a manifestação da ideia de lazer. No século XVIII, essa história começa na Europa, quando a impressão de livros deixa de ser artesanal e passa a ser empresarial, dirigida para o lucro. Para se expandir, a leitura dependia ainda de outra mudança: a valorização da família. Para isso, as revoluções dos séculos XVIII e XIX

foram muito importantes, pois fortaleceram o padrão familiar resultante da ideologia burguesa. É a família a responsável por construir e fortalecer a sociedade burguesa.

Se é certo que leitores sempre existiram em todas as sociedades nas quais a escrita se consolidou enquanto código, como se sabe a propósito dos gregos, só existem o *leitor*, enquanto papel de materialidade histórica, e a *leitura*, enquanto prática coletiva, em sociedades de recorte burguês, onde se verifica no todo ou em parte uma economia capitalista. Esta se concretiza em empresas industriais, comerciais e financeiras, na vitalidade do mercado consumidor e na valorização da família, do trabalho e da educação. Foi nestas condições que os leitores, cada vez mais numerosos, se transformaram em público consumidor de uma mercadoria muito específica (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009a, p. 16).

No interior da família torna-se mais forte o gosto pela leitura porque essa é uma atividade apropriada ao contexto de privacidade e uma habilidade essencial à formação moral das pessoas, especialmente para aqueles interessados na difusão da Bíblia: os protestantes e os reformistas.

Por ser uma atividade barata e acessível de entretenimento, a indústria de lazer descobriu seus primeiros exemplos entre a população rural, através da literatura de cordel. Essa literatura serviu de molde aos folhetins, gênero difundido nos centros urbanos em jornais, e contribuiu com a estruturação do romance. Em meio a essas condições, os leitores se transformaram em público consumidor, a quem o escritor deve seduzir e convencer.

Somente a partir de 1840, o Brasil passa a apresentar alguns traços de uma sociedade leitora, a do Rio de Janeiro, pois é somente nessa época que surgem as tipografias, livrarias e bibliotecas; em que há uma melhoria do sistema escolar e a expansão do capitalismo. Ainda assim, diante de leitores tão iniciantes, autores e narradores do Romantismo tomam certo cuidado em seus livros de ficção – quando retomam cenas apresentadas em capítulos anteriores – para manter a atenção do leitor: “Se o leitor pensou no que há pouco dissemos, isto é, que naquela família, havia três primos e três primas, e se agora

acrescentarmos que moravam todos juntos, deve ter cismado alguma coisa a respeito...” (ALMEIDA, 1963, p. 147).

Essas técnicas, bem semelhantes às técnicas aplicadas no folhetim, buscavam garantir a fidelidade do leitor e a cumplicidade entre ambos: narrador e leitor. E deram certo, visto que aparecem mais tarde nas obras de Machado de Assis. O narrador machadiano antecipa acontecimentos para aguçar a curiosidade do leitor e apresenta alguns retrospectos para aquele que se perdeu na trama:

Suponho que o leitor está curioso de saber quem era o feliz ou o infeliz mortal, de quem as duas trataram no diálogo que precede, se é que já não suspeitou que esse era nem mais nem menos o sobrinho da baronesa, – aquele moço que apenas de passagem lhe apontei nas escadas do Ginásio (ASSIS, 1959a, p. 87).

Nessa mesma obra – *A mão e a luva* – são exibidas cenas de leitura em grupo, silenciosa ou em voz alta, com plateia e leitores interessados. Machado exige um padrão de leitura e leitor que não se deixa levar pela febre romântica. O narrador se dirige a um leitor mais sofisticado e deixa de lado os leitores românticos. A leitura não pode acontecer por meio da identificação; pelo contrário, deve possibilitar o distanciamento.

Quincas Borba, de 1891, também trata de modular a cumplicidade entre narrador e leitor que se encontra na intimidade do texto e da personagem. Sabendo da atenção fugaz do leitor, o narrador machadiano apresenta o acontecimento anterior a cada recapitulação. Seu tom é paternalista e compreensivo diante da imaturidade do leitor: “considera-o imaturo, de conhecimento incipiente, não suficientemente *arguto* e *perspicaz* para dispensar a tutela daquele que desfia a história” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009a, p. 39, grifo do autor).

Ao contrário do narrador machadiano, em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, publicado em folhetim em 1911, o leitor se eleva quando acompanha e se solidariza com o herói. O narrador alerta o leitor sobre a leitura ingênua. Na obra *Amar verbo intransitivo*, de 1927, o narrador de Mário de Andrade parece abrir mão de seus privilégios e dialogar com o leitor de maneira coletiva: “não tenho a mínima intenção de exigir dos leitores o abandono de suas Elzas e impor a minha como única de existência real” (ANDRADE, 1993, p. 57), mas, à medida que a narrativa se desenrola, percebemos a superioridade do narrador, ao

passo que o leitor não cresce e parece se aproximar do leitor machadiano. E mais, o leitor permanece aguardando um diálogo com o narrador de Mário de Andrade que não se realiza.

Quem primeiro concede maturidade ao leitor é Graciliano Ramos, em *São Bernardo*, lançado em 1934. O narrador necessita da solidariedade do leitor, carece de um ouvinte e, por isso, não se julga superior:

Introduzindo o leitor no processo de redação da obra, o narrador estabelece um pacto original, em que se avalia a outro excluído, não, porém, para contestar, e sim para se abrir e romper o anel de autoritarismo de que ele mesmo, enquanto proprietário e membro da classe dominante, fazia parte (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009a, p. 49).

Essas obras demonstram que o leitor não está sozinho no ato da leitura, seu parceiro é o narrador. Os dois devem estabelecer uma cumplicidade para facilitar a legibilidade da obra.



1.1 Quando as mãos femininas empunham o livro

A história da leitora, ou seja, a inserção da mulher no sistema literário, tema central desta dissertação, se dá com o surgimento da modernidade, a partir do aparecimento da imprensa e do fortalecimento da escola.

A Europa do século XVII propõe um novo sistema de aprendizado para as crianças, especialmente as de origem burguesa. É daí que surgem as escolas e, depois delas, a reforma educacional, assumida pelos grupos religiosos aliados à burguesia, agora consolidada. Os religiosos utilizam-se das escolas para propagar a Fé e são incumbidos de instruir os meninos para ocupar um lugar na sociedade. À mulher cabia aprender as funções domésticas para a consolidação do lar e da família. E essa educação vai influenciar o âmbito literário.

Os textos começam a sofrer mudanças estruturais, surgem novos gêneros literários, alteram-se a produção e a circulação da literatura e

animam-se as discussões sobre as vantagens da leitura. Além disso, a literatura necessita de alterações em virtude do público feminino, que é obrigado a ficar em casa porque não podia exercer nenhuma atividade pública. Nesse contexto, crescem os textos em prosa, aparecem o romance e o folhetim e valoriza-se a personagem feminina como protagonista de grandes amores.

No século XVIII, as mulheres já tinham virado consumidoras de literatura e, por isso, esse gosto de ler é visto como vicioso, pois desviava a mulher de suas tarefas domésticas. “Verney advoga a necessidade de se instruírem as mulheres, argumentando que, enquanto mães de família, ‘são as nossas primeiras mestras nos primeiros anos da nossa vida’” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009a, p. 238).

Só depois da Independência, a partir do início do século XIX, que a presença da mulher começa a surtir efeito no âmbito da produção e da circulação das obras dos escritores brasileiros. Até então sua situação era muito precária; diversos depoimentos demonstram sua falta de instrução: “a cultura da mulher deixa a desejar porque ela não lê a *grande literatura* e, por sua vez, o que consomem estas senhoras não pode ser *grande literatura* por constituir matéria de leitura de tão despreparados olhos” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009a, p. 244, grifo do autor).

Ao contrário de muitos depoimentos de viajantes e cronistas dos costumes brasileiros, que condenavam as preferências literárias das mulheres, pois apreciavam escritores menores e os pouco recomendáveis,¹ os escritores românticos não viam a leitura feminina tão grave e precária. Em contos, romances e poemas, encontram-se mulheres educadas e letradas:

Lia muito, e já de longe penetrava o mundo com olhar perspicaz, embora através das ilusões douradas. Sua imaginação fora a tempo educada: ela desenhava bem, sabia música e a executava com maestria, excedia-se em todos os mimosos labores de agulha, que são prendas da mulher (ALENCAR, 1980, p. 15).

Pesquisas sobre a leitura e sua iniciação no universo feminino revelam que não só as mocinhas casadouras demonstravam práticas de

¹ Segundo Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2009a), na obra *A formação da leitura no Brasil*.

leitura nos romances românticos, mas também as baronesas, as governantas, as tias, que compõem o universo doméstico.

A mulher era consumidora de folhetins e romances ligeiros, uma leitura desvalorizada porque as obras eram tidas de má qualidade e desejava-se que lessem textos mais elevados. Para elas, as opções eram poucas, o que acabou surgindo uma militância, principalmente de mulheres, com o fim de estimular a educação feminina, condição indispensável para estabilizar a vida familiar no Brasil (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009a).

Para fortalecer o projeto de educação da mulher, devia-se acabar com a reclusão feminina e seu atraso intelectual. Para isso, foi necessário um aumento no número de vagas para instruir as mulheres nas Escolas Normais. O decreto que instituiu a Escola Normal no Rio de Janeiro é de 1834, mas a escola só começa a funcionar em 1836, inspirada nas escolas normais francesas. Essas primeiras escolas foram fechadas em virtude da organização rudimentar do curso e da falta de infraestrutura e só reapareceram na década de 1870, quando o Estado instituiu a educação obrigatória.

A popularização dessa escola ocorreu quando passou a ser uma atividade profissional exercida pelas moças de classe média, que não podiam exercer outra atividade porque era destinada aos homens ou considerada masculina.

Com isso, a mulher é destinada ao ensino, resolvendo os problemas com a falta de mão de obra no magistério e desobrigando o Estado a remunerar melhor os professores, porque seu salário era um complemento ao do marido.

Ou seja, o exercício do magistério não escandalizava as bases machistas da sociedade patriarcal brasileira, permanecendo intocada, e também idealizada, a associação mulher-esposamãe, mesmo quando essa estivesse fora de casa, ganhando um modestíssimo pão de cada dia (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009a, p. 262).

A mulher podia estudar e trabalhar, mas continuava dependente da família, da casa e do marido. Não era aconselhado que lesse folhetins, romances ou histórias de fantasias porque afastavam a leitora das suas atividades domésticas; ao contrário, era recomendado que lesse obra de moral e religião.

As leitoras e as escritoras não podiam ser ignoradas, e a sociedade tentou controlá-las convertendo o magistério em tarefa maternal, desvalorizando suas leituras e condicionando a recepção de obras às necessidades de doutrinação.

No século XX, essa relação entre mulher e leitura se altera, visto que seu acesso aos livros não tem mais volta. Depois de superar todos os obstáculos, resta-nos uma leitora “liberada” e “condenada à solidão da excepcionalidade” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009a, p. 286).



1.2 Direitos autorais: uma história de contratos

As obras de Marisa Lajolo e Regina Zilberman – *A formação da leitura no Brasil* (2009a) e *O preço da leitura: leis e números por detrás das letras* (2001) – subsidiaram esta pesquisa sobre os direitos autorais do livro. Segundo as autoras, a escrita é uma das linguagens – dentre a pintura, a escultura, a arquitetura, a música, o teatro, o rádio, a televisão, o cinema, a oralidade etc. – com as quais se delineiam os movimentos do mundo moderno: descobrimento, conquista do Novo Mundo, Reforma Protestante, Renascença, invenção da imprensa e Mercantilismo. Muito disso está presente nos escritos e nas leituras.

Desde que surgiu, a escrita impõe profissionais qualificados, como os escribas egípcios. A Grécia deu uma maior importância ao ofício de escrever e registra os primeiros autores da história ocidental: Homero, Platão, Arquimedes e Heródoto.

Na passagem da oralidade para a escrita, encontramos outros profissionais além do autor, como aqueles que copiavam e aqueles que comercializavam os volumes, os mercadores. E nem sempre o autor era o mais bem pago. Outros profissionais como o copista, o encadernador e o ourives, já na Idade Média, também trabalhavam na produção de livros.

Com a expansão do invento de Gutenberg,² algumas funções foram se alterando: o copista foi descartado pelo industrial, que

² O primeiro passo para a popularização do livro foi dado por Gutenberg aproximadamente em 1450, quando exibiu a Bíblia em formato impresso. Desde então o livro deixou de ser

substituiu o artesão. É esse profissional o responsável por gerir vários trabalhadores, e nesse contexto o Estado interveio através dos privilégios concedidos aos impressores pela regulamentação do campo. Esses privilégios raramente eram perpétuos, geralmente duravam dez anos. Ao fim desse prazo, caso ainda interessasse ao mercado, a obra ficava à disposição de outro tipógrafo.

O século XVI na Europa é considerado o da expansão da tipografia. Nesse regime os autores só conseguiam viver do trabalho se tivessem a proteção de um mecenas, alguém de posse que o ajudasse a perpetuar seu nome. Somente no século seguinte os autores procuraram se organizar e garantir o apoio pelo Estado através das academias, a primeira maneira de receber reconhecimento público.

O marco do romance moderno foi *Don Quixote* e, igualmente, palco de disputa do direito do autor sobre sua criação. De um lado, encontramos a propriedade – produto – e, de outro, a identidade – sujeito. Nos séculos XVI e XVII, o nome do autor ainda disputava espaço na primeira página com o nome do tipógrafo, com a confirmação do Privilégio Real e até mesmo com o nome do patrocinador.

O livro configura-se como lugar em que a noção de propriedade mostra a cara, conferindo visibilidade a um princípio fundamental da sociedade capitalista, construída a partir da idéia de que bens têm donos, fazem parte de transações comerciais e, por isso, precisam traduzir um valor, quantidade que os coloca no mercado e dá sua medida (LAJOLO; ZILBERMAN, 2001, p. 18).

Com o sucesso de *Quixote*, aumentou a procura e, conseqüentemente, sua produção e a obra tornou-se rentável. Então, Cervantes procurou garantir a propriedade sobre sua obra. Foi ele quem primeiro manteve a discussão sobre as noções de autor, propriedade e valor.

Na passagem do século XVII para o XVIII, ainda são os tipógrafos e os livreiros que disputam os lucros da leitura. Os livreiros não só vendiam os livros, como os encadernavam e, às vezes, exerciam o papel que mais tarde vai ser desempenhado pelos editores. A finalização e a distribuição dos livros dependiam deles, por isso reivindicavam uma divisão de rendas com os tipógrafos. Com isso, veio

a regulamentação dessas profissões, que estabelece os requisitos para o exercício da profissão bem como as tarefas executadas.

Nessa época, os livreiros passam a ser os principais envolvidos com a produção de livros, renovam a distribuição e responsabilizam-se por um volume maior de investimento, por isso são os que cuidam também de lucros, perdas e remunerações. Se quisessem ter algum privilégio, os autores precisavam, eles mesmos, buscá-los.

No século XVIII os livreiros passam a ter como adversários os próprios autores dos livros.³ Surge, então, no Parlamento inglês o *Estatuto de Ana*, promulgado em 1710, que transfere para o autor o direito de impressão dos livros. A partir dessa lei, o autor precisava escolher um único editor para o seu livro. Os norte-americanos reconhecem os direitos de propriedade do autor em 1783, e os franceses dez anos mais tarde, em 1793. “De posse de seu direito e dono de um bem, o autor não ficou mais livre, tendo talvez ficado apenas mais sozinho, acompanhado por seus pares; mas era uma conquista” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2001, p. 45).

Na segunda metade do século XVIII, com as revoluções burguesas, o Marquês de Pombal impede o poder da Igreja e cria a Real Mesa Censória,⁴ em 1768, com poderes de censura. Mesmo não dependendo do poder religioso, a Real Mesa Censória continua lidando com conceitos teológicos de acordo com os termos empregados: “pecado”, “heresia” e “apostasia”. Ficava difícil para os autores requererem seus direitos. A situação inglesa é bem diversa da de Portugal, na passagem do século XVIII para o XIX notamos que a Inglaterra ocupava posição dianteira: expandia-se o público leitor, fortalecia-se o mercado editorial e desenvolvia-se tecnologia de impressão. Em 1837, o Parlamento inglês sancionou uma lei em que a

³ Somente quando o texto passa a ser o principal elemento do livro é que os escritores começam a ter privilégios. O reconhecimento da autoria só ganha força no século XVIII para o XIX, beneficiando os românticos. É o Romantismo que ajuda a propagar o privilégio do texto.

⁴ À Real Mesa Censória “[...] competia ‘Jurisdição privativa, e exclusiva em tudo o que pertence ao exame, aprovação e reprovação dos Livros e Papéis, que já se acham introduzidos nestes Reinos, e seus Domínios; dos Livros e Papéis, que nele entrarem de novo, ou seja pelos Portos do Mar, ou pelas Raias Secas; dos Livros, e Papéis, que se pretenderem reimprimir, posto que antes fossem estampados com Licenças, dos Livros e Papéis de nova composição; de todas as Conclusões, que se houverem de defender publicamente em qualquer lugar destes Reinos; e de tudo o mais, que pertence a estampa, impressão, Oficinas, Venda e Comércio dos sobreditos Livros e Papéis: Ordenando que nenhum Mercador de Livros, Impressor, Livreiro, ou Vendedor dos referidos Livros, e Papéis, ouse vender, imprimir e encadernar os sobreditos Livros, ou Papéis volantes por mínimos, que sejam, sem aprovação, e licença da sobredita Mesa” (ABREU, 2005, p. 185).

propriedade de um autor ficaria estendida a um período de 60 anos após sua morte.

Enquanto em países como a Inglaterra víamos o aperfeiçoamento da legislação, no Brasil ainda se dava a estreia de prelos. Na virada do século XVIII para o XIX a imprensa era proibida na América em virtude da Inquisição portuguesa. O Estado impedia a instalação de tipografias. Foi necessário que D. João, ao chegar ao Brasil, inaugurasse a Impressão Régia⁵ em 1808, que se tornou hegemônica até 1821, quando a Nova Carta portuguesa proibiu o monopólio do Estado sobre os negócios tipográficos.

É o decreto de 1851 que regulamenta, em Portugal, a proteção à propriedade intelectual. O Brasil recusou-se a entrar num acordo com Portugal e somente em 1888 acertou que os autores dos dois países tivessem proteção legal com relação à propriedade das obras.

A história dos escritores do século XIX é cheia de lutas, reivindicações, vitórias e derrotas e se relaciona à sua inserção social. São os editores que se situam entre escritor e leitor nas sociedades modernas.

Uma história de contratos e recibos mostra os escritores redigindo textos não literários, que afixam sua sobrevivência na situação de intelectuais e artistas, e garantem sua trajetória seja enquanto criadores originais ou meros reprodutores. Essa história forma o patamar inferior da infra-estrutura literária, que, no caso brasileiro, constitui-se de modo penoso, envolvendo sobretudo a geração que, entre os anos 50 do século XIX e as primeiras décadas do século XX, construiu o que José Veríssimo designou de literatura nacional, em oposição à literatura colonial, produzida esta ainda sob o jugo da Metrópole portuguesa (LAJOLO; ZILBERMAN, 2001, p. 118).

Almeida Garret foi o político que lutou pela legislação sobre a propriedade literária e artística quando atuava no Parlamento português, embora sua militância não o tenha beneficiado.

⁵ Mesmo sob a sombra do Estado, a Impressão Régia não publicou apenas atos e proclamações, também patrocinou jornais, sermões, folhetos contra a França, obras literárias e livros didáticos.

O Brasil era um mercado atraente para os portugueses, especialmente após 1850. E entre essa data e o final da monarquia, 1889, Portugal buscou certificar seus negócios relacionados aos direitos autorais com nosso país. Os brasileiros tinham menos oportunidades na disputa de mercado com os portugueses, mas buscavam atingir esses direitos. Em 1883, os brasileiros organizaram a primeira sociedade de intelectuais e artistas brasileiros, denominada Associação dos Homens de Letras do Brasil,⁶ cujo objetivo era o de possibilitar ao escritor meios de publicar e garantir-lhe metade do produto líquido. Esse projeto não deixou de ser contraditório, pois, mesmo procurando o reconhecimento profissional do escritor, buscava alcançar esse objetivo com o apoio da Família Real. Em virtude disso, a proposta não deu certo e uma nova associação foi criada em 1890, a Sociedade dos Homens de Letras,⁷ que não sobreviveu ao ato de sua fundação.

Em 1894, a Câmara dos Deputados envia a proposição que trata dos direitos autorais ao Senado, mas somente em 1898 converte-se em lei. Cabia à Biblioteca Nacional⁸ a função de receber e cadastrar os originais. Essa lei sofreu alterações em 1917. Vimos que nas primeiras décadas do século XX o Brasil já tem lei que regulamenta o direito autoral, uma conquista da geração que lutou pela República no século XIX.

A legislação consagra e congela o conceito de obra enquanto produto unitário e singular, cuja

⁶ No Brasil, sem público e com uma pobreza dos meios de produção intelectual, os intelectuais buscaram criar as academias, nas quais se reuniam sob a proteção de um mecenas. Este, além de financiar o trabalho dos intelectuais, buscava protegê-los e prestigiá-los.

⁷ No lugar da Sociedade dos Homens de Letras é fundada a Academia Brasileira de Letras, que é omissa quanto à profissionalização da escrita. Seu objetivo era o de salvaguardar os valores da cultura da língua e da literatura nacional.

⁸ Após a instalação da Biblioteca Real no Rio de Janeiro, em 1810, o ritmo das demais instalações foi lento e chegou a quatro províncias até 1840, no total de oito bibliotecas: uma na Bahia, uma no Rio Grande do Sul, duas em Pernambuco e quatro no Rio de Janeiro. Depois desse período, de 1841 a 1860, ampliou-se consideravelmente o número de bibliotecas no país, um aumento de vinte instituições. Já no período de 1861 e 1880 ocorreu o *boom* dos novos contextos de leitura com a instalação de 108 bibliotecas. E no período de 1881 a 1900 foram instaladas mais 55 bibliotecas no país. “Embora essas bibliotecas e gabinetes de leitura constituíssem espaços masculinos de sociabilidade, os seus estatutos também previam a possibilidade de empréstimos que favoreceram a prática da leitura doméstica, contribuindo, assim, para a difusão da leitura entre o público feminino. De certo, maridos, pais e irmãos exerceram o papel de mediadores na circulação dos livros no interior das moradas, assumindo o papel de censores que interditavam a leitura de obras que supostamente poderiam conduzir a desvios morais (por exemplo, *Vida de Faublas, Compadre Matheus, ou Dama das Camélias*)” (SCHAPOCHNIK, 2005, p. 239).

reproduzibilidade é ambígua. De uma parte, ele mesmo não pode se duplicar, porque, ao contrário dos demais bens sobre os quais se estabelecem direitos, precisa confirmar a cada momento sua identidade irretorquível. É esta, afinal, a noção de obra literária de que a Teoria da Literatura se ocupa, que a Crítica Literária julga, e a História da Literatura registra (LAJOLO; ZILBERMAN, 2001, p. 148).

Ainda assim, no século XIX os escritores não conseguiam viver de literatura.⁹ Quando a modernidade avança no século XIX, o Brasil carece ainda de imprensa e livrarias. E essas lacunas vão sendo preenchidas pela Impressão Régia, pelas tipografias, pelos editores (Laemmert e Garnier)¹⁰ e pelos livreiros (Paulo Martim, Manuel Jorge da Silva, Evaristo da Veiga, Mongie, Paula Brito¹¹ e Garnier¹²).

Porém, eles ainda continuam reclamando do preço dos livros (que eram importados) e da produção nacional. Na falta de editores, os escritores apelavam para o Estado e, na falta de livreiros, para a venda direta:

⁹ Um dos motivos foi o aparecimento tardio da imprensa entre nós. Porém, esse atraso tecnológico não foi o maior problema, o pior era contar ainda no final do século XIX com mais de 70% de analfabetos (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009a).

¹⁰ Os livreiros Laemmert e Garnier dividiram o mercado. Garnier ficava com a literatura, a divulgação científica e os guias práticos. “A Livraria Garnier [...] vivia principalmente da literatura. Bem ao gosto da moda na época, importava muita literatura francesa para uma elite de consumidores cultos e endinheirados” (FEIJÓ, 2005, p. 455). Laemmert ficava com a história, a ciência e as obras de referência. Depois que Baptiste Louis faleceu, abriu-se oportunidade para Laemmert entrar para o campo da ficção. Foi com eles que a imprensa saiu para as ruas à procura do livro. “Com efeito, entre a década de 1850 e 1870 [...], duas alterações de monta no cenário cultural podem responder pelas diferentes visões: em primeiro lugar, a fixação, no Brasil, de editores como Laemmert e Garnier, que investem em autores brasileiros e dispõem de capital e *know how* para tanto; em segundo, e decorrente em parte do anterior, o desenvolvimento do romance nacional, esforço de que participaram vivamente pioneiros como Macedo e Alencar [...]” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009b, p. 132).

¹¹ O livreiro Paula Brito foi responsável por publicações de revistas dirigidas ao público feminino e à sua expansão, pois tornou popular o folhetim, ou seja, seus periódicos foram os precursores de uma literatura para as mulheres. O livreiro investiu nesse público e ainda deixou seus negócios para sua esposa, uma das primeiras mulheres editoras do país. Outras viúvas de editores também tomaram os negócios, participando da história da edição brasileira.

¹² Garnier foi o primeiro a separar os trabalhos de impressão de edição: suas obras eram impressas em Paris. Nessa época não havia um profissionalismo no campo literário, pelo contrário, não se valorizavam o trabalho assalariado nem a remuneração dos produtores letrados.

Em muitos escritores, fica difícil separar o papel de vítimas das regras do sistema vigente do papel de coniventes com elas, ao editarem e venderem livros por conta própria, renunciarem aos direitos autorais, aceitarem pagamentos simbólicos por sua produção (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009a, p. 69).

Como o Estado não conseguia acabar com o analfabetismo nem representar os interesses do país no mercado nacional, acabou por utilizar do serviço público para nomear escritores. O século XIX representou a falta de profissionalismo no âmbito das Letras e ainda o conformismo do escritor diante da falta de infraestrutura socioeconômica. Esse sistema possibilitava o compadrio e a colaboração mútua com os famosos, que poderiam abrir as portas das editoras.¹³

O monopólio real da imprensa impediu o crescimento do negócio de livros, visto que a comercialização de livros e material escrito era mediada pelo Estado, como a venda, a impressão e a importação de obras. Era ele quem respondia pelas operações que envolviam escritores, livreiros e impressores. Nesse contexto, torna-se inconcebível a profissionalização do escritor. É somente na segunda metade do século XIX que o Estado reduz sua presença nesse mercado e entra em acordo com o Cônego Fernandes Pinheiro e a editora Garnier para a edição e a comercialização de *Postilas de retórica e poética*. Dois anos depois desse acordo, também Joaquim Manuel de Macedo firma um contrato com o mesmo editor para a publicação de *Lições de corografia brasileira*. Ambos os documentos tratavam de obras didáticas e, por isso, sua circulação estava garantida.

Pelo que podemos perceber, a profissionalização inicia-se, mesmo que lentamente, no mercado escolar, em que o retorno financeiro estava assegurado pela importância que tinha o livro didático na educação brasileira, mesmo sendo considerado às vezes vilão do sistema de ensino falido e ineficiente. Essa lentidão é vista em quase todos os registros sobre como o escritor adentra o modo de produção.

¹³ Machado de Assis reproduz em sua obra *Quincas Borba*, de 1891, o regime do mecenato, que consistia em buscar um patrocinador rico para sua obra: “Rubião protegia largamente as letras. Livros que lhe eram dedicados entravam para o prelo com a garantia de duzentos e trezentos exemplares. Tinha diplomas e diplomas de sociedades literárias, coreográficas, pias, e era juntamente sócio de uma Congregação Católica e de um Grêmio Protestante, não se tendo lembrado de um quando lhe falaram do outro; o que fazia era pagar regularmente as mensalidades de ambos. Assinava jornais sem os ler” (ASSIS, 1959b, p. 283).

Os rendimentos de Fernandes Pinheiro com obras escolares demonstram como essas obras eram mais rentáveis que literatura no século XIX. No auge do prestígio, em 1890, Machado de Assis, por exemplo, não recebia percentual por venda de livro, desfazia-se dos direitos autorais e era obrigado a produzir para receber mais dinheiro. Para receber ganhos consideráveis,¹⁴ era necessário, como visto, não resistir ao apelo do livro didático, já naquela época.

Pardal Mallet, em 1890, afirma que a origem do campo literário é fruto da ganância dos editores e da ingenuidade dos escritores, que deixam esse campo livre para iniciativas inescrupulosas. Buscava desenvolver os meios de produção literária através da união dos escritores em uma sociedade que pudesse exigir do Estado um decreto obrigando o pagamento dos direitos autorais. Porém, infelizmente, de uma proposta a outra, desaparece o objetivo principal de profissionalização do escritor.

É somente no século XX que ouvimos o relato do então desconhecido Monteiro Lobato¹⁵ sobre a relação que o mundo moderno impunha ao escritor; foi ele quem primeiro discutiu entre nós o valor de troca do trabalho intelectual, em cartas de 1909. Lobato demonstra conhecer a complexidade da mediação do editor, necessária e indispensável, e nos 1920, quando compra a *Revista do Brasil*, torna-se editor: “De produtor de textos a produtor de livros muda a condição do sujeito e muda o objeto com que lida, por consequência, alteram-se os pontos de vista” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009a, p. 108).

A partir de então, passa a priorizar o livro didático sobre qualquer outra impressão, visto que tem retorno financeiro garantido. Mesmo reconhecendo o peso do livro didático, Monteiro Lobato percebe a inadequação da maioria deles. A modernização e a adequação às expectativas do público influenciam as obras infantis de Lobato, e nos 1930 também renovam os livros paradidáticos.¹⁶

¹⁴ Outra atividade intelectual remunerada era a tradução. Manuel Antônio de Almeida conseguiu viver parcialmente de traduções de folhetins de jornais cariocas. Até mesmo Machado de Assis, em carta de 1889, demonstrou que também trilhou o comércio da tradução.

¹⁵ Monteiro Lobato foi o primeiro editor a pensar o livro e a literatura como mercadoria. Ele se preocupava com a distribuição de livros, pois na década de 1920 eram raríssimas as livrarias no país. Tinha interesse em vender uma quantidade muito grande de livros, contrariando a lógica da ordem literária.

¹⁶ Esse setor paradidático tem um papel muito importante na sociedade brasileira, pois a maioria da população tem seu primeiro contato com a literatura na escola. O paradidático literário, por exemplo, vende muito mais do que a literatura restrita. E esse setor está intimamente ligado ao Estado, seu principal comprador.

É com a editora Monteiro Lobato e depois Monteiro Lobato & Cia que se firma a importância de São Paulo para a atividade editorial no país.¹⁷ Em 1937 foi a editora que mais publicou, cerca de 1,2 milhão de livros e traduções, mais da metade dos livros impressos pela Companhia Editora Nacional e sua filial, a Civilização Brasileira. Depois que entrou no ramo dos livros didáticos, a editora de Lobato se distancia dos novos escritores (DANTAS, 2009).

Outros editores que aparecem com Monteiro Lobato são Francisco Alves, Henrique Bertaso e José Olympio (ligado ao poder político e à Academia Brasileira de Letras), que permanecem até aproximadamente 1960. A editora Francisco Alves, depois de alguns anos no mercado, deixou de investir em escritores iniciantes para não correr riscos comerciais. Já a editora José Olympio disseminou a literatura produzida fora do eixo Rio–São Paulo e apostou nos escritores hoje do cânone da literatura brasileira moderna, como José Lins do Rego. Na década de 1970 tornou-se uma das 500 empresas mais poderosas do país. No entanto, com a crise da economia brasileira em virtude da mundial do petróleo em 1973 e do aumento do papel, essa expansão da José Olympio e do mercado editorial brasileiro foi barrada. Em 1985 é comprada por Henrique Gregori. E em 2001 passa a fazer parte do Editorial Record. Na editora Globo tem-se a presença de Henrique Bertaso, ligado ao seu principal escritor, Érico Veríssimo, por 40 anos. Em 1950, a editora passa a fazer parte das Organizações Globo, de Roberto Marinho.

Fundada em 1971, a editora Vozes faz parte da lista das editoras que mais vendem na década de 1980. Sua editora-chefe, Rose Marie Muraro, ganha o prêmio de melhor editora da época do Regime Militar, além, é claro, de contribuir com o movimento feminista, trazendo para comemorar os 70 anos da editora Betty Friedan. Em 1986, ela é demitida da editora em virtude da publicação, condenada pelo Vaticano, intitulada *Sexualidade, libertação e fé*. Mais tarde ela funda a editora Rosa dos Tempos, destinada às questões de gênero. Na década de 1990, a editora é comprada pelo Grupo Record (assim como a Civilização Brasileira, a José Olympio, a Bertrand Brasil, a Best Seller e a Difel).

Já a editora Civilização Brasileira ficou conhecida com a sua coleção Primeiros Passos, criada em 1979 com o intuito de divulgar

¹⁷ No início do século XX, com o declínio do Rio de Janeiro, a produção cultural desloca-se para São Paulo, que, por causa da produção de café, consegue a estabilidade econômica e investe em infraestrutura e na educação básica e superior, aumentando muito o número de leitores. A partir daí surge uma demanda para a criação do mercado livreiro em São Paulo.

temas da realidade brasileira. Ela e a editora Brasiliense¹⁸ fizeram empreendimentos de sucesso por previrem as demandas da época. O movimento feminista brasileiro ganhou destaque na cena editorial quando Danda Prado assume a Brasiliense e reconhece os projetos de autoria feminina em 1993. Além da Brasiliense, também a editora Summus se dedica à temática homossexual por meio das Edições GLS e a Editora Mulheres nasce ligada a um projeto de divulgação dos livros de escritoras do século XIX.

Nas décadas de 1970 e 1980, diversas mudanças ocorreram no mercado editorial e no campo literário no país, surgindo novos editores que conheciam a economia e todas as regras do jogo. O mercado editorial torna-se, então, mais profissional e busca relações com escritores da casa, que escreviam sob encomenda para a mesma editora. Nessa época algumas editoras conseguem se desenvolver fora do eixo Rio–São Paulo, como a L&PM (Rio Grande do Sul) e a Itatiaia (Minas Gerais). Ao falarmos sobre a expansão do mercado editorial no país, não podemos deixar de mencionar a publicação dos livros didáticos, que compreendem as linhas de produção de várias editoras, como a Ática.

A Ática foi fundada nos anos 1960 através de um curso dirigido pelos irmãos Anderson Fernandes Dias e Vasco Fernandes Dias Filho, em parceria com o amigo Narvaes Filho. Com a comercialização desse material mimeografado, os irmãos tornaram-se editores da Ática, produzindo manuais para professores. Nos anos 1970, com a publicação de livros didáticos, passa a fazer parte das maiores editoras comerciais do país.¹⁹ Diversificou seu catálogo com o lançamento das coleções Bom Livro, Vagalume, Para Gostar de Ler e Autores Brasileiros, apostando na literatura brasileira. Esta última coleção foi responsável pela publicação de mais de 90 obras entre 1976 e 1986, a maioria inédita. A Coleção Autores Brasileiros buscava dar espaço aos novos escritores de todo o Brasil e distribuir suas obras para todas as regiões.

Os escritores nos mostram que o texto literário articula-se com o modo de produção da sociedade. Esse modo de produção, circulação e consumo da literatura brasileira é a história de contratos entre escritores,

¹⁸ O segmento jovem que surgiu nos anos 1980 foi aproveitado pela editora Brasiliense e suas coleções, assim como pela literatura infantil. Seu editor, Ênio Silveira, lançou a Coleção Vera Cruz, que publicava principalmente títulos inéditos da literatura brasileira, além de outros tipos de gênero, como a Panorama do Conto Brasileiro, a Teatro Hoje, a Novela Brasileira e a Poesia Brasileira. Com isso, a Civilização Brasileira tornou-se a porta de entrada para a literatura brasileira moderna.

¹⁹ A editora Ática também se aproveitou da proliferação das escolas particulares, na década de 1970, e lançou seus paradidáticos.

mecenas, editores, críticos, leitores, livreiros; hoje podemos acrescentar também agentes literários, publicitários, professores, bibliotecários, animadores culturais...



1.3 Livro didático e leitura: uma relação de parentesco

O livro didático pode ser considerado a modalidade mais antiga da expressão escrita, visto ser indispensável para o funcionamento da escola, sendo a *Poética*, de Aristóteles, seu ancestral, pois se tratava de notas de aulas ministradas no século IV a.C. Apesar do berço nobre, hoje o livro didático é um texto descartável porque é superado pelos avanços da ciência ou pelo estudante. Apesar disso, é um dos principais livros das editoras, até as mais antigas já incluíam um livro didático e as mais novas buscam ter um adotado por professores, escolas ou secretarias de educação. Sua venda é garantida porque o Estado o apoia e porque o sistema de ensino, os pais e os educadores o aceitam. Nenhum editor seria capaz de ignorá-lo.

O livro didático é muito importante para a história da leitura porque forma o leitor, mesmo não sendo tão encantador quanto outras publicações, como livros e histórias em quadrinhos. É encontrado em todas as etapas de escolarização: cartilha (alfabetização), seleta (aprendizagem da tradição literária) e manual (conhecimento das ciências ou profissionalização).

No Brasil, assim como a imprensa, a escola nasceu precária.²⁰ O primeiro projeto educacional desenvolvido no Brasil foi executado pelos jesuítas, que chegaram à Bahia com o governador-geral Tomé de Sousa em 1549 e permaneceram até 1759, quando foram expulsos pelo Marquês de Pombal. Nesses dois séculos, firmou-se no país a prática pedagógica responsável pelo estabelecimento das condições de prática e escrita entre nós. Anchieta, em seus relatórios, descreve como

²⁰ No período colonial, especialmente nos séculos XVI e XVII, praticamente não existia um programa de formação na infância, a não ser para formar religiosos e bacharéis, ainda que esses tivessem que terminar seus estudos em Portugal.

funcionava a escola, que tinha como objetivo o ensino da catequese e da língua portuguesa, leitura e escrita:

Os padres lhe pregam nas festas principais e lhes ensinam a doutrina cristã duas vezes ao dia, pela manhã acabada a missa em português, e em sua língua, e à tarde, acabados seus serviços, o diálogo da fé e aparelho da comunhão e confissão, e todos, solteiros e casados, mulheres e meninos, respondem às perguntas com grande candura. Os filhos dos índios aprendem com nossos padres a ler e escrever, contar, cantar e falar português e tudo tomam mui bem (ANCHIETA apud LAJOLO, ZILBERMAN, 2009b, p. 17).

Depois que o governo português declarou a liberdade dos índios, em 1757, acabou a administração dos missionários. Logo em seguida, em 1759, a Companhia de Jesus foi expulsa de Portugal, o que provocou mudanças no sistema escolar na colônia e encerrou a primeira etapa de nosso processo educacional.

A ascensão da escola só se dá com a revolução burguesa, que precisou reformular a pedagogia e esvaziar o processo de aprendizagem da aristocracia, que era baseado na formação pessoal. É a burguesia que coletiviza esse processo ao demonstrar que todos podem ter uma formação. O novo currículo vem da França, e o novo ensino torna-se coletivo para classes de mesma idade e padrão social e menos autoritário para o desenvolvimento das habilidades infantis.

E o novo currículo, inspirado na obra *Verdadeiro método de estudar*, de Luis Antônio Verney, publicada em 1746 na Itália, simplificou o estudo do latim e valorizou o estudo da língua vernácula, pois o primeiro estudo deveria ser o da gramática da própria língua: “O ensino da língua pátria facilitava a aprendizagem, tornava-se mais eficiente e expandia a escolarização” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009b, p. 33).

Mesmo que inspirada na obra do renomado letrado, essa reforma proposta pelo Marquês de Pombal foi combatida pelos setores reacionários e não dispôs de recursos suficientes para formar professores e produzir material didático, sendo suspensa depois da queda do governante, em 1775.

Mais tarde, quando da transferência da Corte portuguesa ao Brasil, D. João procurou criar uma universidade, instalando a Academia

Militar, transferindo para o Rio de Janeiro a Academia Naval e fundando a escola de medicina. Essas escolas foram as responsáveis por inserir o livro didático no Brasil, já que seus professores utilizavam as traduções e redigiam os textos necessários. A escola, sem dúvida, foi um dos elementos principais do estabelecimento de práticas de leitura ao propagar o ensino e estimular a familiaridade com os livros.

Com a passagem da colônia ao Império, muito pouco se fez pela educação, mesmo que a Constituição de 1824 garantisse uma educação primária gratuita a todos. Porém, o encargo de regular a instrução primária e secundária ficava por conta das províncias, que não conseguiam cumprir com as atividades impostas. O Estado só atuava na cidade do Rio de Janeiro e intervinha no ensino superior, omitindo-se das questões educacionais.

Com a permissão do Estado, qualquer cidadão poderia abrir escolas de primeiras letras no país, sem exame de licença, o que acabou expandindo o número de escolas no país. Porém, essas escolas eram desaparelhadas e os professores, mal remunerados: “predominam desinteresse, despreparo e autoritarismo por parte dos professores, falta de compenetração e indiferença por parte dos alunos, mau estado das instalações dos prédios e salas de aula” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009a, p. 139).

Nas primeiras décadas do século XIX, o ensino de língua materna no país sofria com a falta de professores, a precária formação do magistério e a improvisação. É nesse contexto que os estudantes começam a se familiarizar com a leitura.

Esse século terminou bem parecido com o modo como iniciou: o Estado ainda mantinha o funcionamento do sistema editorial. O caminho percorrido pelo livro didático e pela escola demonstra as contradições do modelo capitalista. Porém, a República nutria, em 1889, esperança de consertar os erros do Império. Mas nada aconteceu. A Instrução Pública foi transferida, em 1892, para o Ministério do Interior e Justiça, e novas mudanças só vão surgir a partir de 1930, ano em que a instrução passa a ser tratada pelo Ministério da Educação: “De lá vieram novas medidas, a vida escolar se organizou, o livro didático, precisando responder a novas questões, deu outra forma ao ensino, sobretudo ao da leitura e da literatura” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009a, p. 156).

Para sanar o problema da falta de livros didáticos,²¹ o Brasil acabou importando-os de Portugal. Porém, isso não solucionou o

²¹ Até meados do século XIX, faltavam livros ou compêndios para o ensino da leitura, por isso muitos professores tinham que usar papéis velhos, documentos antigos e cartas de família, os

problema, pelo contrário, criou uma retórica nacionalista que pregava a inadequação desses livros para a mocidade do Brasil. Para Portugal, nosso país não passava de uma reserva de mercado para o livro português.

Mas é somente no fim do século XIX que se dá o abraileiramento dos livros didáticos, juntamente com a nacionalização do livro para crianças. Quem inaugura o livro didático brasileiro é o Barão de Macaúbas, integrando-se ao modelo capitalista: não pede ajuda ao Estado, mas impõe sua presença em todos os espaços possíveis.

As antologias que surgiram nessa época começam a dar lugar ao escritor brasileiro. José Lins do Rego se lembra da *Seleção clássica* e afirma que foi por esse caminho que a literatura nacional se fortaleceu na memória dos leitores brasileiros, como Mário Quintana e Manuel Bandeira. Essas antologias possibilitaram a inclusão da literatura brasileira no currículo escolar, mesmo que tardia e ligada à literatura portuguesa.



quais serviam de material de aprendizagem de leitura e escrita. Ao longo desse século, com o aparecimento dos livros impressos, o manuscrito, ao contrário do que se imagina, não perdeu espaço na sala de aula, mas se tornou também impresso. Vemos que a presença do impresso também garante a presença do manuscrito, pela produção e pelo emprego do paleógrafo, publicado em língua portuguesa entre os anos de 1840 e 1960. Ao todo são conhecidos oito paleógrafos, manuscritos impressos: *Arte de aprender a ler a letra manuscrita para uso das Escolas* [...], de Duarte Ventura (fim de 1840 até 1901); *Exercícios de leitura manuscrita, para uso das escolas pelo methodo portugues*, de Luís Felipe Leite (1854); *O paleographo em escala calligraphica para aprender a leitura manuscrita* [...], de Carlos Silva (1864-1912); *O segundo e novo paleographo, em escala calligraphica: leitura manuscrita, etc.* (1869), de Carlos Silva; *Paleógrafo, ou Arte de aprender a ler a letra manuscrita, para uso das escolas da Provincia do Pará*, de Joaquim Pedro Corrêa de Freitas (1870-1886); *Curso graduado de letra manuscrita em 21 lições composto para o uso da mocidade brasileira*, da E. Mellier (1872-1890); *Leitura manuscrita: lições coligidas*, de BPR (primeira década do século XX até 1955); e *Exercícios de leitura manuscrita*, de Lindolfo Gomes (1926-1951). Essas impressões demonstram o longo período em que esses paleógrafos foram utilizados nas escolas, mais de cem anos. Percebemos que a ausência de livros na primeira metade do século XIX não dá origem ao uso de papéis manuscritos, pelo contrário, o impresso é responsável pela sobrevivência dos manuscritos na instrução e na cultura escolar. O estudo dos paleógrafos “[...] pode atribuir transparência ao processo de construção dos papéis velhos em objeto de práticas de instrução e de inserção na cultura escrita; pode atribuir transparência ao processo que, paradoxalmente, transforma esses papéis e cartas em livros impressos e contribui para a permanência da cultura do manuscrito num mundo da letra de forma” (BATISTA, 2005, p. 112).

1.4 Legitimação da literatura

A literatura só pôde ser incorporada ao dia a dia depois da descoberta da imprensa, no século XV, e de seu aperfeiçoamento, no século XVIII, que tornou possível a produção e a circulação industrial de livros, revistas, jornais, entre outros veículos. Sendo assim, foi importante também o fortalecimento da industrialização e da comercialização desses objetos em editoras, distribuidoras, livrarias, além de uma regulamentação, através de legislação específica, do funcionamento das etapas do processo de produção, importação, implantação de parque gráfico, regulamentação dos direitos do autor e remuneração dos intermediários.

Outras necessidades precisavam ser igualmente atendidas, como a formação discursiva de legitimação da literatura, elemento da prática social da leitura e escrita.

Só com a modernização a partir da vinda de D. João VI, em 1808, e com o fortalecimento do projeto de Independência que se tem um novo modelo de produção cultural. Porém, somente no século XIX é que se geram as primeiras formas de público, que de insistente passa a ganhar personalidade. Esse público é alimentado pela literatura, que se intensiva a partir de 1840, quando se desenvolve o romance.

Machado de Assis, em texto escrito na *Semana Literária*, em 1866, fala sobre o panorama literário brasileiro e trata com ceticismo da produção, circulação e leitura de livros:

A temperatura literária está abaixo de zero. Esse clima tropical, que tanto aquece as imaginações e faz brotar poetas, quase como faz brotar flores, por um fenômeno, aliás explicável, torna preguiçosos os espíritos, e nulo o movimento intelectual. Os livros que aparecem são raros, distanciados, nem sempre dignos do exame da crítica (ASSIS, 1962, p. 841).

José de Alencar também procura público para seu romance e reclama de sua ausência. Da origem do romance e ausência de público, vê-se a necessidade de um discurso que legitime a literatura, papel que será cumprido pela história da literatura. Era necessário credenciar uma nacionalidade que dependia de uma identidade literária e sua confirmação, assegurada pela produção e pelo consumo de textos por

escritores e público locais. Portanto, a partir do século XIX vemos a necessidade de se organizar a história de uma produção literária.

O certificado de nossa identidade é emitido pelos estrangeiros Ferdinand Denis e Almeida Garret, precedidos de outros historiadores que lhes fornecem critérios de análise e seleção. O primeiro amplia o cânone da literatura brasileira, aumentando o número de autores e obras que comenta. Porém, ainda se utiliza da dicotomia natureza e cultura ou América e Europa para analisar o material:

Na floresta virgem, experimenta o homem as mesmas impressões que nos bosques continuamente devastados pelo lenhador? Não têm mais força e liberdade os animais que vivem na campanha? Não arroja o oceano suas vagas contra um litoral mais impressionante? A aurora da Grécia, com seus róseos dedos, abrirá aquele céu ofuscante de esplendor, cujo brilho faria empalidecer o mesmo Apolo? Se os poetas dessas regiões fitarem a natureza, se se penetrarem da grandeza que ela oferece, dentro de poucos anos serão iguais a nós, talvez nossos mestres (DENIS apud LAJOLO; ZILBERMAN, 2009b, p. 83-84).

Já Almeida Garret escreveu o *Parnaso lusitano*, no qual reunia poesia dos autores portugueses antigos e modernos, precedido por uma introdução que mais tarde foi reproduzida isoladamente sob o título *Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa*. Na coletânea, englobava também os autores brasileiros e reconhecia a excelência na tradição clássica.

Com essas e outras coleções se determinou o cânone literário, dando visibilidade a alguns autores e textos. É assim que o romance e a história da literatura dão-se as mãos na primeira metade do século XIX: criou-se um público e decretou-se a história das formas literárias.



1.4.1 Novos meios de legitimação

A imprensa pode ser considerada o principal meio de presença das mulheres na literatura. E hoje essa relação é de fundamental importância e as mulheres contemporâneas sabem muito bem disso, elas se utilizam de diversos meios de divulgação de seus trabalhos para o público leitor, como a internet.

As mídias sempre fizeram parte do sistema literário; o mercado, por exemplo, é o responsável por fazer o contato entre o produtor e o consumidor de literatura. Ele não apenas favorece a troca de mercadorias, como também a troca simbólica, valorizando e legitimando os autores. Sendo assim, dispensa-se uma atenção a esse sistema tão complexo em virtude do aumento do número de mídias e, conseqüentemente, de canais de divulgação do texto literário.

É possível hoje “conhecer” enciclopedicamente toda a vida e obra dos escritores por meio de seus *sites* e blogs, que trazem biografia, resenhas, comentários, artigos, orelhas e contracapas de seus livros. Manter um *site* ou blog é uma forma de se inserir no campo literário de maneira diferente, assim como de manifestar seu desejo de permanência. Através desse meio de comunicação e divulgação de produtos e imagens, organizamos nossa memória e preservamos documentos importantes que, futuramente, possam recontar nossa trajetória pessoal e artística.

A internet, como vimos, faz parte do sistema literário de variadas formas: possibilita a distribuição, a compra e a venda entre editoras e leitores; e facilita o contato “direto” entre escritores e leitores. Além disso, também facilita o exercício da literatura por meio de seus blogs. Algumas editoras surgiram por causa de seus escritores, que nasceram nesse espaço virtual, um local de criação e encontros de autores. *Sites* e blogs interferem no espaço literário, visto que vários autores foram descobertos pelas editoras consolidadas, e também no espaço jornalístico, uma vez que qualquer autor os mantém, não somente os jornalistas.

Os autores, quando se utilizam da internet para disponibilizar seus contos e poesias, acabam escapando do sistema editorial e estabelecendo um contato direto com seus leitores. Porém, apesar desse discurso, eles querem ser publicados em papel e acessados por outros leitores.

Para Liana Aragão Lira Vasconcelos (2007), os escritores da geração de 1990 valem-se desses espaços virtuais destinados à literatura,

pois estes exercem um papel importante, apontando o que se produz e sobre o que se fala no cenário literário.

Tradicionalmente, a relação entre literatura e outras mídias era traçada pela imprensa, o principal contato com o público. Hoje as mídias legitimam a literatura, pois uma obra precisa existir no espaço público para ter destaque numa livraria e gerar resenhas e notícias. Uma resenha não implica necessariamente vendagem, mas legitimidade no campo. E a presença da mídia é fundamental. Para selecionar as resenhas, muitas vezes a mídia se utiliza de alguns critérios, como o nome do autor, o assunto e a indicação, ou seja, o nome possui valor na questão de autoria e de indicação.

Vê-se como é importante que não deixemos de lado a relação entre literatura e mídia, porque a consagração e a rede de fenômenos literários estão mais complexas, compondo-se de vários suportes de produção, edição e divulgação.

É importante destacar que a relação com a mídia é responsável pela permanência dos escritores nesse campo, por isso a internet torna-se uma ferramenta fundamental, capaz de garantir o contato direto de escritores e leitores e a divulgação e o arquivamento de suas obras e respectivas críticas. Ainda assim, alguns acreditam que a edição tradicional aliada à internet e à impressão por demanda tem aumentado exponencialmente o número de livros, enquanto o número de leitores tem aumentado apenas aritmeticamente: é a chamada “crise do livro” ou da “leitura”.²² Podemos observar que esse excesso se dá por diversos motivos, como o aumento substancial no número de editoras e o problema da distribuição, visto que esta última depende de informação. Além disso, em curto prazo, existem mais escritores que leitores: “a cada 30 segundos um novo título está sendo publicado no mundo” (LEAL, 2008, p. 14).

É fato que quanto maior a editora, maior é a chance de se chegar ao público e ainda permanecer no campo literário. Ganha destaque aqui a questão do mercado editorial, visto que o livro editado, distribuído e divulgado por uma grande editora tem mais visibilidade.



²² Para Bauman (2003), o livro se deslocou para o universo do entretenimento, tornando-se mercadoria, dependente de seu poder de atração, por isso muitos buscam transformá-lo em acontecimentos, em satisfação momentânea. Estamos vivendo um novo momento trazido pela textualidade eletrônica. Ao mesmo tempo que podemos ter uma biblioteca universal, graças ao suporte técnico que desenvolvemos, um controle político e econômico surge para evitar esse acesso tão almejado.

1.5 Movimentos feministas

A inserção das mulheres no campo literário brasileiro deve-se à atuação dos movimentos feministas,²³ que garantiram a publicação de romances de escritoras,²⁴ mesmo que elas ainda sejam a minoria no campo da produção literária. E não é para menos, além de não terem acesso à alfabetização e ao letramento literário e ainda terem que se adequar ao que é definido como padrão a uma mulher, no campo da produção as mulheres foram excluídas do cânone literário.

Os grandes movimentos como o Iluminismo, a Revolução Francesa e a Revolução Industrial não contribuíram para melhorar a vidas das mulheres;²⁵ é somente nas primeiras décadas do século XIX que se inicia um movimento pela igualdade de direitos entre os sexos na Inglaterra e nos Estados Unidos, tendo ocorrido neste último país a primeira convenção de mulheres. Além da luta por igualdade entre os sexos no campo da política tradicional, as mulheres denunciavam o abuso no trabalho.

No Brasil, Constância Lima Duarte (2003) sugere “quatro ondas” pelas quais os movimentos feministas passaram, em 1830, 1870, 1920 e 1970. Na primeira onda, em 1830, as mulheres brasileiras ainda viviam enclausuradas, sendo necessário primeiramente aprender a ler e a escrever. Nesse momento podemos indicar o nome de Nísia Floresta Brasileira Augusta,²⁶ uma das primeiras mulheres a publicar textos em

²³ “[...] é indispensável acreditar que as energias feministas no campo dos estudos literários têm a potencialidade de interferir no discurso crítico, revitalizar o ensino e fecundar uma agenda educativo-pedagógica-política capaz de interromper as continuidades históricas das exclusões, da violência e do preconceito” (SCHMIDT, 2010, p. 270).

²⁴ “Se há textos esquecidos, há necessidade de recuperá-los, ressuscitando-os das páginas manuscritas, ou de primeiras edições escondidas nas estantes, ou de reedições esgotadas. Trata-se, neste primeiro caso, de trabalho de resgate” (GOTLIB, 1998).

²⁵ Mesmo sendo considerado um mundo às avessas, a Idade Média não conseguiu romper com as diferenças de gênero. Uma das primeiras obras publicadas, em 1484, *O martelo das feiticeiras*, empregada por três séculos pela Inquisição, apresentava a mulher como a responsável principal pelas bruxarias. O mesmo ocorreu com o século XVIII e a Revolução Francesa, os quais enfatizaram ainda mais a diferença entre esferas pública e privada, entre homens políticos e mulheres domésticas.

²⁶ É a militante mais conhecida do século XIX, para quem “a educação vincula-se ainda a um projeto de realização pessoal da mulher no universo familiar e doméstico. Mas anuncia também propostas avançadas para a época: a educação deveria ser dirigida a todas as mulheres, incluindo aí as pobres, como meio de livrá-las da miséria, proclamando a necessidade, por si só, já revolucionária, de que todas sejam bem educadas em suas respectivas situações” (DUARTE, 2000, p. 111).

jornais. Seu livro *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, de 1832, é o primeiro a falar dos direitos das mulheres à educação e ao trabalho.

Se cada homem, em particular, fosse obrigado a declarar o que sente a respeito de nosso sexo, encontraríamos todos de acordo em dizer que nós nascemos para seu uso, que não somos próprias senão para procriar e nutrir nossos filhos na infância, reger uma casa, servir, obedecer e aprazer aos nossos amos, isto é, a eles homens (FLORESTA, 1989, p. 35-44).

Enquanto na Europa criticava-se a educação existente, aqui a luta era outra, a de mudanças no comportamento dos homens em relação às mulheres, que precisavam ser consideradas seres pensantes. Nessa época eram muito poucas as mulheres “educadas” e menor ainda o número de escritoras. Dentre estas podemos citar Beatriz Francisca de Assis Brandão, Clarinda da Costa Siqueira, Delfina Benigna da Cunha e Ana Eurídice Eufrosina de Barandas.

Somente em meados do século XIX aparecem os primeiros jornais dirigidos por mulheres, como o *Jornal das Senhoras* (1852), de Joana Paula Manso de Noronha,²⁷ e *O belo sexo* (1862), de Júlia de Albuquerque Sandy Aguiar.

Na segunda onda, de 1870, surgem vários jornais e revistas de cunho feminista, como *O sexo feminino* (1873-1896), que mudou o nome para *O quinze de novembro do sexo feminino*, de Francisca Senhorinha da Mota Diniz; *Echo das damas* (1875-1885), de Amélia Carolina da Silva Couto; *O domingo* e *Jornal das damas* (1873); *A família* (1888-1897), de Josefina Álvares de Azevedo;²⁸ *O carimbo* (1884-1944), de Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro; e *A mensageira* (1897-1900), de Presciliana Duarte de Almeida. Esses jornais e revistas constituíram-se verdadeiro canal de expressão para a vocação literária das mulheres.

²⁷ Segundo Zahidé Lupinacci Muzart (2003), Maria Josefa Barreto Pereira Pinto foi a primeira mulher a fundar um jornal no Brasil, o *Belona Irada contra os Sectários de Momo*, conhecido como *Belona*, 19 anos antes desse fundado por Noronha. Mais tarde fundou outro com Manuel dos Passos Figueroa, chamado *Idade d'Ouro*.

²⁸ Em 1878, com *O voto feminino*, Josefina Álvares de Azevedo conseguiu encenar a peça e depois publicá-la em livro, sendo considerada uma das primeiras mulheres a defender o direito ao voto e à cidadania.

Na terceira onda, em 1920, há uma movimentação de mulheres organizadas em torno da luta pelo direito ao voto, à educação e ao trabalho. Dentre elas podemos citar Bertha Lutz, que, em 1922, fundou a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF); Maria Lacerda de Moura,²⁹ que lutava pela “libertação total da mulher” através da educação; Leolinda Dalto, líder de um grupo de feministas; Ercília Nogueira Cobra, que procurava discutir a exploração sexual e trabalhista da mulher; e Diva Nolf Nazário, que lutava pelo direito ao voto e aos direitos políticos da mulher.

No campo literário destacam-se algumas mulheres, como Rosalina Coelho Lisboa, que conquistou o primeiro prêmio literário da Academia Brasileira de Letras, com o livro *Rito pagão*; Gilka Machado, que venceu o concurso literário do jornal *A imprensa*, com o livro *Meu glorioso pecado*; Mariana Coelho, que inaugura um feminismo-pacifista com o livro *A evolução do feminismo: subsídios para a sua história*; Rachel de Queiroz,³⁰ que se colocou “na vanguarda de sua época ao penetrar no mundo das letras, na redação dos jornais e na célula partidária, espaços entranhadamente masculinos” (DUARTE, 2003, p. 164); e ainda Adalzir Bittencourt, que organizou a Primeira Exposição do Livro Feminino, em 1946.

Ainda que tenham conquistado o voto feminino (restrito às alfabetizadas) em 1932 e o acesso à educação (que deixava de lado mulheres trabalhadoras, na sua maioria analfabeta), a ideologia da imprensa, do Estado, da Igreja, dos educadores e dos profissionais da saúde continuava estimulando a manutenção dos valores tradicionais dentro do modelo patriarcal de família.

Nesse momento, os movimentos feministas aqui e no mundo foram detidos pelo Estado Novo: nazismo, fascismo, totalitarismo estalinista e Segunda Guerra Mundial. Durante o Estado Novo no Brasil, houve o surgimento da União Feminina e, depois de 1945, do Comitê de Mulheres pela Democracia, da Associação Feminina do Distrito Federal e da Federação das Mulheres do Brasil, que buscavam, entre outros, a democratização, a paz, a ampliação de direitos, a revisão do Código Civil e o apoio a greves operárias.³¹

²⁹ Outro posicionamento tinham as anarquistas, que lutavam pelo discurso antipatriarcal e pelo fim da opressão sexual. Destaca-se entre elas Maria Lacerda de Moura, que rompeu com o feminismo de Bertha Lutz, ligando o mundo das elites intelectuais ao do operariado e buscando o fim do capitalismo e do modelo de casamento burguês.

³⁰ É ela quem inaugura, em 1977, a Academia Brasileira de Letras.

³¹ Neste período surgem as primeiras obras que tratam das relações de gênero: *Sexo e temperamento* (1935) e *Macho e fêmea: um estudo dos sexos num mundo em transformação*

Em outro momento, os movimentos feministas sofreram com a Ditadura Militar. O primeiro movimento após o AI-5, por exemplo, liderado por mulheres foi o Movimento Custo de Vida, ficando as questões sobre o aborto, a sexualidade e o planejamento familiar no âmbito de discussões privadas, sem repercussão pública (SARTI, 2004).

Na quarta onda, em 1970, foi possível modificar os costumes e tornar a luta mais ousada. As mulheres tiveram que se posicionar contra a ditadura militar e a censura e lutar pela democratização do país, pela anistia e por melhores condições de vida. O anticoncepcional torna-se um aliado do feminismo, porque permite igualar a mulher ao homem ao desvincular sexo de maternidade, de amor e de compromisso. Surge nesse período uma imprensa dirigida por mulheres, como *Brasil mulher* (1975), *Nós mulheres* (1976) e *Mulherio* (1981).

Na década de 1980, houve a fragmentação do feminismo em diversas frentes, com atuação mais profissionalizada. Hoje um dos campos mais férteis do feminismo é sua própria revisão; a crítica feminista propõe uma mudança com vistas a uma pesquisa mais humanizada (SCHMIDT, 1994). Nesse sentido, no Brasil os estudos feministas são multidisciplinares e organizados em núcleos, grupos, publicações, redes e encontros. Porém, ainda há muitas resistências nas universidades em incorporar disciplinas sobre o tema nos currículos regulares, talvez por preconceito ao feminismo³² ou por não aceitarem o caráter multidisciplinar de sua prática teórica.

No Brasil, a crítica literária feminista origina-se por volta da década de 1980.

Em 1985, ocorre na Universidade Federal de Santa Catarina o primeiro seminário sobre a mulher na literatura e, em 1985, é criado o Grupo de Trabalho *A Mulher na Literatura*, da Associação Nacional de Pós-Graduação em Linguística e Literatura que promove, além dos

(1949), de Margareth Mead; *O segundo sexo* (1949), de Simone de Beauvoir; *A mística feminina* (1963), de Betty Friedan.

³² Marina Colasanti afirma que algumas escritoras, com medo de desvalorizarem seu texto, fogem da caracterização de gênero e buscam um território neutro, mesmo estando ele ligado ao masculino. Rachel de Queiroz, por exemplo, não queria ser identificada com o movimento feminista nem com a literatura feminina. Em termos de gênero, Clarice Lispector nunca quis fazer uma literatura empenhada, mas foi a autora mais estudada e comparada com uma possível literatura feminina. Já Lygia Fagundes Telles é menos reservada que Clarice Lispector, dá depoimentos sobre as causas feministas e participa de publicações sobre as mulheres no Brasil. Nélida Piñon diz que só admite que exista uma literatura feminina se também se falar em uma literatura masculina (LEAL, 2008).

encontros bienais, o Seminário *Mulher & Literatura* (LEAL, 2010, p. 201).

Porém, a crítica literária feita por e sobre mulheres é anterior a essa institucionalização acadêmica: já no final do século XIX, as mulheres se preocupavam em reunir sua produção para não caírem no esquecimento. Essa preocupação provinha da consciência de seu afastamento do cânone; “as escritoras foram desconsideradas e suas obras tipificadas como ‘não-sérias’ para compor o cânone” (LEAL, 2008, p. 141).

É por meio da recuperação de obras excluídas da historiografia literária que se questionam as categorias formadoras do objeto canonizado (SCHMIDT, 2002). Essa recuperação demonstra como a história literária tradicional não prevê um questionamento dos pressupostos dessa historiografia: ponto de partida, métodos, categorias e periodizações.

A crítica literária deve perceber como as escritoras posicionam-se e são posicionadas no campo literário e diante de questões feministas. Para isso é importante se lembrar das condições de exercício da literatura e como o feminismo influencia o campo literário, pois cria expectativas de produção e leitura e encontra resistência nesse campo.

os estudos literários podem ampliar seu significado e contribuição, enquanto reflexão sobre a historicidade das obras artísticas individuais e suas condições de produção e consumo. E para isso, cabe entender cada texto na materialidade de sua forma, qual seja, a de um texto convertido em livro que se oferece tanto para consumo, quanto para leitura (LAJOLO; ZILBERMAN, 2001, p. 167).



1.6 Quando os dedos femininos tomam da pena

Os primeiros escritores com carreira própria foram os romancistas da década de 1930. Quanto às escritoras, devido ao difícil acesso à educação e ao cânone literário – reforçado pelo sistema escolar e pelas antologias e historiografias literárias³³ –, muito poucas conseguem essa profissionalização. “a literatura estabelece papéis públicos aos que são nomeados [...] escritores(as)” (LEAL, 2008, p. 1), ou seja, para ser escritor, não é preciso somente escrever. Esse papel público foi, por muito tempo, vetado às mulheres, visto que somente há pouco – no século XIX – a instituição literária permitiu a inserção feminina, ainda assim, com ressalvas. É graças ao esforço da crítica literária feminista que a história dos livros de autoria feminina tem sido contada.

A primeira mulher a escrever um romance em língua portuguesa com boa repercussão foi Theresa Margarida da Silva e Orta, com a obra *Aventuras de Diófanes*,³⁴ publicada em 1752, em Portugal. Outro romance também expressivo foi *Exaltação*, de Albertina Bertha, publicado em 1916. Júlia Lopes de Almeida foi uma mulher que teve “sucesso” literário, mas ignorada pelos historiadores literários e críticos responsáveis pela solidificação do cânone futuro. Chegou a ser cogitada a possibilidade de entrar na Academia Brasileira de Letras, mas excluída por ser mulher, assim como Amélia Bevilacqua, que se candidatou à Academia em 1930, mas foi recusada. À época, outra escritora que ficou à margem foi Patrícia Galvão, com o romance *Parque industrial* (1933),³⁵ muito citado e pouco lido até hoje. Nos mesmos anos 1930 aparece Rachel de Queiroz com o romance *O quinze*, uma obra bem recebida pela crítica que a coloca em posição de destaque como novidade do ciclo regionalista. Foi a primeira mulher eleita para a

³³ “Curiosamente, foi a timidez doentia das nossas moças, a sua inércia, que ficou registrada na história nacional. As outras – as exceções – foram sistematicamente ignoradas e alijadas da memória canônica do arquivo oficial. E foi tão sistemático este trabalho de alijamento, que quem aventurasse depois a buscar as que romperam o silêncio, precisava enfrentar a desordem, o vazio, o ‘arquivo do mal’” (DUARTE, 2007).

³⁴ “[...] como *Aventuras de Diófanes* se insere no conjunto, inaugurando a segunda metade do século XVIII brasileiro, diferenciando-se e inovando, contrastando não só pelo gênero como pela ousadia das suas reflexões político-filosóficas, para não aludir à audácia de introduzir neste todo um nome feminino [...]” (CRUZ, 1990, p. 653).

³⁵ “Toma por fio do enredo a questão trabalhista e a causa revolucionária comunista [...]. A crítica ao feminismo burguês incipiente e retrógrado é a marca por excelência da caracterização das personagens femininas no romance” (GOTLIB, 1998).

Academia Brasileira de Letras, em 1977, depois que o acadêmico Oswaldo Orico propõe em 1976 uma mudança no regimento da Academia para que as mulheres pudessem se inscrever.

Ainda hoje, de acordo com a pesquisa de doutorado feita por Virgínia Maria Vasconcelos Leal (2008), as três editoras com mais prestígio no país – Companhia das Letras, Rocco e Record – publicaram menos de 30% de obras de autoria feminina, estando as mulheres na minoria desse campo literário hegemônico. Como personagens, as mulheres (brancas, heterossexuais e de classe média) até são representadas em vários títulos, mas como autoras ainda são poucas, e aquelas que aparecem não participam das historiografias literárias. Quando muito, são incluídas como exceções. Conforme demonstrou a pesquisa, essas mulheres publicadas representaram menos de um terço do universo de escritores.

Ainda hoje as mulheres continuam publicando menos que os homens, mas, se comparado ao século XIX, o número era muito menor: aquelas que conseguiam publicar viam suas obras se perderem nas primeiras edições. É com o objetivo de recuperar essas obras de escritoras do século XIX que surge a Editora Mulheres, preocupada com a memória cultural e a história literária do país. A Editora busca publicar obras editadas e também outras nunca antes publicadas para que sejam lidas, reavaliadas e estudadas. No próximo capítulo apresentamos a conversa realizada com Zahidé Lupinacci Muzart sobre a trajetória da Editora Mulheres e alguns textos que tratam da Editora.

Movimento Dois





2 MO(VI)MENTO DOIS – A EDITORA MULHERES

as mulheres, ao contrário do que se pensou durante anos, pegaram da pena e fizeram literatura, assumindo o papel a que se propuseram. Assim, elas comprovaram e testemunharam um momento importante da história cultural, embora para a historiografia fossem consideradas sombras, destinadas ao silêncio, à submissão.

Tânia Regina Oliveira Ramos (2008, p. 157).

Vários estudos sobre a questão da mulher surgiram no final da década de 1970, os quais abriram espaço para a análise do percurso das escritoras brasileiras, especialmente aquelas que não tinham uma tradição literária. Dentre esses estudos, destacam-se os de Constância Lima Duarte, Elódia Xavier, Helena Parente Cunha, Heloísa Buarque de Hollanda, Ívia Alves, Izabel Brandão, Luzilá Gonçalves Ferreira, Nádia Battella Gotlib, Rita Terezinha Schmidt e Zahidé Lupinacci Muzart.

É do trabalho que Zahidé Lupinacci Muzart desenvolve com a Editora Mulheres que vamos tratar nesta dissertação. Em conversa este ano com Zahidé Muzart, ela contou como surgiu a Editora, quais profissionais participam da publicação de uma obra, no que a Editora está investindo.

Preocupadas com a memória cultural e a história literária do país, a partir de interesses de pesquisa sobre Literatura e Mulher, no ano de

1996 as três professoras de literatura aposentadas³⁶ da Universidade Federal de Santa Catarina Elvira Sponholz, Susana Bornéo Funck e Zahidé Lupinacci Muzart³⁷ decidiram se unir com o objetivo de fundar a Editora Mulheres, para um projeto de recuperação de livros de escritoras do passado, uma editora que só publica mulheres: não somente romances, poesia, teatro, mas relatos de viajantes estrangeiras e estudos sobre questões de gênero (de cunho teórico para compreensão da relação mulher e literatura no século XIX).

A inspiração para a criação da Editora veio das editoras feministas existentes Des Femmes (França), Cuarto Propio (Chile) e Virago (Inglaterra), mas especialmente da Des Femmes, criada em 1973 por Antoinette Fouque.³⁸ Nos seus 35 anos, essa editora teve um papel importante na vida das mulheres e na sociedade francesa. A Virago publicou obras raras e tirou do esquecimento várias escritoras. E Cuarto Propio difundiu “un pensamiento crítico y una literatura que [...] configuran un cuerpo cultural indispensable”.³⁹

Desde que foi criada, a Editora teve uma boa receptividade por parte do público leitor e recebeu muitos incentivos, como cartas e *e-mails* saudando a fundação de uma editora dedicada às mulheres. E ficou muito conhecida, mesmo sendo “uma editora de fundo de quintal”,⁴⁰ não tendo funcionários, nem sede, nem bons distribuidores.⁴¹

Mas por que o interesse pela literatura feminina do século XIX? Porque a literatura feminina só se torna visível entre nós no século XX. As mulheres do século XIX, mesmo que muito produtivas, foram excluídas do cânone literário, feito pela crítica e historiografia masculinas.⁴² Elas permaneceram à margem, mesmo estando presentes

³⁶ Inicialmente, as professoras acreditavam que as mulheres do século XIX não tinham escrito nada. Porém, logo descobriram que essas mulheres tinham, sim, escrito e publicado, e mais, que esses textos formavam um legado de qualidade literária e de valor histórico. E decidiram não apenas listar seus nomes, mas republicá-las.

³⁷ Hoje Zahidé Muzart é a única que continua com o selo.

³⁸ Até então não havia editoras feministas na Europa, o que serviu de caminho para a criação na Itália (1975), na Alemanha (1976), na Inglaterra e em Portugal (1977), e na Espanha (1978).

³⁹ “um pensamento crítico e uma literatura que [...] configuram um corpo cultural indispensável” (CUARTO PROPIO, 2010, tradução nossa).

⁴⁰ Expressão utilizada por Zahidé Muzart em *Mulher e literatura – 25 anos* (2010).

⁴¹ Por meio da sua página na internet <www.editoramulheres.com.br> é possível comprar as obras. A editora tem as séries Referências, Ensaio, Gênero e violência, Romance/Narrativas, Poesia e teatro, Viagens, Cartas e memórias, Feminista e Infantojuvenil. A série Ensaio é a que apresentou maior sucesso até hoje, por exemplo, *Masculino, feminino, plural* já está com duas edições e *Gênero em discursos da mídia* está esgotado.

⁴² Hoje ainda alguns críticos, como Wilson Martins (1999), veem esse trabalho de recuperação das escritoras como dispensável para a história literária do país: “à parte o interesse de

nos periódicos do século XIX, dirigidos por homens ou criados e mantidos por elas mesmas.

Muitas dessas mulheres do passado se uniram para criar jornais e revistas, os quais se constituíram em uma rede de informações e cultura. Escreveram poemas, contos, diários, romances, dramas, comédias, ensaios, teatro e crítica literária, e publicaram seus livros, que acabavam se perdendo nas primeiras edições. Toda essa produção foi sendo esquecida a partir do século XX, ou seja, do Modernismo, e é somente com o trabalho de algumas pioneiras – Josefina Álvares de Azevedo, Carmem Dolores, Gilka Machado e Maria Lacerda de Moura – que as mulheres conseguem respeito como escritoras.

Por isso a intenção da Editora de recuperar as obras de escritoras do século XIX, sejam elas brasileiras ou não, que inclui obras editadas e textos nunca antes publicados. Trata-se de um trabalho árduo que impõe muita persistência e paciência para que essas obras possam ser lidas, reavaliadas e estudadas.

Havia uma grande dificuldade de publicações femininas no século passado [tratava-se do século XIX], daí a preocupação desse resgate. Ao contrário do que se pensa, havia mais de uma centena de escritoras no século XIX (MUZART apud ELTERMANN, 1996).

As mulheres daquela época escreviam bastante, e muito bem, mas nem sempre tinham a oportunidade de divulgar (SPONHOLZ apud ELTERMANN, 1996).

Elas tinham o desejo de vir a público, mostrar sua obra, mas depois se assustavam com a própria audácia e recuavam (FUNCK apud WILKE, 1998).

Um dos maiores problemas enfrentados pela Editora é a inexistência de reedições, porque as obras de mulheres vendiam pouco ou se perdiam, desaparecendo ao longo dos anos. Dessa forma, a Editora tem que “ressuscitar” muitos desses textos, que se encontram dispersos em antigas bibliotecas e demoram muito a aparecer.

Quando um título é descoberto, começa-se o processo de sua localização: contato com sebos, visita a bibliotecas, apelo a bibliófilos.

É a partir das informações bibliográficas e da reprodução das obras que se conhecem tantas mulheres produtivas. Para Constância Lima Duarte (2007), essas pesquisas

realizam ainda o questionamento da cultura hegemônica, estabelecem uma nova tradição literária, revelam a mulher como sujeito do discurso literário [...]. Enfim, contribuem para a construção de uma história das mentalidades femininas e uma nova história das letras no nosso país.

Cada livro é um trabalho coletivo feito com muitas mãos. No processo de edição o texto é enviado a duas pareceristas; sendo favoráveis os pareceres, é feito o orçamento da publicação, que a Editora arca parcialmente, com o apoio do autor. As obras recuperadas pela Editora são muito bem organizadas pelas pesquisadoras, que incluem biografia, ensaio crítico, bibliografia e pequena amostragem da prosa literária e jornalística, do ensaio, das memórias, da poesia... As edições são de qualidade, com uma boa apresentação gráfica.⁴³ Em média a tiragem é de 500 exemplares.

Com a recuperação dessas escritoras do passado é possível mais do que ampliar a história literária brasileira, e sim mudar a nossa concepção dessa história. Devemos escrever uma história que não apenas inclua nomes de autoras, mas a leitura de obras de acordo com as nossas concepções norteadoras.

Na sequência apresentamos o nosso diálogo com Zahidé Lupinacci Muzart sobre a Editora Mulheres e alguns textos que tratam da Editora. Nessa conversa Zahidé Muzart afirma que hoje a Editora mudou um pouco seu perfil por publicar também autoras contemporâneas e que está preparando um dos romances pioneiros, o de Joana Paula Manso, fundadora do *Jornal das Senhoras*, de 1852.



⁴³ É a própria Zahidé Muzart quem escolhe as imagens e as fotos para as capas.



Figura 1 – Zahidé Lupinacci Muzart, em entrevista ao *Diário Catarinense*, em 2010

Fonte: IENSEN, Jaqueline. Longa história de amor. *Diário Catarinense*, 31 jan. 2010. Disponível em:

<<http://www.clicrbs.com.br/diariocatarinense/jsp/default2.jsp?uf=2&local=18&source=a2792306.xml&template=3898.dwt&edition=14007§ion=1380>>.

Acesso em: 9 dez. 2010.

1. Como surgiu a Editora Mulheres? Qual sua intenção ao criá-la?

As fundadoras da Editora são três professoras de literatura e aposentadas da Universidade Federal de Santa Catarina. Estávamos aposentadas há pouco tempo, em 1996, e queríamos outra atividade mesmo que ainda ligada ao que fazíamos. E a Editora nasceu também de nossos projetos de pesquisa. O meu, junto ao CNPq, era uma pesquisa de resgate das escritoras brasileiras do século XIX. A partir da constatação de que as escritoras brasileiras existiram no século XIX, achamos que era hora de procurar resgatá-las não somente com ensaios sobre elas mas também publicando sua obra literária. Por isso, embora publiquemos estudos de gênero, a Editora fundamentalmente se dedica a esse resgate da literatura do passado. Resumindo, posso dizer que foi a preocupação com a memória cultural e com a história literária, e a partir de interesses comuns de pesquisa sobre Literatura e Mulher, o principal impulsionador da criação da Editora Mulheres. Mas o outro impulsionador é uma questão mais política, digamos assim. Sempre fomos feministas, não só no sentido de reconhecer as dificuldades para a mulher num mundo muito machista, mas também na luta cotidiana e é uma das razões para criarmos uma editora que publica somente mulheres. Não somente romances, poesia, teatro, mas também relatos de viajantes estrangeiras que visitaram o Brasil no século XIX e, claro, estudos importantes sobre questões de gênero como o livro importante da historiadora Joan Scott, cidadíssima no Brasil mas que, até então, não tinha nenhum livro publicado entre nós.

2. Como é feito o levantamento das escritoras e das obras publicadas? E quantos e quais profissionais participam da publicação de uma obra?

Por pesquisa. Depende, se for obra de resgate ou de gênero. Em geral: revisora, capista, diagramadora e eu, que a tudo supervisiono e dirijo. Por exemplo, as capas, sempre procuro as imagens, as fotos.

3. Qual o público-alvo das obras? E como ocorre a venda de livros?

O público universitário ou o público em geral. Livrarias e por *e-mail*.

4. Quais os maiores problemas enfrentados com a publicação das obras?

As vendas fraquíssimas...

5. Desde que foi criada, sofreu alguma mudança em seu perfil?

Sim, começamos a publicar livros de autoras contemporâneas.

6. No que a Editora está investindo?

No momento, estou preparando a edição de um dos romances pioneiros, o de Joana Paula Manso, a fundadora do primeiro jornal dirigido por mulher: *Jornal das Senhoras*, de 1852.



Zahidé Muzart disse-nos que sua maior preocupação ao fundar a Editora foi com a memória cultural e a história literária do país. Desde o início sempre supervisionou o trabalho dos profissionais envolvidos na edição de livros e responsabiliza-se por procurar todas as imagens e fotos para as capas. Hoje a Editora não publica apenas romances, poesia, teatro, mas também relatos de viajantes estrangeiras do século XIX e estudos sobre questões de gênero. E passou a publicar também autoras contemporâneas. Neste momento está trabalhando na edição de Joana Paula Manso, a fundadora do *Jornal das Senhoras*, de 1852.

A partir de agora vamos listar os textos que tratam da Editora Mulheres, os quais foram encontrados através de pesquisa na internet e aqueles selecionados e mantidos pela própria Editora.

Em 1996, Raquel Eltermann, na reportagem *Palavra de Mulher*, do *Diário Catarinense*, apresenta a Editora Mulheres e seu objetivo de publicar autoras do século XIX e meados do XX. Comenta sobre as dificuldades da Editora em editar *Mulheres ilustres do Brasil*, de Inês Sabino, em virtude das edições limitadas e esgotadas e do próprio mercado. E também divulga o relançamento de *Lésbia*, de Maria Benedita Bormann.

Palavra de Mulher



GARRA: Miniágrafa de Catharina Paraguassú ocupa primeiro capítulo do livro registrado por Editora das Mulheres

Três professoras aposentadas da Ufsc criam em Florianópolis primeira editora brasileira para resgate de antigas obras femininas

Raquel Elstermann Palavras

Uma proposta mais que feminista, no sentido literal da palavra. A Editora Mulheres é um espaço destinado a autoras do século XIX e começo do XX, que muitas vezes foram publicadas em condições feministas através de uma das mais poderosas armas e táticas. De lá mais de 150 anos, estas mulheres lutavam por um espaço social onde evidenciam equidade, seus anseios de justiça e qualidade (mesmo época em que o voto era privilégio masculino e o ideal de esposa era a total submissão e fidelidade), se evidenciam suas batalhas políticas, gêneros literários e culturais.



RELAZEA: Dona Theresina Oliveira

de obras literárias raras e pouco conhecidas. A proposta inicial das mesmas oriundas de áreas católicas e cederistas em publicações nacionais e estrangeiras (muitas delas nunca traduzidas para o português) de grande relevância do trabalho, em edições de qualidade e com o fim de preservar concretamente a obra, ou criadas.

Elstermann, Cassia Faria e Tábata Masetti em conjunto não são por acaso. Todas são professoras de área de estudos de literatura na Universidade Federal de Santa Catarina, Elstermann é especialista em literatura portuguesa, Spanak, em literatura inglesa e Tábata em literatura brasileira. A APDS aposentada, estas reuniram-se em torno de um amor em comum: a literatura. "Motivadas a editoras como contradição de um trabalho sempre estereotipado por nós. Não é pelo dinheiro, mas pela história e pela escrita", diz Tábata. Desde março elas se dedicam a fazer da editora um ponto de referência para a literatura feminina.

Se há um regulamento de normas como Rachel de Oliveira e Charles Lins (autor e ilustrador) com Maria Benedita de Bohmann ou Julia Lopes de Almeida, cuja literatura não é a menor qualidade. "Temos uma grande dificuldade



LETREAS: Anna Henriqueta de Burghmann e Dóla

de publicações feministas no século passado, daí a preocupação de fazer espaço. Ao contrário do que se pensa, há uma boa quantidade de obras escritas no século XIX", afirma Tábata. "As mulheres daquela época escreviam bastante, e muitas vezes, mas não sempre tinham a oportunidade de divulgar", complementa Elstermann.

Além da dificuldade de pesquisa histórica, devido às obras de época serem muitas vezes inacessíveis, o primeiro momento é a identificação do trabalho de resgate histórico. O primeiro livro

iniciado da Editora Mulheres, *Mulheres Ilustres do Brasil*, uma seleção das autoras da obra escrita em 1899 por Ignez Bohann, foi resgatado na loja de Livros de Paulo Sérgio com a ajuda de que a autora (previamente morta) não pôde estar presente para a sessão de autógrafos.

OUTRAS PUBLICAÇÕES - Um dos volumes que a Editora de Mulheres pretende relançar no mercado no próximo ano é *Letras*, da autora gaúcha Maria Renê de Bohmann (1853-1896), muito divulgada nos círculos acadêmicos e culturais nacionais. Atualmente, existe somente um exemplar da obra no poder de um bibliógrafo em São Paulo, Bohmann, que acredita em um conhecimento de Dóla. Há uma das mais importantes escritoras da era republicana e do período republicano, mas pelas colaborações nos jornais (O País, O Estado de Santa Catarina) e A Noite (RS). As primeiras publicações a serem editadas, devido à ser vítima de negligência por parte da crítica, com raríssimas cópias e poucas edições, é de uma obra de literatura valiosa e muito preciosa.



EMPREENDEDORA: Anna Henriqueta de Burghmann

Primeiro lançamento lembra personalidades ilustres

O primeiro livro publicado pela Editora das Mulheres não poderia ser aquele de uma das maiores defensoras dos direitos feministas do século passado, Ignez Bohann, conhecida *Mulheres Ilustres do Brasil* em 1899, resgatando a história da grande mulher que da nossa história a preservar no presente, ou seja a história de dois mundos: Anna de Almeida e Maria Benedita de Bohmann.



Bohann, natural de São Paulo, Ignez Bohann morreu em 1853 e 1911, tempo em que que deu origem à poesia, romances, memórias e biografias. Nessa obra ela dedica-se a mulheres que, como ela, enfrentaram mais que um preconceito social, mas uma batalha por mudar uma mentalidade em uma das repúblicas mais masculinistas da época. O período de Ignez reflete sua proposta: "Este ato é um trabalho de



PESSIA: Brancina de Maranhão



HERÓICA: Anna Henriqueta de Burghmann



HERÓICA: Anna Henriqueta de Burghmann

Resgatando. O que a primeira visão parece ser resultado de pesquisas, não é um trabalho muito um estudo de psicologia feminista? Ou como escreveu Arthur Cotterill na Carta à Letícia, "o presente livro visa a ser uma história da literatura, do século e da mulher".

A autora das escrituras *Letras*, mesmo em *Letras* no gênero de amor, como *Mulheres Ilustres* que mostra a mulher no seu ato de ajudar a mulher a encontrar sua voz. Foi para escrever pela primeira vez que nasceu a *Letras*.

A obra, com edição limitada (sendo as edições de 500 exemplares) com 200 páginas impressas em uma alta qualidade em papel pólio, capa e sobre-capa, o livro pode ser adquirido diretamente na Editora (Caxias Fone 5531 - Cep 88035-200) ao custo de R\$ 27,00.



Em 1997, na reportagem *Fazendo justiça*, do *Diário Catarinense*, Adriana Baldisarelli apresenta as obras lançadas e a serem lançadas pela Editora Mulheres: *Mulheres ilustres do Brasil*, de Inês Sabino; *Índice de dramaturgas brasileiras do século XIX*, de Valéria Andrade Souto-Maior; *Lésbia*, de Maria Benedita Bormann; *A Silveirinha*, de Júlia Lopes de Almeida; *Journal de son Voyage au Brésil*, da baronesa E. de Langsdorff; *Woman in the Nineteenth Century*, de Margaret Fuller; e *D. Narcisa de Villar*, de Ana Luísa de Azevedo Castro.

REVISTA DC

Palavra de Mulher

Mulheres em só maior, iluminadas. Mulheres em só maior, imberbeas. Ainda que com dor... Mulheres mães, amigas, irmãs, esposas, amantes da arte de amar. E nisso quase sempre exageram. Heróicas apaixonadas. Meigas e valentes, sem conflitos. Só confiança. Mostram um mundo mais humano. Coisas de quem pode dar a luz. E também sabe fazer sombra. Mas isso não basta. Cuidar da casa e rir com os filhos, prazer, do marido, lazer... Faltava o desafio. E elas foram atrás. No comando de um país, na liderança de multidões, o sexo feminino impõe sua marca: competência e sensibilidade. E existe reconhecimento. Em 1910, durante a Conferência Internacional das Mulheres, na Dinamarca, a dirigente socialista Clara Zetkin sugere o dia oito de março como Dia Internacional da Mulher, data em que no ano de 1857 operárias grevistas morreram durante um incêndio criminoso, em uma indústria têxtil de Nova York. Por elas e por você, a Revista DC de hoje homenageia toda mulher que faz o mundo melhor.

Ana Cristina Lavratti



DIÁRIO CATARINENSE
Revista DC

EDITORA: Ana Lavratti (Inscrição) - 216-3599

REPORTERIAS: Fabiano Medau e Adriana Baldisarelli
DIAGRAMAÇÃO: Zêndide Pivati
ARTE: André Luis, João Mendes, Michael Soares
SECRETARIA GRÁFICA: Cibeli Klein e Romê de Lira
CAPA: foto de Uzei Dremer

Cartas para a Revista DC: Rua Desambargador Pedro Silva, 2.866, Itajaicó, Florianópolis/SC. CEP - 88.008-701 ou pelo fax: (048) 216-3515.



RESGATE:
Susana Bormann Funck explica que as mulheres sempre foram grandes contadoras de histórias, mas faltou o registro escrito

Fazendo justiça

Editora catarinense promove inventário da literatura feminina

ADRIANA BALDISARELLI
FLORIANÓPOLIS

A literatura feita por mulheres no Brasil, especialmente no século XIX, lembra à professora de Literatura de Língua Inglesa da Universidade em Inglês da Usc Susana Bormann Funck, aquelas mães antigas em que vive o globo deformado pela falta dos acidentes geográficos desconhecidos das cartografas. O mundo desenhado pelos raios, por exemplo, não passava da Europa e parte do continente asiático e assim permitiu-se praticarmente até as grandes navegações quando cartas completas foram produzidas.

O empastamento da produção literária das mulheres no Brasil ainda está por ser feito. Países como os de língua inglesa já conseguiram aprovar o livro e descrever catálogos como Kate Chopin, novelista americana do final do século passado, ou a dramaturga Susan Glaspell que atuou no início deste século, ou a contemporânea de William Shakespeare, Alpha Beta, primeira mulher a ganhar dinheiro com a literatura.

Esse inventário da produção de obras feitas por mulheres — "mas não necessariamente para mulheres" — que está por merecer a literatura brasileira, foi o que motivou Susana e sua sócia Fabiano Sponholz e Zêndide Musart a fundar a Editora Mulheres. Em menos de cinco meses, elas já elaboraram o livro *Mulheres Ilustres do Brasil*, publicado em 1999 pela editora Inês Sabino que nasceu em Salvador em 1953 e morreu em 1990 depois no Rio de Janeiro. No livro que já havia nomeado de *Mulheres*, há muito tempo, ela faz a biografia de 40 mulheres — além de reverenciando religiões, patriotas e o grupo de mulheres da Revolução Republicana, como Ana Caribé, a heroína catarinense, ou Teresa Cristina.

PROXIMAS EDIÇÕES

- *Lésbia*, romance de Maria Benedita do Bormann (Dália) que está sendo trabalhado por Norma Talles.
- *A Silveirinha*, romance de Júlia Lopes de Almeida. Edição deve ser lançada neste mês.
- *Journal de son Voyage au Brésil*, histórias de 1829 e 1830 da baronesa E. de Langsdorff em processo de tradução por Maria Inês Catarina Torres.
- *Woman in the Nineteenth Century*, de Margaret Fuller que está sendo traduzido pelo tradutor de Letras de Ufrgs.
- *D. Narcisa de Villar*, o primeiro romance escrito por uma mulher catarinense. Ana Luísa de Azevedo Castro.

() Editora Mulheres, caixa postal 5.021 - CEP 88040-970 - Florianópolis - SC

na, mulher de Dom Pedro II, ou mesmo da antônia Benedita Maria de Almeida dos Mercês.

Também publicaram o *Índice de Dramaturgas Brasileiras do Século XIX*, de Valéria Andrade Souto-Maior, que relaciona 38 autoras brasileiras do século passado e três do século XVIII. Nos cinco editores estão em fase de preparação o livro para este mês o relacionamento do romance de época, de costumes sociais, *A Silveirinha*, de Júlia Lopes de Almeida, romanço entre 1862 e 1934, de estilo romântico e didático que está sendo mais estudada atualmente por americanas, do que por brasileiras.

MARGINAL - Susana Funck explica que o resgate da memória cultural e da literatura, mas as obras literárias.

DIÁRIO CATARINENSE - DOMINGO, 2 DE MARÇO DE 1997

Fonte: BALDISARELLI, Adriana. *Fazendo justiça*. *Diário Catarinense*, 02 mar. 1997. Revista DC.

Em 1997, a revista *Franc Parler* divulga a fundação da Editora Mulheres por três professoras da Universidade Federal de Santa Catarina com o objetivo de recuperar as obras de escritoras do século XIX.

Florianópolis: 3 femmes se lancent dans l'édition

● Baptisée Editora das Mulheres, une maison d'édition pas comme les autres a éclo. Les fondatrices, trois profs de l'université à la retraite, ont l'intention de publier des oeuvres écrites par des plumes féminines. L'une d'elles, **Zahidée Muzart**, est mariée à un Français. Elle a effectué des recherches sur "les femmes voyageuses" du 19ème siècle, possédant des textes rares, certains sur microfilms. Par exemple, les

récits de voyage de Rose de Freycinet, première femme qui a fait le tour du monde en bateau.

Dorothee de Bruchard,
à Florianópolis

Du 18 au 21 mars a eu lieu à Florianópolis le 1er colloque international de la littérature, qui avait pour thème le roman. Quatre jours de débats, avec des profs venus de tout le Brésil et de France

Les coups de griffe de Yann

Sophie Blanc broie du noir... Pourquoi donc est-elle si triste? N'allez pas croire que ses états d'âme sont dus à sa sortie, volontaire, de São Paulo Accueil dont elle fut une présidente appréciée pour son dynamisme. Non. Elle ne trouve plus, dans **Franc-Parler**, la chronique d'Aristides Chazot qui avait fait les beaux jours de Tropical Infos. "Maintenant, plus personne ne m'égratigne", dit-elle, faisant allusion au banquier **Alain Bouedo**, le véritable Chazot, parti au Venezuela...

Eh bien, "ma chère Sophie", nous reprenons cette chronique, désormais baptisée "Coup de griffe".

Sophie n'est pas la seule à penser que Franc-Parler souffre d'un gros défaut: trop sérieux! Devenu l'homme du marketing de la Lettre França-Brasil, éditée par la CCFB, **Claude-Armand**, avec l'assurance d'un homme habitué aux "seguros de vida", sa profession, enchaîne:

"Vous devriez rebaptiser FP le **Canard Déchainé**, ça ferait doubler votre tirage..."

Et si, en fait de "canard déchainé", nous volions dans les plumes de certains de nos notables? Par exemple, de bien méchantes langues disent qu'un certain consul pourrait bientôt être nommé ambassadeur. Mais où donc? Aux Seychelles, voyons!

Pourquoi, chaque fois que sa banque procède à une augmentation de capital, **Bernard Menciaer** perd-il quelques kilos? Vive le Spa!

Qui sera le prochain président de la Chambre? Certains disent que **Philippe Lafeuille** a l'Air le plus Solide. Mais il dément ces bruits. Et encore: lors de la visite de Chirac, un consultant tenait **mal en place**... Ce drôle d'oiseau était devenu photographe d'un jour, grâce à un mystérieux coup de pouce via le Palais du Planalto. Palais? Voilà qui laisse un goût amer aux vrais professionnels...

Fonte: FRANC PARLER. *Florianópolis: 3 femmes se lancent dans l'édition*. abr. 1997.

No mesmo ano de 1997, a revista *Franc Parler* divulga as obras lançadas e a serem lançadas pela Editora, como *Peregrinações de uma pária*, de Flora Tristan; *Diário da baronesa de Langsdorff*; *Lésbia*, de Maria Benedita Bormann; *Woman in the Nineteenth Century*, de Margaret Fuller; *Mulheres ilustres do Brasil*, de Inês Sabino; e *Índice de dramaturgas brasileiras do século XIX*, de Valéria Andrade Souto-Maior.

FLORIANOPOLIS

Edition Des femmes prennent la parole

Editora Mulheres: trois éditrices à la recherche d'écrits perdus

● PERSONNE NE L'AVAIT encore osé au Brésil: une maison d'édition branchée sur des textes classiques écrits par des femmes, dont le rôle dans la littérature universelle fut le plus souvent secondaire. En France, Mme de Sévigné et Mme de La Fayette se firent une place au soleil. Mais dans l'histoire littéraire brésilienne, l'élément féminin n'est le plus souvent représenté que par les muses inspiratrices et les lectrices de romans. Il existe pourtant des femmes qui ont écrit et lutté, surtout depuis le siècle dernier!

A Florianopolis, Susana Funk, Elvira Sponholz et Zahidé Muzart -celle-ci française, de par son mariage, toutes trois profs de littérature à la retraite, ont donc fondé Editora Mulheres. Ce projet idéaliste a pour capital des tonnes de conviction, des économies personnelles et des années de recherche académique.

Les plans sont ambitieux, enthousiastes. Ils comprennent des oeuvres de plusieurs langues et pays: *Peregrinations d'une Pária*, de Flora Tristan,

Mémoires, de Louise Michel (militante de gauche sous le Second Empire, déportée en Nouvelle Calédonie, *Une Parisienne au Brésil*, de Mme Toussaint Samson...

Sur de petits tirages de 500 exemplaires, bénéficiant d'une présentation soignée, le trio a l'intention de produire des récits de voyage (ceux de George Sand, ou *Le Voyage au Brésil* de la baronne de Langsdorff...), des romans (*Lésbia*, de M. Benedita de Bohrmann), des essais (*Women in the XIX Century*, de Margareth Fuller). La poésie devrait également être au rendez-vous.

célèbres. Vient de paraître un *Índice das Dramaturgas Brasileiras do Sec. XX*. C'est toute une aventure que de publier ces papiers épars. Il faut d'abord se procurer les originaux, parfois la croix et la bannière! Celui de la baronne de Langsdorff, édité en France par le Musée de la Marine en 1954, n'a été obtenu que grâce à José Midlin, industriel (ex propriétaire de Metal Leve) et bibliophile paulista. Susana, Elvira et Zahidé ont reçu un tel document sous forme de microfilm! Ensuite, il faut s'atteler à un minutieux travail de traduction. Et ne parlons pas de la vente, problème gigantesque pour une petite entreprise, que les éditrices contournent par le biais d'une distribution via mailing. Et les écrivains contemporains? "Qui sait dans l'avenir", s'exclame Zahidé. Pour l'instant, elles s'en tiennent aux oeuvres féminines que l'histoire avait oubliées. Voilà ce en quoi elles sont originales, ne pouvant être assimilées aux maisons d'Éditions des femmes qui fleurissent un peu partout.

□ Dorothée de Bruchard



D. IGNEZ SABINO
MULHERES ILUSTRES DO BRASIL

Quelle aventure! Les animatrices de Editora Mulheres ont fait leurs début en septembre dernier, avec *Mulheres Ilustres do Brasil*, une édition fac-similé du livre de D. Inês Sabino publié par Garnier en 1899. Il s'agit d'un ensemble de biographies de femmes brésiliennes

Franc-Parler/Emergences est présent dans le Grand Sud brésilien: Dorothée de Bruchard,

correspondante - Rua Maestro Aldo Krieger, 204 | 101 Florianópolis, Cap. 88037-500 - Tél-Fax: (048) 234.54.17

Fonte: FRANC PARLER. *Des femmes prennent la parole*. maio/jun. 1997.

Em 1997, na reportagem *Raro evento*, do jornal *A Notícia*, Julia Berutti divulga a iniciativa das quatro editoras – Paraula (publica clássicos de domínio público sem tradução), Mulheres (recupera a produção literária feminina do século XIX), Noa Noa (publica preferencialmente poetas clássicos) e Athanor (editora de Rodrigo de Haro, com produção esporádica, mas constante) – em realizar o evento “Em torno do livro”. Nesse evento a Editora Mulheres apresenta *A Silveirinha*, de Júlia Lopes de Almeida, *D. Narcisca de Villar*, de Ana Luísa de Azevedo Castro, e o calendário de 1998, com ilustrações e citações de escritoras do passado.

Cláudia Dalmonte
Editora Paraula

Dorothé da Bruchard
Editora Mulheres

Rosana Pinheiro
Editora Noa Noa

Edirlei de Haro
Editora Athanor

Raro evento

Quatro editoras da Capital estabelecem parceria para realizar, em setembro, a iniciativa "Em Torno do Livro"

PARAULA
Publica clássicos de domínio público e ainda sem tradução no português e a diferenciou da Paraula, criada em 1973. A qualidade da tradução é uma das maiores preocupações da editora Dorothé da Bruchard, em transcrições e transcrições para edição de livros, além da tradução em português, apresenta versões de escritores noivas em outras línguas. O livro "O Honrado de Matheus de Edgar Allan Poe, tradução por Dorothé, contém ainda a tradução em francês feita por Cláudia Dalmonte (1974-1975). O primeiro livro a sair pela Paraula é "A Morte de Baudelaire" de "Obras Completas" de Charles Baudelaire (1857-1922), organizado por e com o livro "As Vozes do Livro".

MULHERES
O objetivo desta editora, fundada em setembro de 1980, é recuperar a produção literária feminina, principalmente do século passado. Sua linha atuou sobretudo a partir de trabalhos da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANALL). Rece-

temos publicações em inglês em italiano de uma das primeiras poetas do Brasil: Maria Figueira (1818-1885), "Candor de uma Alma Brasileira", que ainda não tinha tradução em português. Para o evento de setembro, a editora apresenta o primeiro livro "Silveirinha", de Júlia L. de Almeida (1862-1904), publicado pela primeira vez em 1914, e o livro romance de autoria cariense Ana Luísa de Azevedo Castro, "D. Narcisca de Villar", de 1939. Sua co-edição com a Paraula. Melhorou longa coleção de 1998 com ilustrações e citações de escritoras do passado.

NOA NOA
No Brasil, só uma editora em Minas Gerais, chamada o Povo do Quilômetro, tem um trabalho semelhante ao que a Cláudia Dalmonte desenvolve pelo nome Noa Noa. Ela tem 60 anos e é a primeira responsável pela coleção do livro em um livro de poesia, "Indicador em um livro de poesia", em sua casa na Avenida da República, em Belo Horizonte. A coleção de poemas é feita em parceria com o escritor de Belo Horizonte, que produz e publica poemas. O best-seller de Noa Noa — o livro de poesia e romance inglês John Donne (1572 — 1633), com tradução de Augusto de Campos, ainda são anos 70. Fora disso, o livro em português, "Elegia", foi lançado por Paraula. Cláudia Dalmonte participou do livro "Cena Transatlântica", de Cláudia Vozes (hoje também chamada obra rara). Também teve os publicados 70 títulos (incluindo poemas escritos por ela). Hoje está no prédio da Rua do Comércio, na antiga sede da Associação dos Escritores Brasileiros de Santa Catarina (AEBSC), "A Menina do Urubitinga Desembarrado", de José Paulo Pires, poeta e escritor de São Paulo.

ATHANOR
"Assim é a literatura", citando do escritor italiano Italo Calvino, é a linha da editora do artista plástico Rodrigo de Haro, que mantém uma produção esporádica mas consistente, "Indicador" organizado pela Capela de D. Diniz, no bairro de Angra dos Reis, em São Paulo. Em cinco anos de existência, a Athanor produziu "O Misterio de Santa Catarina", com texto e desenhos de Rodrigo de Haro, "Mistérios de Sefarim", de Leonor Sclari, "Cabalos", de Nelson, Alvaro, Fraga", de Aldegar, e "Ilustração", de Aldegar, e "A Hora da Manhã", de Aldegar. Hoje a Athanor faz parte da coleção de "Mistérios", de parcerias, divulgadas a partir da coleção Brerito. Ela tem em seu livro a primeira volume da coleção Paraula, dedicada a poesia brasileira, e "Antologia", de Prêmio Povo.

Fonte: BERUTTI, Julia. Raro evento. *A Notícia*, Santa Catarina, 17 ago. 1997.

Anexo.

Em 1998, a revista *Mais Vida* divulga a criação da Editora Mulheres pelas três professoras aposentadas da UFSC e destaca a capa do livro *Mulheres ilustres do Brasil*, de Inês Sabino.

Nossas antigas escritoras

Preocupadas com a memória cultural e a história literária feminina, Elvira Sponholz, Suzana Funk e Zahidé Muzart, professoras da Universidade Federal de Santa Catarina, resolveram criar, há cerca de um ano, a Editora Mulheres. Oito livros já foram publicados, resgatando obras de escritoras do século 17 às décadas iniciais do século 20. Uma das preocupações da Editora das Mulheres é publicar livros preservando o mesmo visual das primeiras e antigas edições.



D. IGNEZ SABINO
MULHERES ILLUSTRES
DO BRAZIL

editoria criada
EDITORA
DAS MULHERES
1996

Fotos de Nísia Floresta Brasileira Augusta (à esq.), Júlia Lopes de Almeida e livro de D. Ignez Sabino- resgates da literatura feminina no Brasil.

Fotos extraídas da homenagem
<http://www.editorasmulheres.com.br>

Fonte: NOSSAS antigas escritoras. *Mais Vida*, ano 3, n. 25, jan. 1998.

Em 1998, Rejane Wilke, na reportagem *Mulheres não perdem o trem da história*, do jornal *O Estado*, menciona o trabalho de recuperação das escritoras do século XIX realizado pela Editora Mulheres e comenta sobre Nísia Floresta e Ana Luísa de Azevedo Castro.

Comemoração

Mulheres não perdem o "trem da história"

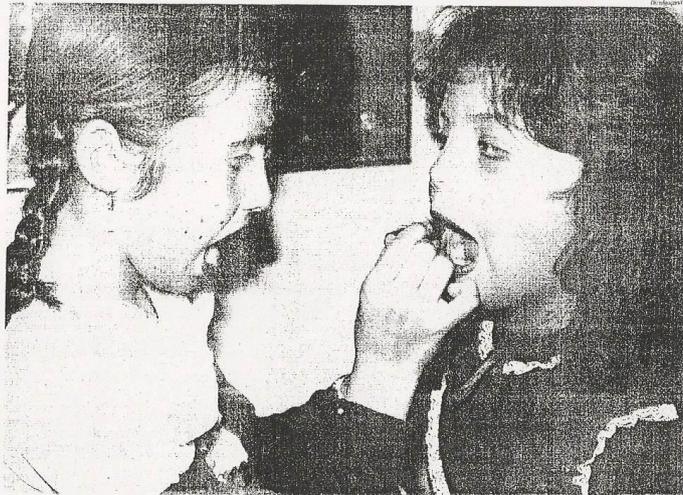
De uma forma geral, o universo feminino ganhou forças, créditos e independência maior. As mulheres podem comemorar seu dia de cabeça erguida.

Reflexo Titãs

As mulheres estão espoliadas de tudo pela vida? Apesar do feminismo baseadas em direitos e reconhecimento, passou. As pioneiras que nos perdiam mas as mulheres das décadas de trócio milênio caíram de bom com a vida. Afinal, elas lutaram para que todos tivessem uma vida melhor, em todos os sentidos.

Mesmo que essa regra não se aplique a todas as mulheres e que no terceiro mundo ainda haja muito a ser feito, é inegável que as coisas mudaram. As instituições de hoje parecem muito mais ligadas às questões econômicas do que às convicções sociais. O grande vilão não é mais o mundo dominador ou o pai casado, mas um cruel sistema econômico em que as principais vítimas do massacre são as mulheres e as crianças.

Exemplos de mulheres que celebraram e reformaram os obstáculos não faltam. Em todas elas, no lado da lembrança de tempos difíceis e de verdadeiras batalhas, vê-se por um ideal um pouco do dia a dia. Há um tempo em comum: o trabalho diário. Mulher que luta é mulher feliz, independente dos resultados. Como Fernando Pessoa, elas sabem que reagir é mais importante do que chegar.



**Ousadia
tinha preço
bastante
alto no
passado**



Santa Catarina tem uma edição que só publica obras escritas por mulheres. Preconceito ou coerência? Nada disso. É a única maneira de resgatar o trabalho silencioso e solidão de várias gerações de escritoras que enfrentaram os eventuais limites de uma sociedade que confiou o mundo entre as quatro paredes do cenário doméstico, não importando o talento ou as apêlidos que elas poderiam ter para a vida pública. "Escrever é um ato político", afirma Zahid Mazari que, junto com Susana Funck e Elvira Spoholzi, criou, em 1996, a Editora Mulheres, Professores apoiadas da Universidade Federal de Santa Catarina, em Itapiranga, pequena, tempo e bolso, para resgatar a obra dos escritores do século 19. Já são sete os volumes publicados até agora, de autoria que, apesar de importantes nas suas épocas, acabaram caindo no esquecimento. "Uma delas é Nísia Floresta, nascida em 1810, no Rio Grande do Norte. Ela escreveu nos 13 anos e, um ano depois,

teve e coragem de se separar: bringing o que era suas mulheres, escreveu", diz Zahid. "Ela foi uma mulher feminista, visionária, foi viver na França e acabou morando lá. Era amiga de August Comte e ditava a mãe legada de escritura que ordenavam os livros que ela só deve ser conversa", acrescenta, riendo. O primeiro romance escrito em Santa Catarina foi de autoria de uma mulher. Ana Laura de Azevedo Castro. Ela escreveu "O. Notícias de Vila", um importante resgate da Editora. "Essa obra tinha sido publicada em 1859, no Rio de Janeiro, mas estava esquecida", explica Zahid. Apesar de ser a primeira cidade das mulheres era de origem e origem. "Ela usava o dispende de via a público, montar sua obra, mas depois se acovardaram como a própria análise e recusaram", diz Susana Funck. "Mas não conseguimos publicar alguns anos quando pediam a algum homem que estivesse o período ou a apresentação", explica Zahid.

Para além das fronteiras, a obra das mulheres não era mais que um presunção ou um tipo de revolta literária, que colocava delas um olhar contemplativo. "Mas não aconteceu só no Brasil. Na Inglaterra e nos Estados Unidos, as escritoras enfrentaram o mesmo preconceito", diz Susana. "A diferença é que na Inglaterra do século 19, mesmo vivendo também em grande isolamento, a maioria das mulheres já recebeu educação e tinha acesso à literatura. No Brasil isso era crucial. As mulheres que se tornaram escritoras foram justamente aquelas poucas que tiveram alguma escolaridade e tiveram", comenta.

As respectivas pela Floresta se apresentaram com a universalidade de novas de autores e de obras que estão chegando a elas. "Tivemos para publicar dois volumes. O que falta é dinheiro para chegar ao leitor". Insistiram a cada um

Fonte: WILKE, Rejane. Mulheres não perdem o "trem da história". *O Estado*, Santa Catarina, 7-8 mar. 1998. Magazine.

Em uma entrevista ao Usufruto (este *site* não está mais disponível na internet), Zahidé Muzart explica como surgiu a Editora Mulheres e comenta sobre algumas mulheres publicadas e as resistências que elas encontravam no passado.

EDITORA MULHERES RESGATA OBRAS DE ESCRITORAS DO SÉCULO XVII AO XX

Em 1996, três professoras da Universidade Federal de Santa Catarina resolveram dar um passo importante na luta pelo reconhecimento do trabalho feminino na história da literatura brasileira e mundial. Elvira dos Santos Sponholz, professora de literatura brasileira, Susana Bornéo Funck, P.h.D em Humanidades, e Zahidé Lupinacci Muzart, doutora em Letras, fundaram a Editora Mulheres, que resgata obras de escritoras do século XVII ao início do XX através da publicação não só de ensaios mas das obras propriamente ditas, como romances, poesias e relatos de viajantes.

Nesta entrevista ao USUFRUTO, Zahidé Lupinacci Muzart, autora de "Cartas de Cruz e Sousa" e "Escritoras brasileiras do século XIX", fala do mercado editorial e das obras de escritoras dos séculos passados até então desconhecidas. "Sempre fomos feministas, não só no sentido de reconhecer as dificuldades para a mulher num mundo muito machista, mas também na luta cotidiana, e é uma das razões para criarmos uma editora que publica somente mulheres".

1) Por que e como surgiu a iniciativa de fundar uma editora voltada para a questão do gênero feminino?

As fundadoras da editora são três professoras de literatura e aposentadas da Universidade Federal de Santa Catarina. Estávamos aposentadas há pouco tempo, em 1996, e queríamos outra atividade mesmo que ainda ligada ao que fazíamos. E a editora nasceu também de nossos projetos de pesquisa. O meu, junto ao CNPq, era uma pesquisa de resgate das escritoras brasileiras do século XIX. A partir da constatação de que as escritoras brasileiras existiram no século XIX, achamos que era hora de procurar resgatá-las não somente com ensaios sobre elas mas também publicando sua obra literária. Por isso, embora publiquemos estudos de gênero, a editora fundamentalmente se dedica a esse resgate da literatura do passado. Resumindo, posso dizer que foi a preocupação com a memória cultural e com a história literária, e a partir de interesses comuns de pesquisa sobre Literatura e Mulher, o principal

impulsionador da criação da editora Mulheres. Mas o outro impulsionador é uma questão mais política, digamos assim. Sempre fomos feministas, não só no sentido de reconhecer as dificuldades para a mulher num mundo muito machista mas também na luta cotidiana e é uma das razões para criarmos uma editora que publica somente mulheres. Não somente romances, poesia, teatro mas também relatos de viajantes estrangeiras que visitaram o Brasil no século XIX e, claro, estudos importantes sobre questões de gênero. Em maio, publicamos um livro muito importante da historiadora Joan Scott que é cidadíssima aqui no Brasil mas que, até hoje, não tinha nenhum livro publicado entre nós.

2) Vocês encontraram resistência no mercado editorial?

Não muito, acredito. Na verdade, somos uma microeditora, e ainda restrita a um público restrito com preocupações bem definidas. Mas há um sentimento, de parte de distribuidores e alguns livreiros, de condescendência para com nosso projeto. Não há um grande respeito. Eu, realmente, enfrentei dificuldades com distribuidores e livreiros. A gente tem de correr atrás de pagamentos, um horror! Nunca pagam no dia, quando pagam... e sempre muito gentis! Por isso, desisti de ter distribuidores...

3) Como tem sido a receptividade do público leitor?

Tivemos uma receptividade muito grande desde a fundação, por parte da mídia e por parte dos/das leitores/as. Com muito incentivo: muitas cartas, e-mails saudando a criação de uma editora dedicada às mulheres. Mas às vezes, há problemas na compreensão de nossos objetivos. Por exemplo, recebemos muitos originais para publicar, poesia e também muitos ensaios acadêmicos, em geral dissertações ou teses. Analisamos com atenção as propostas e, às vezes, publicamos, caso o assunto seja do interesse de nosso projeto mas como não somos uma editora propriamente comercial, que recebe trabalhos e publica-os mediante pagamento, publicamos sempre somente aquilo que nos interessa. E dependemos muito de nossas possibilidades financeiras que são pequenas.

4) Fale um pouco das escritoras (e de sua obras) dos séculos XVII, XVIII e XIX que a Editora Mulheres procura resgatar? Que resistência elas encontraram em suas épocas?

Apesar de desnecessário, é sempre bom lembrar que, no Brasil, a literatura feminina somente começa a ser visível no primeiro quartel do século XX. Ainda que bastante produtivas, as escritoras do século XIX

foram sistematicamente excluídas do cânone literário, que, é claro, era forjado unicamente pela crítica e pela historiografia masculinas. Embora à margem, a literatura feminina foi presença constante, principalmente nos periódicos do século XIX, tanto nos dirigidos por homens quanto nos inúmeros criados e mantidos por elas próprias. Algumas dessas escritoras foram bem acolhidas por seus contemporâneos, como a baiana Adélia Fonseca, que, em 1866, mereceu crítica elogiosa de Machado de Assis ou a gaúcha Rita Barém de Melo, nascida em 1840 que teve uma crítica muito elogiosa de Caldre e Fião, em 1875, e de outros. Temos de reconhecer uma característica da literatura feminina: ficou muito tempo temerosa da opinião dos cavalheiros. E, assim sendo, comportou-se bem, merecendo, em sua época, todos os rapapés devidos às senhoras burguesas, sempre permeados pelo “olhar condescendente”, tão bem estudado pela pesquisadora Sylvia Paixão. A produção de livros de mulheres, ainda que hoje desaparecidos, não foi nada desprezível. Estranhamente, tudo isso foi sendo paulatinamente esquecido a partir do século XX — melhor dizer do Modernismo —, e, somente com algumas pioneiras como Josefina Álvares de Azevedo, Carmem Dolores e, principalmente, já no século XX, com a precursora obra de Gilka Machado, ou a de feministas como Maria Lacerda de Moura, é que a mulher vai conseguindo ser respeitada como escritora. Dessas, já publicamos um belo romance de Carmen Dolores, a poesia de Rita Barém e temos a intenção de publicar Adélia Fonseca e Maria Lacerda de Moura.

5) O que melhorou, estagnou e piorou no encontro da mulher brasileira com a literatura? O regionalismo influencia esse encontro?

Acho que só houve melhorias. A escritora hoje, muito mais liberta, não se submete aos preconceitos, tem uma linguagem mais livre e sem medos. A mulher brasileira, como o homem, apresenta boa e má literatura. Mas há também aquelas que estagnaram no tempo e que ainda escrevem como nossas avós. Aí, não é o regionalismo mas a falta de informação, de leituras... Mas creio que ficar preso ao regionalismo pode cecear a expressão de um escritor/a. É limitante fechar fronteiras e só ver o que acontece dentro dos muros da cité. Mas isso é também relativo...

6) Como você vê o sexismo na literatura brasileira de hoje?

Esta resposta, não sei responder. Veja você que há um número muito grande de excelentes escritoras e respeitadíssimas tais como Hilda Hilst,

Márcia Denser, Lya Luft, para citar somente algumas. Mas examinando uma série de coisas como listas de livros aconselhados para vestibulares, comissões de concurso, coisas assim, encontra-se um número ínfimo de mulheres, de livros de mulheres, às vezes nenhum... Então, me parece que há ainda muito de sexismo que, se não aparente, sub-reptício e que passa despercebido porque adoçado sempre pelo cavalheirismo! E na representação isso pode ser estudado muito bem. Qual a imagem da mulher que é passada ao leitor?

Fonte: MUZART, Zahidé Lupinacci. Entrevista concedida ao Usufruto.

Disponível em: <<http://www.editoramulheres.com.br/>>. Acesso em: 7 dez. 2010.

Em artigo publicado na *Revista Estudos Feministas*, em 2003, Zahidé Muzart busca recuperar a memória das mulheres da imprensa do século XIX através da análise de periódicos dirigidos por elas. E questiona se o primeiro jornal feminino foi mesmo o *Jornal das Senhoras*, de Juana Paula Manso, já que apresenta o de Maria Josefa Pereira Pinto, o *Belona Irada contra os Sectários de Momo*, conhecido como *Belona*, fundado 19 anos antes. Conclui que esses periódicos foram avançados porque defenderam os escravos, o direito ao voto, a igualdade, o direito às profissões liberais, o pacifismo.

UMA ESPIADA NA IMPRENSA DAS MULHERES NO SÉCULO XIX

Zahidé Lupinacci Muzart
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: No presente artigo, tento recuperar a memória literária das mulheres brasileiras no século XIX, examinando alguns periódicos fundadores por elas dirigidos. Detenho-me, especialmente, em Juana Paula Manso, fundadora do Jornal das Senhoras, considerado o primeiro periódico feminino no Brasil, e discuto tal atribuição, trazendo à luz o periódico de Maria Josefa Pereira Pinto, bem anterior ao de Juana Paula Manso. Não obstante o esquecimento político que os cercou, assinalo sua importância no sentido de despertar a consciência das mulheres para a necessidade de conquistarem direitos fundamentais ligados à educação, à profissionalização e, posteriormente, ao voto. Palavras-chave: periódicos femininos, século XIX.

A glance at women and the press in the nineteenth century
Abstract: In the present article, I try to recover the literary memory of the Brazilian women of the nineteenth century by reviewing some periodicals driven by them. I do focus specially in Juana Paula Manso, founder of the Ladies' Journal, considered as to be the first feminine periodical in Brazil. I bring it up to discussion by introducing Maria Josefa Pereira Pinto's periodical issued prior to Juana Paula Manso's one. Although the political disappearance that surrounded them, I reinforce their importance with the intention to arouse the women consciousness to the need to conquer their fundamental rights. Mainly, those related to Education, profession and voting.

Fui convidada para falar nesta mesa-redonda¹ sobre o projeto da

Editora Mulheres, coisa que posso fazer rapidamente e – quase uma armadilha –, algo muito mais difícil, recuperar a memória literária das mulheres no século XIX em *livros, jornais e revistas*.

E quando parei para pensar no pedido de recuperação da memória literária das mulheres do século XIX em *20 minutos...* me dei conta do quanto ainda elas foram e são ignoradas e subestimadas, pois o número de mulheres no século XIX que escreveram, tanto em periódicos como em livros, é enorme e seu campo de atuação, também muito amplo: habitaram diversas regiões no Brasil, pertenceram a mais de uma classe social, da mais alta à bem pobre, foram brancas arianas ou negras africanas... de modo que, para falar dessa recuperação da memória das mulheres na imprensa do século XIX, seria obrigada a fazer um grande recorte e a me restringir a uma região ou a uma cidade, ou a um periódico e mais ainda a um tempo determinado. Mas decidi fazer então um breve passeio por esses periódicos fundadores e, sobretudo, por suas fundadoras e sua relação com os mesmos. Aproveitarei também para retificar uma idéia corrente sobre o primeiro periódico fundado por mulher no Brasil.

No Brasil, a literatura feminina somente começa a ser visível, ou um pouco respeitada, no primeiro quartel do século XX. Ainda que produtivas, nossas escritoras ficaram excluídas da historiografia literária, mas, curiosamente, embora à margem, a literatura feminina foi presença constante nos periódicos do século XIX, tanto nos dirigidos por homens quanto nos inúmeros criados e mantidos por elas próprias. Aliás, é quase impossível estudar a literatura feita por mulheres no século XIX sem nos debruçarmos no estudo e levantamento do que foi publicado nos periódicos dessa época. Além da produção em jornais, elas publicaram muitos livros, uma produção, ainda que desaparecida, nada desprezível. Estranhamente, tudo isso foi sendo colocado de escanteio a partir do século XX, e somente com algumas pioneiras – como Josefina Álvares de Azevedo, Corina Coaracy, Carmem Dolores e, principalmente, já no século XX, com a precursora obra de Gilka Machado, ou a de feministas como Maria Lacerda de Moura – é que a mulher foi conseguindo firmar pé na literatura e na cultura brasileiras.

Na pesquisa sobre as escritoras brasileiras do século XIX, deparei-me com vários textos nitidamente feministas de feministas ativas como as periodistas, as fundadoras de jornais e periódicos. Essas tiveram uma quota considerável de responsabilidade no despertar da consciência das mulheres brasileiras, um papel fundamental. Entre elas, salienta-se Josefina Álvares de Azevedo (Recife, 1851), jornalista e dramaturga, cuja luta em prol do sufrágio foi marcante.²

Uma das razões para a criação dos periódicos de mulheres no século XIX partiu da necessidade de conquistarem direitos. Em primeiro lugar, o direito à educação; em segundo, o direito à profissão e, bem mais tarde, o direito ao voto. Quando falamos dos periódicos do século XIX, há que se destacar, pois, essas grandes linhas de luta. O direito à educação era, primordialmente, para o casamento, para melhor educar os filhos, mas deveria incluir também o direito de freqüentar escolas, daí decorrendo o direito à profissão. E mais para o final do século, inicia-se a luta pelo voto. O sufrágismo foi o mote de luta do feminismo, como todos sabem, e foi também a primeira estratégia formal e ampla para a política das mulheres. Sobre tal assunto, há um número muito grande de textos, de manifestos no mundo ocidental em geral, e no Brasil não foi tão diferente, embora de modo menos acentuado. A escritora Josefina Álvares de Azevedo, com seu periódico *A Família* e com a peça que escreveu, *O voto feminino*, muito lutou pela causa no final do século. *A Família*, fundado em São Paulo, em 1888, foi mais tarde transferido para o Rio, onde contou com a colaboração de muitas feministas, tendo circulado quase por dez anos, de 1888 a 1897. No jornal, Josefina publicou uma série de artigos sobre a questão principal que a movia, o sufrágismo, reivindicando a igualdade prometida pela República, recém-implantada. E na peça *O voto feminino* lutou pela mesma causa mas empregando as armas do humor.

Resumindo, em praticamente todos os escritos das mulheres da metade do século ao seu final, encontra-se a luta pelo direito à educação e à profissão. Algumas, poucas, escritoras lutaram igualmente pelo direito ao divórcio (ver as gaúchas Andradina de Oliveira e seu livro *Divórcio* e Délia, pseudônimo de Maria Benedita Bormann, que desenvolve o tema em seus romances).

Vou falar um pouco do início do periodismo feminino no Brasil. Registra-se em todo dicionário que o primeiro jornal fundado por uma mulher em nosso país foi o *Jornal das Senhoras*, de Juana Paula Manso de Noronha. Tinha conhecimento de Juana Paula Manso³ desde muito tempo como uma das primeiras jornalistas 'brasileiras' e seu *Jornal das Senhoras* como o primeiro dirigido por uma mulher em nosso país. Mas não tinha idéia da real dimensão de Dona Juana, de tudo o que havia realizado, fora do Brasil. A partir de convite para escrever sobre a escritora, comecei a procurar ler sobre ela, sobre a Argentina do século XIX, sobre a ditadura Rosas, tema central de sua obra e de sua luta, e sobre outras escritoras. No meio dessas leituras, avulta a figura de uma mulher de caráter, inteligente, capaz e muitíssimo atuante. Mas ficou esquecida. E, estranhamente, esquecida até no Brasil, país em que

morou, exilada, com a família, casou-se com o músico português Noronha e foi abandonada por ele. Mas, principalmente, pela grande contribuição dada para a integração das mulheres na educação e na cultura, é estranho que tenha ficado tão ignorada.

Mas gostaria de destacar hoje uma observação que me veio com a leitura de Dona Juana, também chamada em sua pátria de "la Loca". Observa-se que aquelas que compactuaram com o *status quo*, que compactuaram com ditaduras e opressões, ou simplesmente foram senhoras burguesas bem comportadas, essas foram muito louvadas. Na verdade, o esquecimento de escritoras do século XIX é um esquecimento político. Pois não só porque mulheres escritoras são esquecidas; são esquecidas sobretudo as mais atuantes, as feministas, em uma palavra. Posso adiantar, das brasileiras, Josefina Álvares de Azevedo, Ana Aurora do Amaral Lisboa, Ildefonsa Laura César e Maria Firmina dos Reis foram bastante atuantes. Das que foram louvadas em sua época há um exemplo marcante: Júlia Lopes de Almeida, a Dona Júlia. Mulher de vida impecável, para quem a literatura ficava em segundo plano depois do atendimento ao marido e aos filhos, a casa, o jardim, foi muitíssimo respeitada e louvada em sua época. Todos a elogiavam como modelo de mãe, em primeiro lugar. Não foi uma feminista militante, embora em sua obra, nas entrelinhas, haja muita idéia 'forte' escondida. Mas concluindo essa digressão: as senhoras foram louvadas, tiveram grande apoio da crítica masculina em sua época. Outras, como Délia (Maria Benedita Bormann), de idéias muito mais livres, sobretudo em relação ao sexo como o apoio ao divórcio, foram totalmente apagadas. Porém, no cômputo geral, todas ficaram esquecidas, militantes ou colaboracionistas, senhoras ou cortesãs!

Juana Paula Manso, mesmo sem se dar esse título, foi uma feminista contumaz. Filia-se ainda à ideologia das Luzes na crença no progresso, no desafio à tradição e na busca da liberdade. A educação foi-lhe uma meta, uma religião. Além da educação, procurou Juana um meio de transmitir suas idéias e chegou ao periodismo.

No editorial do primeiro número do *Jornal das Senhoras*, em 1º de janeiro de 1852, ela afirmava, entre outras coisas, que o que a motivava era a vontade e o desejo de propagar a ilustração, e cooperar com todas as suas forças para o melhoramento social e para a emancipação moral da mulher.

Redigir um jornal é para muitos literatos o apogeu da suprema felicidade, já sou Redator, esta frasezinha dita com seus botões faz crescer dois

palmas a qualquer indivíduo.

No círculo ilustrado o Redator é sempre recebido com certo prestígio do homem que em letra de imprensa pode dizer muita coisa, propícia ou fatal a alguém.

Ora pois, uma Senhora à testa da redação de um jornal! que bicho de sete cabeças será?

Contudo em França, em Inglaterra, na Itália, na Espanha, nos Estados Unidos, em Portugal mesmo, os exemplos abundam de Senhoras dedicadas à literatura colaborando [em] diferentes jornais.

Porventura a América do Sul, ela só, ficará estacionária nas suas idéias, quando o mundo inteiro marcha ao progresso e tende ao aperfeiçoamento moral e material da Sociedade?

"Ora, pois, uma Senhora à testa da redação de um jornal! que bicho de sete cabeças será?": essa é a frase-chave do editorial de Juana Paula Manso. O periódico abordava temas como moda, literatura, belas-artes, teatro e crítica. Mas era o primeiro redigido inteiramente por mulheres e o bicho-de-sete-cabeças era a mulher-chefe de um jornal... Essa atitude vem romper com a imprensa tradicional, que dedicava ao público feminino tão-somente temas como bordados, cosméticos e modas, e criar um canal para as reivindicações das mulheres e, sobretudo, um motor impulsionador de instrução, de educação, de mudança de atitudes, de idéias. A imprensa feminista teria nascido, pois, no Brasil, com a argentina Juana Paula Manso, cujas idéias foram logo encampadas por outras mulheres que também se tornaram jornalistas, e isso foi uma verdadeira bola de neve, pois os periódicos pipocaram por todo o país. No Nordeste, fértil celeiro, foram inúmeros e traduziam não somente as inquietações das mulheres sobre a condição feminina mas também o momento político nacional. As nordestinas escreveram muitos artigos, poemas, contos sobre a questão da abolição da escravatura, visando sempre a uma maior participação nas áreas da educação, da profissionalização e da política.

Os títulos sucediam-se. Entre a moda e a literatura, a imprensa feminina brasileira caminhava. Com nomes de flores, pedras preciosas, animais graciosos, todos metáforas da figura feminina, foram editados *A Camélia*, *A Violeta*, *O Lírio*, *A Crisálida*, *A Borboleta*, *O Beija-Flor*, *A Esmeralda*, *A Grinalda*, *O Leque*, *O Espelho*, *Primavera*, *Jornal das Moças*, *Eco das Damas* e assim por diante. Segundo Dulcília Schroeder

Buitoni,⁴ uma das primeiras, ou a primeira, a estudar a imprensa feminina no Brasil, era "um canal de expressão para as sufocadas vocações literárias das mulheres, principalmente no caso das produções menores".

Mesmo que a fundação de um jornal de mulheres tenha acontecido, no Brasil, somente em 1852, pode-se afirmar que antes da segunda metade do século XIX já se observa a participação de mulheres em alguns jornais. É o caso dos primeiros escritos de Nísia Floresta no jornal *Espelho das Brasileiras*, periódico que, apesar de dedicado às senhoras pernambucanas, era dirigido por homens. Estreando, em 1831, nas letras, Nísia participou com artigos nos 30 números publicados. Houve vários jornais dedicados às mulheres durante a primeira metade do século XIX (*O Espelho Diamantino*, Rio de Janeiro, 1827; *O Espelho das Brasileiras*, Recife, 1831; *A Fluminense Exaltada*, Rio de Janeiro, 1832, e outros), mas todos eles 'fundados e dirigidos por homens'.

Na Argentina, houve jornais dirigidos por mulheres desde 1830, com a fundação, por Dona Petrona Rosende de Sierra, do periódico *La Aljaba*. Também circularam *La Argentina*, em 1831, e *La Camelia*, a partir de 1852.⁵ Mas devo assinalar que desde 1801 já há no país vizinho participação feminina em jornais dirigidos por homens. Mas no Brasil, devido às leis que proibiam a existência de gráficas, o desenvolvimento da imprensa foi tardio.⁶ Somente em 1808 D. João VI revogou os decretos que proibiam a instalação de gráfica na colônia, criando então a Imprensa Régia. O fim da proibição da existência de gráficas possibilitou o surgimento de jornais e revistas, assim como uma relativa circulação de notícias e idéias.⁷

Escritora e jornalista, porém essencialmente educadora, Juana estava empenhada no 'combater a ignorância' e defendia com veemência os direitos da mulher. Duas frases célebres criadas por ela dão uma idéia de sua maneira de ser: "La ignorancia me rechaza" e "Cada uno es lo que es y no lo que debiera ser". Foi partidária militante da liberdade de imprensa: "La más bella de las conquistas civiles". Também sustentou que "La verdadera prosperidad de un pueblo, como la verdadera nobleza de los individuos, está basada en la educación".

Entre as mulheres que ousaram escrever, no Brasil, no século XIX, destacam-se muitas brasileiras. No entanto, creio poder afirmar que houve uma ação civilizadora de Juana Paula Manso aqui, pois seu periódico trazia não somente moda e receitas de cozinha, mas também idéias e sugestões, pensamentos e críticas. E a partir de sua fundação já incluiu brasileiras em seu projeto, tendo deixado em seu lugar a baiana Violante de Bivar. Efêmero, embora, o periódico marcou época e

influenciou seguramente a algumas escritoras.

Vou falar agora de outra jornalista e de uma idéia que me ocorreu ao fazer este trabalho. Ao escrever sobre várias escritoras do século XIX, estudei uma surpreendente mulher, raramente mencionada pelos estudiosos: Maria Josefa Barreto Pereira Pinto, que literariamente usava o nome de Maria Josefa Barreto,⁸ nascida em Viamão, Rio Grande do Sul, em 1775. Foi poetisa, escritora, professora e jornalista. Filha ilegítima, foi exposta em casa de um cidadão que, não tendo filhos, a adotou, deixando-lhe toda a herança. Casou-se em Rio Pardo, em 1800, com Manuel Inácio Pereira Pinto,⁹ primeiro carcereiro da cadeia de Porto Alegre. Em seu trabalho, o marido deixou escapar um preso e respondeu a processo sobre o caso. Depois de condenado, desapareceu para sempre, deixando esposa e um casal de filhos.

Depois disso, como meio de subsistência, Maria Josefa fundou em Porto Alegre, inovadoramente, uma escola primária mista que ficava em sua própria casa. Esse seria o primeiro curso misto no país, o que já mostra o quanto era avançada.¹⁰

Encontrei alguns textos de um ex-aluno de Maria Josefa, o Coruja, que mais tarde se tornou professor e jornalista. Em *Antigualhas*, ele nota: "Abaixo da venda do Chico Cambuta na esquina da rua da Ponte seguia-se a meia-água em que a poetisa D. Maria Josefa tinha a sua escola de crianças de ambos os sexos, de que eu também fazia parte."¹¹ Nesse livro, o professor Coruja faz algumas pequenas referências a Maria Josefa, nunca se esquecendo de mencionar *a poetisa*. Já por esse tipo de menção pode-se concluir que era muito conhecida na pequena cidade e que teve suas poesias declamadas. Uma outra referência interessante de Coruja é a comparação que faz entre os honorários de um professor, o Amansa (professor Antônio d'Ávila, vulgo Amansa-burros), e os de Maria Josefa: "Esqueci-me de dizer no lugar competente, que o Amansa [...] recebia como honorário duas patacas por mês, ao passo que a poetisa D. Maria Josefa se contentava com uma pataca só!" Embora o escritor não analisasse as razões de tal fato, fica claro que, desde as origens, aqui no Brasil, as professoras – mulheres – sempre receberam menos por idêntico trabalho de seus colegas!¹²

Maria Josefa foi poetisa e feminista, tendo fundado um jornal, com o estranho título de *Belona Irada contra os Sectários de Momo*,¹³ mais conhecido como *Belona*.

Esse teria sido o primeiro jornal fundado por mulher no Brasil, 19 anos antes daquele de Juana Paula Manso, que é considerado por todos como o fundador do periodismo feminino. O jornal, como o nome o

indica, polêmico, era um jornal político, muito diferente dos objetivos do *Jornal das Senhoras*. O *Belona* não fez escola, e o que se tornou modelo inicial para os periódicos feministas do século XIX foi o *Jornal das Senhoras*. Maria Josefa não era *lady*, era uma trabalhadora e uma mulher 'de faca na bota'... Segundo Guilhermino César, "política e literatura, exasperação romântica e ideologia – eis a dieta dessa mulher que foi também adversária dos Farrapos e contra eles manejou a pena".¹⁴ Mais tarde fundou outro, junto com Manuel dos Passos Figueiroa, de nome *Idade d'Ouro*, "um dos jornais mais característicos de nossa imprensa", no dizer do mesmo Guilhermino César.

Idade d'Ouro se definia como "jornal político, agrícola e miscelâneo". Apareceu em 1833 e foi partidário, tal como *Belona*, dos Caramurus. Esse jornal foi publicado pelo menos até o número 32, segundo Abeillard Barreto,¹⁵ e dele não existe senão o número 31, pertencente ao Museu da Biblioteca Pública de Pelotas, onde conseguimos uma cópia, graças à boa vontade da colega Susana Funck.¹⁶

O artigo da primeira página, que seria o editorial do jornal, embora sem assinatura, dá acesso às idéias dos dois editores, que muito provavelmente seriam os únicos trabalhadores do periódico! À página 122, há menção ao outro jornal de Maria Josefa, o *Belona Irada contra os Sectários de Momo*. O artigo é resposta a ataques da imprensa e, pela linguagem de tom virulento, poderia ter sido escrito pela própria Maria Josefa:

Ora eis aqui os nossos fazedores de Repúblicas! E que tal! Sem saberem os primeiros elementos, querem dar-nos regras, e obrigar-nos a seguir suas doutrinas! Não há maior desaforo! Além de perversos, ignorantes, a ponto de não entenderem o que com a maior clareza está escrito! Quanto é desgraçado o Brasil, a quem esta corja de pedantes afeta querer endireitar!! Ora bravos os Solons, e os Licurgos que nos querem dar a Lei! Malvados aproveitai-vos da época; e temei Pan! Pan! Que já vos prognosticou a invicta BELONA. Brasileiros, o vosso Governo é traído, e vós o sois com ele igualmente: no centro da vossa Província se há suscitado uma facção, que tem por fim somente dominar-vos, espezinhando o Pacto Social, postergando as Leis, e não atendendo mais que a seus caprichos: não vos aconselhamos a que

violentemente recobreis vossos direitos, nada há mais perigoso, que um semelhante modo de proceder: desenganai-vos, porém, e lançai mão dos recursos legais que vos assistem; ainda é tempo de dardes remédio ao mal, reagindo com a mesma arma, que contra vós empregarão.

Pode me ser argumentado que o jornal de Maria Josefa não fez escola, não teve a repercussão do de Juana Paula Manso. Isso é verdade. Mas temos de pensar que era um periódico fundado na província, com objetivos essencialmente políticos e que, nessa época, o que se passava nesse fim de mundo da Província de São Pedro realmente ali ficava confinado. À diferença do que era realizado na Corte! Creio que Maria Josefa pode ser considerada, pioneira que foi, como feminista e fundadora do primeiro jornal dirigido por uma mulher. E um jornal que provavelmente não trazia nem bordados nem culinária, nem boas maneiras. Por isso, estava muito à frente de seu tempo!

Depois desse breve passeio pelos periódicos e suas fundadoras, não poderia deixar de falar dos periódicos de mulheres em terras *catarinas*. Na criação de periódicos femininos ou feministas, Santa Catarina esteve bem atrás de outros estados como Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro.

Não se conhecem exatamente as razões, mas talvez o fato de poderem publicar nos jornais locais tenha sido a razão principal.

O jornal *Crepúsculo*, por exemplo, dirigido por Sabbas Costa, não sendo um jornal feminista na acepção atual do termo, era um jornal pró-mulher escritora. As mulheres tinham uma acolhida muito grande em suas páginas, suas colaborações eram recebidas com destaque e louvor e seus nomes apareciam no frontispício do jornal como colaboradoras. Lêem-se, ali, os nomes de Revocata de Mello, Rosa Valente, Cândida Fortes, Delminda Silveira, Ibrantina de Oliveira, Alice de Alencar, Ubaldina A. de Oliveira, entre outras. Os primeiros artigos de uma colaboradora são sempre precedidos de nota de apresentação elogiosa. Por exemplo, antes do primeiro artigo de Rosa Valente, lemos o seguinte: "Mais uma moça vem de nascer na arena luminosa da literatura pátria! Essa moça, que começa humildemente mas que será uma das glórias do Brasil, chama-se Rosa Valente. Um bravo a todas as moças que seguem neste rutilante caminho de vitórias!"

Sabbas Costa terá sido um escritor com uma visão mais aberta sobre o papel da mulher nas letras nacionais? Pelo que pudemos ler no jornal *Crepúsculo*, certamente o foi. Seu jornal mostra uma filosofia

editorial que preconizava uma mulher mais consciente e mais participante. Segundo o colaborador Francisco Cardona, "a mulher educada é a fase boa da sociedade; a fase ruim é o homem sem educação" (1888).

Em uma série de artigos intitulada "Princípios Literários", em 1889, encontra-se o seguinte:

O século é de luz, por isso que a mulher hoje aspira galgar à epopéia da glória literária como fizeram a universal George Sand e a laureada Maria Amália Vaz de Carvalho. Não há de se ser breve e facilmente que hão de aparecer escritoras; porque ainda o sexo feminino não tem em sua totalidade energia própria para apresentar-se na arena de luz, especializando algumas notáveis brasileiras que são o verdadeiro espelho. Imitem-nas; sem o que sereis sempre o que tendes sido, nunca alcançareis os louros verdejantes e frescos dos vastos conhecimentos modernos, nunca ocupareis sincera posição perante o caminho da intelectualidade. Todas vós precisais ler, ler muito, compreender bastante, estudar sempre...

E por aí vai o discurso de incentivo às jovens desterreenses do final do século passado. Incentivo esse que pode parecer bem fraco nos nossos dias, mas, no contexto do século XIX e, sobretudo, da cidadezinha de Florianópolis, confrontados com outros periódicos e outros dizeres, parecem-nos avançados.

É importante notar, então, essa atividade relevante da mulher desterreense. Cronistas e poetas como Ibrantina de Oliveira, Júlia da Costa, Rosa Valente, Delminda Silveira e Ubaldina de Oliveira foram colaboradoras de vários jornais onde deixaram muita coisa dispersa. Talvez por essas razões já tenhamos em 1859 publicado um romance de uma mulher catarinense, Ana Luísa de Azevedo Castro, e livros de poemas de Júlia da Costa, em 1867.

Apesar de a mulher desterreense no século XIX ter tido acesso aos jornais (onde publicava suas composições), é só no século XX que vamos encontrar o primeiro suplemento dirigido por uma mulher e com publicações de mulheres somente.

Em 1918, aparece *Penna, Agulha e Colher*, subtítulo "Jornal de donas e donzelas", dirigido por Zenir Alcáa, provavelmente pseudônimo. Era um semanário do jornal *Época*, de orientação católica.

Trazia receitas de cozinha, cartas das leitoras, poemas, charadas, peças de teatro e crônicas. Em geral, as mulheres só assinavam com o primeiro nome, sem o sobrenome ou com pseudônimo.

A importância desse pequeno jornal não está realmente no valor literário dos textos que publica, mas no fato de ser dirigido por mulheres e escrito por mulheres para mulheres. Longe está de ser feminista, mas oferece à mulher um lugar seu para publicação e uma seção importante, as "Cartas do leitor", onde, anonimamente, a mulher teve ocasião de escrever e discutir suas idéias.

Nas peças da dramaturga catarinense Edésia Aducci, as personagens mulheres dominam e as mais importantes exercem uma profissão: são professoras, médicas, escritoras, donas de hospedaria...

Sob o pseudônimo de Heloísa, temos alguns textos curiosos. Colaboradora do jornal, ela estabelece uma condição para continuar a fazê-lo, a de que o jornal não publique textos escritos por homens: "Não que o talento masculino deixe de ser, por vezes, admirável e digno de nossos aplausos e louvores, porém temos tantas e tão belas produções de distintas patricias que muito melhor ficariam em nossa seção exclusivamente feminina".

Em 1918, Heloísa apela para as mulheres catarinenses para que escrevam: "Vinde, pois, donas e donzelas, não fiquéis inativas, como donas inválidas a espreitar de vez em quando pelas sotéias se cavaleiros mouros vêm a correr até a barbacã..."

Qual o interesse, pois, hoje, de lembrarmos dessa publicação?

Para um estudo da história dos periódicos femininos, pode-se estudar mesmo um semanário sem muita pretensão que foi um instrumento de luta embora não específica e declaradamente feminista. Enfatizando a educação como essencial para o preparo da mulher para a vida na sociedade, esse jornal teve a sua função e foi um degrau na conscientização da mulher catarinense.

O que é muito notável quando se examinam os periódicos femininos do século XIX até meados do XX é a criação de uma verdadeira rede de *sororidade* que congregava mulheres do Norte ao Sul. Delminda Silveira, por exemplo, poetisa de Florianópolis, publicou no Ceará, em Pelotas, em São Paulo e outros lugares. Ibrantina Cardona, que viveu alguns anos em Desterro, publicou em Florianópolis, no Rio, em São Paulo, no Mato Grosso. Assim também Júlia Lopes de Almeida, que publicou no Brasil todo, e muitíssimas outras. Além de poemas, contos e crônicas, é na seção de cartas que se encontra esse diálogo entre elas. Embora segregadas da vida literária, da vida produtiva, refugiaram-se nessas atividades não respeitadas e encaradas com olhares

condescendentes, tais como brinquedos de crianças com quem elas seriam sempre identificadas.

Para a avaliação desses periódicos, há que bem situá-los nesse tempo de um feminismo nascente, com outras condições políticas, econômicas e sociais. Somente assim poderemos avaliá-los corretamente. Esses periódicos foram avançados: defenderam os escravos, pregaram o direito ao voto, a igualdade diante da lei, o direito às profissões liberais, o pacifismo... E teceram uma imensa rede de mulheres brasileiras, e algumas portuguesas ou latino-americanas, cuja troca de idéias e de informações foi fundamental para que hoje estivéssemos aqui discutindo periódicos feministas no Brasil.

Notas

¹ Trabalho apresentado na mesa-redonda de abertura do I Encontro Brasileiro de Publicações Feministas, intitulada "Panorama das publicações feministas no Brasil: do século XIX ao século XXI". O Encontro, promovido pela *Revista Estudos Feministas*, realizou-se em Florianópolis, entre 7 e 9 de agosto de 2002.

² Essa escritora foi resgatada e estudada por Valéria Andrade SOUTO-MAIOR, 2001.

³ Juana Paula Manso de Noronha (1819-1875) nasceu em Buenos Aires, Argentina. Professora, jornalista, dramaturga, romancista. Mudou-se com sua família para o Brasil, destacando-se como jornalista, inicialmente em Pelotas, onde foi redatora do jornal *A Imprensa*, em 1851. Fixou residência no Rio de Janeiro, onde colaborou em vários periódicos e, em 1852, fundou *O Jornal das Senhoras*. Durante algum tempo, exerceu também o magistério. Separou-se do marido, o compositor português Francisco de Sá Noronha, com quem teve duas filhas. Com elas regressou à Argentina em 1853, onde desenvolveu uma carreira brilhante como educadora. Várias das peças de teatro que escreveu foram representadas no Rio de Janeiro, e uma delas foi publicada em Buenos Aires. Durante o governo de Juan Manuel de Rosas emigrou para Montevidéu com seus familiares e viajou posteriormente por Cuba, Brasil e Estados Unidos. De regresso a sua pátria, em 1854, propiciou a criação de escolas e bibliotecas públicas e defendeu a emancipação da mulher. Obras: *La familia del comendador*; *Los misterios del Plata*, novelas; *Compendio de historia de las Provincias Unidas del Río de la Plata*; *Esmeralda*, drama em cinco atos e seis quadros; *O Ditador Rosas e a Mashorca*, drama; *As manias do século*, comédia-vaudeville; *Família Morel*, drama; *Saloia*, drama; *La revolución de Mayo*, 1864. Ver: Valéria Andrade SOUTO-MAIOR,

1996.

⁴ BUITONI, 1986, p. 40.

⁵ Lidia F. LEWKOWICZ, 2000, p. 37-41.

⁶ Hipólito José da Costa lançou o *Correio Brasiliense* em Londres (1808-1822); Gonçalves de Magalhães, ao imitar o gesto, a *Niterói – Revista Brasiliense* (1836).

⁷ Entretanto, essa liberalização não significava liberdade de imprensa. Por decisão do governo, a administração da Imprensa Régia caberia a uma junta composta por três autoridades encarregadas de "examinar os papéis e livros que se mandasse publicar e fiscalizar que nada se imprimissem contra a religião, o governo e os bons costumes". Assim, o ato que criava a imprensa na Colônia criava, também, a censura. A aplicação da censura aos livros fez com que houvesse, nessa época, um intenso contrabando de publicações para abastecer a elite letrada da Corte.

O primeiro jornal publicado, de caráter quase oficial, foi a *Gazeta do Rio de Janeiro*. O primeiro número saiu no dia 10 de setembro de 1808, em papel de baixa qualidade, com quatro páginas, com distribuição no início semanal e depois três vezes por semana. Não publicava notícia que interessasse ao público em geral, tratando somente das relacionadas ao estado de saúde dos príncipes europeus; aos aniversários dos membros da família real, entoando-lhes louvores. Para o inglês Armitage, "a julgar-se do Brasil pelo seu único periódico, deveria ser considerado um paraíso terrestre, onde nunca se tinha expressado queixume".

⁸ Sobre esta escritora, ver Hilda Agnes Hübner FLORES, 1989, p. 73-78.

⁹ Nascido em Porto Alegre em 1773 e falecido em 1830.

¹⁰ Outras mulheres também fundaram, ou tentaram fundar, escolas mistas. Uma delas foi Maria Firmina dos Reis, escritora maranhense. Em 1880, fundou uma escola gratuita para crianças de ambos os sexos. Segundo Raimundo de Meneses, essa aula mista "escandalizou os círculos locais, em Maçaricó [...] e por isso foi a professora obrigada a suspendê-la depois de dois anos e meio". Segundo Nascimento Morais Filho, a escola mista de Maria Firmina dos Reis era "uma revolução social pela educação e uma revolução educacional pelo ensino, o seu pioneirismo subversivo de 1880".

¹¹ *Antigualhas*, Reminiscências de Porto Alegre. Introdução e notas de Sérgio da Costa Franco. Porto Alegre: ERUS – Companhia União de Seguros Gerais, 1983, p. 127.

¹² Ver Antônio Alves CORUJA, 1983, p. 70.

¹³ Segundo Abeillard Barreto, pouco se sabe desse semanário crítico e literário redigido por Maria Josefa Barreto. O primeiro número apareceu em novembro de 1833. A publicação foi, segundo Lourival Viana, pelo menos até o número 10, de 21 janeiro de 1834. Ver VIANA, 1977, p. 45, citado por BARRETO, 1986, p. 52.

¹⁴ CÉSAR, 1973.

¹⁵ BARRETO, 1986, p. 49.

¹⁶ Agradeço à professora doutora Susana Bornéo Funck ter-me conseguido, com muito empenho, a cópia desse exemplar do jornal *Idade d'Ouro*.

Referências

BARRETO, Abeillard. *Primórdios da imprensa no Rio Grande do Sul (1827 a 1850)*. Porto Alegre: CORAG, 1986.

BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1986.

CÉSAR, Guilhermino. "Mulheres, o assunto". *Correio do Povo*, Porto Alegre, 24 mar. 1973. Caderno de Sábado.

CORUJA, Antônio Alves. *Antigualhas: reminiscências de Porto Alegre*. Introdução e notas de Sérgio da Costa Franco. Porto Alegre: ERUS – Companhia União de Seguros Gerais, 1983.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Sociedade: preconceitos e conquistas*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1989.

LEWKOWICZ, Lidia F. *Juana Paula Manso: uma mujer del siglo XXI*. Buenos Aires: Corregidor, 2000.

MUZART, Zahidé Lupinacci. "Mulheres de faca na bota: escritoras e política no século XIX". In: FLORES, Hilda Agnes Hübner (Org.). *RS: cultura, história e literatura*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1996.

SOARES, Pedro Maia. "Feminismo no Rio Grande do Sul: primeiros apontamentos (1835-1945)". In: BRUSCHINI, Cristina; ROSEMBERG, Fúlvia (Orgs.). *Vivência: história, sexualidade e imagens femininas*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Brasiliense, 1980.

SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade. *Índice de dramaturgas do século XIX*. Florianópolis: Mulheres, 1996.

_____. *O florete e a máscara: Josefina Álvares de Azevedo, dramaturga do século XIX*. Florianópolis: Mulheres, 2001.

VIANA, Lourival. *Imprensa gaúcha (1827-1852)*. Porto Alegre: DAC; SEC, 1977.

Copyright © 2003 by Revista Estudos Feministas

* Excepcionalmente neste artigo, as notas, em virtude de sua extensão, estão editadas ao final do texto.

Fonte: MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. *Revista Estudos Feministas*, v. 11, n. 1, jan./jun. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2003000100013&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 10 dez. 2010.

Em depoimento apresentado na mesa-redonda *Aventuras Editoriais II*, em 2003, Zahidé Muzart conta sobre a trajetória da Editora Mulheres e, principalmente, sobre o *Diário da Baronesa de Langsdorff*. E destaca o importante papel dos bibliófilos para a Editora: José Mindlin, Iaponan Soares, Erick Gemeinder e Júlio H. Petersen.

A EDITORA MULHERES

Depoimento apresentado na Mesa-Redonda **Aventuras Editoriais II**, com os editores Plínio Martins Filho (Edusp/Ateliê Editorial, SP), Cláudio Giordano (Editora Giordano/Oficina do Livro, SP), Cléber Teixeira (Editora Noa Noa, Florianópolis), Dorothee de Bruchard (**Escritório do Livro**, mediadora).
CCE – UFSC, Florianópolis, 30 de maio de 2003.

Não é muito fácil referir a história de algo que ainda se está fazendo. Acho que seria muito mais fácil se já estivesse morta e escrevesse... ao jeito de Brás Cubas! Esta é a segunda mesa-redonda para a qual me convidam no espaço de um ano, e, mais uma vez, me obrigam a mergulhar no passado... Mas, sorte minha!, concluí que, ao contrário do que pensava, não deixa de ser prazeroso fazer um balanço do que se realizou. Ainda que nisso haja alguma coisa de melancólico: porque também concluí que o que se deixou de fazer até agora creio que por certo não será feito. É que não há mais tempo. E que muitíssimo ficou por fazer!...

Quando me aposentei tinha oito orientandas de mestrado e um projeto de resgate de escritoras do século XIX, patrocinado pelo CNPq. Continuei, por isso, muito ligada à Pós-Graduação na UFSC. No início da pesquisa, era voz corrente de que aquelas mulheres nada tinham escrito, e, por conseguinte, menos ainda publicado enquanto viveram. Logo ficou claro, porém, que, na verdade, não só escreveram e publicaram uma grande quantidade de textos, mas, bem mais que isso, que esses textos constituíam um legado de boa qualidade literária e de valor histórico inquestionável. Tudo ficou ainda mais evidente, quando descobri que de nada adiantaria apenas revelar os nomes dessas escritoras, os pormenores de suas vidas, relacionar o que escreveram. Era fundamental republicá-las hoje. E, a partir dos primeiros resultados da linha de pesquisa e do projeto que, surgiu, de repente, a idéia de criar uma editora cuja finalidade seria realizar um projeto de resgate, isto é, reeditar os livros das escritoras do passado, fossem elas brasileiras ou não.

Foi, então, que duas outras professoras igualmente aposentadas da UFSC, Elvira Sponholz e Susana Funck, que partilhavam idênticos interesses de pesquisa e os mesmos interesses editoriais, se uniram a mim, com o propósito de fundar uma casa editora, a que chamaríamos Editora Mulheres. Desta forma, em 1995, ela nasceu, mas só começou a funcionar de verdade, quando foi preparado, editado e lançado o primeiro livro, o que ocorreu em outubro em 1996. Como puderam ver, tratava-se de um projeto muito bem definido e a editora já nascera diretamente vinculada a uma linha de investigação científica muito definida, Literatura e Mulher, decorrente de nossa afiliação a um grupo de pesquisa sobre as escritoras do passado, um assunto que coincidia plenamente com o nosso campo de interesse.

Acontece com qualquer um que ponha seu empenho na história literária das mulheres brasileiras no século XIX, começa por enfrentar problemas. O primeiro é a quase inexistência de reedições, sempre raras porque vendem muito pouco ou porque os textos de mulheres se perdem, desaparecem ao longo dos anos. Cabe à nossa editora, então, realizar a tarefa de recuperar essas obras dispersas, de ressuscitar tais "velharias"...

Cada livro é uma aventura. Os resultados muitas vezes não nos dão a alegria presumida, porque saíram aquém do sonhado. Lutamos sempre com as gráficas, as livrarias, com os distribuidores ladrões! Lutamos com a constante falta de dinheiro, porém muito mais com a permanente falta de respeito. Há sempre um sorriso condescendente para com uma microeditora que se chama Mulheres e ainda por cima dirigida por aposentadas, como tudo se resumisse em uma atividade terapêutica de terceira idade! Ora, pois...

Foi o *Mulheres illustres do Brasil*, uma obra que Inês Sabino escreveu e logrou editar em 1899, o primeiro livro da Editora Mulheres. Este livro já veio com um erro... Ainda que fosse uma edição fac-similar, como na verdade era, na hora de imprimir e montar, foi trocada a página de rosto pela falsa página de rosto... Quando o livro chegou, verificamos o engano, mas já era tarde. Outro problema, menos grave, foi o fato de trazer orelha duplicada. O livro tem uma sobrecaça, em cuja dobra foi impresso o texto das orelhas, só que a capa, por sua vez, repete tudo também, isto é, veio com dobra e nela se imprimiu igualmente o texto destinado às orelhas. Isso foi um erro da gráfica, mas achamos melhor deixar assim mesmo para não correremos o risco de ficar pior...

Nestes inícios, tudo na editora era muitíssimo artesanal – creio que ainda o é... Líamos o livro proposto, revisávamos a digitação,

realizávamos a editoração. Escrevíamos a orelha, escolhíamos a ilustração da capa. E tudo isto num ambiente de muita camaradagem.

O segundo livro foi a prova de fogo. Foi *A Silveirinha*, de Júlia Lopes de Almeida, editado em 1913, e, por isto, precisava ser atualizado. É comum pensar que atualização ortográfica é coisa fácil, muito óbvia e corriqueira. Pois não é... E, a duras penas, nós o descobrimos com este livro. Os problemas são variados, pois tudo depende da época e do autor. Afinal, deveríamos deixar letra minúscula depois de ponto de exclamação? E a pontuação da autora deveria ser preservada? Deve-se deixar o sujeito separado do verbo por pontuação em conformidade com um texto original? Deixaríamos assim? E as notas do preparador: deveriam ser incluídas? Não iriam chatear o leitor, afinal trata-se de um romance, uma obra para ser fruída... E as palavras e expressões em outro idioma, sobretudo o francês? Se um romance é de época, um romance da Belle-Époque, por exemplo, traz muitas palavras nessa língua. Aí começamos a procurar e a ler obras técnicas de vários autores, alguns também editores, como Antônio Houaiss, a consultar edições críticas como as da Comissão Machado de Assis, a de Cleonice Berardinelli e as da Coleção Archives. Em suma, todas essas dúvidas e soluções nos educaram um pouco para os livros subsequentes. Nada, porém, é definitivo: cada livro apresenta seus próprios problemas e nos obriga a novas pesquisas, a outras consultas, e muita leitura de obras especializadas e de referência diferentes das anteriores.

Descobrimos, ao longo desses anos, muitas coisas mas o que devo destacar foi descobrir a enorme importância de uma boa revisão, o valor da revisão, coisa que, mesmo tendo trabalhado muitos anos com a revista *Travessia* (UFSC), não havia realmente introjetado. Quem vê um bonito livro na livraria nem imagina por quantas leituras passou. É a leitura da descoberta e consequente escolha do livro a ser editado, é a leitura da digitação, a leitura da editoração, a leitura da cópia da gráfica. Tudo extremamente demorado, e, apesar disso, sempre haverá algo a fazer, porque uma revisão tem de passar por, no mínimo, três pessoas! E nem sempre podemos remunerar o trabalho desse pessoal todo. Assim, acabei descobrindo o valor da revisão. Acho, hoje em dia, que uma boa editora pode ser avaliada em muitos de seus aspectos, muitas particularidades, vários pormenores, mas esta questão não só se avulta, porém deve ser considerada primordial nessa avaliação. Ela chega a ser uma verdadeira tortura para o editor...

Cada livro da Editora Mulheres tem uma história de erros e acertos, de amizade e de companheirismo. Escolhi como exemplo sobre que falar aqui, apenas um, o *Diário de viagem* da baronesa de

Langsdorff. Quem primeiro analisou esta narrativa foi Miriam Moreira Leite, nos anos 80, num artigo em que comenta os livros de mulheres viajantes no século XIX. Desde então fiquei curiosa e estimulada para ler esses relatos de viagem. Por isso, escrevi há anos ao bibliófilo paulista José Mindlin mencionando o assunto e ele me fez a gentileza de enviar, em microfimes, alguns desses textos, entre os quais o da baronesa de Langsdorff. Lancei-me à aventura da edição e – surpresa! – faltava uma página do livro. Este fora editado, na França, por uma sociedade de Lobos do Mar (marinheiros) da qual não havia indicação de endereço ou telefone. Escrevi ao Dr. Mindlin e a resposta foi decepcionante. Estava assim no original. Fazer o quê? Uma lição se impõe: nunca desistir. Escrevi à cata de outro exemplar da obra para a Biblioteca Nacional. Não havia; para a Mário de Andrade, também não. Aí me ocorreu escrever à "metrópole", que tem tudo. Dito e feito, consegui em uma biblioteca de Illinois, por intermédio de professora brasilianista, finalmente, a página almejada! Depois disso, começaram as agruras das revisões. E foram várias leituras, vários confrontos... Como o livro foi editado na França em 1954 e tinha *copyright*, tive de procurar a Associação Les Amis des Musées de la Marine.

Segundo Miriam Moreira Leite na apresentação do livro,

Os exemplares do seu diário, tanto o da Biblioteca Rubens Borba de Moraes-José Mindlin, quanto o da Biblioteca do Itamarati, no Rio de Janeiro, são cópias de qualidade irregular, publicadas cento e onze anos após ter sido escrito, pelos Amigos dos Museus da Marinha, interessados pelas narrativas dos últimos tempos da navegação a vela.

Victorine Emilie, futura baronesa de Langsdorff, era uma das três filhas dos condes de Sainte Aulaire. Nasceu em 1812 e casou-se em 1834 com seu primo, Emile, barão de Langsdorff. O barão de Langsdorff (1804-1867) entrou em 1827 para o ministério francês dos Negócios Estrangeiros. Foi adido em várias legações e ministro plenipotenciário em Haia, em 1849. Antes de representar a França em outros países, foi-lhe confiada uma missão delicada. Em 27 de outubro de 1841, o Rei dos Franceses acreditou-o junto à corte imperial do Brasil. Ele ali deveria preparar o caminho para o casamento muito desejado pelas Tulherias, de François d'Orléans, príncipe de Joinville, com a princesa Francisca de Bragança, irmã de D. Pedro II. O temperamento independente do príncipe não facilitava a tarefa e poderia

trazer surpresas. A que aconteceu – e foi realmente uma surpresa – não decepcionou ninguém. A baronesa de Langsdorff, não se duvide, teve parte direta no sucesso da missão. A narrativa de sua viagem ao Brasil é uma página colorida e também uma página da História é parte do *Diário* da baronesa. Esse *Diário*, começado com a idade de 15 anos, a conselho de seu pai, foi redigido por ela durante toda a sua vida.

Há uma progressão nítida na visão da baronesa desde sua chegada ao Brasil, olhando a tudo e a todos, um pouco com o que Mary Pratt chama de "olhos imperiais". Suas interrogações e perplexidades são as de uma européia branca, culta e nobre. Mas, ao final de quase um ano, há uma virada com a sua relativa "adoção" do país e de seus habitantes, o que transparece na defesa dos hábitos da princesa dona Francisca e na crítica aos franceses, em Brest. Ao final do livro, ela parece ver com os olhos brasileiros de Francisca e não mais com o olhar puramente francês. Da leitura desse interessante diário, destacam-se sobretudo as qualidades da própria baronesa, das quais a mais importante é a busca de autenticidade nas relações que trava e no afeto que permeia todos os seus contatos. Trata-se, por isso, de uma história diferente, perpassada por um olhar irônico e crítico mas cheio de humanidade e doçura.

Este livro, apesar dos problemas que colocou por ser tradução, e traduções são sempre uma fonte de correções infinitas, foi um dos que muito nos interessou como editora. E nos fez ter um diálogo com várias pessoas tais como bibliófilos, estudantes francesas que descobriram o retrato da Baronesa, um desenho do navio do príncipe, a fragata La Belle Poule. Enfim, foi um trabalho a muitas mãos e muito prazeroso.

Não posso concluir sem falar do quanto a editora é devedora de muitas pessoas mas principalmente dos bibliófilos. De José Mindlin, recebi a cópia dos livros de viajantes estrangeiras no século XIX e editei dois livros, *O Diário* da Baronesa de Langsdorff e a narrativa da viagem de uma senhora belga que, já com 60 anos, impulsionada pela paixão de conhecer uma floresta virgem, vem para o Brasil para uma colônia belga no Rio Grande do Sul. Sobre este livro, haveria coisas a contar, como o conhecimento de descendentes da senhora belga, em São Paulo. Do bibliófilo catarinense Iaponan Soares, devo a doação de praticamente todos os livros de Júlia Lopes de Almeida de que já editamos três e temos outros em preparo e de todos os livros de Ibrantina Cardona. A cada visita em sebos, Iaponan me conseguia um livro... Do bibliófilo paulista Erick Gemeinder, devo inúmeros livros e informações preciosas sobre as escritoras do século XIX. Ele me tem enviado cópias de alguns livros mas também primeiras edições, raríssimas, como os livros de Júlia Cortines. Mas há um bibliófilo que me foi muito caro, o gaúcho

Júlio H. Petersen que, falecido em 2002, aos 80 e poucos anos, possuía uma biblioteca especializada no Rio Grande do Sul. Ele me emprestava suas primeiras edições e as enviava por sedex sem data para retorno. Eu ficava com os livros até o natal. No natal, os livros, tal como os bons filhos, à casa retornavam... Esta nossa troca durou muitos anos, bem antes da criação da editora. Escrevia-me cartas iniciando sempre com a expressão do gaúcho de fronteira "Salud y plata" e ao final enviava um "abraço quebra-costelas ao Iaponan Soares". Quando editei o livro *Sorrisos e prantos*, foi a partir da primeira edição que pudemos cotejar o texto e corrigir inúmeros equívocos da primeira edição.

Voltando às aventuras editoriais, gostaria de concluir com uma observação que é de Jason Epstein (in *O negócio do livro*):

O editor é antes de tudo um leitor. Por isso, um editor que não lê os livros que edita, não se pode considerar editor. A paixão do editor não é o resultado financeiro, mas a aventura cujo resultado é uma espécie de júbilo diante de cada livro bem sucedido.

É nisto que também acredito e é isto que tento fazer no dia-a-dia da editora.

Fonte: MUZART, Zahidé Lupinacci. *A Editora Mulheres*. Florianópolis, maio 2003. Disponível em: <<http://escritoriadolivro.com.br/oficios/mulheres.html>>. Acesso em: 10 dez. 2010.

Em artigo publicado na revista *Teoria e Debate*, em 2004, Rosana Cássia Kamita discorre sobre o papel da Editora Mulheres: editar e reeditar obras de brasileiras e estrangeiras do século XIX, o que “incentiva os estudos sobre a mulher e a literatura”. Tece comentários também sobre as obras *Mulheres ilustres do Brasil*, de Inês Sabino; *Escritoras brasileiras do século XIX*, organizada por Zahidé Muzart; *Masculino, feminino, plural*, organizada por Joana Maria Pedro e Miriam Pillar Grossi; *Falas de gênero*, organizada por Alcione Leite da Silva, Mara Coelho de Souza Lago e Tânia Regina Oliveira Ramos; *A cidadã paradoxal*, de Joan Scott; *Luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850-1940*, de June E. Hahner; *Sorrisos e prantos*, de Rita Barém de Melo; *Uma voz ao Sul*, organizada por Maria Eunice Moreira; *A Silveirinha*, *A viúva Simões* e *A falência*, de Júlia Lopes de Almeida; *A Rainha do Ignoto*, de Emília Freitas; *Itinerário de uma viagem à Alemanha*, de Nísia Floresta; *Diário da Baronesa de Langsdorff*; *Peregrinações de uma pária*, de Flora Tristan; *Uma colônia no Brasil*, de Madame van Langendonck.

Destacam-se na reportagem as capas das obras *Emancipação do sexo feminino*, de June E. Hahner; *Lutas do coração*, de Inês Sabino; *Uma colônia no Brasil*, de Madame van Langendonck; *A falência*, de Júlia Lopes de Almeida; *A Rainha do Ignoto*, de Emília Freitas; e *Peregrinações de uma pária*, de Flora Tristan.

Mulher e literatura: o mundo além dos jardins

A atuação da mulher brasileira no século XIX limitava-se praticamente à esfera familiar. Desde o nascimento ela era preparada para casar-se e constituir família, responsabilizando-se pelo lar e pela criação dos filhos. Logo, não havia necessidade de receber uma boa educação. Eram suficientes uma formação básica e um verniz cultural que garantissem a sua família um status na sociedade, apoiada em pilares patriarcal. No entanto, muitas não aceitavam esse restrito horizonte de expectativas e lançavam-se a uma vida com maior autonomia. E, apesar de uma sociedade tradicionalista, pautada por rígidas regras morais e com papéis bem definidos, houve mulheres que ousaram desrespeitar os limites do território das letras, eminentemente masculino, escrevendo em periódicos e publicando livros. Não raro utilizavam pseudônimos, inclusive masculinos, por motivos vários, entre eles se proteger de críticas acerbas de sua insurgência.

Muitas mulheres oitocentistas foram escritoras, contribuindo com nossa história literária. Algumas de maneira singular, porventura reflexo do mundo acanhado ao qual pertenciam. Outras, no entanto, legaram-nos textos de alto valor literário, podendo ser lidos e apreciados mesmo nos dias atuais – isso, logicamente, quando é possível encontrá-las. A impressão que fica quando se estuda literatura é de que poucas mulheres escreveram antes das primeiras décadas do século XIX, uma vez que não figuram em obras que tratam da literatura brasileira desse período. Ou, se escreveram, de que provavelmente

não tenha sido uma produção digna de nota, surgindo apenas esparsas referências a uma ou outra autora que, em sua época, tenha recebido maior reconhecimento. As obras literárias realizadas por mulheres não integravam o cânone. Logo, permaneciam à margem, uma literatura “esquecida”. Cumpre-se, como um posicionamento feminista, a revisão das “regras internas” que nortearam/norteiam o cânone e a inserção da produção literária feminina.

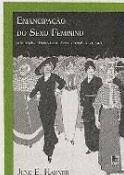
Assim como em outros países, no Brasil essa quase total omissão passou a ser questionada e, sobretudo a partir da década de 1980, o “resgate” de escritoras do passado mereceu especial atenção. Com isso, confirmou-se a existência de escritoras que, no século XIX, produziram em diferentes gêneros, desde diários, passando pela poesia, até romances. Algumas chegaram a alcançar prestígio, porém o tempo tratava de fazer com que desaparecessem, como se não tivessem de fato existido. Entenda-se tempo como eufemismo, uma vez que eram relegadas ao esquecimento por ação de uma sociedade machista e retrógrada, por certo preocupada com o mau exemplo dado pelas vanguardistas das letras.

Necessário então trazer novamente à luz obras há vários anos depositadas nos fundos das prateleiras de antigas bibliotecas, ou contar com o valioso auxílio de bibliófilos. Um trabalho árduo, que exige muita persistência e boa dose de paciência, requisitos indispensáveis para que os livros pudessem ser lidos, reavaliados e estudados. Em uma atitude semelhante à das escritoras do século XIX, também as pesquisadoras contem-

porâneas se dispuseram a reparar o silêncio em relação à escrita feminina e foram em busca do texto perdido.

Nesse sentido há que se destacar a importância do Grupo de Trabalho A Mulher na Literatura, da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll). Esse grupo congrega pesquisadoras(as) que, em uma delicada tessitura, aplicam-se em recompor a história das mulheres no campo da literatura, bem como em relação à sociedade, percorrendo novamente os caminhos, detendo-se em alguns pontos, reavaliando, corrigindo, alterando de novo o percurso, agora com outros olhos, em uma contextualização que possibilite compreender com maior discernimento lacunas na trajetória das mulheres do século XIX.

Ao constatar a necessidade de rever a literatura dos oitocentos e a participação da mulher como escritora e de consolidar o Grupo de Trabalho A Mulher na Literatura, o maior desafio era ter acesso às obras. Estas raramente passavam da primeira edição e tinham tiragem limitada, muitas vezes sendo publicadas às expensas das escritoras. Nesse contexto, em 1996 foi criada a Editora Mulheres, em Florianópolis, por iniciativa de três professoras da Universidade Federal de Santa Catarina, entre elas Zahidé Lupinacci Muzart, até hoje responsável pelo projeto. A proposta é editar ou reeditar livros de escritoras brasileiras e estrangeiras do século XIX e, também, ensaios sobre gênero – ou seja, além do resgate das obras, a editora se propõe a publicar livros de cunho teórico, necessários para uma melhor compreensão



Emanipação do Sexo Feminino, de Jane E. Rasmussen. Editora Mulheres, 2003. 144 páginas



Lutas do Coração, de Jane E. Rasmussen. Editora Mulheres, 1994. 338 páginas



Uma Colônia no Brasil, de Zahidé Lupinacci Muzart. Editora Mulheres, 2002. 172 páginas

Em artigo publicado na *Revista Estudos Feministas*, em 2004, Zahidé Muzart relembra a criação da Editora Mulheres e fala sobre o trabalho realizado por um editor.

HISTÓRIAS DA EDITORA MULHERES

Zahidé Lupinacci Muzart
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Este artigo é um retrospecto da criação da Editora Mulheres e traz lembranças da aprendizagem do ofício, salientando a importância da revisão em uma publicação.

Palavras-chave: Literatura e mulher; resgate; editora.

Stories of a Feminist Publisher

Abstract: This article looks back on the creation of Editora Mulheres and on how its publisher learned her trade. It also emphasizes the importance of proofreading in the field of publications.

Keywords: women and literature; retrieval; publishing.

Quando me aposentei tinha oito orientandas de mestrado e um projeto de resgate de escritoras do século XIX, com apoio do CNPq. Continuei, por isso, muito ligada à Pós-Graduação na Universidade Federal de Santa Catarina. No início da pesquisa, era voz corrente de que aquelas mulheres do século XIX nada tinham escrito, e, por conseguinte, menos ainda publicado enquanto viveram. Logo ficou claro, porém, que, na verdade, não só escreveram e publicaram uma grande quantidade de textos, mas, bem mais que isso, que esses textos constituíam um legado de boa qualidade literária e de valor histórico inquestionável. Tudo ficou ainda mais evidente, quando descobri que de nada adiantaria apenas revelar os nomes dessas escritoras, os pormenores de suas vidas, relacionar o que escreveram. Era fundamental republicá-las hoje. E, a partir dos primeiros resultados do projeto é que surgiu, de repente, a idéia de criar uma editora, cuja finalidade seria realizar um projeto de resgate, isto é, reeditar os livros das escritoras do passado, fossem elas brasileiras ou não. E, ao lado da linha mestra, editar ensaios sobre gênero.

Foi, então, que duas outras professoras igualmente aposentadas da UFSC, Elvira Sponholz e Susana Funck, que partilhavam idênticos interesses de pesquisa e editoriais, uniram-se a mim, com o propósito de fundar uma casa editora, a que chamaríamos Editora Mulheres. Desta

forma, em 1995, nasceu a Editora Mulheres, mas que só começou a funcionar, de verdade, quando foi preparado, editado e lançado o primeiro livro, o que ocorreu em outubro de 1996. Tratava-se de um projeto muito bem definido e a editora já nascera diretamente vinculada a uma linha de investigação estabelecida, Literatura e Mulher, decorrente de nossa afiliação a um grupo de pesquisa da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística). Permanecemos juntas por algum tempo, mas, mais tarde, o grupo se dissolveu por razões várias e pessoais. No entanto, continuamos ligadas até hoje por laços de amizade.

Qualquer um que ponha seu empenho na história literária das mulheres brasileiras no século XIX começa por enfrentar problemas. O primeiro é a quase inexistência de reedições, sempre raras porque vendem muito pouco ou porque os textos de mulheres se perdem e desaparecem ao longo dos anos. Cabe a nossa editora, então, realizar a tarefa de recuperar essas obras dispersas, de ressuscitar tais “velharias”...

Cada livro é uma aventura. Os resultados muitas vezes não nos dão a alegria presumida, porque saíram aquém do sonhado. Lutamos sempre com as gráficas, as livrarias, com os distribuidores! Lutamos com a constante falta de dinheiro, porém muito mais com a permanente falta de respeito. Há sempre um sorriso condescendente para com uma microeditora que se chama Mulheres e ainda por cima dirigida por aposentadas, como se tudo fosse resumido em uma atividade terapêutica de terceira idade! Ora, pois...

Foi o *Mulheres illustres do Brazil*, uma obra que Inês Sabino escreveu e editou em 1899, o primeiro livro da Editora Mulheres. Este livro já veio com um erro... Ainda que fosse uma edição *fac-similar*, como na verdade era, na hora de imprimir e montar, foi trocada a página de rosto pela falsa página de rosto...¹ Quando o livro chegou, verificamos o engano, mas já era tarde. Outro problema, menos grave, foi o fato de trazer orelha duplicada. O livro tem uma sobrecapa, em cuja dobra foi impresso o texto das orelhas. Só que a capa, por sua vez, repete tudo também, isto é, veio com dobra e nela se imprimiu igualmente o texto destinado às orelhas. Isso foi um erro da gráfica, mas achamos melhor deixar assim mesmo para não correremos o risco de ficar pior...

Nestes inícios, tudo na editora era muitíssimo artesanal – creio que ainda o é... Líamos o livro proposto, revisávamos a digitação, realizávamos a editoração. Escrevíamos a orelha, escolhíamos a ilustração da capa. E tudo isto em um ambiente de muita camaradagem.

O segundo livro foi a prova de fogo. Foi *A Silveirinha*, de Júlia Lopes de Almeida, editado em 1913, e, por isto, precisava ser atualizado. Em geral, é comum pensar que atualização ortográfica é coisa fácil, muito óbvia e corriqueira. Pois, não o é... E, a duras penas, nós o descobrimos com este livro. Os problemas são variados, pois tudo depende da época e do autor. Afinal, deveríamos deixar letra minúscula depois de ponto de exclamação? E a pontuação da autora deveria ser preservada? Deve-se deixar o sujeito separado do verbo por pontuação em conformidade com um texto original? Deixaríamos assim? E as notas do preparador: deveriam ser incluídas? Não iriam chatear o leitor, afinal trata-se de um romance, uma obra para ser fruída... E as palavras e expressões em outro idioma, sobretudo o francês? Se um romance é de época, um romance da *Belle-Époque*, por exemplo, traz muitas palavras nessa língua.

Assim, começamos a procurar e a ler obras técnicas de vários autores, alguns também editores, como Antônio Houaiss, a consultar edições críticas como as da Comissão Machado de Assis, a de Cleonice Berardinelli e as da Coleção Archives. Em suma, todas essas dúvidas e soluções nos educaram um pouco para os livros subseqüentes. Nada, porém, é definitivo: cada livro apresenta seus próprios problemas e nos obriga a novas pesquisas, a outras consultas, e muita leitura de obras especializadas e de referências diferentes das anteriores.

Descobrimos, ao longo desses anos, muitas coisas mas o que devo destacar foi descobrir a enorme importância de uma boa revisão, o valor da revisão, coisa que, mesmo tendo trabalhado muitos anos com a revista *Travessia* (Universidade Federal de Santa Catarina), não havia realmente introjetado. Para quem vê um bonito livro na livraria, nem imagina por quantas leituras passou. É a leitura da descoberta e conseqüente escolha do livro a ser editado, é a leitura da digitação, a leitura da editoração, a leitura da cópia da gráfica. Tudo extremamente demorado, e, apesar disso, sempre haverá algo a fazer, porque uma revisão tem de passar por, no mínimo, três pessoas! E nem sempre podemos remunerar o trabalho desse pessoal todo. Assim, acabei descobrindo o valor da revisão. Acho, hoje em dia, que uma boa editora pode ser avaliada em muitos de seus aspectos, muitas particularidades, vários pormenores, mas esta questão não só se avulta, porém deve ser considerada primordial nessa avaliação. Ela chega a ser uma verdadeira tortura para o editor...

Cada livro da Editora Mulheres tem uma história de erros e acertos, de amizade e de companheirismo.

A Editora tem algumas séries básicas: a série *Romance* que

reedita os romances das escritoras do passado; a série *Ensaio*s que edita estudos de gênero, a série *Poesia*, a série *Viagem* e a série *Cartas*. Dessas séries, é a de Ensaio>s a que mais vende. Cito como exemplo o campeão de vendas, *Masculino, feminino plural*,² organizado por Joana Pedro e Miriam Grossi já com duas edições. Temos editado livros de ensaios de autoras estrangeiras como o livro de Joan Scott,³ o de June Hahner⁴ e agora o de Nara Araújo.⁵ Gostaríamos de editar outros livros fundamentais na área, mas há muitos gastos suplementares como o pagamento de *royalties*, o pagamento de tradução e a revisão se torna mais complicada ainda. O de Joan Scott foi trabalhado por um ótimo tradutor de Porto Alegre, mas a revisão obrigou o revisor a debruçar-se no original e na excelente tradução francesa, o que complicou ainda mais o trabalho...

Haveria inúmeros pontos a discutir. Um deles, um dos mais difíceis, é a questão da distribuição. Cancelei com vários distribuidores neste ano e mantive somente uma, de Belo Horizonte, dirigida por uma mulher, e decidi não trabalhar mais com consignação. Mas o problema é que com esta decisão, os livros não freqüentam as livrarias, principalmente, no caso de co-edições e sendo o co-editor uma editora universitária que tem infra-estrutura muitíssimo superior à da minha editora. Porém, o que realmente foi muito importante neste ano foi o ter participado das feiras e eventos feministas juntamente com a rede de publicações feministas. Isso foi maravilhoso e deu novo alento à Editora Mulheres! Voltando às aventuras editoriais, gostaria de concluir com uma observação:⁶

O editor é antes de tudo um leitor. Por isso, um editor que não lê os livros que edita, não se pode considerar editor. A paixão do editor não é o resultado financeiro, mas a aventura cujo resultado é uma espécie de júbilo diante de cada livro bem sucedido.

É nisto que também acredito e é isto que tento fazer no dia-a-dia da editora.

Notas

Copyright 2004 by Revista Estudos Feministas.

¹ Ignez SABINO, 1996.

² Joana Maria PEDRO; Miriam Pillar GROSSI. (Orgs.), 1998.

³ Joan W. SCOTT, 2002.

⁴ June HAHNER, 2003.

⁵ Nara ARAÚJO, 2003.

⁶ Jason EPSTEIN, 2002, p. 19.

Referências

ARAÚJO, Nara. *O tempo e o rastro: da viagem e sua imagem*. Tradução de: Eliane Tejera Lisboa. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

EPSTEIN, Jason. *O negócio do livro*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

HAHNER, June E. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil*. Tradução de: Eliane Lisboa. Florianópolis: Mulheres, 2003.

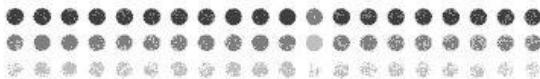
SABINO, Ignez. *Mulheres Illustres do Brazil*. Edição fac-similar. 1996. 280 p.

PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pillar (Orgs.). *Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis: Mulheres, 1998.

SCOTT, Joan W. *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem*. Tradução de: Élvio Antônio Funk. Florianópolis: Mulheres, 2002.

Fonte: MUZART, Zahidé Lupinacci. Histórias da Editora Mulheres. *Revista Estudos Feministas*, v. 12, p. 103-105, set./dez. 2004. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/381/38109911.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2010.

No capítulo intitulado *Poeira de arquivo: vozes da belle-époque*, da obra *Da mulher às mulheres: dialogando sobre literatura, gênero e identidades*, de 2006, Zahidé Muzart procura analisar se as obras das escritoras do século XIX se encaixam na definição de romance da *belle-époque*. E conclui que não há muitos romances que seguem esse conceito, apenas *Lésbia*, de Maria Benedita Bormann; *A Silveirinha*, de Júlia Lopes de Almeida (com restrições); e todos os romances de Albertina Bertha.



Poeira de arquivo: vozes da *belle-époque**

Zahidé Muzart

...um texto descoberto em um arquivo empoeirado não será bom e interessante, só porque foi escrito por uma mulher. É bom e interessante porque nos permite chegar a novas conclusões sobre a tradição literária das mulheres, saber mais sobre como as mulheres desde sempre enfrentaram seus temores, desejos e fantasias e também as estratégias que adotaram para se expressarem publicamente, apesar de seu confinamento ao pessoal e ao privado.

Sigrid Weigel

Uma vez realizada a tarefa de resgate das escritoras e de seus textos, tentamos agora o estabelecimento da história do romance de autoria feminina no Brasil, no século XIX. Procuramos examinar como tais narrativas foram lidas pela crítica consagrada, como se encaixaram nas correntes de sua época e como estabeleceram relações com a literatura contemporânea. E, desenvolvendo um objetivo pessoal, procuramos reeditar as narrativas das escritoras do século XIX, tarefa nem sempre fácil, já que não lidas em sua época, também hoje continuam menosprezadas pelas estudiosas.

Na história do romance de autoria feminina no Brasil, no século XIX, há alguns momentos que não seguem necessariamente a divisão canônica do romance. Por canônica, quero significar a da historiografia tradicional. Esses momentos são, por

exemplo, o das pioneiras do romance que, em pequenas narrativas, ensaiam a vez e a voz nesta difícil seara, como a feminista Nísia Floresta que escreveu e publicou algumas narrativas: *Fany ou o modelo das donzelas* (Novela; Rio de Janeiro, 1847); *Daciz ou a jovem completa* (Novela; Rio de Janeiro, 1847); *Dedicação de uma amiga* (Romance, 2 vol.; Niterói, 1850); a gaúcha Ana Euridice Eufrosina de Barandas (1806) que publica *O Ramallete* em 1845. Um segundo momento é o das românticas como Ana Luísa de Azevedo Castro que publicou o romance *D. Narcisa de Villar* em 1859 e Maria Firmina dos Reis, cujo romance *Úrsula*, também de 1859, é o primeiro escrito por uma mulher negra e pode se enquadrar como abolicionista. Depois destes, teremos muitos outros de escritoras que ficaram na linha do romantismo, mesmo quando este movimento já estava bastante ultrapassado e outras que já escolhiam o realismo ou um naturalismo mais matizado. Por exemplo, Ana Ribeiro de Góes Bittencourt, Carmen Dolores, Maria Benedita Bormann, Emilia Freitas, Ana Facó, Inês Sabino, Luiza Leonardo, Francisca Clotilde, Amélia Bevilaqua e tantas outras. Este momento de extraordinário florescimento da literatura feminina entre nós é o das mulheres nascidas no século XIX, mas cujas publicações em sua maioria, ultrapassando o final do século XIX, situam-se já no século XX.

Desde 1994, como bolsista do CNPq, coordenei projeto de pesquisa integrado que visava ao resgate da produção feminina do século XIX, no Brasil, e à elaboração de uma Antologia. Editamos o primeiro volume, que contemplou escritoras nascidas até 1860. O segundo volume estudou as escritoras que publicaram na virada do século e foi editado em 2004. E, como um número grande de escritoras ficou fora dessa publicação, estamos ainda organizando um terceiro volume, que deverá ser editado no segundo semestre de 2006, dando por finalizada a tarefa de resgate. Este foi um trabalho coletivo, pois somente

um grupo de pesquisadoras cujas preocupações de investigação situam-se, há muito tempo, nas questões relacionadas com a linha *Mulher e Literatura*, poderia efetuar o trabalho monumental de mapeamento que foi o do projeto concluído. Nós resgatamos mais de cem escritoras brasileiras do século XIX e ainda deixamos igual quantidade sem resgate!

Este resgate não significa que elas serão realmente lidas a partir de agora. Absolutamente... Julgadas por critérios estéticos, essas escritoras não terão ainda hoje a chance de obterem o favor de leitores.

Pergunta-se Beatrice Slama, nos anos 80:

Faut-il d'ailleurs juger de ces oeuvres par référence à de seuls critères esthétiques? Le fait social, historique que représente cette irruption des femmes dans le monde des gens de l'écriture, de la publication et de la presse ne doit-il pas retenir l'intérêt? (ARON: 1980, p. 215).

Porém, mesmo que não as estudemos mediante critérios estéticos nem procuremos integrá-las a um cânone masculino, podemos estudá-las segundo correntes estéticas da época e verificar se elas as seguiram ou se delas se afastaram, se procuraram escrever como homens ou não se preocuparam com as idéias dominantes.

Comecei este trabalho com uma idéia, procurar pelas mulheres que escreveram no final do século XIX e cujo estilo se encaixaria na definição de romance da *belle époque*. Mas passei a me questionar sobre o sentido de romance da *belle-époque* e disse se originaram outros caminhos.

De influência francesa, a *belle époque* é a grande época da alta burguesia entre nós. Porém, apesar de não ter havido nenhuma bela época para o povo brasileiro, acontecia um certo florescimento das letras e das artes. Esta época culminou com a primeira guerra mundial cuja brutalidade fecha o século XIX.

A literatura feminina, também muito influenciada pelas idéias, modas e língua francesas, tem um maior desenvolvimento na época devido às lutas feministas e à possibilidade de as mulheres terem acesso ao ensino. Podemos considerar como pertencentes à *belle-époque* somente os romances publicados no final do século XIX até o início da Primeira Guerra Mundial. Seriam os anos de 1890 a 1914 cuja característica maior foi a busca do prazer, a alegria de viver (a *joie de vivre*). Mas podemos também considerar como romances da *belle-époque* os que se enquadram no estilo de um romance mais *art-nouveau*, cuja linguagem quase busca as *fleuriture* do estilo trabalhadíssimo da decoração, tanto no ferro como no bronze. Transferindo para o romance, há neste uma busca de fluidez na forma e suas fronteiras ficam mais imprecisas.

Nos romances de autoria feminina da época, ainda sobrevive muita ingenuidade e muitos receios das escritoras de se mostrarem demais no que escrevem, o temor de serem interpretadas como *alter-ego* das personagens. Para participar realmente do conceito *belle-époque*, não há muitos romances dignos desse nome. O romance *belle-époque* tenderia ao escapismo, à mundanidade, ou seja, à busca de prazeres mundanos, à acentuação do erotismo e conforme salienta Needell, “a literatura *fin-de-siècle* voltava-se para o interior, em direção ao ego — narcisista, descompromissada, escapista, sensual e aristocraticamente refinada”. (NEEDELL: 1993, p. 232)

Penso que alguns poucos romances de mulheres que se poderiam encaixar nessa definição como, por exemplo, os romances *Lésbia* de Maria Benedita Bormann, *A Silveirinha* de Júlia Lopes de Almeida, com algumas restrições, e todos os romances de Albertina Bertha. Esta escritora, embora publicando mais tarde, encarna a *belle-époque* em seus desejos, na busca do prazer, sobretudo do prazer estético por parte de personagens e narrador.

Uma pergunta se impõe: por que é que as mulheres não seguiram a trilha nem da poesia simbolista nem do romance impressionista? É mesmo estranho que isso tenha acontecido. Há uma sobrevivência do Romantismo nos escritos das mulheres que se prolonga pelo século XX. As melhores romancistas perseveraram na linha do realismo e somente muito tempo depois, é que, com Clarice Lispector, o romance de autoria feminina liga-se mais ao simbólico, e menos ao realismo/regionalismo, estilo Rachel de Queirós, por exemplo, ou às narrativas que chamo de “romance de família”, romance doméstico – ou melhor, romance sentimental – como os da Sra. Leandro Dupré.

De Júlia Lopes de Almeida, destaco apenas um romance que me parece diretamente filho da *belle-époque*: *A Silveirinha*, cuja primeira publicação é de 1913.

Das demais escritoras da mesma época, Délia (pseudônimo de Maria Benedita Bormann) poderia se enquadrar nesta etiqueta, com seu romance *Lésbia*, mas os de Carmen Dolores, ou de Inês Sabino, dificilmente entrariam nessa classificação, prendendo-se mais ao realismo.

Pode-se dizer que não há um gênero puro e que em todo romance podem ser encontrados traços e passagens de um ou outro estilo. Por vários fatores, *A Silveirinha*, pode ser considerado um romance *belle époque*: pelo enredo, pelo local e o tempo, um verão numa cidade de repouso para onde vão as famílias ricas do Rio de Janeiro, a sociedade desocupada, as festas, a tagarelice, o uso da língua francesa, o racismo explícito dessa sociedade... tudo isso leva a mergulhar no clima fim de século. Mas Júlia Lopes de Almeida não é um João do Rio e seus romances mesmo sob uma roupagem que retrate a superficialidade da sociedade carioca do final do século, manifestam ideais de vida burguesa doméstica, idéias longínquas ao romance *belle-époque*. Pois, Júlia Lopes de Almeida foi sempre uma mulher devotada às coisas do lar, aos filhos, ao marido, e

embora sua carreira tenha sido brilhante, ela o foi também pela admiração da sociedade pela mulher dentro dos conformes, da mulher que obedecia antes de mais nada aos ditames da vida no lar e da religião católica. No entanto, em *A Silveirinha*, há uma pesada crítica à religião católica e à influência dos padres e da moral católica na vida familiar. E este lado de crítica afasta o romance do conceito de literatura *belle-époque*. Classificada por Lúcia Miguel-Pereira como tendo realizado uma literatura “sorriso-da-sociedade”, Júlia Lopes de Almeida muito se afasta desse conceito. A prova é que se tivesse feito tal literatura, estaria mais dentro do conceito *belle-époque* o que não encontrei em sua obra. Seu estilo não se classifica como impressionista e sua literatura não é de modo nenhum escapista.

Há outra escritora, também carioca, que mais se aproxima deste conceito, embora não tenha publicado nos primeiros anos do século: Albertina Bertha (1880-1953), uma das mais fecundas escritoras nascidas nos anos 80.

Um aspecto muito presente nos romances de Albertina Bertha é o erotismo, derivando daí uma das primeiras causas do sucesso e da notoriedade que obteve na época. Mas é um erotismo cerebral, melhor dizendo, um erotismo literário, longe, por certo, de causar algum *frisson* no leitor.

Albertina Bertha, apesar do nascimento ilustre, da educação esmerada, das excelentes bibliotecas freqüentadas, da presença em conferências e das inúmeras viagens à Europa, é uma escritora auto-exilada num passado que reverencia, o final do século XIX, a *belle-époque*. Recusou-se a acompanhar, enquanto produzia a quase totalidade de sua obra, as tendências profundamente inovadoras dos movimentos culturais e artísticos – sobretudo os literários – de sua época. Deliberadamente manteve-se apegada a um estilo rebuscado e repetitivo que denuncia estagnação e, até mesmo, uma aparente alienação, sendo por isso a escritora que mais se enquadraria no estilo estudado aqui.

As escritoras nascidas no século XIX não privilegiaram o novo e acompanham sempre com atraso os novos movimentos, como é o caso de Albertina Bertha que publica suas narrativas quando o modernismo já progredia entre nós. Além dessa observação, cumpre-nos acentuar a quase ausência da mulher em uma ficção que privilegie o simbólico dando preferência para temas do cotidiano, para retratar a vida das mulheres de sua época e as condições por elas encontradas.

E fica a pergunta das razões da ausência das escritoras em certos gêneros, certos temas. Já o tinha observado quanto à ausência da mulher na poesia simbolista, há tempos atrás. Hoje, volto a sublinhar a mesma ausência no estilo *belle-époque*. A mulher, com os pés bem fincados no chão, na terra, na realidade, permitiu-se sonhar até certo ponto e romanticamente. As elucubrações de um tipo de literatura mais escapista e mais sensorial, ficam-lhe estranhas e distantes.

Nota

* Este trabalho é resumo de comunicação apresentada no VII Congresso Internacional da BRASA, Rio de Janeiro, 2004.

Referências Bibliográficas

ARON, J. P. (ed.). *Misérable et glorieuse la femme du XIXème siècle*. Fayard, 1980, p.215.

NEDELL, J. D. *Belle époque tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 232.

Em entrevista ao jornal *Universitário* em 2008, Zahidé Muzart conta como foram seus primeiros contatos com a leitura, que livros e autores a influenciaram e como as obras das escritoras do século XIX podem ser mais bem avaliadas.

ZAHIDÉ MUZART FALA DE LIVROS E AUTORES NO “CÍRCULO DE LEITURA”

Entrevista ao jornal *Universitário*

Escritora concede breve entrevista, revela seus autores preferidos e o que anda lendo atualmente.

A professora e escritora Zahidé Lupinacci Muzart é a convidada da próxima edição do Círculo de Leitura de Florianópolis, que acontece às 17h do dia 06/11/08, quinta-feira, na Sala Adelmo Genro Filho, no novo prédio do Centro de Comunicação e Expressão da UFSC. Aposentada após lecionar por mais de 20 anos nos cursos de graduação e pós-graduação em Literatura da Universidade, ela continua orientando dissertações e teses na mesma instituição e não abriu mão de sua vocação de pesquisadora. Ao longo da carreira, concentrou seus estudos sobre as relações entre literatura e memória e, em especial, mulheres e literatura, além de haver escrito textos sobre Cruz e Sousa, João Cabral de Melo Neto, Machado de Assis, Clarice Lispector, Delminda Silveira e Harry Laus, entre outros.

Zahidé Muzart graduou-se em Letras Neolatinas pela PUC/RS, fez doutorado na Faculte des Lettres et Sciences da Université de Toulouse-Le Mirail e pós-doutorado na Ecole des Hautes Etudes em Sciences Sociales, ambas em Paris. Em dois volumes, seu livro *Escritoras brasileiras do século XIX* resgata nomes que não foram devidamente reconhecidos, entre eles os de Júlia Lopes de Almeida e Ana Luísa de Azevedo e Castro.

– Esta autora do primeiro romance catarinense, D. Narcisa de Vilar, cuja reedição ajudou a organizar.

Além de suas leituras prediletas, Zahidé falará no evento de quinta-feira (06/11/08) sobre a literatura catarinense, que figura entre suas linhas de pesquisa. Ela destaca temáticas ligadas à terra, como as das imigrações alemã (Urda Klueger e Lausimar Laus), libanesa (Salim Miguel em *Nur*) e açoriana (Almiro Caldeira). E há ainda o fantástico de Franklin Cascaes e Péricles Prade. “Mas”, ressalva, “para ser escritor do mundo, como queria ser considerado Harry Laus, não é necessário sair de sua terra. Veja-se o exemplo de Miguel Torga: embora preso à sua

aldeia portuguesa, é um grande autor”.

O Círculo

O Círculo de Leitura é um projeto que permite ao convidado e aos presentes discutirem informalmente sobre os livros que estejam lendo, as leituras do passado e as influências de outros autores sobre o seu trabalho. Escritores e jornalistas como Oldemar Olsen Jr., Fábio Bruggemann, Inês Mafra, Mário Pereira, Maicon Tenfen, Cleber Teixeira, Dennis Radünz, Rubens da Cunha, Renato Tapado, Raimundo Caruso, Nei Duclós, Marco Vasques e Mário Prata foram alguns dos participantes das etapas anteriores do projeto.

Breve entrevista

Como foram seus primeiros contatos com a leitura? Seus pais tinham o hábito de ler e a estimularam ao convívio precoce com os livros?

Zahidé – Meus pais tinham uma boa biblioteca e desde a idade de quatro anos, nos aniversários e natais, recebíamos livros de presente. Meu pai viajava muito e nos trazia livros. Por isso, sempre associo presente a livro! Alegria a livro! Felicidade a livro! Os livros na casa de meus pais estavam em posição de honra, já que na minha infância não existia televisão...

Que leituras foram mais marcantes até a adolescência? E depois, que livros e autores mais a conquistaram? Cite alguns deles.

Zahidé – Até a adolescência, Monteiro Lobato, a partir de *Reinações de Narizinho*, a coleção Menina e Moça, de autores franceses, publicada pela José Olympio, romances como os da Sra. Leandro Dupré, os da série de aventuras da editora Globo de Porto Alegre, os volumes do Tesouro da Juventude, *Alice no país das maravilhas*, contos de fadas de Andersen (edição da Globo com maravilhosas ilustrações de Nelson Boeira Faedrich), Grimm e Perrault. *Aventuras: Gulliver em Lilliput, Simbad, o marujo, Dom Quixote, Robinson Crusoe* adaptados, romances da coleção Rosa, o Antigo Testamento, além de Shakespeare. Uma salada!

Depois, lê-se muito em função dos cursos que se faz. Muita literatura francesa: Camus, Sartre, românticos como Victor Hugo e Musset. Mas, ao lado dos escritores estudados na faculdade, lia muito as inglesas Jane Austen e Charlotte Brontë e por aqui Jorge Amado, *O tempo e o vento* de Erico Veríssimo, os contos de Clarice Lispector, os contos de Lygia Fagundes Telles e muito Machado de Assis, além de alguns portugueses

como Eça de Queiroz e os russos Dostoiévski e *Guerra e paz* de Tolstói.

Em que medida a leitura influenciou sua opção pelo magistério e pelo mundo da literatura?

Zahidé – Pouca influência. Na verdade, eu queria seguir outros caminhos – um deles era a medicina, e o outro, a carreira de pianista. Esta gorou por defeito ósseo nos polegares, a de medicina porque não havia curso científico em minha cidade natal e fiz a escola Normal. O meu amor pelas línguas estrangeiras e pelas viagens decidiu-me pelo curso de Letras Neolatinas e, uma vez formada, não havia outras opções na época...

As escolhas na vida são estranhas e, muitas vezes, ditadas por circunstâncias. No entanto, ao fazer o estágio de docência da escola Normal, apaixonei-me pelo ensino e nunca mais deixei de lecionar, embora a paixão real tenha sido pelo ensino médio, em um curso noturno onde lecionei cinco anos, em que as alunas eram todas empregadas domésticas, empregadas em lojas, todas ganhando muito pouco e sacrificando-se muitíssimo para estudar. Então o professor também era obrigado a fazer um grande esforço para interessá-las e para motivá-las à leitura.

O resgate da literatura feita por mulheres no Brasil ocupou boa parte de seus anos de pesquisa. Essa produção ainda está por ser melhor avaliada e valorizada?

Zahidé – Ocupou e ocupa. Tanto na Editora Mulheres, com a republicação de obras de mulheres do passado, como na pesquisa apoiada pelo CNPq, continuamos na tarefa de resgatar escritoras esquecidas.

Essa produção está em alta nos cursos de pós-graduação, com dissertações de mestrado e teses de doutorado que analisam dezenas de escritoras brasileiras do século XIX. Os dois primeiros romances escritos por brasileiras entraram em vestibulares: *Úrsula*, no Maranhão e no Piauí, pois a autora é maranhense, e *D. Narcisa de Villar*, no vestibular da UFSC, já que Ana Luísa de Azevedo Castro é autora do primeiro romance catarinense.

No periódico *Rascunho*, do Paraná, o jornalista Luiz Ruffato publica uma série de artigos sobre Júlia Lopes de Almeida. O reconhecimento crítico é mais lento, mas cresce, sem dúvida.

O que está lendo no momento?

Zahidé – Nunca leio um livro somente... Estou lendo *Os sobreviventes*, de Luiz Ruffato, *A louca da casa*, de Rosa Montero, e relendo *A família Medeiros*, de Júlia Lopes de Almeida, para reeditar, além de *Poemas* de Antônio Machado (por prazer), sonetos de Luiz Delfino (por imposição do ofício) e um romance interessante de Jean Rhis, *Ancho Mar de los Sargazos*.

Fonte: UNIVERSITÁRIO. *Zahidé Muzart fala de livros e autores no “Círculo de Leitura”*. 31 out. 2008. Disponível em:

<http://www.universitario.com.br/noticias/noticias_noticia.php?id_noticia=6022>. Acesso em: 12 dez. 2010.

Em matéria publicada no *site* da Liga Brasileira de Editoras, Zahidé Muzart fala sobre a contribuição da Editora Mulheres ao escrever a história da literatura no Brasil.

EDITORA MULHERES

A partir de interesses comuns de pesquisa, e preocupadas com a memória cultural e com a história literária, criamos, em 1996, na ilha de Santa Catarina, a Editora Mulheres.

Com o objetivo de recuperar parte da produção da mulher brasileira no século XIX, nosso projeto certamente contribui para escrever a história da literatura em nosso país.

Mas, ao mesmo tempo em que editamos escritoras brasileiras, também publicamos obras importantes de escritoras de outros países como Flora Tristan ou Aphra Behn e de viajantes estrangeiras no Brasil do século XIX como a francesa baronesa de Langsdorff e a belga Madame van Langendonck. Além de literatura, publicamos ainda estudos críticos sobre escritoras, índices bibliográficos e outras obras de consulta, ou seja, instrumentos de pesquisa sobre a literatura feita por mulheres e sobre os estudos de gênero numa dimensão interdisciplinar.

A Editora Mulheres preocupa-se em oferecer edições de qualidade, com boa apresentação gráfica e cuidado no estabelecimento e na revisão dos textos.

Fonte: LIGA BRASILEIRA DE EDITORAS. *Editora Mulheres*. Disponível em: <http://www.libre.org.br/editora_view.asp?ID=169>. Acesso em: 12 dez. 2010.

Na reportagem *Longa história de amor*, publicada no *Diário Catarinense*, em 2010, Jaqueline Iensen conta a trajetória de Zahidé Muzart, dos estudos até a faculdade e o trabalho de recuperação das obras de escritoras do passado.

LONGA HISTÓRIA DE AMOR

Jaqueline Iensen

Era um livrinho de histórias com capa forrada de tecido, que vivia sendo mimado pela dona. Mas um dia, o livro foi esquecido perto de uma janela e, por conta de uma chuva forte, numa daquelas inesperadas viradas de tempo, a capa molhou. A menina ficou desolada. Precisava fazer algo para recuperar tão precioso objeto. Pensou, pensou e decidiu colocar o livro no forno à lenha. Isso mesmo. À noite, depois do fogo apagado, o livro poderia secar com o calorzinho que restava no fogão. E as mãozinhas delicadas da menina depositaram o livro no forno com a certeza de que, no dia seguinte, teria ele de novo inteirinho para ler e reler. Mas o inesperado, ou o previsível, dependendo do ponto de vista, aconteceu.

Na manhã seguinte, o pai acordou cedo e, como de costume, ajeitou a lenha e acendeu o fogo numa daquelas frias manhãs em Cruz Alta (RS). Em seguida, uma densa fumaça começou a sair pelas frestas do forno. Nada mais poderia ser feito. O mimado livro de Zahidé Lupinacci Muzart estava torrado.

Assim começa a longa e proveitosa história de amor entre Zahidé Muzart e os livros. E se tem amor no meio, a coisa sempre vai além. Com essa história de infância, Zahidé não poderia ficar passiva frente aos livros, se bem que boas histórias sempre nos convidam a um mergulho e o fato de ficarmos sentadinhos não quer dizer que nossa alma não se inquiete frente àquele amontoado organizado de letrinhas. E decidi que ia mais longe.

Quase uma vingança contra aquela inestimável perda. E, depois de tantas andanças e feitos, Zahidé decidiu que ia mais do que estudar. Passou a analisar, escrever e publicar livros. Sim, livros de mulheres e sobre mulheres. O nome da editora? Editora Mulheres, claro.

Zahidé é uma dessas pessoas encantadoras e sua companhia é agradável logo na entrada de sua casa, em Florianópolis, onde o visitante é recebido por uma simpática gatinha siamesa, gordinha e de olhos infinitamente azuis. Junto aos potinhos de água e ração, ela circula elegante e, seus miados, soam como um bom dia a quem chega. Quase

como se fosse a campainha da casa.

A porta se abre e com um largo sorriso e olhinhos brilhantes está Zahidé Lupinacci Muzart, professora aposentada da UFSC que, aos 70 anos, vive sua plenitude intelectual. Aliás, dizer que Zahidé está aposentada é quase uma heresia. Sua vida é povoada por projetos, conjecturas, reflexões e livros, muitos livros.

Sentada à mesa de trabalho na biblioteca da casa Zahidé fala sobre a vida, o trabalho e sua paixão: a literatura.

Nascida em Cruz Alta (RS), cidade onde o solo é de terra vermelha, estudou no Colégio Feminino, local onde as meninas consideradas de boa família costumavam frequentar. Era lá que elas aprendiam, além dos conhecimentos necessários a uma boa formação intelectual, as atividades que as transformariam em excelentes donas de casa, boas mães. Pode-se dizer que Zahidé aprendeu tudinho, mas a lição que ficou para sempre na memória é a de que as pessoas são iguais e, a elas, se deve muito, mas muito respeito, independente de sua raça, cor, credo ou nível cultural. Talvez aqui tenha nascido o viés feminista de Zahidé. Mas ela não é daquelas que levantam bandeiras em praça pública. É das outras, que usam as palavras para expressar seus sentimentos, revelar os fatos. Resgatar e registrar a história como forma de defender uma causa. Uma justa causa.

Como era comum na época, depois de terminar os estudos no Colégio Feminino, mudou-se para Porto Alegre a fim de continuar estudando. Faculdade de Letras na PUC e Belas Artes na UFRGS. Com todos os atributos de uma boa educadora, em seguida assumiu o cargo de professora do Instituto Estadual de Educação (IEE), uma instituição até hoje referência no ensino gaúcho. Dava aulas à noite só para mulheres, onde a maioria era empregada doméstica.

Como o verbo que Zahidé conjuga é produzir, logo montou um Centro Cultural. E lá exercitavam todas as artes que o desejo permitia. Teatro de sombras, bonecos, varal de poesias, concertos... tudo documentado por um jornal de duas páginas, e com alto índice de leitura junto às alunas. Estava feliz? Claro! Mas sempre quis mais, não por vaidade e sim por necessidade de saber mais. Depois de duas tentativas, conseguiu uma bolsa para estudar na França, uma conquista nada fácil para a época. O IEE perdeu a sua grande mentora cultural mas, em compensação, o mundo ganhou uma intelectual de primeira linha que usa a academia não para discursos empolados, mas para uma prática cotidiana. Coisa que só o talento para viver em sociedade permite. A França lhe trouxe muitas alegrias. Da satisfação intelectual à descoberta do amor. E arrebatou o coração de um físico francês Jôel Muzart que, ao

longo de 35 anos, foi seu inseparável parceiro (Jöel morreu há quatro anos, vítima de câncer). Da união, resultaram três filhos: Patrick, Pierre e Olivier.

Alguns minutos de conversa e se descobre uma mulher que, com suas sete décadas de vida, ainda conserva um olhar de menina. Olhar esse que ela traduz nas histórias infantis que escreve.

Tudo lhe parece novo, recém-descoberto. Seu dom para a pesquisa vai revelando com atualidade mulheres que foram verdadeiras desbravadoras no passado. E aponta para uma caixa informando que ali está o terceiro livro da série *Escritoras Brasileiras do Século 19*. Mais uma pequena revisão e o livro estará a caminho da impressão para em seguida ganhar as prateleiras das livrarias. Mais uma obra da Editora Mulheres que, mesmo no século 21, ainda arranca risinhos irônicos de alguns homens.

O interior da casa de tijolos à vista é recheado de pequenos objetos, todos presentes recebidos ao longo da vida. Há livros nas prateleiras, empilhados sobre a mesa, nas caixas, cartazes com dizeres franceses, orquídeas que teimam em se exibir em meio a tantos pequenos e valiosos objetos de desmedido valor afetivo. Esse é retrato de Zahidé Muzart, a menina que descobriu numa perda o significado de uma vida.

Fonte: IENSEN, Jaqueline. Longa história de amor. *Diário Catarinense*, 31 jan. 2010. Disponível em:

<<http://www.clicrbs.com.br/diariocatarinense/jsp/default2.jsp?uf=2&local=18&source=a2792306.xml&template=3898.dwt&edition=14007§ion=1380>>.

Acesso em: 9 dez. 2010.

Em matéria do *site* Rascunho, Luiz Ruffato conta como surgiu a Editora Mulheres e como ocorre o processo de edição de livros.

QUEM SÃO E COMO SOBREVIVEM AS MICRO E PEQUENAS EDITORAS BRASILEIRAS

Luiz Ruffato

Até por dever de ofício, sempre me interessei por tentar compreender o funcionamento do meio editorial. O nosso, formado por cerca de 500 empresas que publicam mais de 330 milhões de exemplares e faturam R\$ 3,3 bilhões por ano, é particularmente interessante. Não deve haver hoje, no mundo, mercado potencialmente mais promissor: somos 200 milhões de pessoas, a imensa maioria pronta para compartilhar o prazer que o livro proporciona. Faltam, é claro, as condições objetivas: educação e dinheiro, mas, pouco a pouco, essa situação vem se revertendo.

Embora 10% da população brasileira ainda detenha 75,4% do total das riquezas do país, a renda da parcela mais pobre vem conhecendo melhorias significativas – em 2008, segundo dados do IPEA (Instituto de Pesquisas Econômicas), esse número foi igual a 22%, enquanto o crescimento da renda da parcela mais rica, no mesmo período, foi de 4,9%. Por outro lado, de acordo com o Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais), o número de alunos inscritos no ensino universitário cresceu 150% entre 1994 e 2004 – embora, evidentemente, falte muito ainda para alcançarmos um ensino de qualidade e para conhecermos um país socialmente mais justo.

A questão é que, diante do tamanho da nossa população e da quantidade de pessoas que ainda não consomem livros, pelas razões expostas, o mercado brasileiro é potencialmente interessante para os grandes conglomerados editoriais. Não é à toa que gigantes espanhóis e portugueses têm aportado com fome por aqui. A tendência, registrada nos últimos anos, é a de concentração da produção de livros em alguns poucos selos – cerca de 50 das 500 empresas existentes são enquadradas, pelo faturamento, como grandes ou médias, restando às pequenas e micro um público bastante pulverizado. E quem são e como sobrevivem essas empresas é a pergunta que começa a ser respondida a partir deste número. Boa parte vem percebendo que restam nichos não cobertos pelas grandes e médias editoras e apostam neles. Nesta edição, por exemplo, apresentamos uma editora que encontrou seu nicho no gênero (Editora Mulheres), outra que sobrevive como ONG

(LetraSelvagem). Vamos tentar entrevistar o maior número possível de editores (deixando de lado os selos que sobrevivem unicamente com edições contra pagamento do autor).

EDITORA MULHERES (Florianópolis, SC)

www.editoramulheres.com.br

Fundada em 1996, inspirada em sua congênera francesa, Des Femmes, a Editora Mulheres conta hoje com 80 títulos lançados, entre eles a quase totalidade dos romances da paulista Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), uma das mais importantes (e injustiçadas) escritoras brasileiras. Zahidé Lupinacci Muzart conta que, ao se aposentar, tinha oito orientandas de mestrado e um projeto de resgate de escritoras do século XIX, com apoio do CNPq. “No início da pesquisa, era voz corrente de que aquelas mulheres nada tinham escrito, e, por conseguinte, menos ainda publicado. Logo ficou claro, que, na verdade, não só escreveram e publicaram uma grande quantidade de textos, mas, bem mais que isso, que esses textos constituíam um legado de boa qualidade literária e de valor histórico inquestionável”. Assim, com o objetivo de reeditar livros de escritoras do passado, ela, junto com uma colega, Susana Funck, fundou o selo, tocado hoje apenas por Zahidé.

A Editora Mulheres publica basicamente autoras do século XIX, ensaios sobre feminismo e estudos de gênero. Além dos três volumes de *Escritoras brasileiras do século XIX*, uma antologia que reúne, em suas mais de 3 mil páginas, cerca de 150 autoras, os livros que mais lhe deram projeção foram *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis (1825-1917), o primeiro romance de uma mulher negra no Brasil, editado em 1859, e *Masculino, Feminino, Plural*, ensaios organizados por Joana Maria Pedro e Miriam Grossi. O processo de edição ocorre com o envio do texto para duas pareceristas e só depois de recebidos os pareceres (e se forem favoráveis) são feitos o orçamento e o planejamento da publicação, que a editora banca parcialmente, com a participação efetiva do autor. Os próximos títulos previstos, até julho, são o romance *O perdão*, de Andradiana de Oliveira, com organização de Rita Terezinha Schmidt (no prelo) e *Estudos In(ter)disciplinados: gênero, feminismos, sexualidades, conjugalidades*, organização de Mara Coelho de Souza Lago, Miriam Pillar Grossi e Adriano Henrique Nuernberg; *Mulher e Literatura – 25 anos: raízes e rumos*, organização de Cristina Stevens; *O Oriente não é longe daqui*, ensaio de Fernanda Müller; e *Gênero e Geração em Contextos Rurais*, organização de Parry Scott, Rosineide Cordeiro e Marilda Menezes. As tiragens são, em média, de 500 exemplares.

EDITORA LETRASELVAGEM (Taubaté, SP)

www.letraselvagem.com.br

Responsável pelo relançamento do excelente romance *Deus de Caim*, do escritor mato-grossense Ricardo Guilherme Dicke (1936-2008), em sua terceira edição, a LetraSelvagem, fundada em 2007, é um selo editorial que integra o patrimônio da entidade cultural sem fins lucrativos, Associação Cultural LetraSelvagem. Trata-se de uma Organização Não-Governamental 'sui generis', explica seu atual presidente, o escritor Nicodemos Sena, pois há uma cláusula em seus estatutos que veda a aceitação de qualquer ajuda do erário público. “A LetraSelvagem foi criada como um ente da sociedade civil que visa reforçar a cidadania em contraposição ao poder aliciador e corruptor do Estado e às forças impositivas do mercado. Visa agregar e dar visibilidade aos que não entraram ou foram excluídos do ‘jogo’. Procura resgatar antigos valores, numa sociedade dominada pelo dinheiro. Não tem sócios nem ‘donos’, pois não visa lucro”.

Em dois anos, a editora lançou 8 títulos, entre poesia e romance, sendo que um de seus livros, *Anima Animalis – Voz de Bichos Brasileiros*, de Olga Savary, ganhou o Prêmio da APCA (Associação Paulista de Críticos de Artes) como o “melhor livro de poesia editado no Brasil em 2008”. A intenção da editora, ainda segundo Sena, é promover o gosto pela leitura e resgatar autores e livros de alto nível literário mas que, por razões extraliterárias, caíram no esquecimento. “Esta valorização da literatura de boa qualidade se estende a autores e livros de outros países da América Latina e mesmo da África”. Com seis títulos previstos para este ano (os próximos são os romances *Gente pobre*, de Dostoiévski; *A maldição de ondina*, do português-moçambicano António Cabrita e *O sal da terra*, de Caio Porfírio Carneiro), a idéia é, a partir do ano que vem, passar para 10 títulos anuais. E nesse caso, estão previstos os romances *Selva trágica*, de Hernâni Donato; *Os desvalidos*, do mexicano Mariano Azuela; *Sombras sobre a terra*, do uruguaio Francisco Espínola, entre outros.

Sena explica que a editora banca integralmente as edições, pois se recusa a se tornar mais um “caça níquel” na área do livro ou “explorar autores incautos”.

“Contudo, por não aceitar ‘ajuda’ do erário público e não se prestar a ser chapéu para negócios escusos, vê-se na contingência, aliás salutar, de depurar os critérios para a aceitação dos textos que lhe são apresentados e não errar na escolha dos livros a serem reeditados.” As tiragens, atualmente de mil exemplares, devem passar para 1,5 mil no ano que vem.

Fonte: RUFFATO, Luiz. Quem são e como sobrevivem as micro e pequenas editoras brasileiras. Pela margem (1). *Rascunho*, maio 2010. Disponível em: <<http://rascunho.rpc.com.br/>>. Acesso em: 8 dez. 2010.

No capítulo intitulado *Uma editora de fundo de quintal: a Editora Mulheres*, da obra *Mulher e literatura – 25 anos*, de 2010, Zahidé Muzart fala de onde veio a inspiração para fundar a Editora Mulheres – das editoras feministas *Des Femmes* (França), *Cuarto Propio* (Chile) e *Virago* (Inglaterra) – e de sua trajetória como professora e editora. E cita como foi recuperar algumas escritoras do passado.

UMA EDITORA DE FUNDO DE QUINTAL: A EDITORA MULHERES

Zahidé Lupinacci Muzart (UFSC/CNPq)

Editoras no mundo

Ao fundarmos a Editora Mulheres, em 1996, a inspiração nos veio das várias editoras feministas já existentes desde muito tempo como a *Des Femmes*, na França, a mais antiga, *Un Cuarto Próprio*, que existe há 25 anos, no Chile, a *Virago*, na Inglaterra, com mais de trinta anos de existência. Mas nossa quase mentora foi a *Des Femmes*, criada em 1973, por Antoinette Fouque, cinco anos depois da fundação do Mouvement de Libération des Femmes na França. Anos setenta: momento particularmente interessante já que as lutas das mulheres eram apaixonadas, com inúmeras ações para conquista de seus direitos e afirmação de suas liberdades.

Não havia até então outras editoras feministas na Europa e tal iniciativa abriu caminhos para a criação de novas: em 1975, na Itália, em 1976, na Alemanha, em 1977, na Inglaterra, em Portugal, em 1978, na Espanha... criam-se editoras e livrarias "*Delle donne*" "*Frauenoffensive*", "*Virago*", "*Ediciones de feminismo*", "*Women's press*".

Segundo Antoinette Fouque

Le désir qui a motivé la naissance des éditions *Des femmes* est davantage politique qu'éditorial: à travers la maison d'édition, c'est la libération des femmes qu'il s'agit de faire avancer. Dès la conférence de presse que nous avons donnée à Paris, en 1974, à l'occasion de la sortie des trois premiers livres, j'ai précisé que ce n'était pas une maison d'édition féministe au sens où notre lutte et notre pratique n'étaient pas des revendications. Au

point de vue idéologique, la maison d'édition était ouverte à toutes les démarches de lutte, luttes individuelles ou collectives, et dans quelque champ que ce soit. Nous voulions lever le refoulement sur les textes de femmes et publier le refoulé des maisons d'édition (ce qui ne voulait pas dire publier tous les manuscrits, ce qui aurait été de l'idéalisme). Nous l'avons fait, si bien qu'aujourd'hui on parle massivement de l'écriture des femmes.¹ (FOUQUE)²

A *Des Femmes*, que foi nossa inspiração, representou nos seus 35 anos um papel importantíssimo na vida editorial e cultural francesa em geral, na das mulheres em particular e muito na nossa. Como afirmou sua criadora em entrevista

La vocation profonde des éditions *Des femmes* et leur rôle ont toujours été de: rendre visible l'apport des femmes à tous les champs de la connaissance, de la pensée et de l'action, stimuler la création des femmes et leur désir d'entreprendre, enrichir le patrimoine culturel. Les éditions *Des femmes* ont conquis une position originale qu'elles ont eu à coeur de défendre. (FOUQUE, 1990)³

Outra editora, desta vez declaradamente feminista, foi a britânica *Virago* já com respeitáveis 30 anos. Publicou obras raras e inspirou muitas mulheres que publicaram livros, alguns dos quais tinham inicialmente sido marginalizados pelas grandes casas editoriais. Entre os livros republicados pela *Virago* estão o romance *Jane Eyre*, de Charlotte Bronte, *Pride and Prejudice* e *Persuasion*, de Jane Austen, *Rebecca*, de Daphne Du Maurier.⁴ A *Virago* salvou não só do esquecimento escritoras como Daphne du Maurier mas também de uma reputação que as rebaixava a uma categoria de meros "livros para mulheres" (ou mulherzinhas).⁵

Bem mais próxima de nós, a *Editorial Cuarto Próprio*, fundada no Chile em 1984, “cumpru um papel decisivo na difusão de um pensamento crítico de uma literatura que, independente das imposições do mercado, configuram um corpo cultural indispensável”, segundo assinala a página da editora.⁶ Da *Cuarto Próprio* guardamos a lembrança da cortesia e da gentileza. Quando quisemos publicar, em 2005, um livro de Jean Franco, autora de obra “imprescindível na

bibliografia de qualquer pesquisador da Literatura Hispano-Americana”,⁷ recorremos à edição em espanhol dessa editora que imediatamente nos permitiu o seu uso. Traduzimos, então, a partir da edição *Marcar diferencias, cruzar fronteras*, editado em Santiago, Chile, em 1996.

Razões profundas

Este é um artigo de memórias. Comecei a mergulhar no passado e a voltar atrás no tempo e nesta volta na minha história, concluí que me preparei a vida toda para fazer o que faço hoje, mesmo ainda estando muito longe de saber tudo o que deveria para editar um livro impecável.

Nas andanças de editora, observo que meu aprendizado esteve muito mesclado a leituras mas igualmente a ensino, a vivências e à política. Comecei mais ou menos aos 16 anos. Nos anos 50, no ginásio de freiras, em Cruz Alta, fui presidente do Grêmio literário e editamos um jornalzinho, chamado *O Sino da Serra*. Era impresso e tínhamos pouca ingerência na sua feitura, já que as freiras a tudo governavam e censuravam. Só discutíamos as matérias e catávamos artigos entre as colegas, coisa que continuei fazendo trinta anos depois, quando editei a revista *Travessia*, de 1980 a 1993 na UFSC. Quando aluna de música, na Escola de Belas Artes, em Porto Alegre, fundamos também um periódico de alunos que durou pouco tempo, pois não houve muito apoio e eram tempos muito duros entre 64 e 66. O periódico que dirigi, um pouco depois, já foi quando professora, no ginásio noturno, a partir de 1963, no Instituto de Educação, em Porto Alegre. Criamos um centro cultural que funcionava todos os dias a partir das 18 horas. Este curso noturno, somente para moças, congregava mais de 90% de empregadas domésticas e posso dizer que foi a minha experiência de vida mais rica. Observando a aridez da vida dessas moças, criamos um centro cultural e conseguimos a adesão de muitas professoras. Assim, tivemos grupos de poesia, coral, grupo de teatro e o jornalzinho mimeografado. Quando olho para trás, nem acredito no tanto que foi possível produzir e como hoje isso seria extremamente difícil e complicado, pois a escola pública muito se deteriorou com os últimos governos brasileiros. Este periódico se tornou um fórum de debates, muitas vezes ingênuo mas que cumpriu com seu projeto pedagógico.

Na UFSC, em 1980, fundamos com Tânia Ramos e alguns alunos de pós-graduação, entre os quais o poeta Pedro Port, o prematuramente falecido Eunaldo Verdi e Marly Amarilha, hoje professora na Universidade do Rio Grande do Norte, a revista *Travessia*.

Ao refletir em como se faz um livro, e pensar nas dificuldades

enfrentadas para fazer a *Travessia*, em época pré computador, constato um mundo de diferenças... Tudo era difícil: a acolhida da gráfica, conseguir o pagamento do datilógrafo, a revisão dos artigos, conseguir os artigos etc. Em primeiro lugar, era uma revista datilografada e assim como era entregue na gráfica, assim era publicada. Nos seus inícios, a revista passava pela composição. Mas para baratear, aceitamos fazê-la somente datilografada. Sendo assim, a liberdade de decorá-la era maior e comecei a colar vinhetas que recortava de um velho dicionário Larousse, cheio de figurinhas: barcos, árvores, flores, estátuas. Para o número sobre Mulher e literatura, recortei quadros de um livro de culinária com as mulheres sempre servindo... muito feminista! O bibliófilo José Mindlin me escreveu, dizendo que tinha apreciado muito as vinhetas! Mas como nunca fui boa para medidas, a maioria saía levemente torta. Para cada número monográfico, fazíamos uma pesquisa para ver quem havia escrito sobre o autor e enviávamos uma circular, pedindo um artigo. Assim foi no número sobre Erico Verissimo, Manuel Bandeira, Clarice Lispector. O de Clarice, homenagem nos dez anos de seu falecimento, trouxe um artigo inédito de Helene Cixous a quem escrevi sem a mínima esperança mas que imediatamente respondeu e enviou o artigo. Alguns números foram organizados por outros professores como o número sobre Guimarães Rosa, por Walter Costa, sobre literatura contemporânea, por Tânia Ramos, sobre Erico Verissimo, por Maria Luiza Armando.

A revista *Travessia*, que dirigi por 13 anos, foi uma atividade prazerosa e com ela fizemos muitos amigos entre estudiosos, professores e bibliófilos: como Sonia Brayner, Fernando Py, a poetisa Zila Mamede, de Natal, o bibliófilo Julio Petersen de Porto Alegre, José Mindlin, de São Paulo, Erich Gemeinder, de São Paulo, Iaponan Soares de Florianópolis.

Ao me aposentar, entreguei a revista *Travessia* à coordenadora do curso de PG. E a primeira coisa que me pediram, algum tempo depois, foram estatutos. Ora, nunca tivemos estatutos. Na verdade, nunca nos passou pela cabeça perder tempo para fazer uma série de regras para uma atividade cujo móvel maior era o entusiasmo, a alegria e a perseverança. No entanto, a universidade adora impor regras para desprezá-las quando necessário...

Nos anos 80, a revista *Travessia*, no curso de Letras, cumpriu uma função e, além de ser uma ligação com outras universidades, estimulou professores e alunos do curso de pós-graduação a escreverem.

Criação da editora

Foi a partir de interesses comuns de pesquisa que, em 1995, depois de aposentadas, Susana e eu nos unimos, convidamos outra aposentada, Elvira Sponholz, e resolvemos criar a Editora Mulheres para um projeto de resgate de livros de escritoras do passado. É um projeto muito definido e a editora já nasceu diretamente vinculada a uma linha de pesquisa, Literatura e Mulher, decorrendo de nossa filiação ao GT “A mulher na literatura”.

Quando me aposentei tinha orientandas e um projeto de resgate de escritoras do século XIX, com apoio do CNPq. Continuei, por isso, muito ligada à Pós-Graduação na UFSC. No início da pesquisa, era voz corrente de que aquelas mulheres do século XIX nada tinham escrito, e, por conseguinte, menos ainda publicado enquanto viveram. Logo ficou claro, porém, que, na verdade, não só escreveram e publicaram uma grande quantidade de textos, mas, bem mais que isso, que esses textos constituíam um legado de boa qualidade literária e de valor histórico inquestionável. Tudo ficou ainda mais evidente, quando descobrimos que de nada adiantaria apenas revelar os nomes dessas escritoras, os pormenores de suas vidas, relacionar o que escreveram. Era fundamental republicá-las hoje. E, a partir dos primeiros resultados do projeto é que surgiu, de repente, a ideia de criar uma editora cuja finalidade seria realizar um projeto de resgate, isto é, reeditar livros das escritoras do passado, fossem elas brasileiras ou não. Assim como as editoras feministas que nos precederam, também desejávamos tirar da marginalização os livros de mulheres do passado. Desta forma, em 1995, nasceu a Editora Mulheres que só começou a funcionar de verdade, quando foi preparado, editado e lançado o primeiro livro, o que ocorreu em outubro de 1996.

O objetivo de reeditar escritoras do passado, recuperando parte da produção da mulher brasileira no século XIX foi um projeto que certamente contribuiu para escrever a história da literatura em nosso país.

Mas, ao mesmo tempo em que editamos escritoras brasileiras, publicamos a tradução de obras importantes de escritoras de outros países como a feminista Flora Tristan ou Aphra Behn, a primeira escritora inglesa a se profissionalizar. Também procuramos editar diários de viajantes estrangeiras no Brasil do século XIX como a francesa Baronesa de Langsdorff e a belga Madame van Langendonck. Descobrimos tais diários pelos trabalhos da historiadora Miriam Lifchitz Moreira Leite que os estudou a fundo em livros e artigos. Para obtê-los, tivemos a ajuda inestimável do bibliófilo paulista José Mindlin, falecido

neste ano aos 95 anos dos quais 80, dedicados ao livro. Um parêntese sobre nossa dívida com muitas pessoas. Cada livro, como, por exemplo, o diário da Baronesa de Langsdorff, foi, de certa maneira, um trabalho coletivo, um trabalho com muitas mãos e isso foi muito prazeroso. Não nos movia o lucro mas o amor ao livro e à cultura, além do objetivo primeiro, o de ressuscitar as escritoras do passado. Além de literatura, publicamos ainda estudos críticos sobre escritoras, índices bibliográficos e outras obras de consulta, ou seja, instrumentos de pesquisa sobre a literatura feita por mulheres e sobre os estudos de gênero numa dimensão interdisciplinar.

Foi o *Mulheres illustres do Brazil*, obra que Inês Sabino editou em 1899, o primeiro livro da Editora Mulheres, em edição *facsimilar*. Para o lançamento, fizemos uma festa no Palácio Cruz e Sousa e temos boas lembranças desse encontro.

Nestes inícios, tudo na editora era muitíssimo artesanal – creio que ainda o é... Líamos o livro proposto, revisávamos a digitação, realizávamos a editoração. Escrevíamos a orelha, escolhíamos a ilustração da capa. E tudo isto num ambiente de muita camaradagem.

A Editora Mulheres embora seja uma editora de fundo de quintal, sem funcionários, sem sede, sem bons distribuidores ficou muito conhecida. Por quê?

Em primeiro lugar, pelo ineditismo de suas edições do século XIX. Vou dar apenas um exemplo, pois não há possibilidade de comentar a origem das várias edições: o resgate de uma escritora como Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) que começou a partir de 1996, ou seja, há 14 anos. Raríssimos críticos literários falavam dela e até os anos 60, somente foi contemplada por Lúcia Miguel-Pereira em *Prosa de ficção: de 1870 a 1920*, publicado em 1957.⁸ Não aparecia nas Histórias da Literatura a não ser em rodapé ou nas listas de autores menores. Pois, a partir de nossas publicações de alguns romances, ela foi se tornando mais e mais conhecida, participando de congressos, de palestras e de muitas comunicações não só no Brasil como nos Estados Unidos. O primeiro livro que editamos foi *A Silveirinha*,⁹ escolhido por ter lido Frei Pedro Sinzig que, em 1923, disse que o romance *A Silveirinha* de Júlia Lopes de Almeida *é uma ofensa à sociedade e à Igreja Católica*.¹⁰ Essas palavras logo suscitaram nossa curiosidade. Se o frei era contra... o livro deveria ter algo diferente, deveria ser bom!!

A Silveirinha não é um texto banal. A sua dominante, como em outros livros de Júlia Lopes de Almeida, como em *A Intrusa*, por exemplo, é a ambiguidade. E, pela temática, salta aos olhos as razões de Frei Pedro Sinzig que no seu monumental livro de juízos sobre mais de

7000 romances diz que *A Silveirinha chega a repugnar!! que é uma ofensa à Igreja Católica* e, demonstrando o machismo da época, também escreve a frase fatal: *parece incrível ser ele escrito por uma senhora!* frase repetida por tantos outros críticos embora com objetivos laudatórios, em geral. E não só no século XIX. Não esqueçamos que na publicação de *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, o próprio Graciliano Ramos duvidou da autoria feminina...

A Silveirinha faz um notável painel da sociedade burguesa do Rio de Janeiro da época, de modo irônico, com uma crítica bastante mordaz à sociedade e, especialmente, à Igreja Católica. Daí as razões dos ataques do frei...

Júlia Lopes de Almeida foi uma escritora injustamente esquecida e, no final do século XIX, é ela, depois de Machado de Assis, o escritor brasileiro mais importante, no Brasil.

Da mesma autora, depois de *A Silveirinha*, publicamos *A Viúva Simões*, *A falência*, *Memórias de Marta* e *A família Medeiros*. Todas as edições seguem o mesmo esquema: um aprofundado estudo de especialista, uma cronologia da vida e obra, a bibliografia da autora e sobre a autora. Nossas edições são um trabalho conjunto com a organizadora. Em *Memórias de Marta*, temos ainda referências ao acervo da escritora em poder de um de seus netos, Dr. Cláudio Lopes de Almeida que reside no Rio. O estudo do acervo foi realizado por Rosane Saint-Denis-Salomoni, cujo doutorado versou sobre Júlia Lopes de Almeida.¹¹ Atualmente, o acervo também está sendo analisado por Nadilza de Barros Moreira (UFPb), colega do GT, que tem trabalhado sobre a autora desde seu doutorado.¹²

O ressurgimento de Júlia Lopes de Almeida originou teses e dissertações, artigos e ensaios não só na área de letras mas também na área de História. No Banco de Teses da Capes, encontro 10 trabalhos sobre Júlia Lopes de Almeida entre dissertações e teses.¹³

Atualmente, pois, a escritora está sendo reavaliada pelos estudos acadêmicos não só no Brasil como nos Estados Unidos. Todo esse movimento de resgate, de renascimento de mulheres escritoras, no Brasil, é consequência dos estudos na linha de pesquisa “Mulher e Literatura” que é herdeira direta dos estudos feministas que se desenvolveram sobretudo nos Estados Unidos, muito mais do que em qualquer outro país, e à tendência de uma crítica feminista interessada no estabelecimento de uma tradição literária escrita por mulheres: uma literatura própria. E neste ponto, a Editora Mulheres teve, no Brasil, um papel fundamental com suas reedições.

A Editora tem nos dado muitas alegrias no contacto com várias

peças. Um dos encontros mais simpáticos que tivemos foi a visita do neto de Júlia Lopes de Almeida, em 2002, Dr. Cláudio Lopes de Almeida. Esteve, acompanhado de sua esposa e neta, em minha casa e, desde então, tem sido um incentivador de todo o nosso trabalho pelo ressurgimento da avó. E ele mesmo tem feito um grande trabalho de conservação do acervo de D. Júlia, possibilitando novos estudos. Quando do congresso da BRASA, no Rio em 2003, organizamos uma mesa-redonda sobre a obra de Júlia Lopes de Almeida, seu neto compareceu e deu-nos um belo depoimento. Foi, realmente, uma sessão memorável!

Séries

A Editora tem algumas séries básicas: a série *Romance* que reedita os romances das escritoras do passado; a série *Ensaio* que edita estudos de gênero, a série *Poesia*, a série *Viagem*, a série *Cartas e Memórias*, a série *Feministas* e a série *Gênero e Violência* (coordenada por Miriam Grossi). Dessas séries, é a de Ensaio a que tem maior sucesso. Por exemplo, o livro *Masculino, feminino, plural*,¹⁴ organizado por Joana Pedro e Miriam Grossi, já com duas edições, o livro organizado por Susana Bornéo Funck & Nara Widholzer, *Gênero em discursos da mídia*, de 2005, já esgotadíssimo e assim outros sobre estudos de gênero. Temos editado importantes livros de ensaios de autoras estrangeiras como o livro de Joan Scott,¹⁵ o de June Hahner¹⁶, o de Jean Franco¹⁷ e o de Nara Araújo.¹⁸ Gostaríamos de traduzir e editar outros livros fundamentais na área, mas há muitos gastos suplementares como o pagamento de *royalties*, tradução, revisão e cotejo e tudo isso torna a edição bastante dispendiosa.

Série Feministas

Esta série foi bastante discutida com Constância Lima Duarte cujos importantes estudos sobre feminismo e literatura muito nos incentivaram.

Com *Nísia Floresta, a pioneira do feminismo no Brasil*, a Editora Mulheres inaugurou a nova série, especialmente dedicada às que se destacaram na luta feminista. A intenção foi a de preencher uma lacuna na historiografia, divulgando a vida e a obra de mulheres – rebeldes, inconformadas, utópicas – que não aceitaram o *status quo* estabelecido para seu sexo, e protestaram, das mais diferentes formas.

Os livros, assinados por várias estudiosas seguem o esquema usado na reedição dos romances, têm apresentação, cronologia de vida e obra da feminista, bibliografia da autora, a relação das principais fontes

de pesquisa, e ainda uma antologia de textos.

Editamos *Nísia Floresta, nossa primeira feminista* com organização e introdução de Constância Lima Duarte, *Maria Lacerda de Moura* com organização e estudo de Miriam Lifchitz Moreira Leite, *Madeleine Pelletier* com introdução de Joan Scott, *Bertha Lutz* com organização e introdução de Rachel Soihet. E temos três feministas já organizadas, esperando a publicação. Josefina Álvares de Azevedo, organizado por Valéria Andrade, Edith Gama, organizado por Maria Conceição Pinheiro de Araújo, Francisca Senhorinha da Motta Diniz, organizado por Aparecida Maria Nunes.

A Série *Feministas* tem um projeto gráfico único para todos os livros criados por Dorothée de Bruchard com quem trabalhamos em muitas edições dos anos 90.

Além dos livros já preparados, ainda temos as seguintes feministas em nosso projeto: Mariana Coelho, Antonieta de Barros, Elisabeth Souza Lobo, Leolinda Daltro, Ercília Nogueira Cobra, Anayde Beiriz, Patricia Galvão, Carlota Pereira de Queiroz.

Concluindo...

Depois de 15 anos de trabalho, a editora mantém-se ativa, contando com o incentivo de muitas amigas! Destaco a colaboração de Susana Funck na sua fundação, nos primeiros anos e, atualmente, ainda com o incentivo constante e amigo; sublinho o entusiasmo de Constância Lima Duarte sempre com o elogio na hora certa e o ânimo alegre para novas aventuras!

Descobrimos, ao longo desses anos, muitas coisas mas o que devo salientar foi descobrir o valor da revisão. Para quem vê um bonito livro na livraria, nem imagina por quantas leituras passou. É a leitura da descoberta e conseqüente escolha do livro a ser editado, é a leitura da digitação, a leitura da editoração, a leitura da cópia da gráfica. Tudo extremamente demorado e, apesar disso, sempre haverá algo a fazer, porque uma revisão tem de passar por, no mínimo, três pessoas! Acho que uma boa editora pode ser avaliada em muitos de seus aspectos, muitas particularidades, vários pormenores, mas esta questão deve ser considerada primordial. Ela chega a ser uma verdadeira tortura para o editor...

Cada livro da Editora Mulheres tem uma história de erros e acertos, de amizade e de companheirismo.

São perto de cem títulos publicados e saliento as coletâneas ligadas à linha de pesquisa Literatura e Mulher. Originados diretamente dos encontros do GT, editamos o organizado por Izabel Brandão e por

mim, *Refazendo nós*, em 2003 e os dois resultantes do Seminário Mulher e Literatura no Rio de Janeiro, em 2005, *Entre o estético e o político*, organizados por Maria Conceição Monteiro & Tereza Marques de Oliveira Lima (Orgs.). Os demais da mesma linha de pesquisa são resultados de teses ou de pesquisa com o apoio do CNPq, como os três volumes do *Escritoras do século XIX*, uma série que projetou bastante o nome da editora pois teve uma enorme aceitação da mídia e todos os grandes jornais dedicaram artigos ao livro e ao ineditismo da pesquisa.

Ainda uma observação: além de ter obtido um apoio grande da mídia, fico feliz por ter a editora bem comentada no trabalho seríssimo de Laurence Hallewell, *O livro no Brasil*.

Gostaria de concluir essas observações com palavras de Jason Epstein (*O negócio do livro*):

O editor é antes de tudo um leitor. Por isso, um editor que não lê os livros que edita, não se pode considerar editor. A paixão do editor não é o resultado financeiro, mas a aventura cujo resultado é uma espécie de júbilo diante de cada livro bem sucedido.¹⁹

É nisso que também acredito e é o que tento fazer no dia-a-dia da editora.

Notas

¹ O desejo que motivou o nascimento das edições *Des Femmes* foi mais político do que editorial: pela editora, é a liberação das mulheres que se trata de impulsionar. Desde a conferência dada à imprensa em Paris em 1974, quando saíram os três primeiros livros, assinala-se que não era uma editora feminista no sentido em que nossa luta e nossa prática não eram reivindicações. Do ponto de vista ideológico, a editora estava aberta a todas as lutas, individuais ou coletivas em qualquer campo. Desejávamos eliminar a repressão sobre os textos das mulheres e publicar o reprimido pelas editoras (o que não significava publicar todos os manuscritos, o que seria idealismo). Nós o fizemos tão bem que hoje fala-se maciçamente da escritura das mulheres. (Tradução minha.) In: <http://www.desfemmes.fr/histoire.htm>. Acesso: 10/01/2010.

² Antoinette Fouque é uma militante para a emancipação da mulher. Foi psicanalista, editora e política. Nasceu em Marselha em 1936. Depois de estudos em Letras na Sorbonne, fez um DEA com Roland Barthes sobre as *avant-gardes* literárias. Seguiu formação analítica com Jacques Lacan

antes de colocar de maneira inédita a questão das mulheres e do corpo na teoria psicanalítica. Sua doutrina é fundada em uma psicanálise crítica que tem por alvo a concepção freudiana de uma libido que seria somente fálica.

⁵ A vocação profunda das edições *Des Femmes* e seu papel foram sempre de tornar visível a contribuição das mulheres a todos os campos do conhecimento, do pensamento e da ação, estimular a sua criação e seu desejo de iniciar, de enriquecer o patrimônio cultural. As edições *Des Femmes* conquistaram uma posição original que elas estavam determinadas a defender. O que não foi sempre fácil quando a mediatização extremada participa da restauração dos conservadorismos. (tradução nossa). In: <http://www.desfemmes.fr/histoire.htm>. Acesso: 10/01/2010.

⁴ *Jane Eyre; Orgulho e preconceito; Persuasão; Rebecca*, todos publicados no Brasil por grandes editoras como a Record. Recentemente, *Orgulho e preconceito* foi publicado pela L&PM, de Porto Alegre, em edição de bolso.

⁵ <http://www.virago.co.uk>

⁶ <http://www.cuartopropio.cl/html/editorial.html>. Acesso: 17 fev. 2010.

⁷ Da orelha da tradutora Alai García Diniz.

⁸ PEREIRA, Lúcia Miguel. *Prosa de ficção: de 1870 a 1920*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957. p. 255-271.

⁹ *A Silveirinha* foi publicado em folhetins, no *Jornal do Commercio*, em 1913, e, em livro, em 1914 (Rio de Janeiro, Francico Alves e Aillaud, Alves e Cia, Paris).

¹⁰ Frei Pedro Sinzig. *Através dos romances*. Guia para as consciências. Edição das Vozes de Petrópolis, 1923, p. 53.

¹¹ Júlia Lopes de Almeida. *Memórias de Marta*. Org., introd e notas por Rosane Saint-Denis Salomoni. Florianópolis: Mulheres, 2007.

¹² MOREIRA, N. M. B. *A condição feminina revisitada: Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin*. João Pessoa, PB: Editora Universitária/UFPB, 2003.

¹³ No Banco de Teses da Capes, encontro as seguintes teses de doutorado:

1. Norma de Abreu Telles. *Encantações e Imaginação literária*. 01/12/1987.

2. Barbara Heller. *Em busca de novos papéis: imagens da mulher leitora no Brasil (1890-1920)*. 01/09/1999.

3. Nadilza Martins de Barros Moreira. *A condição feminina em Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin*. 01/06/1998.

4. Leonora De Luca. *"Amazonas do Pensamento": A gênese de uma*

intelectualidade feminina no Brasil. 01/11/2004.

5. Rosane Saint-Denis Salomoni. *A escritora/os críticos/a escritura: o lugar de Júlia Lopes de Almeida na ficção brasileira*. 01/04/2005.

6. Romair Alves de Oliveira. *A Escritura de Resistência em Júlia Lopes de Almeida, A Viúva Simões*. 01/06/2008.

E as dissertações de mestrado:

1. Leonora de Luca. *Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) e o feminismo no Brasil na virada do século*. 1995.

2. Érica Schlude Ribeiro. *O Olhar Visionário e o Olhar Conservador: a Crítica Social nos Romances de Júlia Lopes de Almeida*. 01/11/1999.

3. Luciana Faria Le-Roy. *A representação da mulher na literatura para crianças: um estudo de obras de Júlia Lopes, Ana Maria Machado, Lygia Bojunga Nunes e Marina Colasanti*. 01/12/2003.

4. Marly Jean de Araújo Pereira Vieira. *Do privado ao público – Júlia Lopes e a educação da mulher*. 01/06/2003.

¹⁴ PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pillar. (Orgs.). *Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis: Mulheres, 1998.

¹⁵ SCOTT, Joan W. *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem*. Tradução de: Élvio Antônio Funk. Florianópolis: Mulheres, 2002.

¹⁶ HAHNER, June E. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil*. Tradução de: Eliane Lisboa. Florianópolis: Mulheres, 2003.

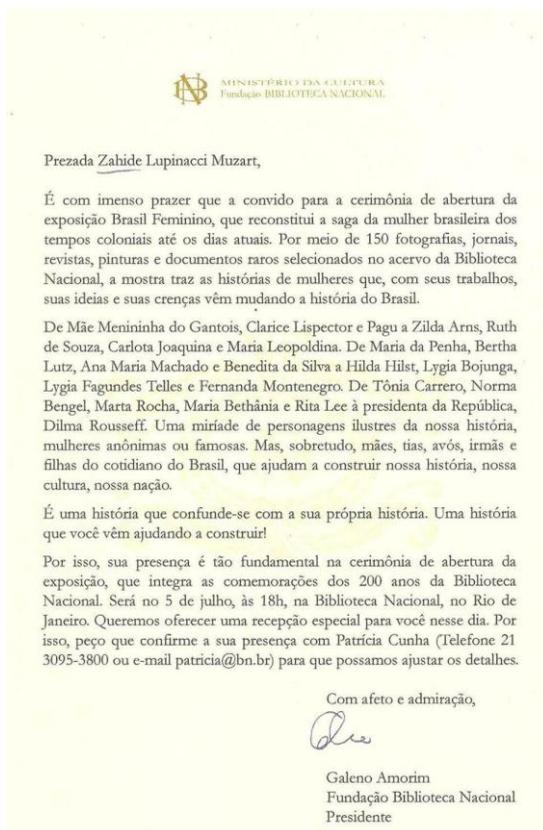
¹⁷ JEAN FRANCO. *Marcar diferenças, cruzar fronteiras*. Co-edição PUC-Minas. Tradução de: Alai Garcia Diniz. 2005.

¹⁸ ARAÚJO, Nara. *O tempo e o rastro: da viagem e sua imagem*. Tradução de: Eliane Tejera Lisboa. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

¹⁹ Jason Epstein. *O negócio do livro: passado, presente e futuro do mercado editorial*. Tradução de: Zaida Maldonado. Rio de Janeiro: Record, 2002.

Fonte: MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma editora de fundo de quintal: a Editora Mulheres. In: STEVENS, Cristina (Org.). *Mulher e literatura – 25 anos*. Raízes e rumos. Florianópolis: Mulheres, 2010. p. 169-182.

Neste ano Zahidé Lupinacci Muzart foi convidada pela Fundação Biblioteca Nacional para a cerimônia de abertura da exposição Brasil Feminino. Essa exposição mostra a história da mulher brasileira dos tempos coloniais até nossos dias, através de fotografias, jornais, revistas, pinturas e documentos raros selecionados no acervo da Biblioteca.



Fonte: FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Exposição Brasil Feminino. Rio de Janeiro, 2011.

Ao recuperar parte da produção das escritoras brasileiras do século XIX, a Editora Mulheres ajuda a reescrever a história literária do país. No próximo capítulo vamos conhecer todas as obras publicadas pela Editora até o momento.

Movimento Três





3 MO(VI)MENTO TRÊS – CATÁLOGO DA EDITORA MULHERES

Pesquisas como estas realizam ainda o questionamento da cultura hegemônica, estabelecem uma nova tradição literária, revelam a mulher como sujeito do discurso literário. Enfim, contribuem para a construção de uma história das letras em nosso país. Através de suas obras [...] as escritoras expressam suas emoções, sua visão de mundo, além de lúcidas reflexões sobre educação, condição da mulher na sociedade patriarcal, direito ao voto, participação na vida social, dentre outros temas.

Constância Lima Duarte (2007).

A Editora Mulheres, ao recuperar as obras de escritoras do século XIX, busca mostrar que muitas mulheres permaneciam no anonimato e contribuir com a crítica feminista nas universidades, promovendo textos novos sobre essas escritoras. Mas, acima de tudo, busca publicar as obras das próprias autoras.

Essas obras publicadas – 96 no total – apresentam biografia, ensaio crítico, bibliografia e pequena amostragem de seu texto, sendo classificadas dentro das séries Referências, Ensaios, Gênero e violência, Romance/Narrativas, Poesia e teatro, Viagens, Cartas e memórias, Feminista e Infantojuvenil. A seguir é apresentado um quadro com todas as obras publicadas pela Editora e, na sequência, a capa de cada uma delas.

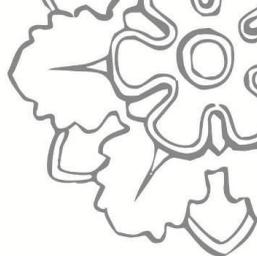
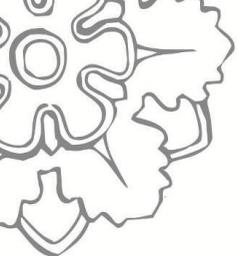
Série	Obra	
Referências	<p><i>Brasileiras notáveis: uma abordagem radiofônica</i></p> <p><i>Dicionário de escritoras portuguesas: das origens à atualidade</i></p> <p><i>Escritoras brasileiras do século XIX: antologia</i></p>	<p><i>Escritoras brasileiras do século XIX, Vol. II</i></p> <p><i>Escritoras brasileiras do século XIX, Vol. III</i></p> <p><i>Índice de dramaturgas brasileiras do século XIX</i></p> <p><i>Mulheres ilustres do Brasil</i></p>
Ensaaios	<p><i>A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem</i></p> <p><i>A construção dos corpos: perspectivas feministas</i></p> <p><i>A invenção da solteirona: conjugalidade moderna e terror moral</i></p> <p><i>Cintilações de uma alma brasileira</i></p> <p><i>Coreografias do feminino</i></p> <p><i>Diversidades: dimensões de gênero e sexualidade</i></p> <p><i>Ecos do Oriente: o relato de viagem na literatura contemporânea</i></p> <p><i>Elas escrevem o épico</i></p> <p><i>Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no</i></p>	<p><i>Leituras de resistência: corpo, violência e poder – Vol. I</i></p> <p><i>Leituras de resistência: corpo, violência e poder – Vol. II</i></p> <p><i>Leituras em rede: gênero e preconceito</i></p> <p><i>Marcar diferenças, cruzar fronteiras</i></p> <p><i>Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade</i></p> <p><i>Maternidade e feminismo: diálogos interdisciplinares</i></p> <p><i>Mulher e Literatura – 25 anos: raízes e rumos</i></p> <p><i>Mulheres em ação: práticas discursivas, práticas políticas</i></p> <p><i>Mulheres em letras: antologia de escritoras mineiras.</i></p>

Série	Obra	
	<p><i>Brasil 1850-1940</i></p> <p><i>Em nome da mãe: o não reconhecimento paterno no Brasil</i></p> <p><i>Entre o estético e o político: a mulher nas literaturas clássicas e vernáculas</i></p> <p><i>Entre o estético e o político: a mulher nas literaturas de línguas estrangeiras</i></p> <p><i>Entre resistir e identificar-se: para uma teoria da prática narrativa brasileira de autoria feminina</i></p> <p><i>Entre saias justas e jogos de cintura</i></p> <p><i>Estudos in(ter)disciplinados: gênero, feminismo, sexualidade</i></p> <p><i>Falas de gênero: teorias, análises, leituras</i></p> <p><i>Genealogias do silêncio: feminismo e gênero</i></p> <p><i>Gênero, cultura e poder</i></p> <p><i>Gênero e geração em contextos rurais</i></p> <p><i>Gênero em discursos da mídia</i></p>	<p><i>O florete e a máscara: Josefina Álvares de Azevedo, dramaturga do século XIX</i></p> <p><i>O tempo e o rastro: da viagem e sua imagem</i></p> <p><i>Peregrinas de outrora: viajantes latino-americanas no século XIX</i></p> <p><i>Pilares narrativos: a construção do eu e da nação na prosa de oito romancistas brasileiras</i></p> <p><i>Poéticas e políticas feministas</i></p> <p><i>Práticas pedagógicas e emancipação: gênero e diversidade na escola</i></p> <p><i>Que corpo é esse?</i></p> <p><i>Refazendo nós: ensaios sobre mulher e literatura</i></p> <p><i>Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica</i></p> <p><i>Resgates e ressonâncias: Mariana Coelho</i></p> <p><i>Resistência, gênero e feminismos contra as ditaduras no Cone Sul</i></p> <p><i>Sedução e heroísmo: imaginação de mulher – entre a República das Letras e a Belle Epoque</i></p>

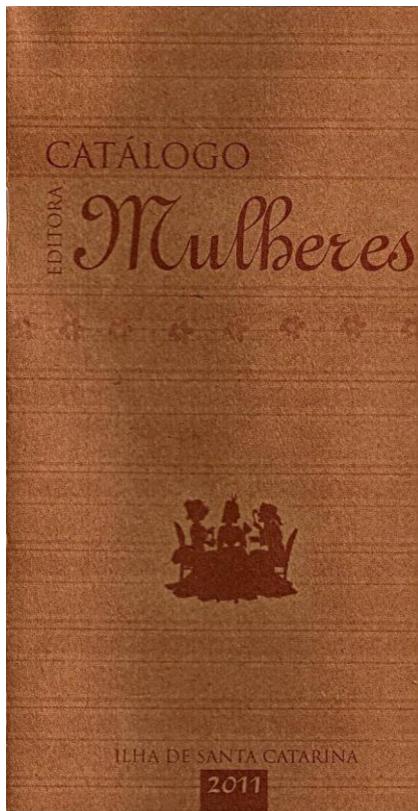
Série	Obra	
	<p><i>Gênero em movimento: novos olhares, muitos lugares</i></p> <p><i>Gênero, feminismos e ditaduras no Cone Sul</i></p> <p><i>Gênero sem fronteiras: oito olhares sobre mulheres e relações de gênero</i></p> <p><i>Hilda Hilst: três leituras</i></p> <p><i>Interdisciplinaridade em diálogos de gênero: teorias, sexualidades, religiões</i></p> <p><i>Investigando a linguagem: ensaios em homenagem a Leonor Scliar-Cabral</i></p>	<p><i>Trajatória educacional de mulheres em assentamentos de reforma agrária na região Tocantina-MA</i></p> <p><i>Transparências da memória/estórias de opressão (diálogos com a poesia brasileira contemporânea de autoria feminina)</i></p> <p><i>Uma escritora na periferia do Império: vida e obra de Emília Freitas (1855-1908)</i></p> <p><i>Vozes em dissonância: mulheres, memória e Nação</i></p>
Gênero e violência	<p><i>Depoimentos: trinta anos de pesquisas feministas brasileiras sobre violência</i></p> <p><i>Gênero e violência: pesquisas acadêmicas brasileiras (1975-2005)</i></p>	<p><i>Narrar processos: tramas da violência doméstica e possibilidades para a educação</i></p>
Romance/Narrativas	<p><i>A falência</i></p> <p><i>A família Medeiros</i></p> <p><i>A luta</i></p> <p><i>A rainha do ignoto</i></p> <p><i>A Silveirinha</i></p> <p><i>A viúva Simões</i></p>	<p><i>Lésbia</i></p> <p><i>Lutas do coração</i></p> <p><i>Memórias de Marta</i></p> <p><i>O perdão</i></p> <p><i>Oroonoko ou o escravo real</i></p> <p><i>Os papéis do Coronel</i></p>

Série	Obra	
	<p><i>Contos antigos</i></p> <p><i>Divórcio?</i></p> <p><i>D. Narcisa de Villar</i></p>	<p><i>Roteiros inconscientes (narrativas)</i></p> <p><i>Uma menina de Itajaí</i></p> <p><i>Úrsula</i></p>
Poesia e teatro	<p><i>Maria Ribeiro: teatro quase completo</i></p> <p><i>Pelos caminhos do mundo: coletânea poética</i></p>	<p><i>Sorrisos e prantos</i></p> <p><i>Uma voz ao Sul: os versos de Maria Clemência da Silveira Sampaio</i></p>
Viagens	<p><i>Diário da Baronesa E. de Langsdorff: diário de sua viagem ao Brasil, 1842-1843</i></p> <p><i>Itinerário de uma viagem à Alemanha</i></p>	<p><i>Peregrinações de uma pária</i></p> <p><i>Uma colônia no Brasil</i></p>
Cartas e memórias	<p><i>A décima carta: Laus, apenas</i></p> <p><i>Cartas</i></p>	<p><i>Villa Rica: um tempo feliz</i></p>
Feminista	<p><i>Madeleine Pelletier: memórias de uma feminista</i></p> <p><i>Maria Lacerda de Moura, uma feminista utópica</i></p>	<p><i>Nísia Floresta: a primeira feminista do Brasil</i></p> <p><i>O feminismo tático de Bertha Lutz</i></p>
Infantojuvenil	<p><i>Uma casa sem cor</i></p>	<p><i>Versos para Pituquim: com pó de pirlimpimpim</i></p>
Próximas edições	<p><i>Edith Gama</i></p> <p><i>Entre narrativas</i></p> <p><i>Francisca Senhorinha da Motta Diniz</i></p>	<p><i>Josefina Álvares de Azevedo</i></p> <p><i>Misterios del Plata</i></p> <p><i>Niterói de Badezir</i></p>

Quadro 1 – Obras publicadas pela Editora Mulheres



Catálogo 2011



EDITORA MULHERES



CARTA DA EDITORA

A partir de interesses comuns de pesquisa, e preocupadas com a memória cultural e com a história literária, criamos, em 1996, na Ilha de Santa Catarina, a Editora Mulheres.

Com o objetivo de recuperar parte da produção da mulher brasileira no século XIX, nosso projeto certamente contribuirá para escrever a história da literatura em nosso país. Mas, ao mesmo tempo em que editará ou reeditará as brasileiras, também pretende publicar obras importantes de escritoras de outros países.

Além de literatura, publicaremos ainda estudos críticos sobre escritoras, índices bibliográficos, dicionários e outras obras de consulta, enfim, instrumentos de pesquisa sobre a literatura feita por mulheres e sobre os estudos de gênero numa dimensão interdisciplinar.

A Editora Mulheres preocupa-se em oferecer edições de qualidade, com boa apresentação gráfica e cuidado no estabelecimento e na revisão dos textos.

Florianópolis, outono 2011
Zahidé Lupinacci Muzart

EDITADOS



SÉRIE REFERÊNCIAS

IGNEZ SABINO. *Mulheres Ilustres do Brasil*, edição fac-similar. 1996. 280 p. **ESGOTADO**

VALÉRIA ANDRADE SOUTO-MAIOR. *Índice de dramaturgas brasileiras do século XIX*. 1996. 56 p. R\$ 26,00.
ISBN 85-86501-27-1

ZAHIDÉ LUPINACCI MUZART (org.). *Escritoras Brasileiras do Século XIX: Antologia*. 1999. 960 p. R\$ 80,00. Co-edição Edunisc. 1ª reimpressão 2000.
ISBN 85-86501-17-4

ZAHIDÉ LUPINACCI MUZART (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX, Volume II*. Apresentação Nádia Battella Gotlib. 2004. 1284 p. R\$ 120,00.
ISBN 85-86501-42-5

NOEMI FLORES. *Brasileiras Notáveis*. 2006. 296 p. R\$ 45,00.
ISBN 85-86501-57-3

CONCEIÇÃO FLORES, CONSTÂNCIA LIMA DUARTE E ZENÓBIA COLLARES MOREIRA. *Dicionário de Escritoras Portuguesas - das origens à atualidade*. 2009. 336 p. R\$ 45,00.
ISBN 978-85-86501-82-1

ZAHIDÉ LUPINACCI MUZART (org.). *Escritoras Brasileiras do Século XIX: Vol. III*. Antologia. 1200 p. R\$ 120,00. 2009.
ISBN 85-86501-17-4



SÉRIE ENSAIOS

NÍZIA FLORESTA. *Civilizações de uma alma brasileira*. Intr. Constância Lima Duarte. Trad. Michelle Vartulli. 1997. 252 p. Co-edição EDUNISC. **ESGOTADO**

MÔNICA RAISA SCHPUN (org.). *Gênero sem fronteiras: oito olhares sobre mulheres e relações de gênero*. 1997. 208 p. **ESGOTADO**
ISBN 85-86501-03-4

PEGGY SHARPE (org.). *Entre resistir e identificar-se: para uma teoria da política da narrativa brasileira de autoria feminina*. 1997. 200 p. R\$ 35,00. Co-edição UFG.
ISBN 85-86501-04-2

JOANA MARIA PEDRO & MIRIAM PILLAR GROSSI (orgs.). *Masculino, Feminino, Plural: Gênero na Interdisciplinaridade*. 1998. 320 p. R\$ 40,00. 1ª reimpressão 2000.
ISBN 85-86501-05-0

ALCIONE LEITE DA SILVA, MARA COELHO DE SOUZA LAGO E TANIA REGINA OLIVEIRA RAMOS (orgs.). *Falas de gênero: teorias, análises, leituras*. 1999. 354 p. R\$ 35,00.
ISBN 85-86501-16-6

LONI GRIMM CABRAL E JOSÉ MORAIS. *Investigando a linguagem: Ensaio em homenagem a Leonor Scliar-Cabral*. 1999. 352 p. **ESGOTADO**
ISBN 85-86501-10-7

MARIA TERESA SANTOS CUNHA, MARIA HELENA CAMARA BASTOS E ANA CHYSTINA VENANCIO MIGNOT (orgs.). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. 2000. 240 p. R\$ 30,00.
ISBN 85-86501-19-0

VERA QUEIROZ. *Hilda Hilst: três leituras*. 2000. 52 p. R\$ 15,00.
ISBN 85-86501-22-0

VALÉRIA ANDRADE SOUTO-MAIOR. *O florete e a máscara: Josefina Álvares de Azevedo, dramaturga do século XIX*. 2001. 160 p. R\$ 30,00.
ISBN 85-86501-25-5

JOAN W. SCOTT. *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem*. Trad. Elvio A. Funck. Apres. Miriam P. Grossi. 2002. **ESGOTADO**
ISBN 85-86501-23-9

JUNE E. HAHNER. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil 1850-1940*. Trad. Eliane Tejera Lisboa. Apres. Joana Maria Pedro. Co-edição Edunisc. 2003. R\$ 60,00.
ISBN 85-86501-29-8

IZABEL BRANDÃO E ZAHIDÉ MUZART, (orgs.). *Refazendo nós: ensaios sobre mulher e literatura*. Co-edição Edunisc. 2003. 552 p.

ESGOTADO

ISBN 978-85-86501-34-4

NARA ARAÚJO. *O tempo e o rastro: da viagem e sua imagem*. Trad. Eliane Tejera Lisboa. Apresentação Ana Lúcia Gazzola. Co-edição Edunisc. 2003. 274 p. R\$ 40,00.

ISBN 978-85-86501-35-2

DÉBORA R. S. FERREIRA. *Pilares narrativos: a construção do eu e da nação na prosa de oito romancistas brasileiras*. Apresentação Susan C. Quinlan. 2004. 224 p. **ESGOTADO**

ISBN 978-85-86501-36-0

MARIA REGINA AZEVEDO LISBÔA & SÔNIA WEIDNER MALUF (Orgs.). *Gênero, cultura e poder*. 2004. 160 p. R\$ 30,00.

ISBN 978-85-86501-39-5

CARMEN SÍLVIA MORAES RIAL & MARIA JURACY FILGUEIRAS TONELI (Orgs.). *Genealogias do silêncio: feminismo e gênero*. 2004. 200 p. R\$ 30,00.

ISBN 978-85-86501-38-7

CLAUDIA DE LIMA COSTA & SIMONE PEREIRA SCHMIDT (Orgs.). *Poéticas e políticas feministas*. 2004. 260 p. R\$ 35,00.

ISBN 978-85-86501-40-9

MARA COELHO DE SOUZA LAGO, MIRIAM PILLAR GROSSI, CRISTINA TAVARES DA COSTA ROCHA, OLGA REGINA ZIGELLI GARCIA E TITO SENA (Orgs.). *Interdisciplinaridade em diálogos de gênero: teorias, sexualidades, religiões*. 2004. 284 p. R\$ 35,00.

ISBN 978-85-86501-39-5

ROSANA CÁSSIA KAMITA. *Resgates e ressonância: Mariana Coelho*. 2005. 184 p. 2005. R\$ 30,00.

ISBN 978-85-86501-45-X

CHRISTINA RAMALHO. *Elas escrevem o épico*. 2005. 188 p.

ESGOTADO

ISBN 978-85-86501-46-8

JEAN FRANCO. *Marcar diferenças, cruzar fronteiras*. Co-edição PUC-Minas. Tradução de Alai Garcia Diniz. 2005. 364 p. R\$ 30,00.

ISBN 978-85-86501-47-6

SUSANA BORNÉO FUNCK & NARA WIDHOLZER (orgs.). *Gênero em discursos da mídia*. Co-edição EDUNISC. 2005. 336 p.

ESGOTADO

ISBN 978-85-86501-49-2

TANIA NAVARRO SWAIN & DIVA DO COUTO GONTIJO MUNIZ (orgs.). *Mulheres em ação: práticas discursivas, práticas políticas*. Co-edição PUC-MINAS. 2005. 360 p. **ESGOTADO**

ISBN 978-85-86501-50-6

MARIA CONCEIÇÃO MONTEIRO e TEREZA MARQUES DE OLIVEIRA LIMA (orgs.). *Entre o estético e o político: a mulher nas literaturas de línguas estrangeiras*. 2006. 392 p. R\$ 40,00.

ISBN 978-85-86501-51-4

MARIA CONCEIÇÃO MONTEIRO e TEREZA MARQUES DE OLIVEIRA LIMA (orgs.). *Entre o estético e o político: a mulher nas literaturas clássicas e vernáculas*. 2006. 352 p. R\$ 40,00.

ISBN 978-85-86501-52-2

ELÓDIA XAVIER. *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*. 2007. R\$ 35,00.

ISBN 978-85-86501-65-4

ALINNE BONETTI & SORAYA FLEISCHER (orgs.). *Entre saias justas e jogos de cintura*. 2007. Co-edição EDUNISC. R\$ 55,00.

ISBN 978-85-86501-61-6

ROSANA C. KAMITA, CRISTIANI BERETA DA SILVA & GLAUCIA DE OLIVEIRA ASSIS (Orgs.). *Gênero em movimento: novos olhares, muitos lugares*. 2007. 344 p. R\$ 40,00.

ISBN 978-85-86501-66-1

CRISTINA SCHEIBE WOLFF, MARLENE DE FÁVERI & TÂNIA REGINA OLIVEIRA RAMOS (Orgs.). *Leituras em Rede: gênero e preconceito*. 2007. 520 p. R\$ 40,00.

ISBN 978-85-86501-64-7

CAVALCANTE, ALCILENE. *Uma escritora na periferia do império: vida e obra de Emília Freitas (1855-1908)*. Apresnt. Constância Lima Duarte. 2008. p. R\$ 40,00.

ISBN 978-85-86501-72-2

CRISTINA STEVENS (org.). *Maternidade e feminismo: diálogos interdisciplinares*. 2007. **ESGOTADO**

ISBN 978-85-86501-62-3

KÁTIA DA COSTA BEZERRA. *Voices em Dissonância: Mulheres, Memória e Nação* 2007. R\$ 35,00.
ISBN 978-85-86501-67-8

REGINA R. FELIX. *Sedução e Heroísmo: Imaginação de Mulher: Entre a República das Letras e a Belle Époque (1884-1911)*. 2007. R\$ 38,00.
ISBN 978-85-86501-69-2

CRISTINA STEVENS & TANIA NAVARRO SWAIN. *A Construção dos corpos: perspectivas feministas*. 2007. **ESGOTADO**
ISBN 978-85-86501-74-6

STELLA MARIS SCATENA FRANCO. *Peregrinas de Outrora: Viajantes Latino-Americanas no Século XIX*. Editora Mulheres/EDUNISC, 2008. 304 p. R\$ 45,00.
ISBN 978-85-86501-73-9

CONSTÂNCIA LIMA DUARTE (org.). *Mulheres em letras*, antologia de escritoras mineiras. 389 p. R\$ 35,00.
ISBN 978-85-86501-75-3

CARLA RODRIGUES. *Coreografias do feminino*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009. 136 p. R\$ 35,00.
ISBN 978-85-86501-83-8

ANGÉLICA SOARES. *Transparências da memória / Estórias de opressão - (Diálogos com a poesia brasileira contemporânea de autoria feminina)*. 2009. 200 p. R\$ 40,00.
ISBN 978-85-86501-78-4

ANA LIÊSI THURLER. *Em nome da mãe: o não reconhecimento paterno no Brasil*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009. 368 p. R\$ 45,00.
ISBN 978-85-86501-85-2

CARMEN SUSANA TORNQUIST; CLAIR CASTILHOS COELHO; MARA COELHO DE SOUZA LAGO; TERESA KLEBA LISBOA. *Leturas de resistência: corpo, violência e poder*. Vol. I. 2009. 528 p. R\$ 45,00.
ISBN 978-85-86501-86-9

CARMEN SUSANA TORNQUIST; CLAIR CASTILHOS COELHO; MARA COELHO DE SOUZA LAGO; TERESA KLEBA LISBOA. *Leturas de resistência: corpo, violência e poder*. Vol. II. 2009. 440 p. R\$ 45,00.
ISBN 978-85-86501-91-3

LUZINETE SIMÕES MINELLA & CARLA GIOVANA CABRAL (orgs.). *Práticas pedagógicas e emancipação: Gênero e Diversidade na Escola*. 288 p. 2010. Prefácio Miriam Grossi. R\$ 35,00.
ISBN 978-85-86501-93-7

ELISÂNGELA SANTOS DE AMORIM. *Trajatória educacional de mulheres em assentamentos de reforma agrária na região Tocantina-MA*. Florianópolis: Editora Mulheres; São Luis/MA: EDUFMA, 2009. 175 p. R\$ 30,00.
ISBN 978-85-86501-81-4

JOANA MARIA PEDRO E CRISTINA SCHEIBE WOLFF. *Gênero, Feminismos e Ditaduras no Conc Sul*. 2009.
ISBN 978-85-86501-88-3
Este livro não foi vendido. Financiado pela Secretaria das Mulheres.

PARRY SCOTT; ROSINEIDE CORDEIRO E MARILDA MENEZES (Orgs.). *Gênero e Geração em Contextos Rurais*. 2010. 480 p. R\$ 45,00.
ISBN 978-85-86501-96-8

FERNANDA MÜLLER. *Ecas do oriente: o relato de viagem na literatura contemporânea*. 224 p. 2010. R\$ 38,00.
ISBN 978-85-86501-98-2

MIRIAM PILLAR GROSSI, MARA COELHO DE SOUZA LAGO, E ADRIANO HENRIQUE NUERNBERG (orgs.). *Estudos in(ter)disciplinados: gênero, feminismo, sexualidade*. 432 p. 2010. R\$ 40,00.
ISBN 978-85-86501-94-4

CRISTINA STEVENS (org.). *Mulher e Literatura - 25 anos. Raízes e ramos*. 280 p. 2010. R\$ 38,00.
ISBN 978-85-86501-97-5

CARMEN RIAL, JOANA MARIA PEDRO, SILVIA MARIA FÁVERO AREND (Org.). *Diversidades: (dimensões de gênero e sexualidade)*. 432 p. 2010. R\$ 45,00.
ISBN 978-85-8047-001-7

CLÁUDIA MAIA. *A invenção da solteirona: Conjugalidade moderna e terror moral*. 2011. R\$ 40,00.
ISBN 978-85-8047-002-4



SÉRIE GÊNERO E VIOLÊNCIA

MIRIAM PILLAR GROSSI, LUZINETE SIMÕES MINELLA & ROZELI MARIA PORTO (ORGS.). *Depoimentos: trinta anos de pesquisas feministas brasileiras sobre violência*. 2006. 384 p. R\$ 35,00.
ISBN 85-86501-54-9

MIRIAM PILLAR GROSSI, LUZINETE SIMÕES MINELLA & JULIANA CAVILHA MENDES LOSSO (ORGS.). *Gênero e Violência: pesquisas acadêmicas brasileiras (1975-2005)*. 2006. R\$ 25,00.
ISBN 978-85-86501-53-0

EDLA EGGERT. *Narrar processos: Tramas da violência doméstica e possibilidades para a educação*. Prefácio Miriam P. Grossi. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009. 88 p. R\$ 28,00.
ISBN 978-85-86501-89-0



SÉRIE ROMANCE / NARRATIVAS

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA. *A Sibeirinha*. Intr. Sylvia Paixão. 1997. 312 p. R\$ 35,00.
ISBN 978-85-86501-01-8

MARIA BENEDITA BORMANN (DÉLIA). *Lésbia*. Atualização do texto e introdução por Norma Telles. 1998. 264 p. R\$ 30,00.
ISBN 978-85-86501-06-9

APHRA BEHN. *Oroonoko ou O Escravo Real*. Romance. Trad. e intr. Elvivo A. Funck. 1999. 128 p. R\$ 22,00.
ISBN 978-85-86501-08-5

JULIA LOPES DE ALMEIDA. *A viúva Simões*. Atualização do texto e introdução por Peggy Sharpe. Co-edição: Edunisc. 1999. 216 p. R\$ 30,00.
ISBN 978-85-86501-14-X

INÊS SABINO. *Lutas do coração*. Atualização do texto e introdução por Susan Quinlan. Co-edição Edunisc. 1999. 336 p. R\$ 32,00.
ISBN 978-85-86501-13-1

RACHEL LIBERATO MEYER. *Uma menina de Itajá*. Apresentação de Alfredo Liberato Meyer. Introdução de Tânia Regina Oliveira Ramos. 1999. 140 p. R\$ 20,00.
ISBN 978-85-86501-12-3

CARMEN DOLORES. *A luta*. Romance. Atualização do texto e introdução por Maria Angélica Lopes. Co-edição Edunisc 2001. 190 p. **R\$ 30,00**.
ISBN 978-85-86501-20-4

ANA LUÍSA DE AZEVEDO CASTRO. *D. Narcisca de Villar*. Intr. Zahide L. Muzart. 1997. 140 p. R\$ 30,00. Reedição; 2005.
ISBN 978-85-86501-71-5

EMÍLIA FREITAS. *A rainha do ignoto*. Org., introd. e notas Constância Lima Duarte. Co-edição Edunisc, 2003. 432 p. R\$ 35,00.
ISBN 978-85-86501-33-6

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA. *A falência*. Org. e introd. de Elódia Xavier. Co-edição Edunisc, 2003. 376 p. R\$ 30,00.
ISBN 978-85-86501-32-8

MARIA FIRMINA DOS REIS. *Úrsula*. Romance. *A escrava*. Conto. Prefácio de Eduardo de Assis Duarte. Florianópolis: Mulheres e Belo Horizonte: PUC-Minas, 2004. Reimpressão 2009. R\$ 35,00.
ISBN 978-85-86501-41-7

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA. *Memórias de Marta*. Intr. Rosane Salomoni. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007. R\$ 35,00.
ISBN 978-85-86501-68-5

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA. *A Família Medeiros*. Intr. Norma Telles. 2009. 496 p. R\$ 54,00.
ISBN 978-85-86501-80-7

ANDRADINA DE OLIVEIRA. *O Perdão*. Organização e introdução Rita Terezinha Schmidt. Fixação do texto e notas Rosane Saint-Denis Salomoni e Anselmo Pêres Alós. 310 p. 2010. R\$ 35,00.
ISBN 978-85-86501-89-0

MIRIAM LIFCHITZ MOREIRA LEITE. *Roteiros inconscientes (narrativas)*. 2010. 208 p. R\$ 35,00.
ISBN 978-85-86501-95-1

MARIA AMORIM FERRARA. *Contos antigos*. 2010. 120 p. R\$ 30,00
ISBN 978-85-86501-99-9

VERA DE VIVES. *Niterói de Badecir*. 2011 (no prelo)
ISBN 978-85-8047-000-0



POESIA E TEATRO

RTA BAREM DE MELO. *Sorrisos e Prantos*. Poesia. Atualização do texto e introdução por Rita T. Schmidt. Co-edição Movimento. 296 p. **R\$ 25,00**.
ISBN 978-85-86501-07-7

PRÓXIMAS EDIÇÕES



MARIA LUIZA DE CARVALHO ARMANDO. *Entre Narrativas*.

JOSEFINA ÁLVARES DE AZEVEDO – Org. Valéria Andrade

EDITH GAMA – Org. Maria Conceição Pinheiro de Araújo

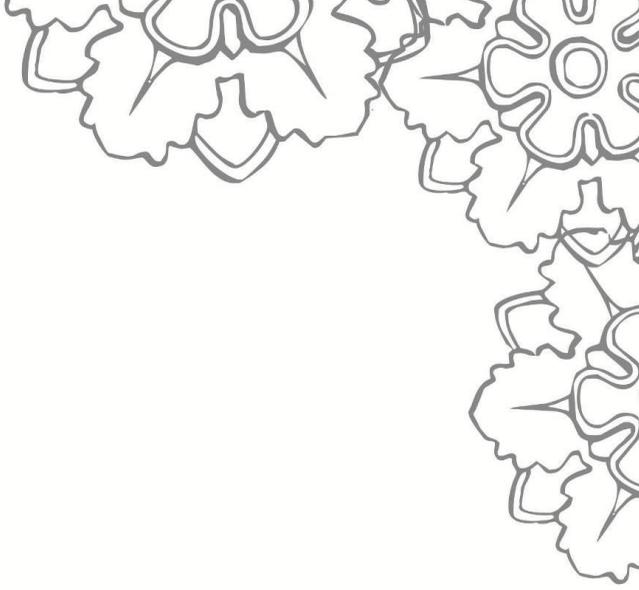
FRANCISCA SENHORINHA DA MOTTA DINIZ – Org. Aparecida Maria Nunes

JOANA MARIA PEDRO, CRISTINA SCHEIBE WOLFF E ANA MARIA VEIGA. *Resistências, Gênero e Feminismos contra as ditaduras no Cone Sul*.

JOANA PAULA MANSO. *Misterios del Plata* - romance histórico. Fixação do texto por Eliane Vasconcelos e Ivette Maria Savelli Sanches do Couto. Intr., cronologia e notas por Zahidê L. Muzart.

PEDIDOS

Editora Mulheres
 CNPJ 014.790.49/0001-31
 Rua Joe Collaço, 430
 88035-200 Florianópolis, SC
 Fone/Fax: (048) 3233-2164
 e-mail: editoramulheres@floripa.com.br
 homepage: <http://www.editoramulheres.com.br>

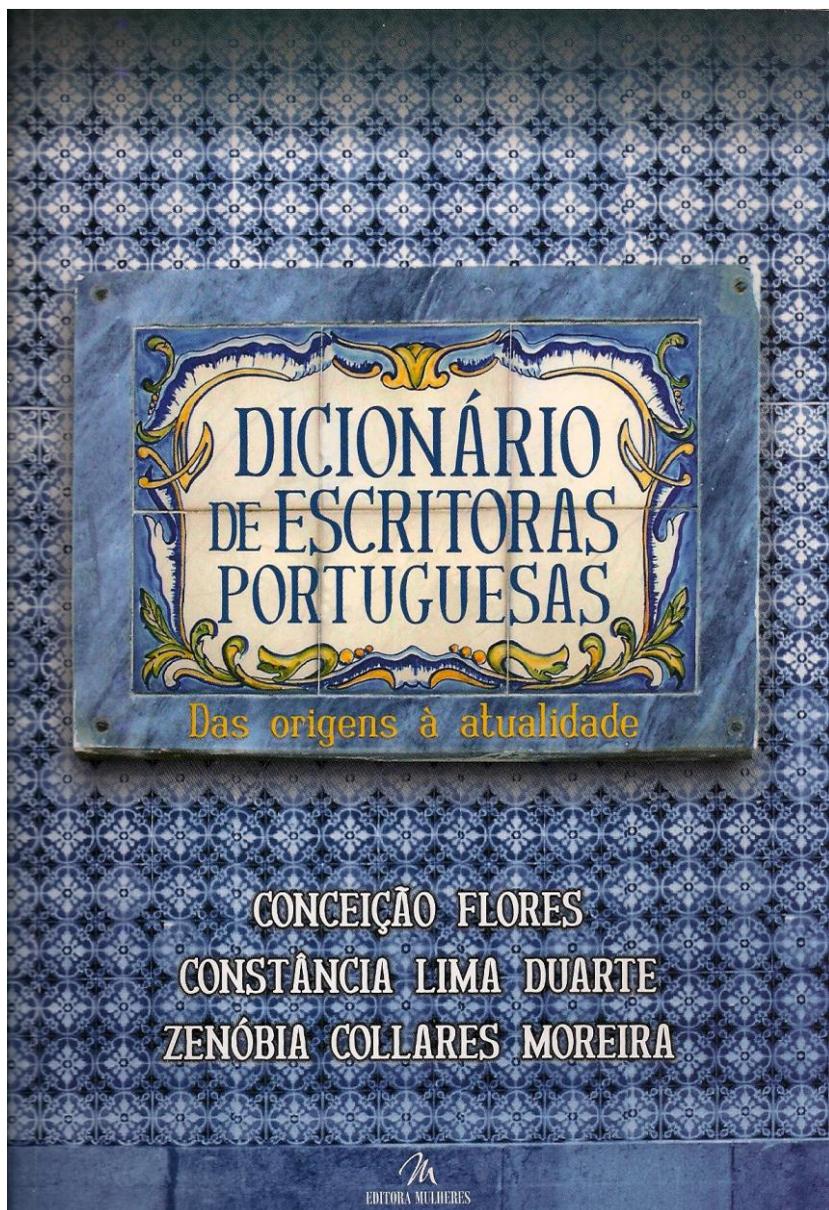


Série Referências

Noemi Flores

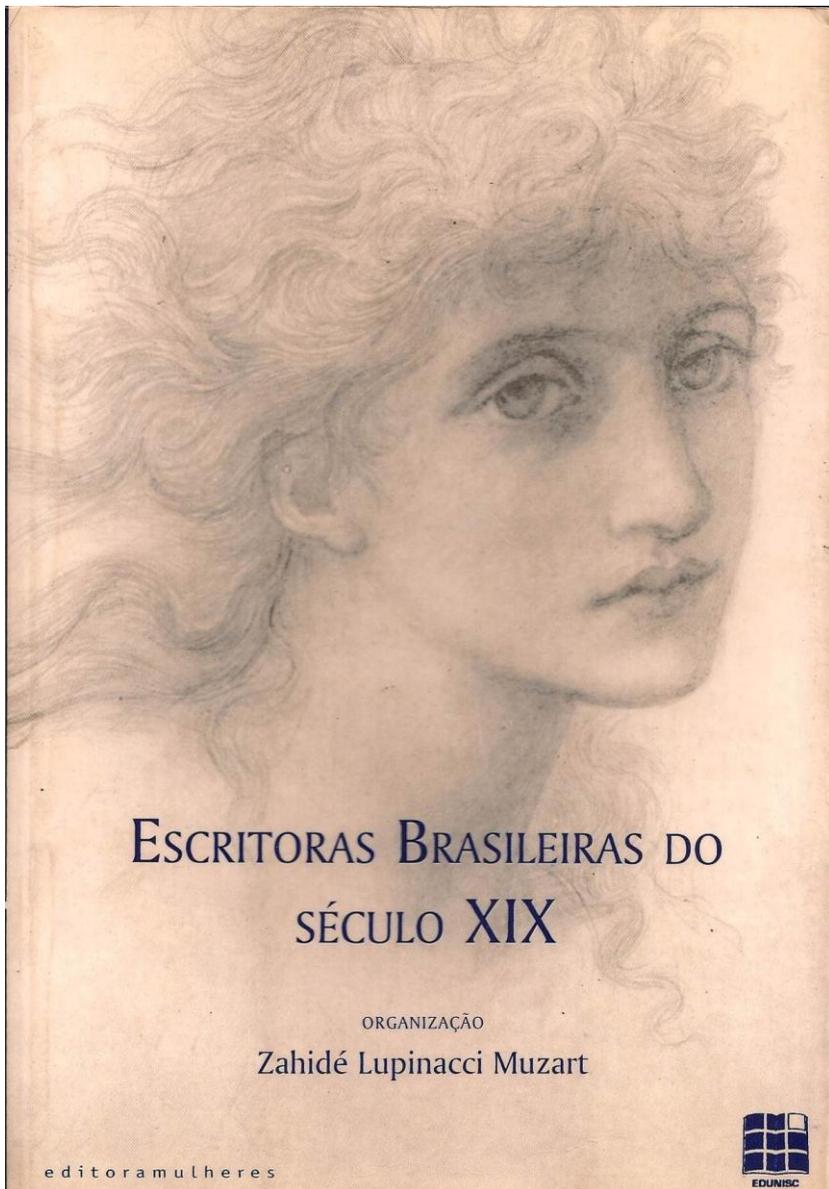
Brasileiras Notáveis
uma abordagem radiofônica





CONCEIÇÃO FLORES
CONSTÂNCIA LIMA DUARTE
ZENÓBIA COLLARES MOREIRA


EDITORA MULHERES



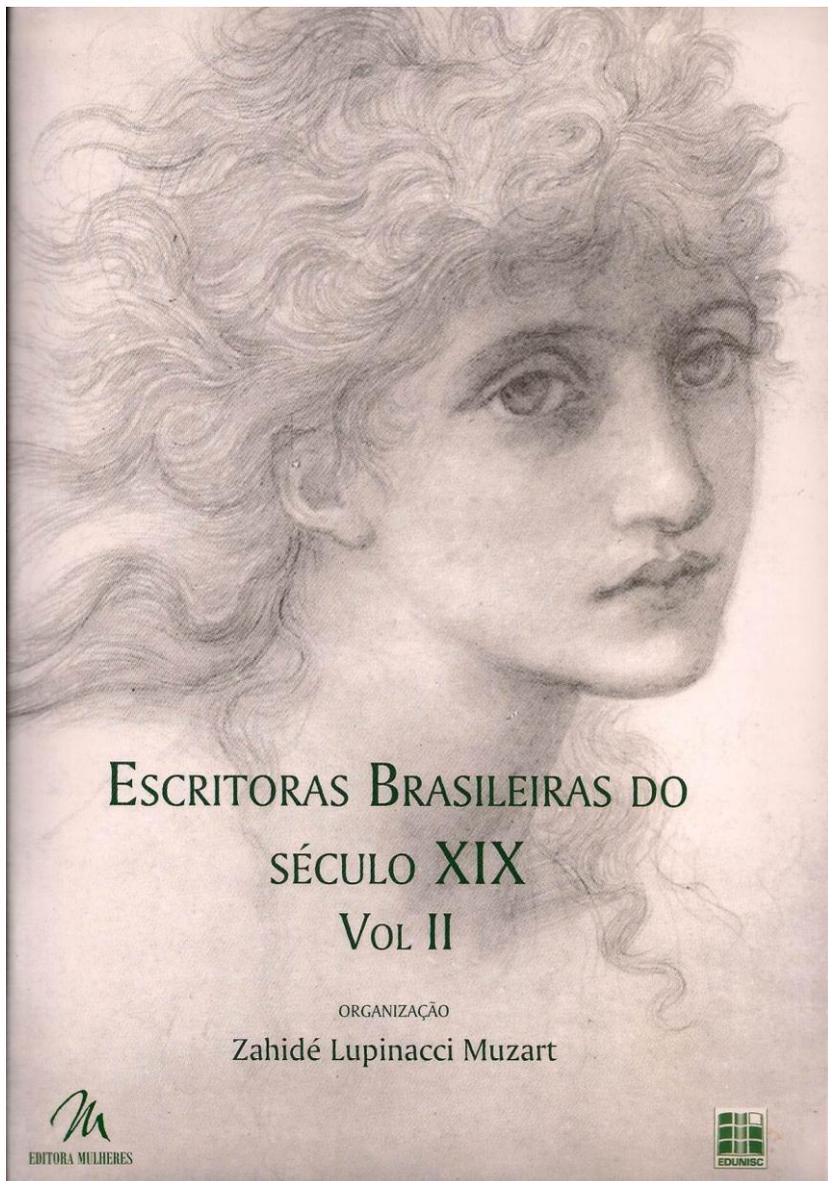
ESCRITORAS BRASILEIRAS DO
SÉCULO XIX

ORGANIZAÇÃO

Zahidé Lupinacci Muzart

editoramulheres



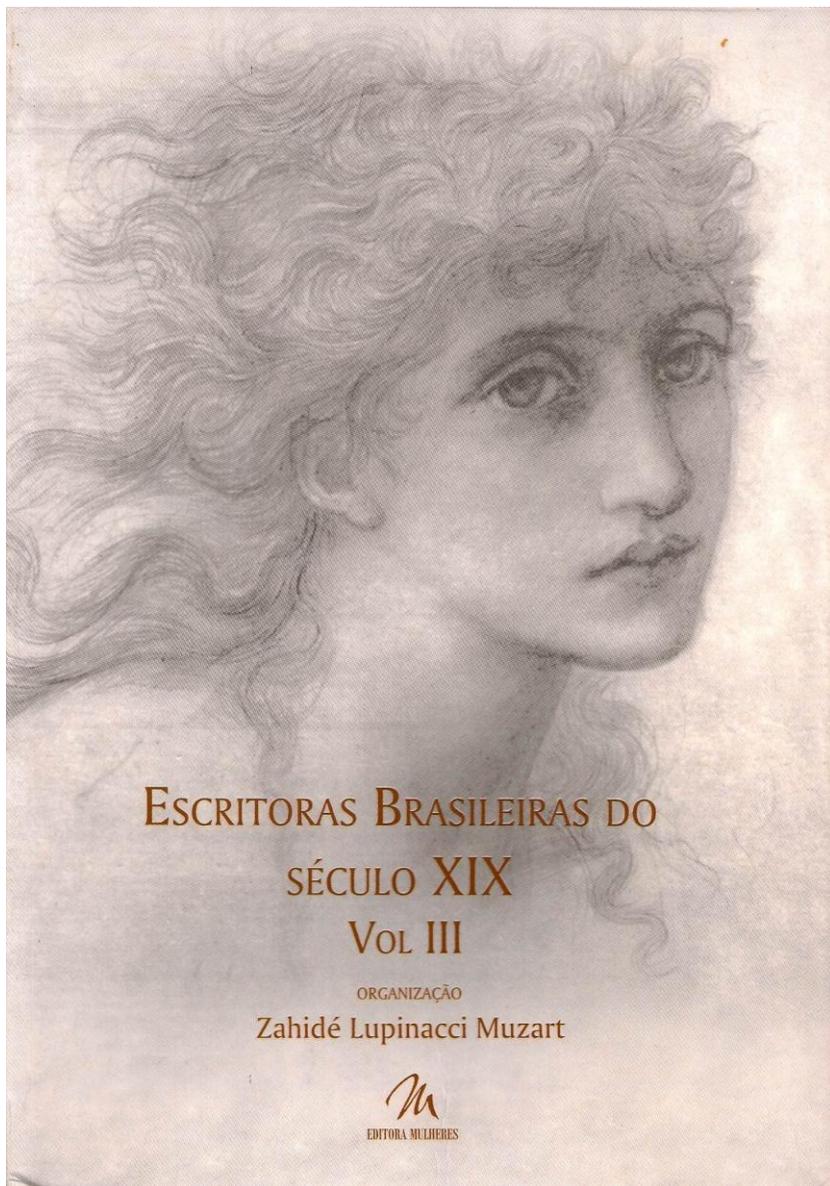


ESCRITORAS BRASILEIRAS DO
SÉCULO XIX
VOL II

ORGANIZAÇÃO
Zahidé Lupinacci Muzart


EDITORA MULHERES


EDUNISC



ESCRITORAS BRASILEIRAS DO
SÉCULO XIX
VOL III

ORGANIZAÇÃO
Zahidé Lupinacci Muzart

M
EDITORA MULHERES

ÍNDICE
DE DRAMATURGAS
BRASILEIRAS
DO SÉCULO XIX

Valéria Andrade Souto-Maior



EDITORA
MULHERES
1996

D. IGNEZ SABINO

MULHERES ILLUSTRES
DO BRAZIL



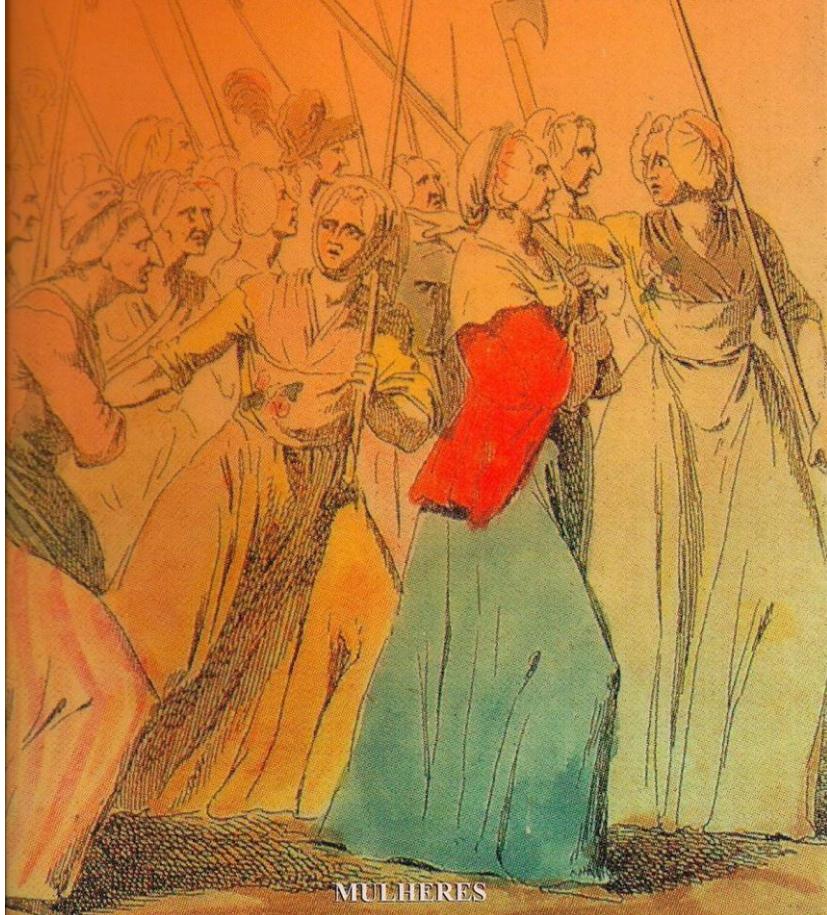
edição fac-similar

**EDITORA
DAS MULHERES**
1996

JOAN W. SCOTT

A cidadã paradoxal

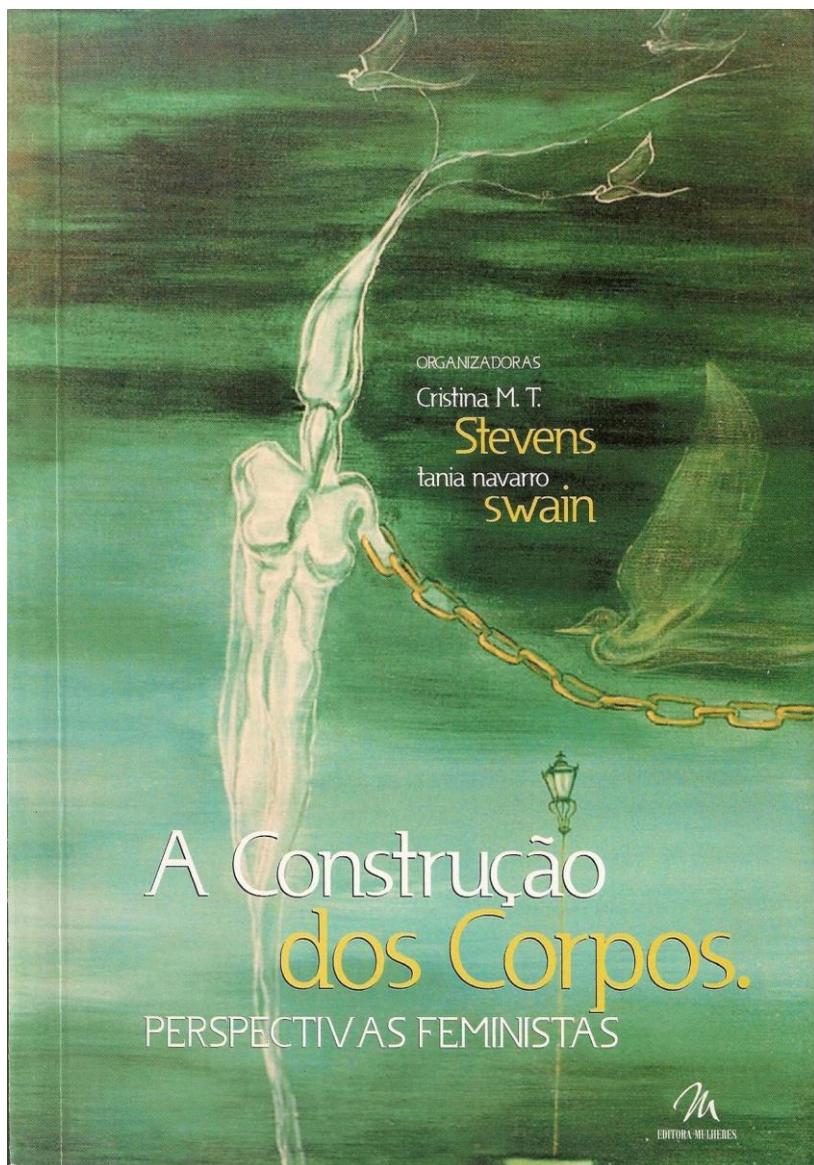
As feministas francesas e os direitos do homem



MULHERES

Série Essais





ORGANIZADORAS

Cristina M. T.

Stevens

tania navarro

swain

A Construção dos Corpos.

PERSPECTIVAS FEMINISTAS

M
EDITORA MULHERES

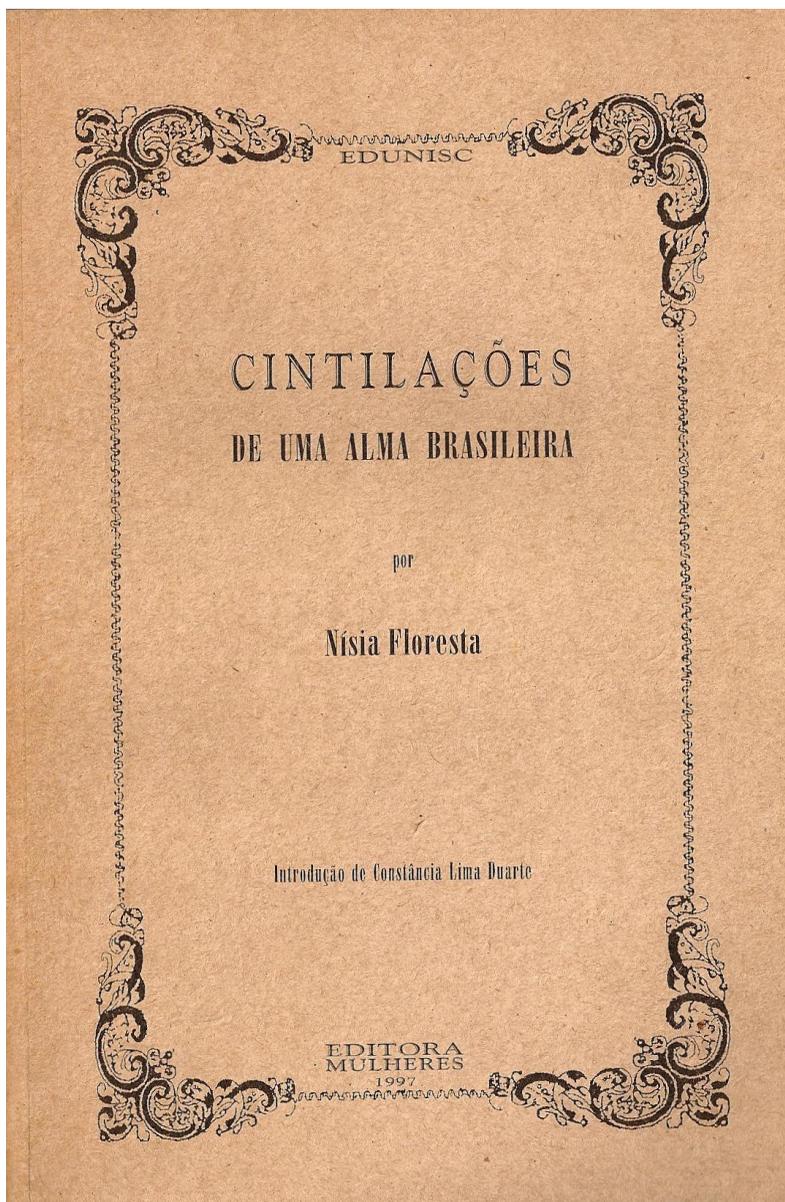
CLÁUDIA MAIA

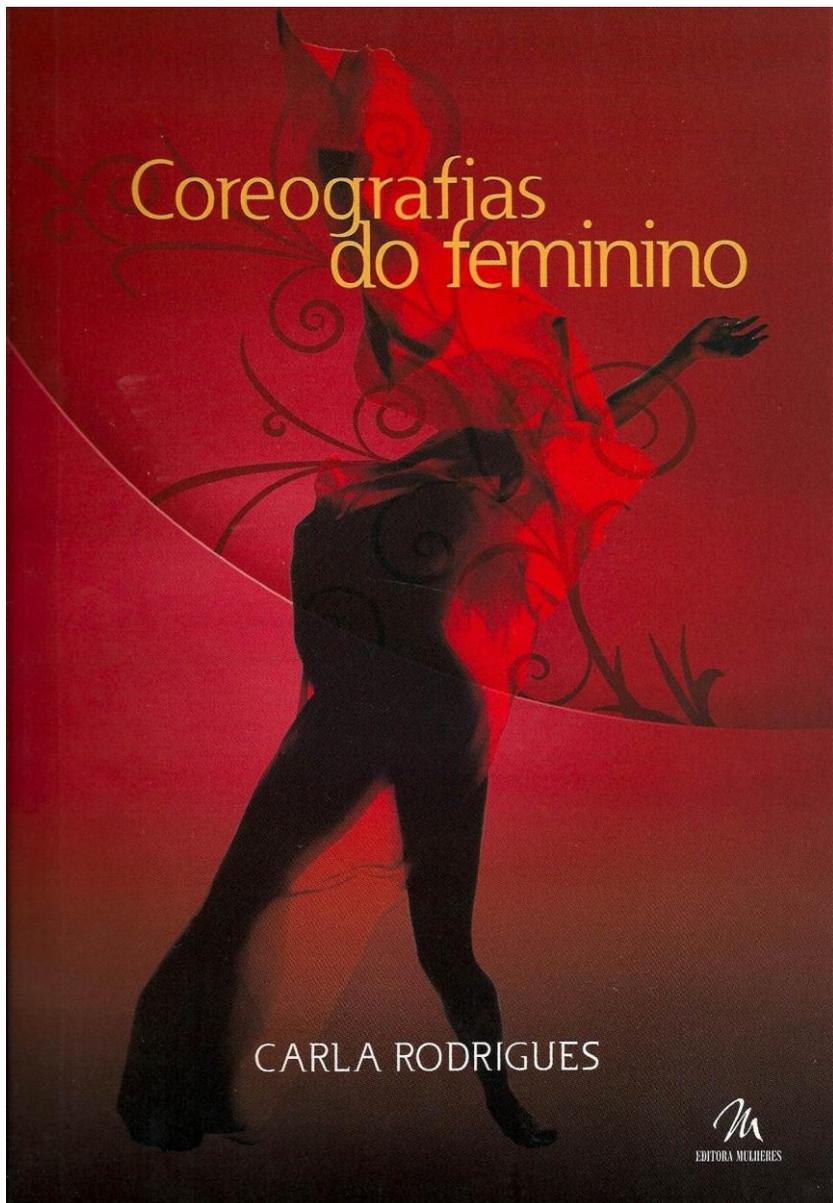


A INVENÇÃO
da SOLTEIRONA

Conjugalidade moderna e terror moral


EDITORA MULHERES

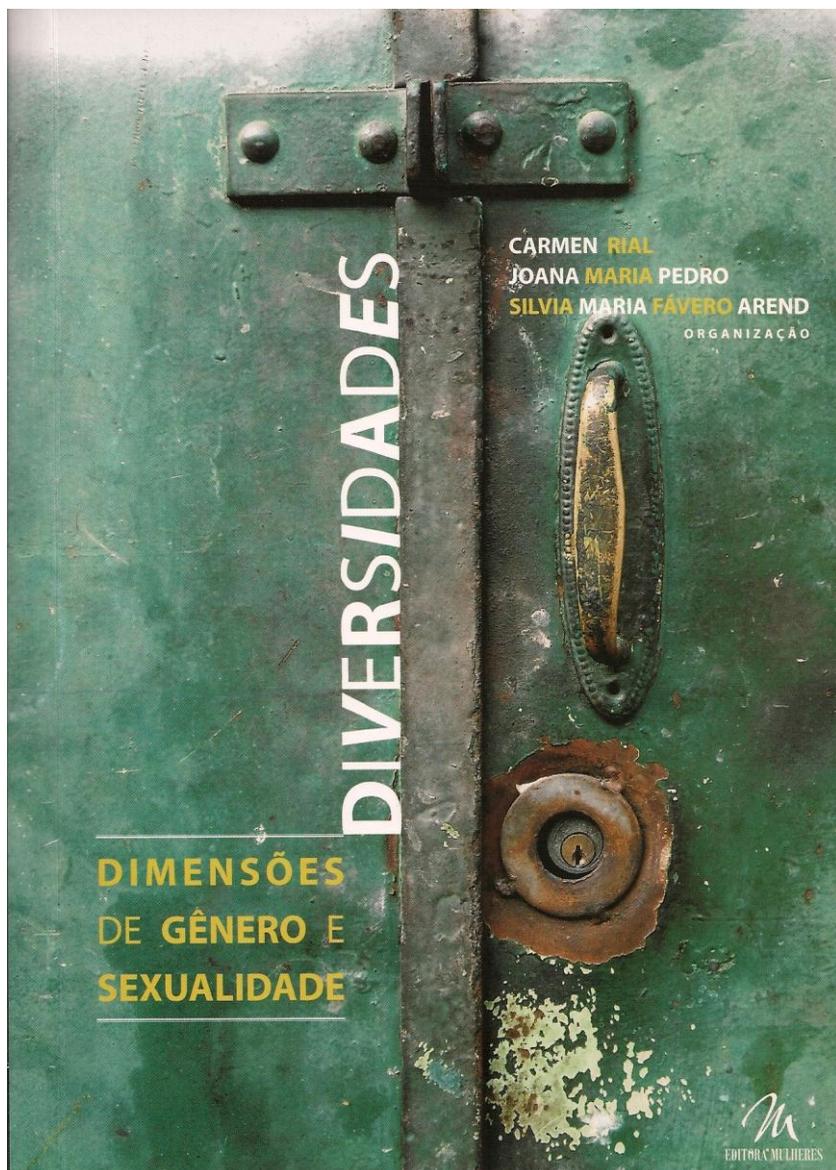




Coreografias do feminino

CARLA RODRIGUES

M
EDITORA MULHERES

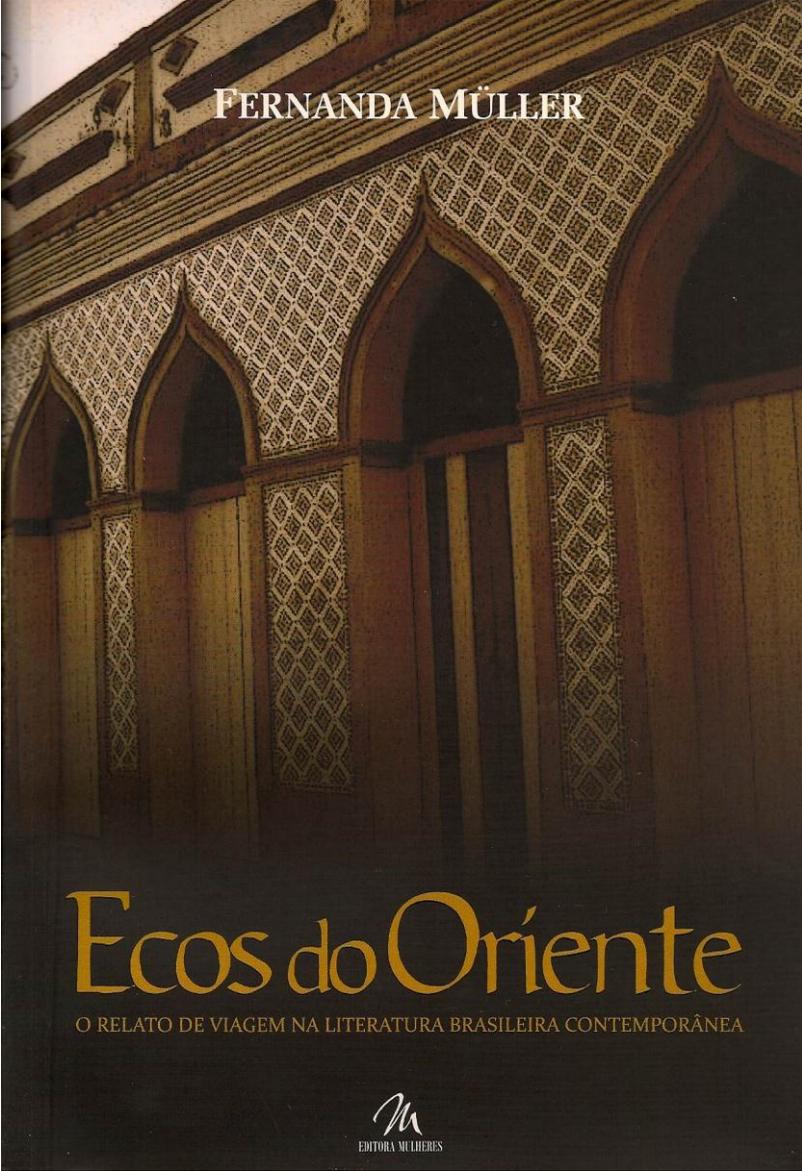


DIVERSIDADES

DIMENSÕES
DE GÊNERO E
SEXUALIDADE

CARMEN RIAL
JOANA MARIA PEDRO
SILVIA MARIA FÁVERO AREND
ORGANIZAÇÃO

M
EDITORA MULHERES



FERNANDA MÜLLER

Ecos do Oriente

O RELATO DE VIAGEM NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA



EDITORA MULHERES

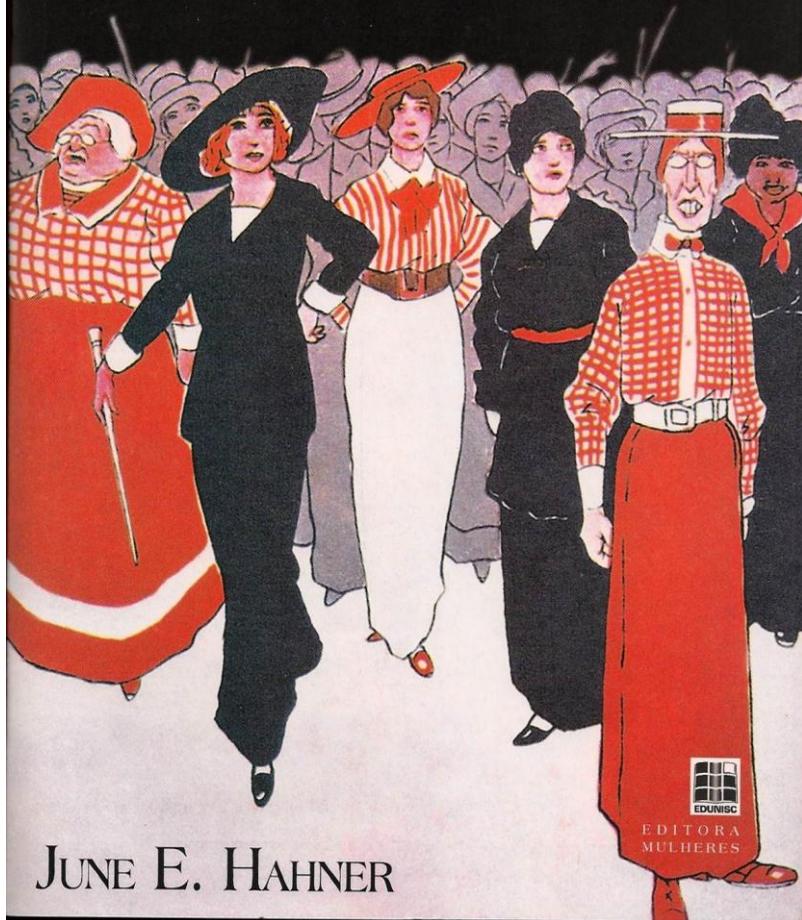
Elas escrevem o Épico

Christina Ramalho



EMANCIPAÇÃO DO SEXO FEMININO

A luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850-1940



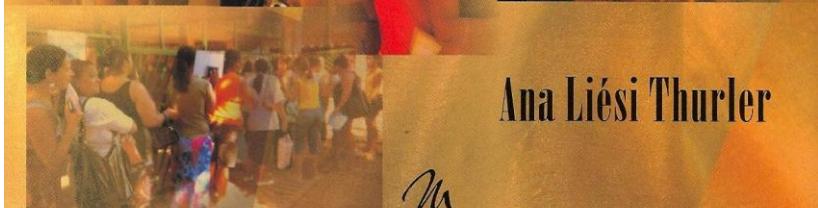
JUNE E. HAHNER



EDITORA
MULHERES

em Nome da Mãe

O NÃO RECONHECIMENTO PATERNO NO BRASIL



Ana Liési Thurler

M

EDITORA MULHERES

Entre o estético e o político:

a mulher nas literaturas clássicas e vernáculas

Maria Conceição Monteiro

Tereza Marques de Oliveira Lima



M

EDITORA MULHERES

Entre o estético e o político:
a mulher nas literaturas de línguas estrangeiras

Maria Conceição Monteiro
Tereza Marques de Oliveira Lima

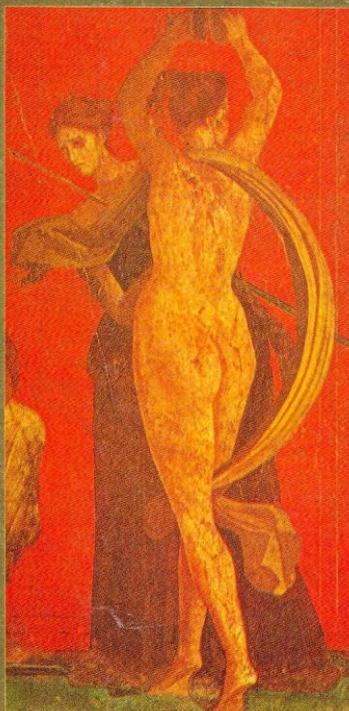


M

EDITORA MULHERES

Entre Resistir e Identificar-se

para uma teoria da prática da
narrativa brasileira de autoria
feminina

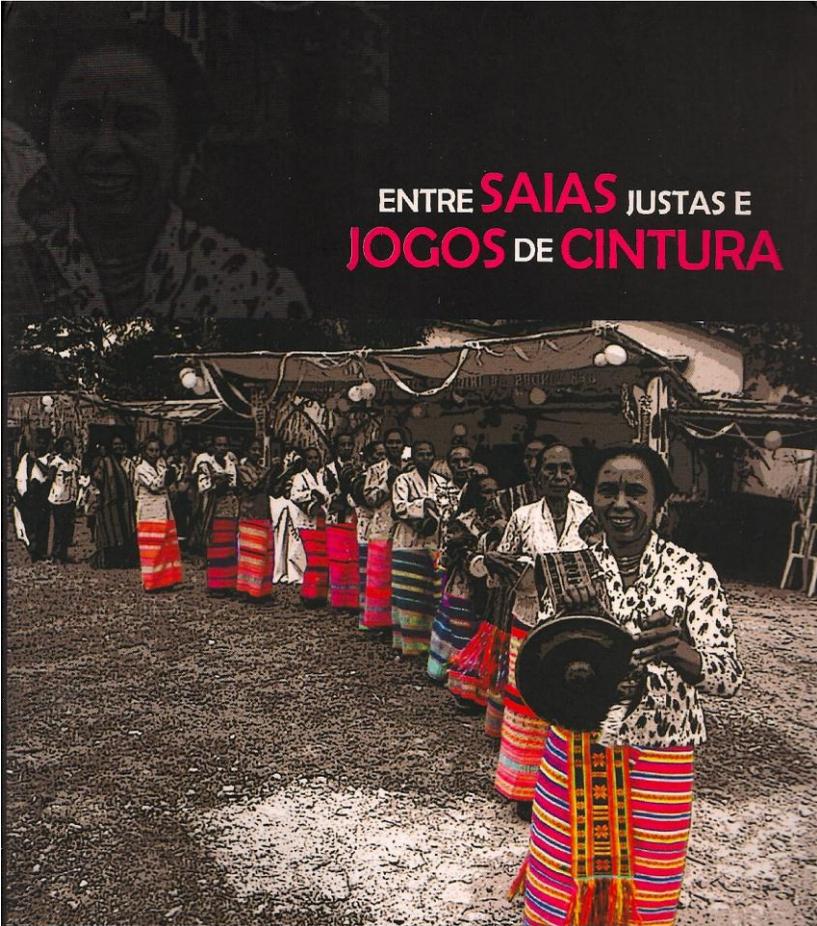


organização
Peggy Sharpe

1997

Editora
UFG

EDITORA
MULHERES



ENTRE **SAIAS** JUSTAS E
JOGOS DE CINTURA

ALINNE BONETTI E SORAYA FLEISCHER


EDITORA MULHERES


EDUNISC

ESTUDOS IN(TER)DISCIPLINADOS

Gênero, Feminismo, Sexualidade



ORGANIZAÇÃO

Miriam Pillar Grossi
Mara Coelho de Souza Lago
Adriano Henrique Nuernberg

M
EDITORA MULHERES

Alcione Leite da Silva
Mara Coelho de Souza Lago
Tânia Regina Oliveira Ramos
(o r g s .)

FALAS DE
GÊNERO

mulheres

Genealogias do silêncio: feminismo e gênero

Organização

Carmen Sílvia Moraes Rial

Maria Juracy Filgueiras Tonello



Editora Mulheres



Organização
Maria Regina Azevedo Lisbôa
Sônia Weidner Maluf

Editora Mulheres

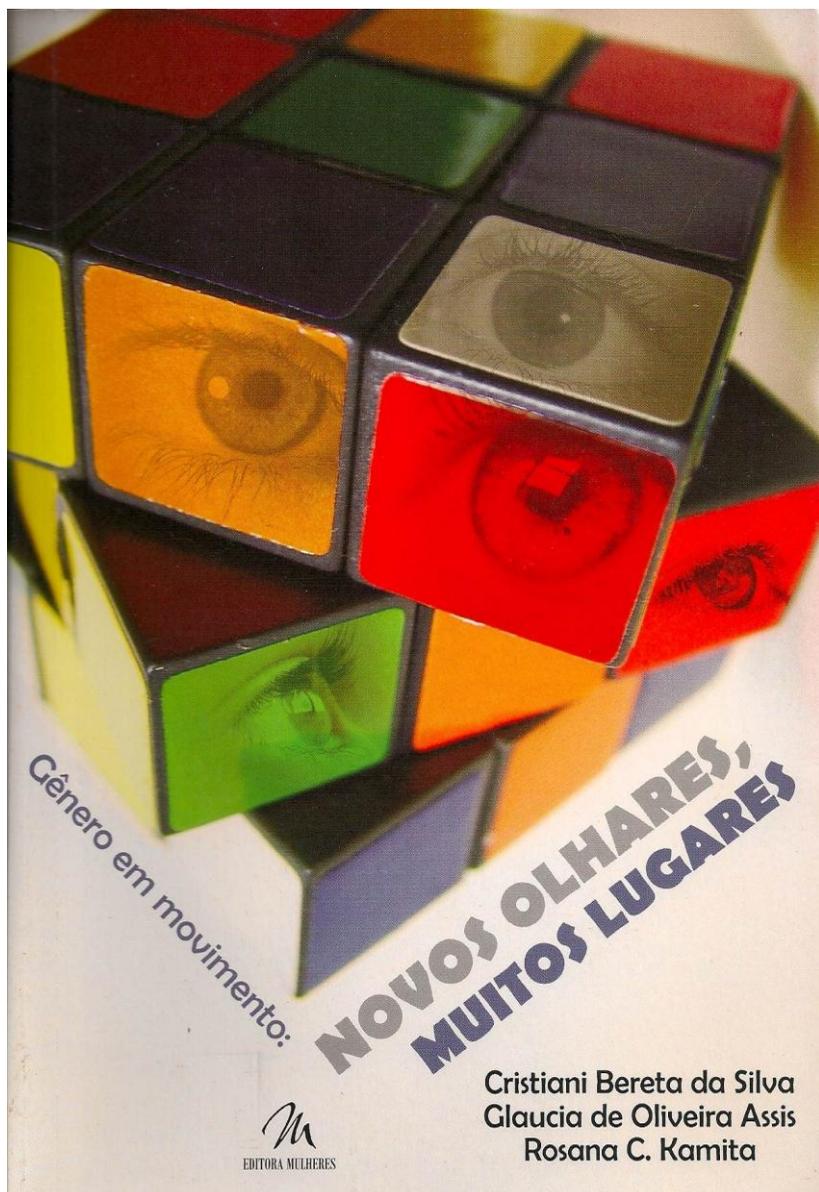
GÊNERO E GERAÇÃO EM CONTEXTOS RURAIS



ORGANIZADORES

Parry Scott
Rosineide Cordeiro
Marilda Menezes

M
EDITORA
MULHERES



Gênero em movimento:

NOVOS OLHARES, MUITOS LUGARES

M
EDITORA MULHERES

Cristiani Bereta da Silva
Glauca de Oliveira Assis
Rosana C. Kamita

GÊNERO, FEMINISMOS E DITADURAS NO CONE SUL



Joana Maria Pedro
Cristina Scheibe Wolff
Organizadoras


EDITORA MULHERES

GÊNERO SEM FRONTEIRAS

Organização

Mônica Raisa Schpun



EDITORA
MULHERES

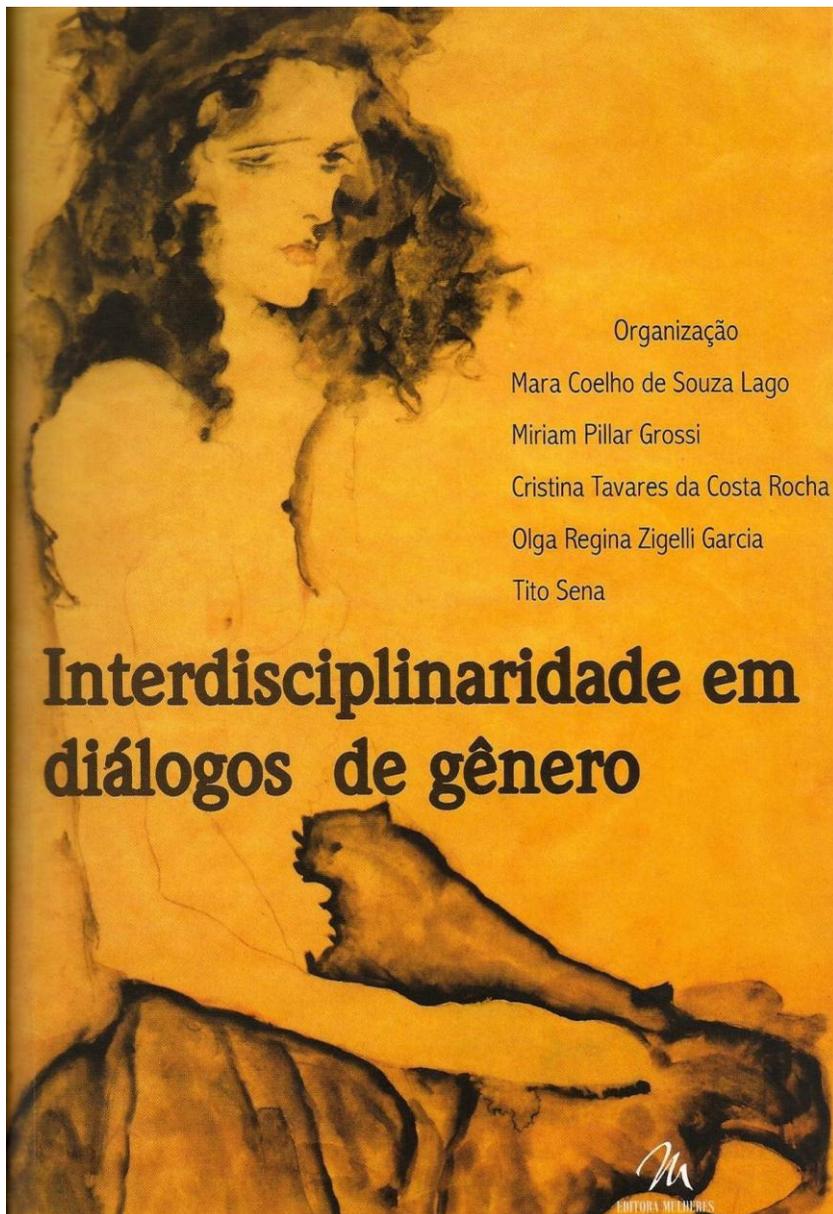
1997

Vera Queiroz

Hilda Hilst: três leituras



Mulheres



Organização

Mara Coelho de Souza Lago

Miriam Pillar Grossi

Cristina Tavares da Costa Rocha

Olga Regina Zigelli Garcia

Tito Sena

Interdisciplinaridade em diálogos de gênero

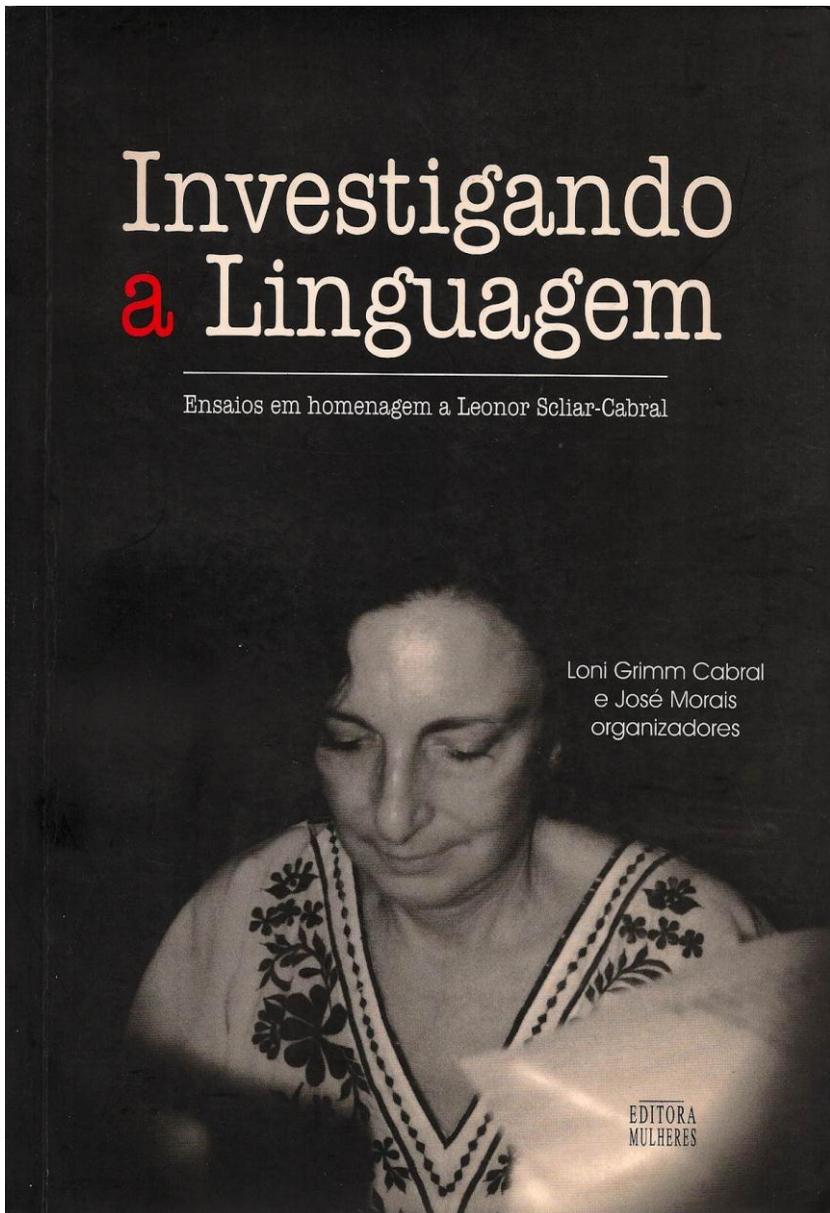
M
EDITORA MELALDES

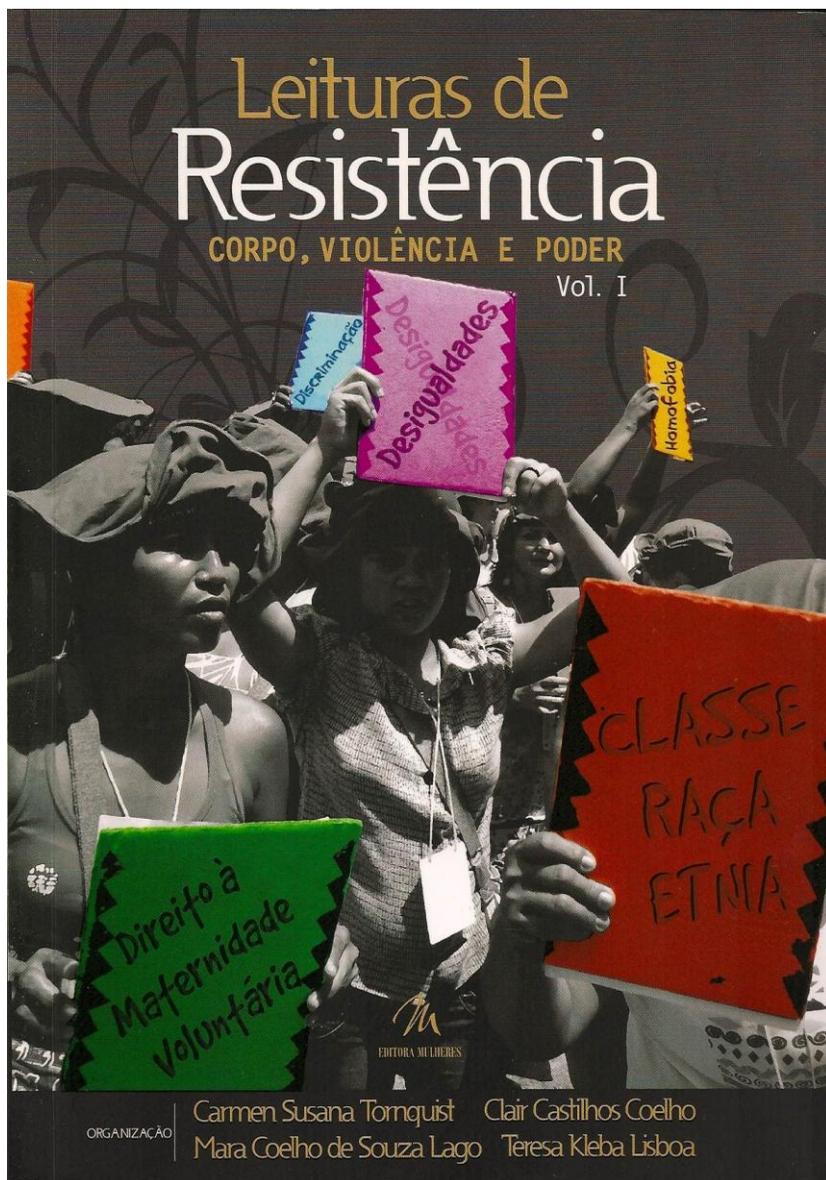
Investigando a Linguagem

Ensaaios em homenagem a Leonor Seliar-Cabral

Loni Grimm Cabral
e José Morais
organizadores

EDITORA
MULHERES





Leituras de Resistência

CORPO, VIOLÊNCIA E PODER

Vol. I

Discriminação

Desigualdades

Homofobia

Direito à Maternidade Voluntária

CLASSE RAÇA ETNIA

M EDITORA MULHERES

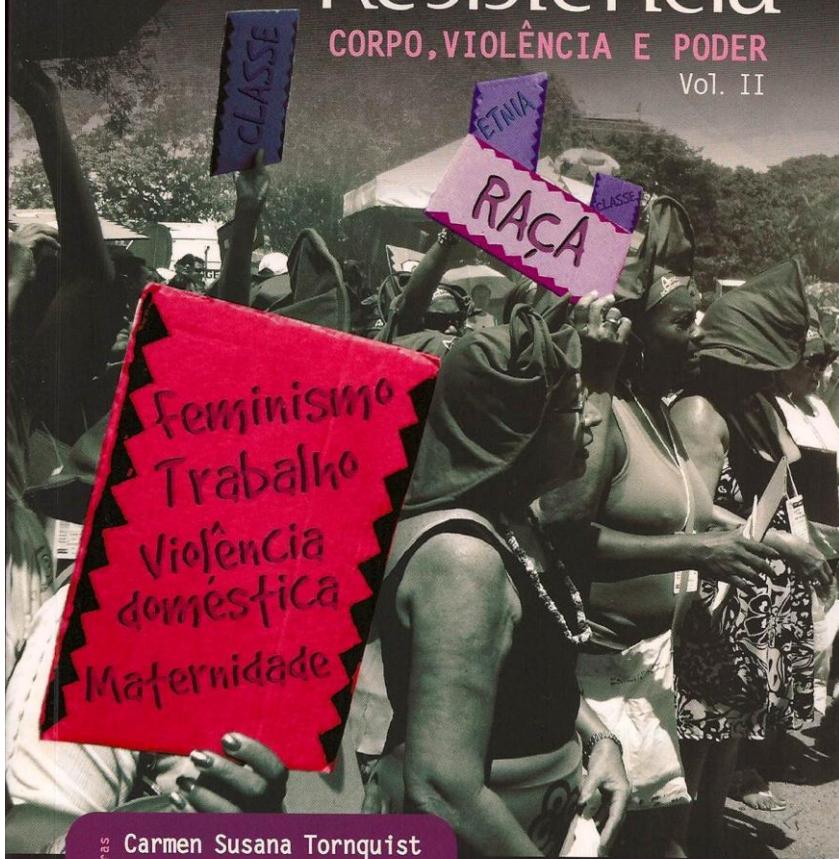
ORGANIZAÇÃO

Carmen Susana Tomquist Clair Castilhos Coelho
Mara Coelho de Souza Lago Teresa Kleba Lisboa

Leituras de Resistência

CORPO, VIOLÊNCIA E PODER

Vol. II



Organizadoras

Carmen Susana Tornquist
Clair Castilhos Coelho
Mara Coelho de Souza Lago
Teresa Kleba Lisboa

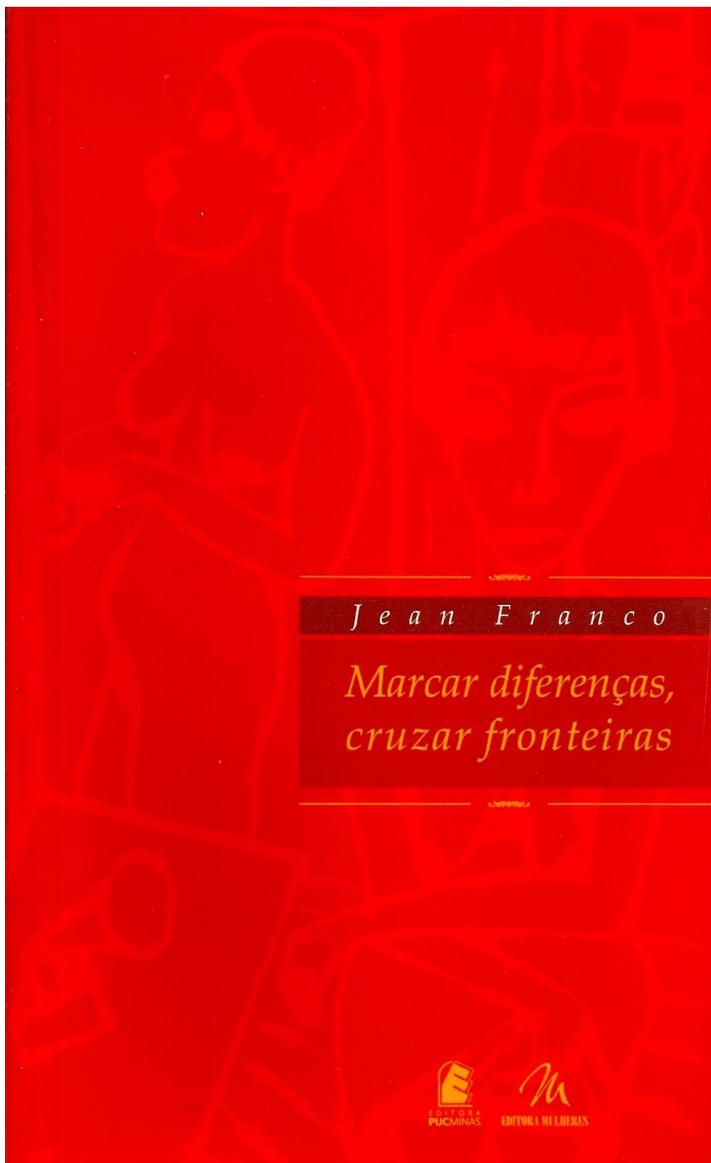
EDITORA MULHERES

Leituras em rede gênero e preconceito



ORGANIZAÇÃO:
CRISTINA SCHEIBE WOLFF
MARLENE DE FÁVERI
TÂNIA REGINA OLIVEIRA RAMOS

M
EDITORA MULHERES



J e a n F r a n c o

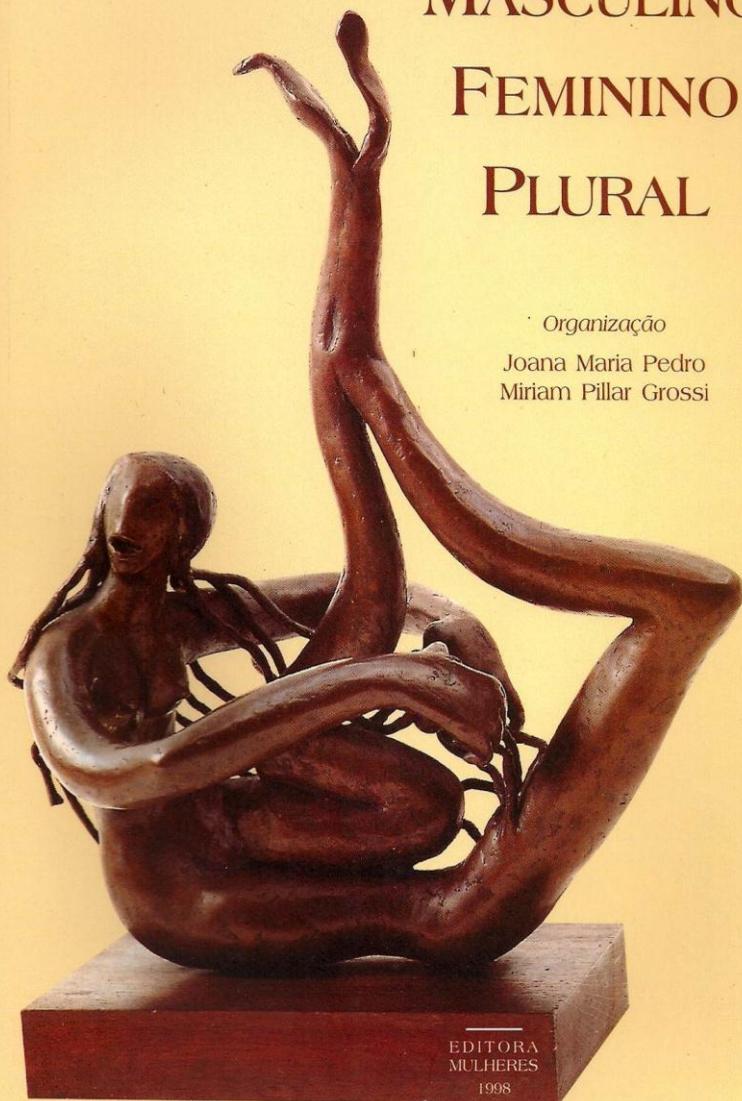
*Marcar diferenças,
cruzar fronteiras*



MASCULINO FEMININO PLURAL

Organização

Joana Maria Pedro
Miriam Pillar Grossi



EDITORA
MULHERES
1998

Maternidade e Feminismo

Diálogos Interdisciplinares

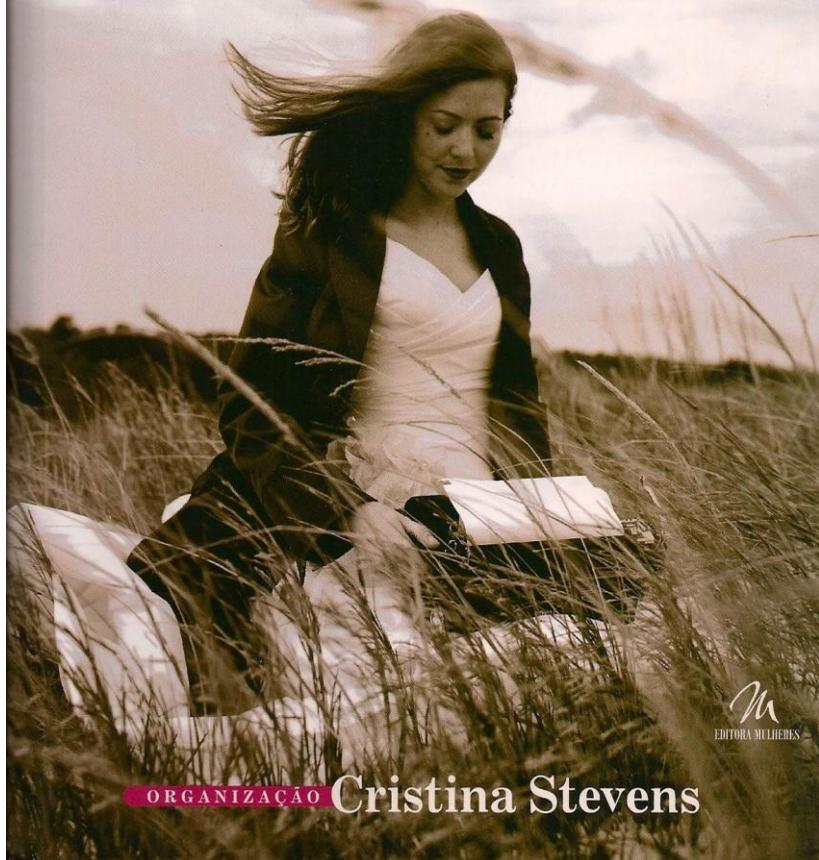
Organização
Cristina Stevens

M

EDITORA MULHERES



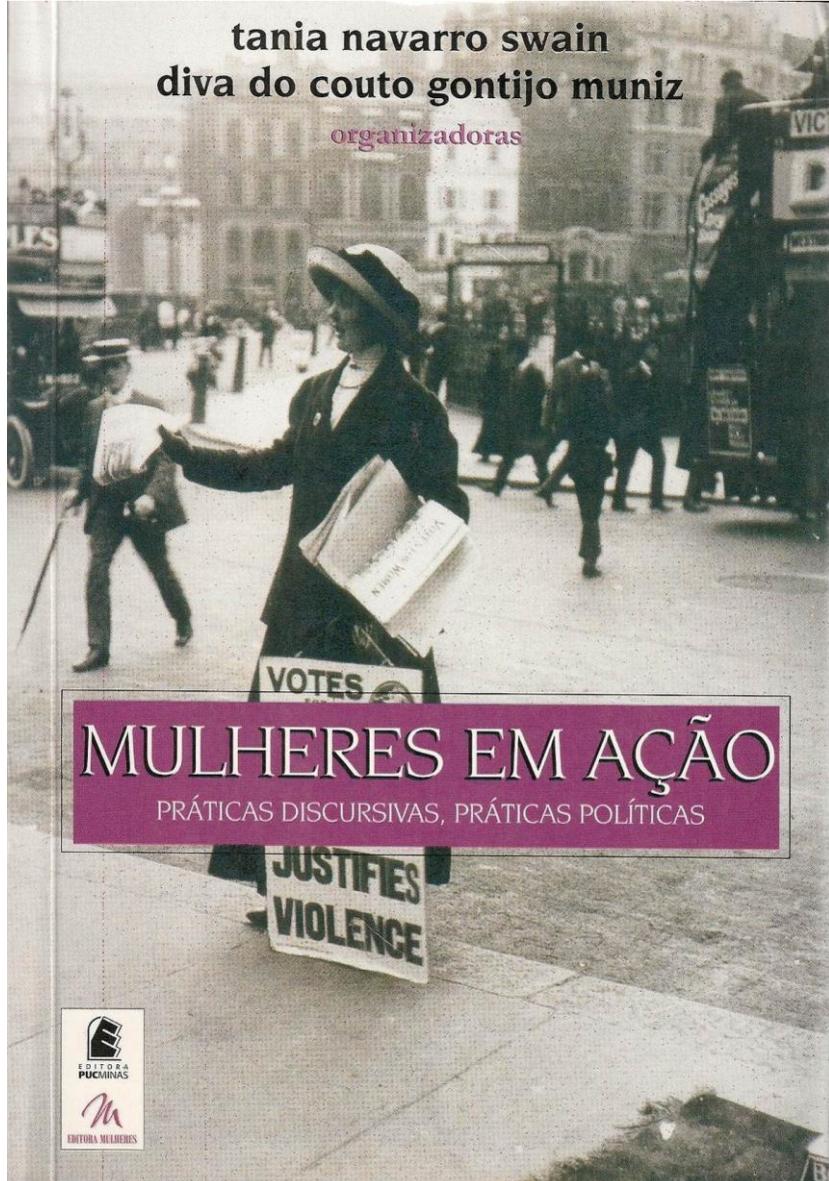
Mulher e Literatura - 25 anos
Raízes e Ramos



M
EDITORA MULHERES

ORGANIZAÇÃO **Cristina Stevens**

tania navarro swain
diva do couto gontijo muniz
organizadoras



MULHERES EM AÇÃO

PRÁTICAS DISCURSIVAS, PRÁTICAS POLÍTICAS



ORGANIZAÇÃO
CONSTÂNCIA LIMA DUARTE



MULHERES EM LETRAS

ANTOLOGIA DE ESCRITORAS MINEIRAS



EDITORA MULHERES

O FLORETE E A MÁSCARA

Valéria Andrade Souto-Maior



Editora Mulheres



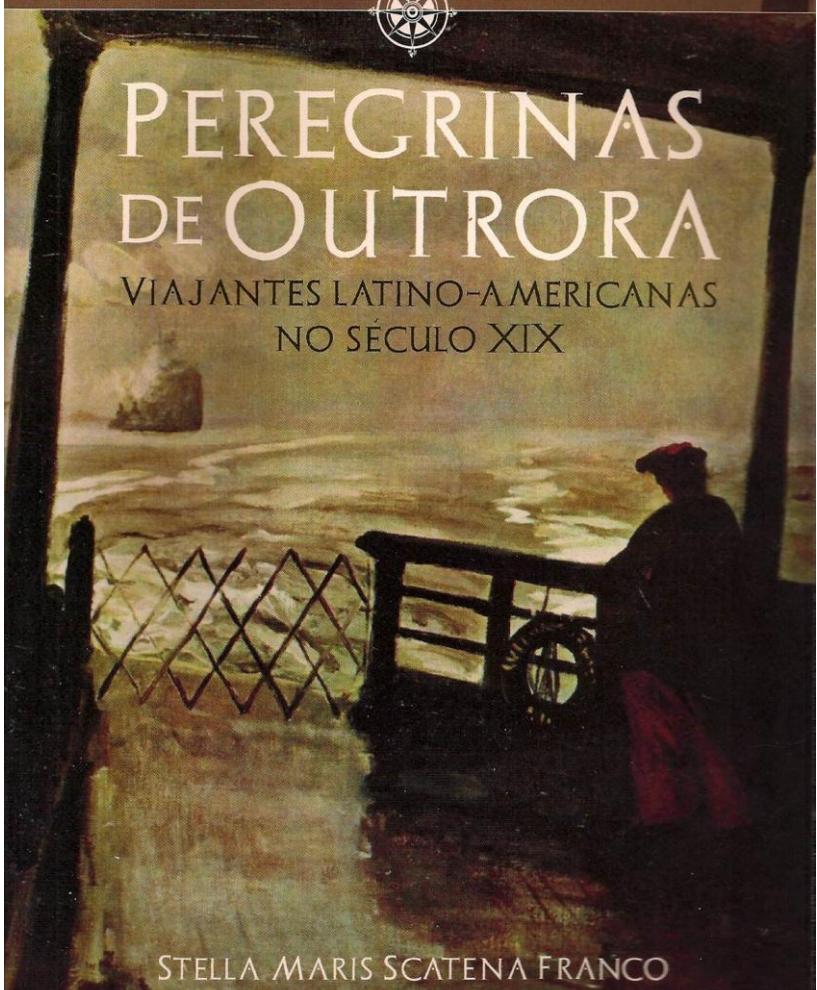
EDITORA
MULHERES





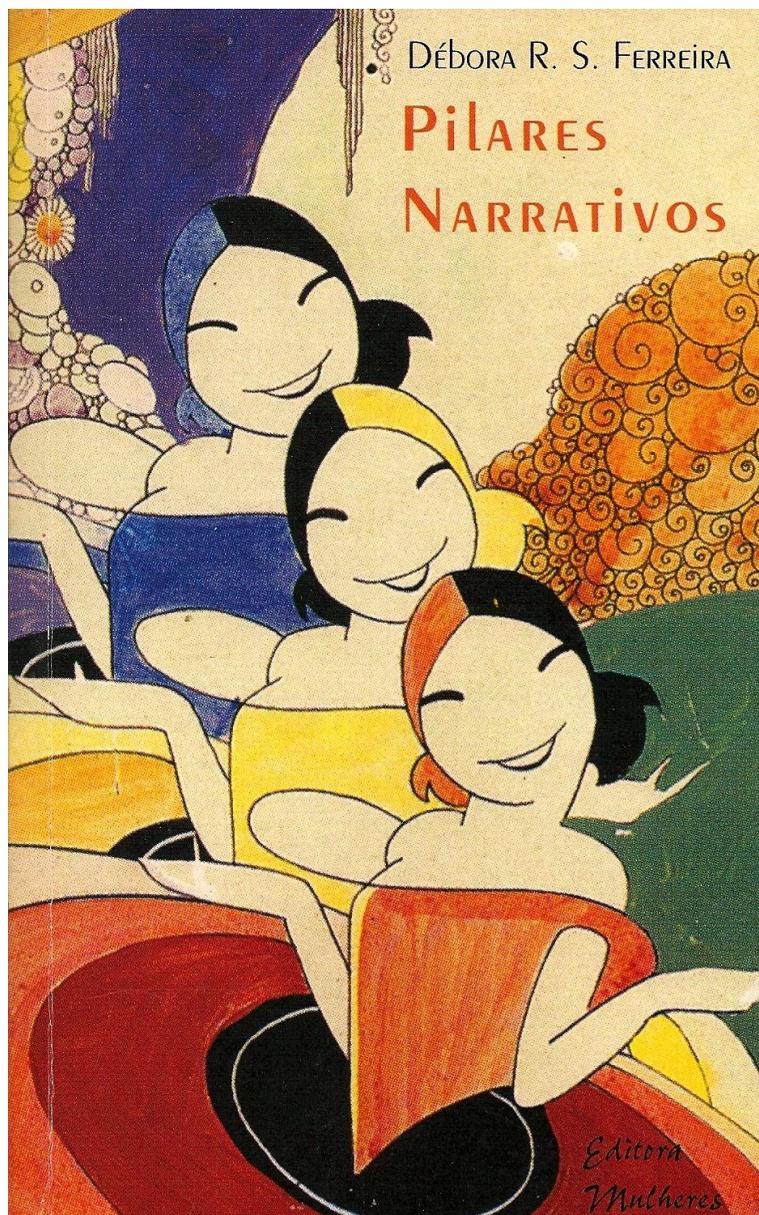
PEREGRINAS DE OUTRORA

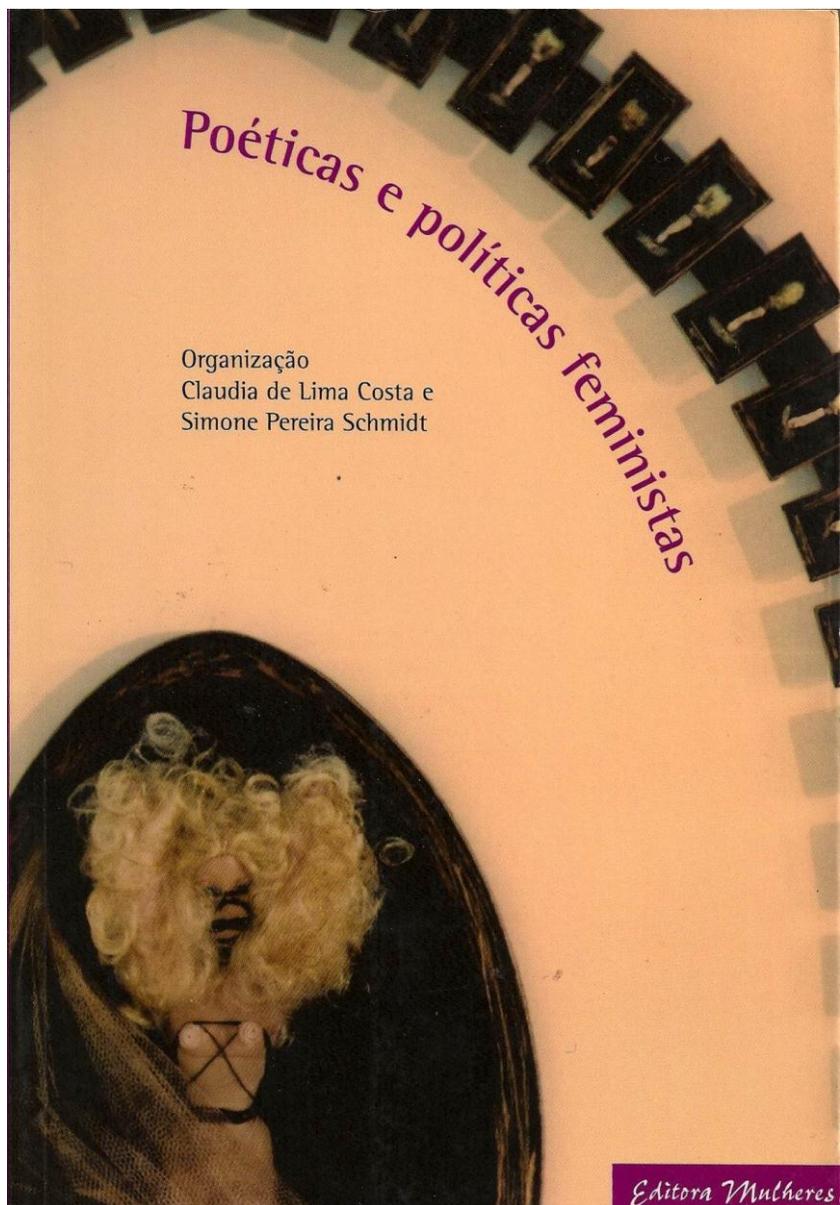
VIAJANTES LATINO-AMERICANAS
NO SÉCULO XIX



STELLA MARIS SCATENA FRANCO



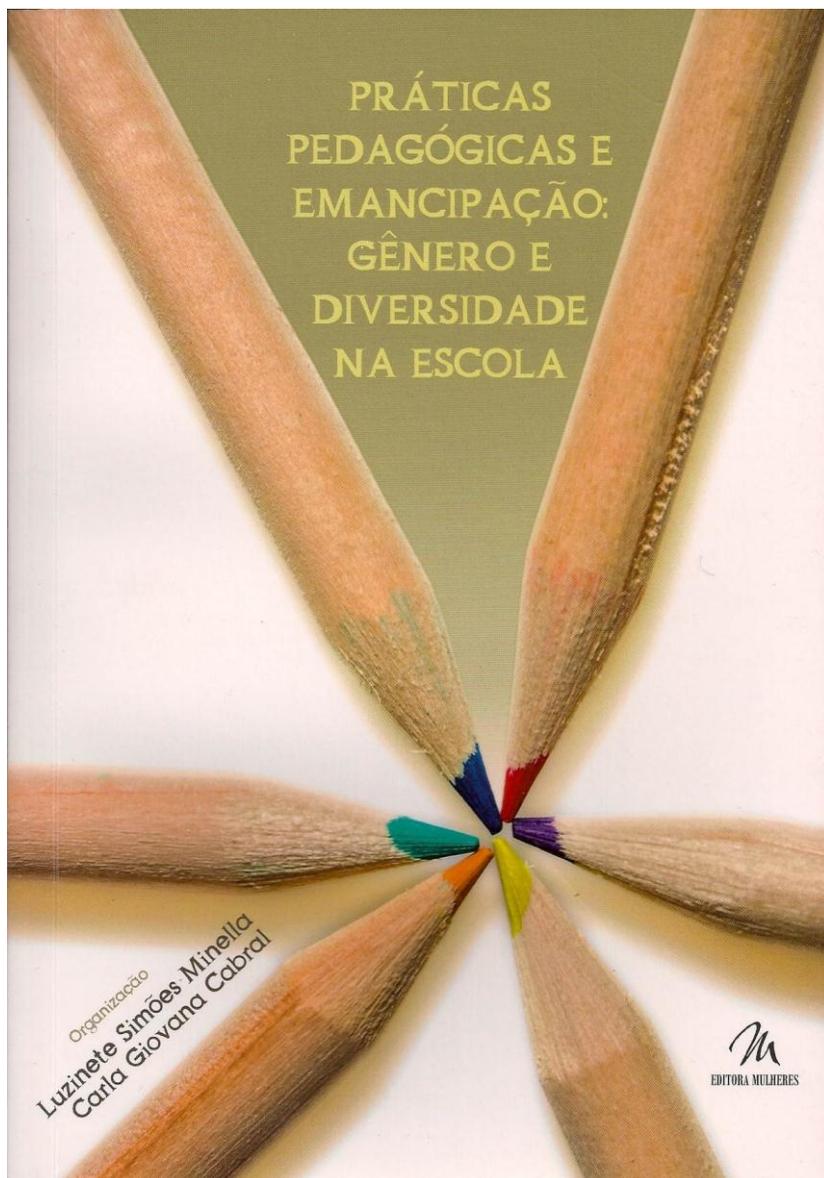




Poéticas e políticas feministas

Organização
Claudia de Lima Costa e
Simone Pereira Schmidt

Editora Mulheres



PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS E
EMANCIPAÇÃO:
GÊNERO E
DIVERSIDADE
NA ESCOLA

Organização
Luzinete Simões Minella
Carla Giovana Cabral


EDITORA MULHERES

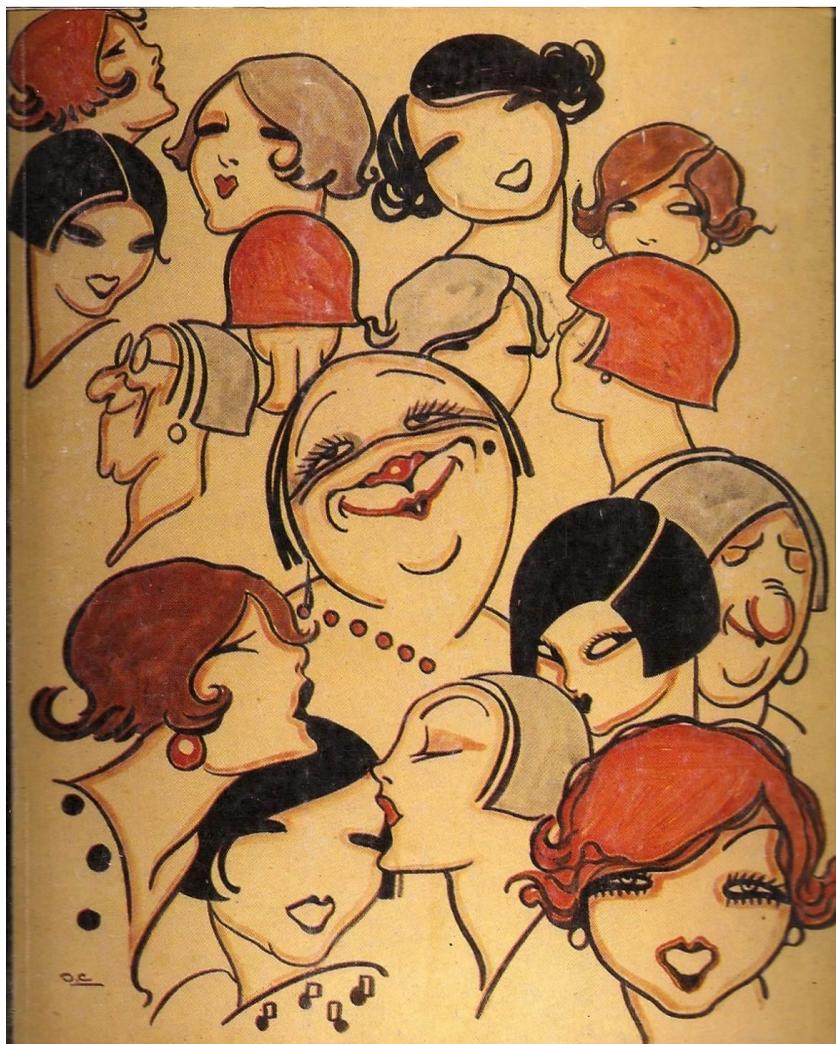


Elódia Xavier

Que corpo é esse?

O corpo no imaginário feminino

M
EDITORA MULHERES



Refazendo nós

Organização

Izabel Brandão & Zabidé L. Muzart

EDITORA
MULHERES



Refúgios do eu

educação, história, escrita autobiográfica



Ana Chrystina Venancio Mignot
Maria Helena Camara Bastos
Maria Teresa Santos Cunha

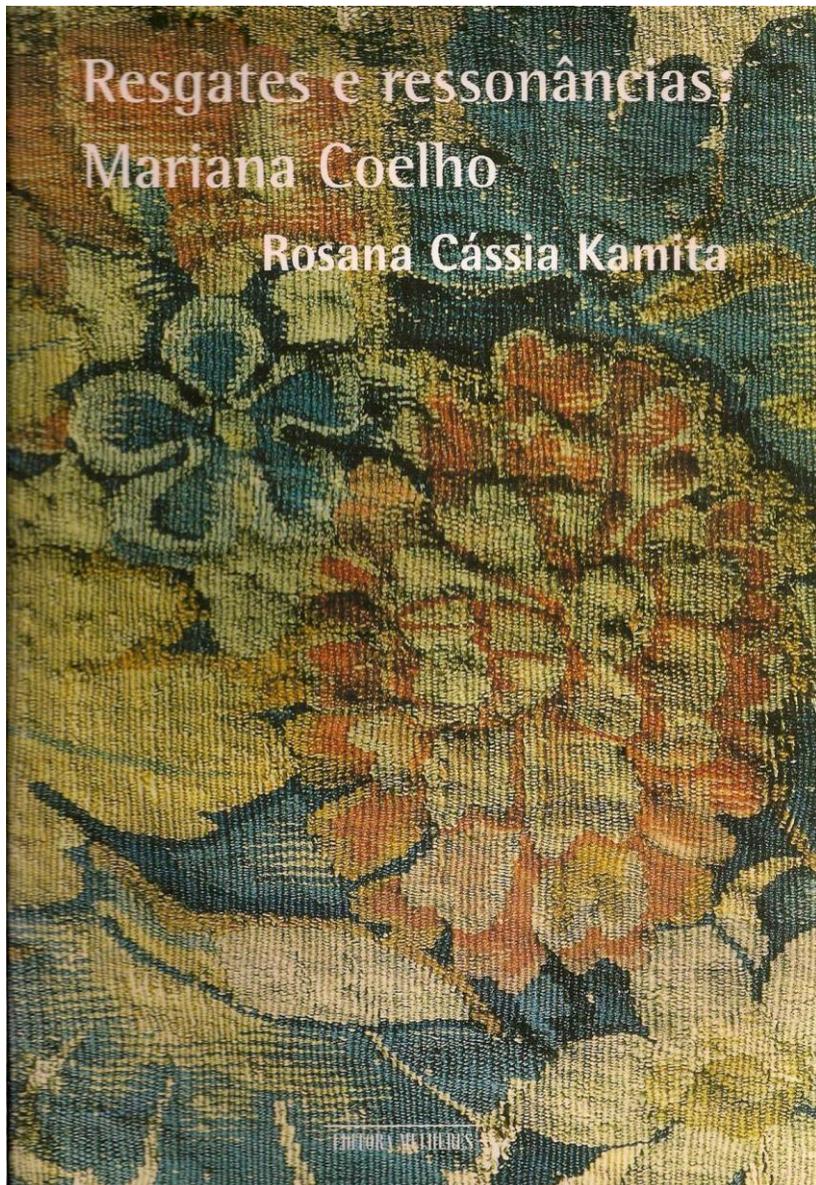
Ana Canen
Antonio Viñao
Jean Hébrard
Libânia Nacif Xavier
Lilian Maria de Lacerda
Maria Arisnete Câmara de Moraes
Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo
Margarida de Souza Neves
Tânia Regina Oliveira Ramos
Zahidé Lupinacci Muzart

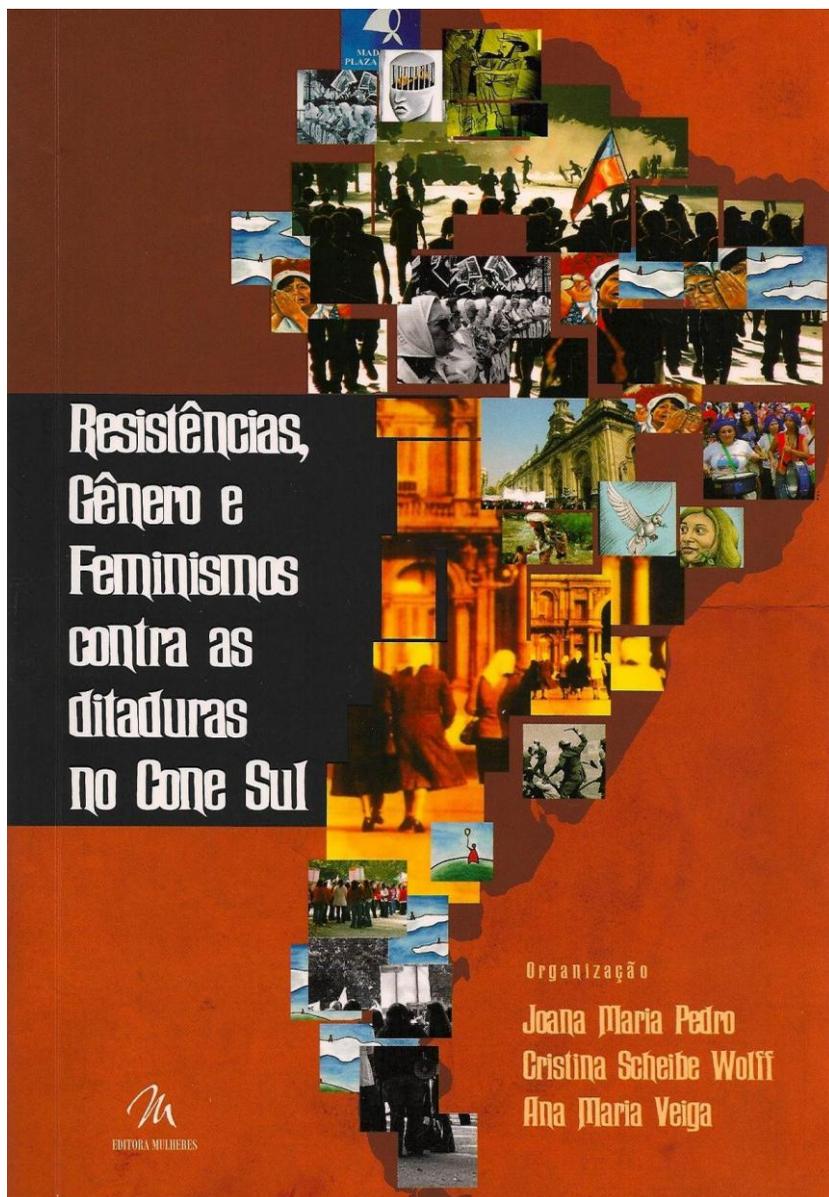
MULHERES

Resgates e ressonâncias:

Mariana Coelho

Rosana Cássia Kamita





**Resistências,
Gênero e
Feminismos
contra as
ditaduras
no Cone Sul**

Organização
**Joana Maria Pedro
Cristina Scheibe Wolff
Ana Maria Veiga**

M
EDITORA MULHERES

SEDUÇÃO E HEROÍSMO:
IMAGINAÇÃO DE MULHER

ENTRE A REPÚBLICA DAS LETRAS E A BELLE EPOQUE
(1884-1911)



REGINA R. FELIX

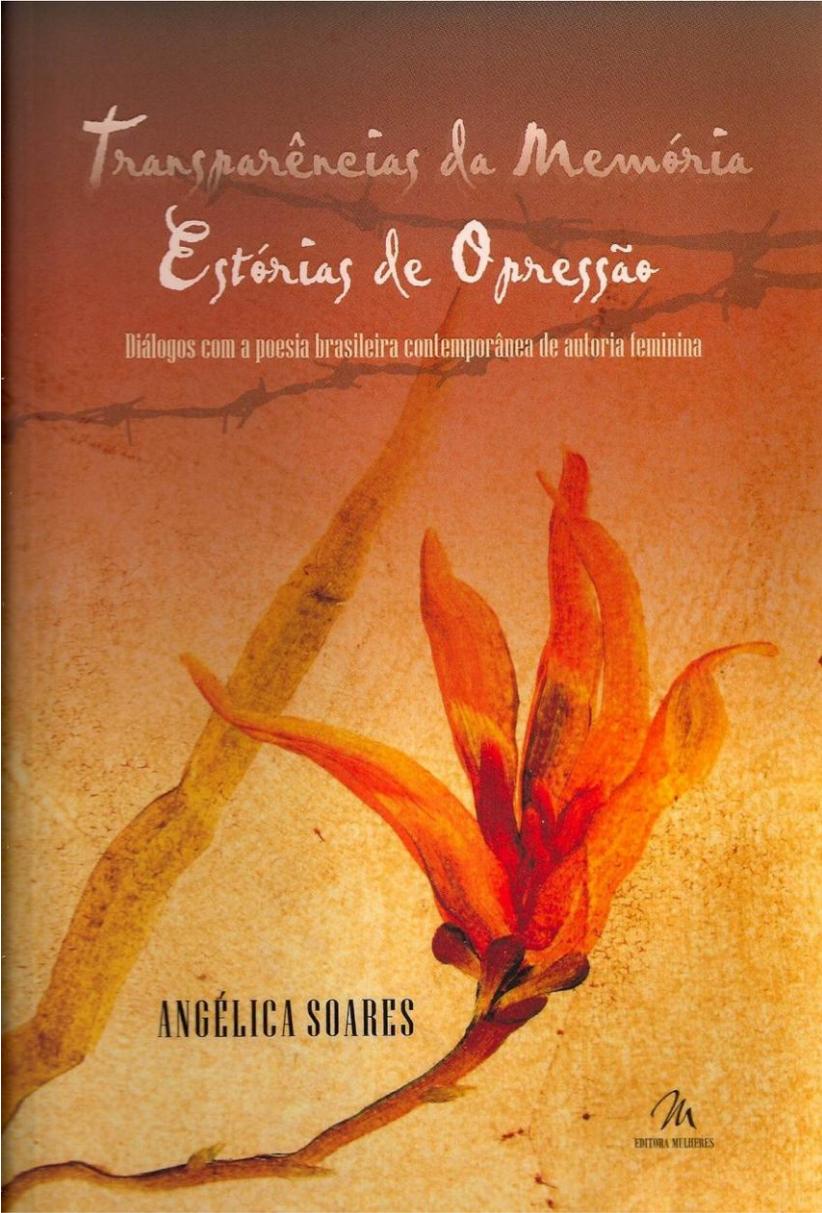
M
EDITORA MULHERES

ELISÂNGELA SANTOS DE AMORIM

TRAJETÓRIA EDUCACIONAL DE
MULHERES EM ASSENTAMENTOS
DE REFORMA AGRÁRIA NA
REGIÃO TOCANTINA-MA


EDITORA MULHERES


EDUFMA



Transparências da Memória
Estórias de Opressão

Diálogos com a poesia brasileira contemporânea de autoria feminina

ANGÉLICA SOARES

M
EDITORA MULHERES



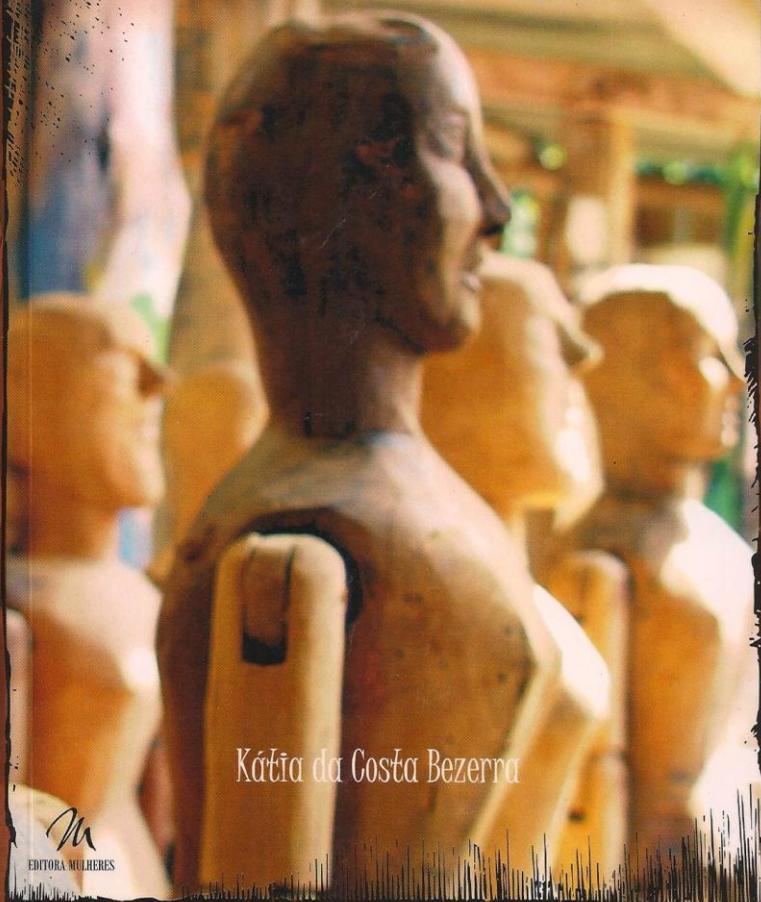
ALCILENE CAVALCANTE

UMA ESCRITORA NA *PERIFERIA DO IMPÉRIO*:
VIDA E OBRA DE EMÍLIA FREITAS


EDITORA MULHERES

Vozes em dissonância

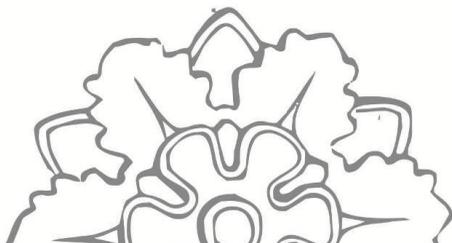
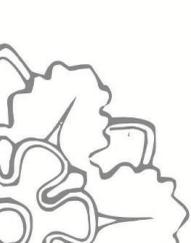
Mulheres, memória e nação

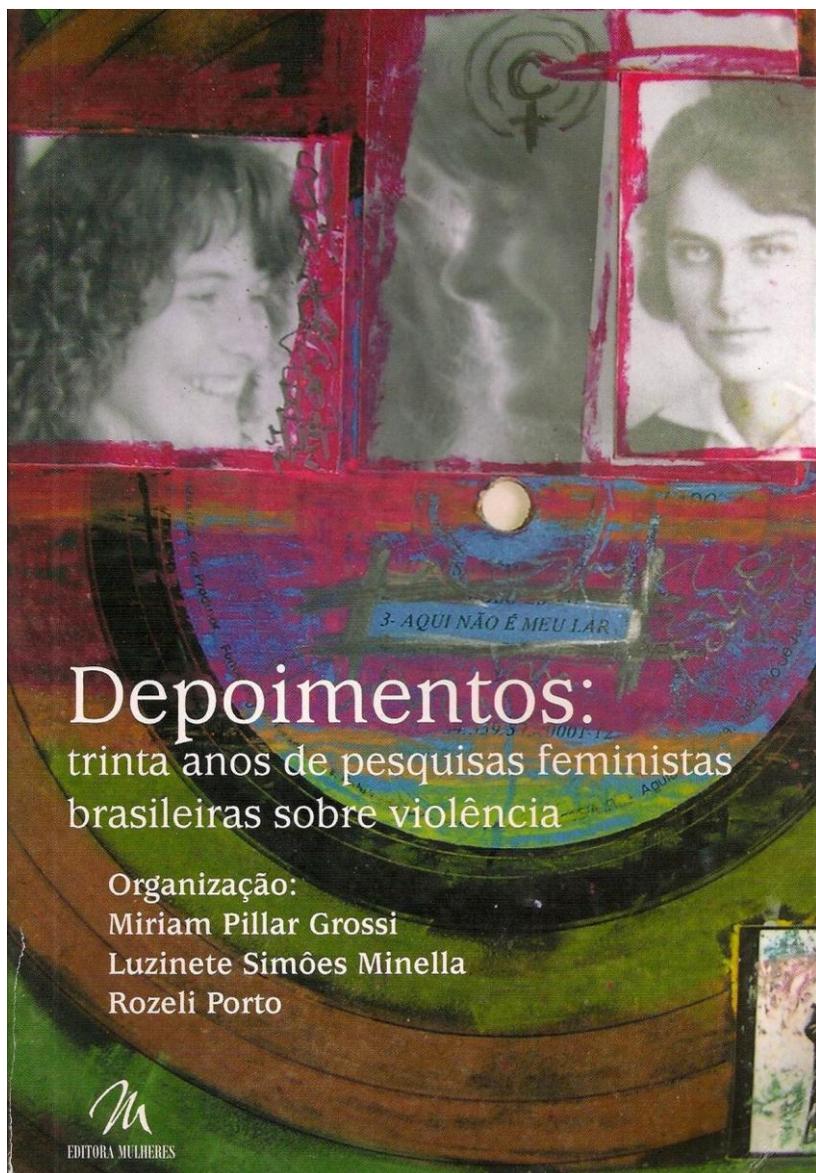


Kátia da Costa Bezerra

M
EDITORA MULHERES

Série Gênero e Violência





Depoimentos:

trinta anos de pesquisas feministas
brasileiras sobre violência

Organização:
Miriam Pillar Grossi
Luzinete Simões Minella
Rozeli Porto


EDITORA MULHERES

Gênero e Violência

pesquisas acadêmicas brasileiras
(1975-2005)

Miriam Pillar Grossi
Luzinete Simões Minella
Juliana Cavilha Mendes Losso



EDITORA MULHERES

**NARRAR PROCESSOS:
TRAMAS DA VIOLENCIA DOMÉSTICA
E POSSIBILIDADES PARA A EDUCAÇÃO**

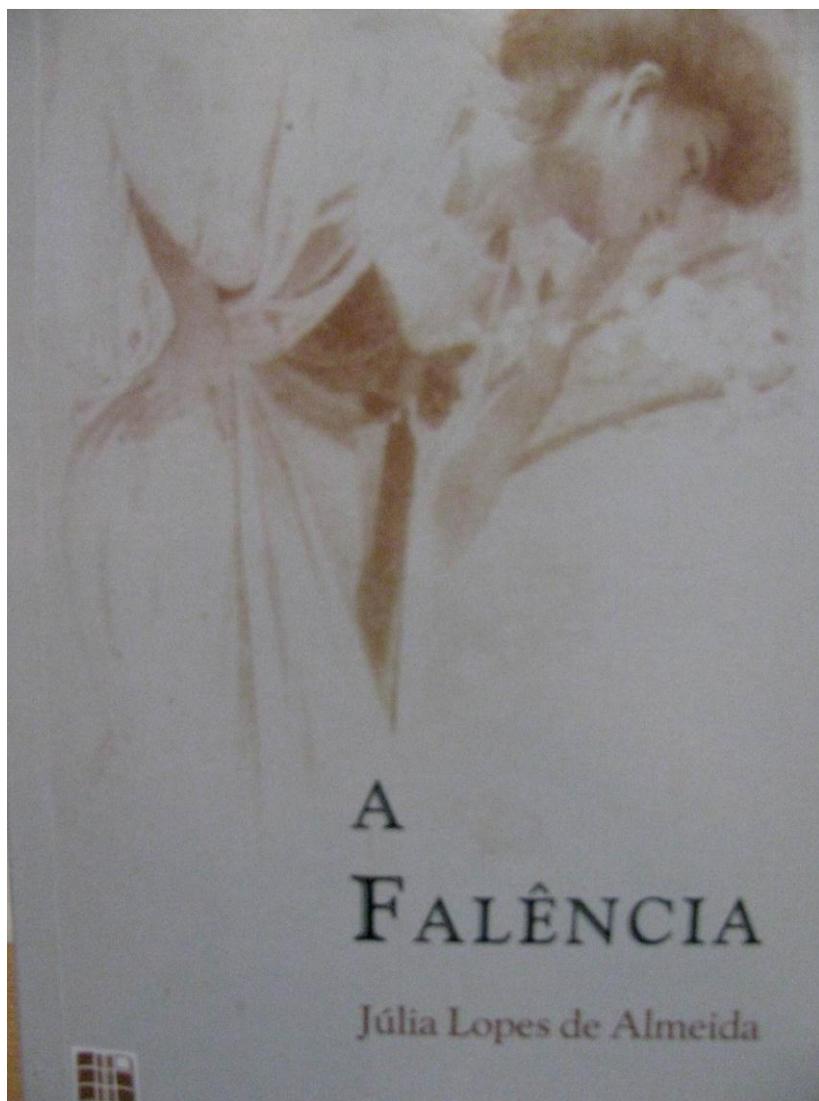


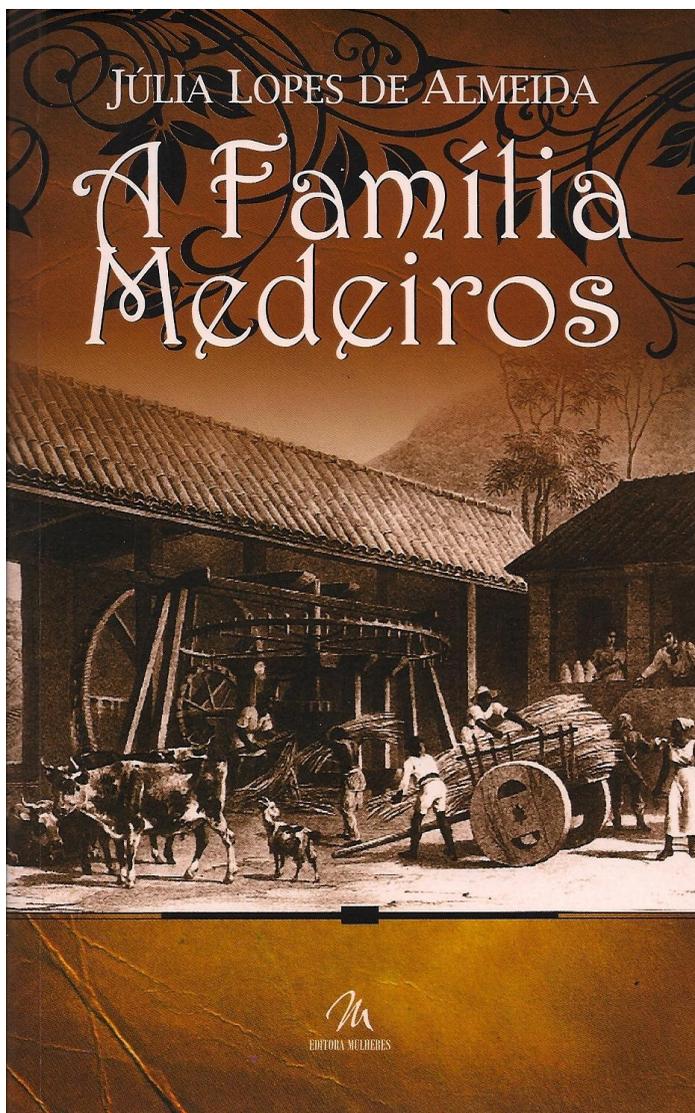
EDLA EGGERT

M
EDITORA MULHERES



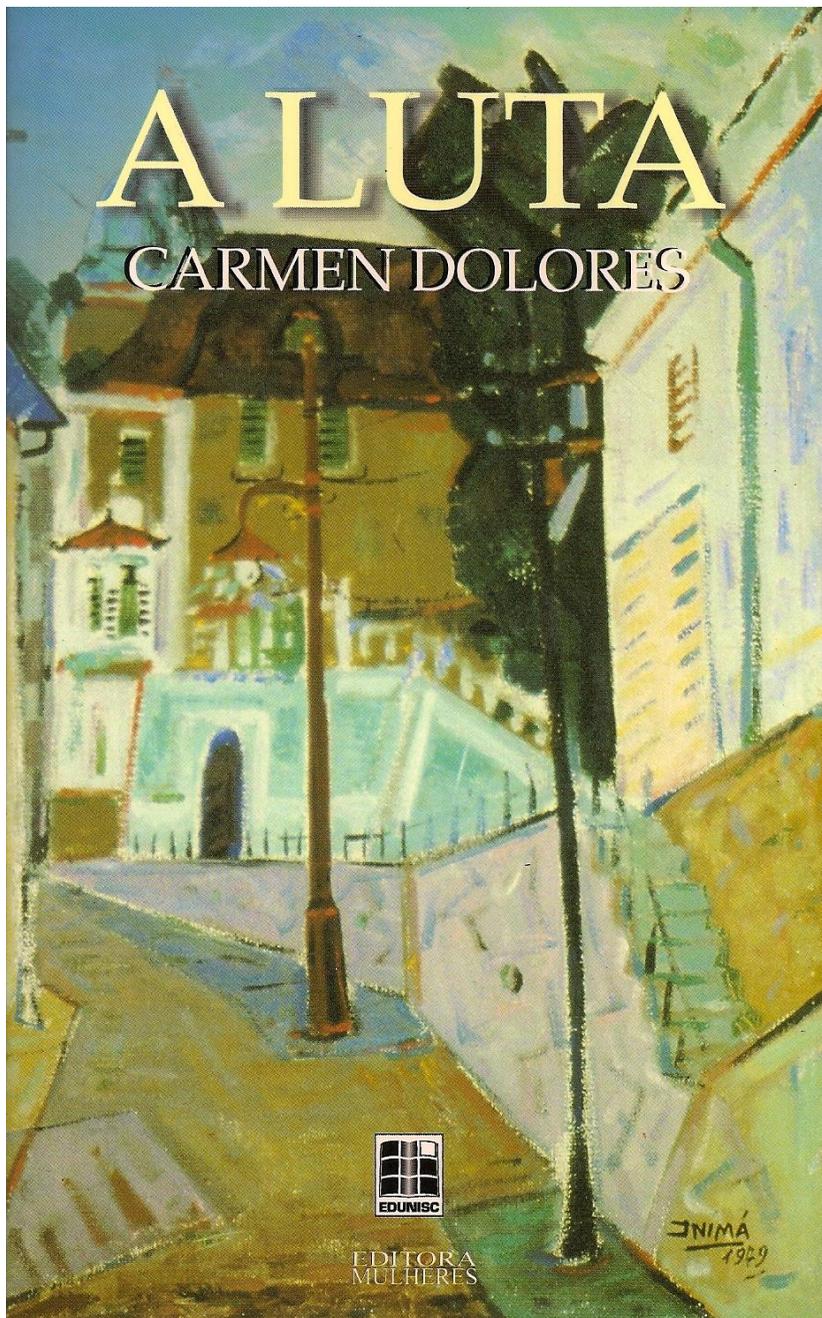
Série Romance Narrativas





A LUTA

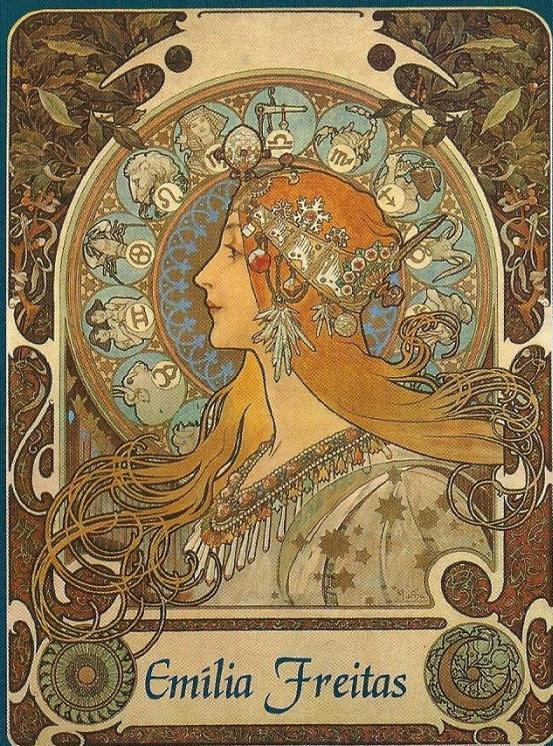
CARMEN DOLORES



EDITORA
MULHERES

JNIMA
1989

A Rainha do Ignoto



EDITORA
MULHERES



Júlia Lopes de Almeida



A SILVEIRINHA



EDITORA
MULHERES

1997

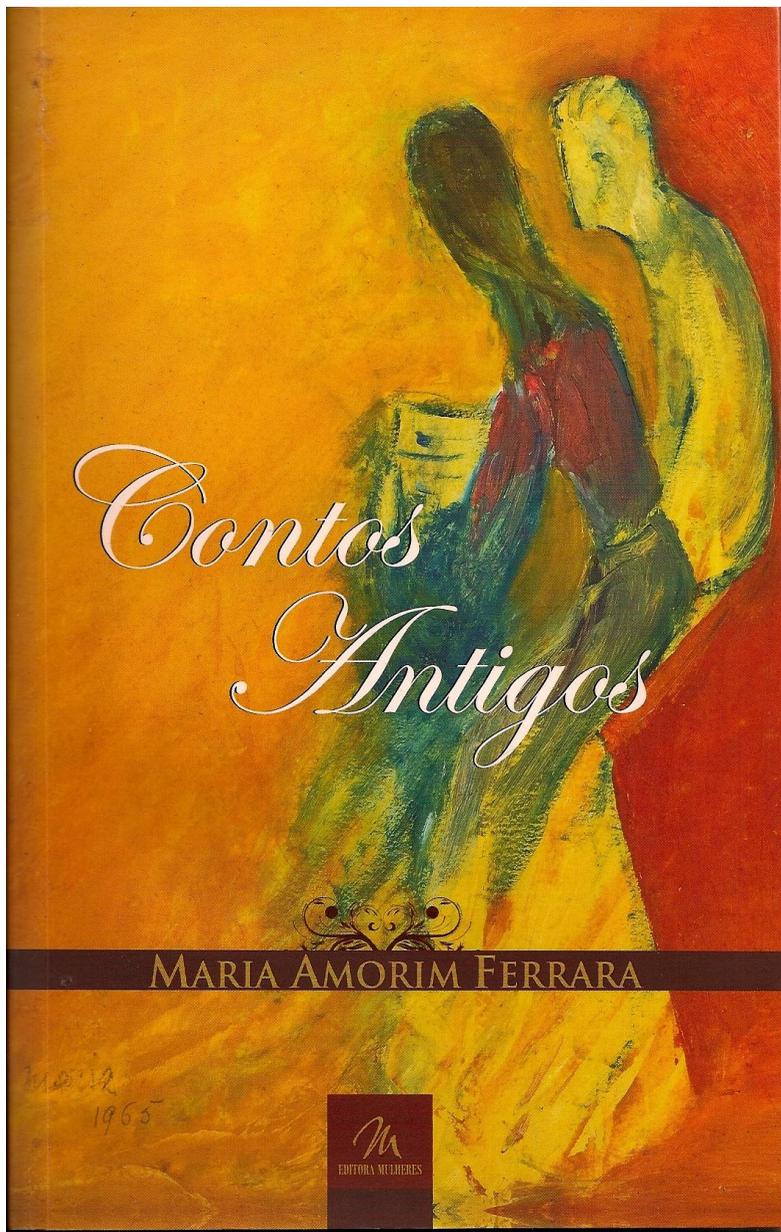
Júlia Lopes de Almeida

A Viúva Simões

mulheres



EDUNISC



ANDRADINA AMÉRICA DE ANDRADE E OLIVEIRA

DIVÓRCIO?



Organização e texto biográfico
Hilda A. Hübner Flores

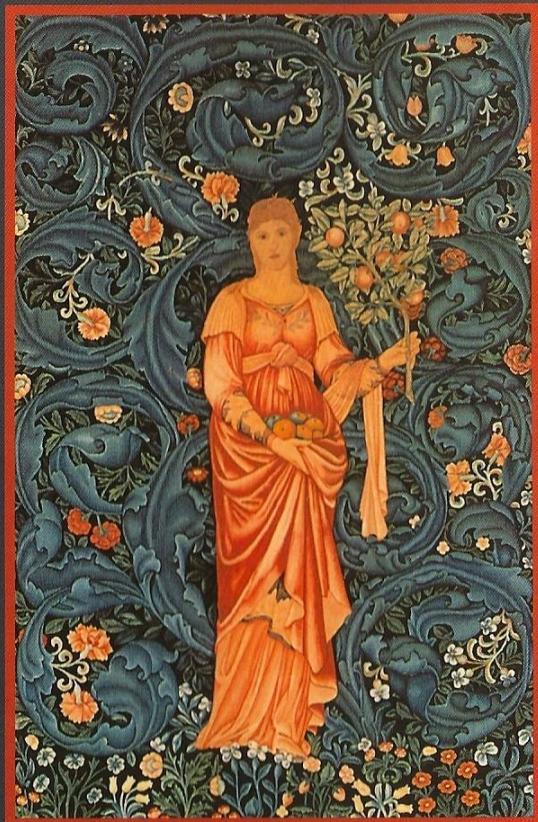
D. NARCISA DE VILLAR

ANA LUÍSA DE
AZEVEDO CASTRO



EDITORA MULHERES

Lésbia

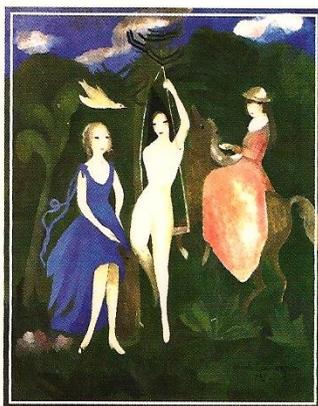


*Maria Benedita Borzmann
(Délia)*

EDITORA
MULHERES
1998

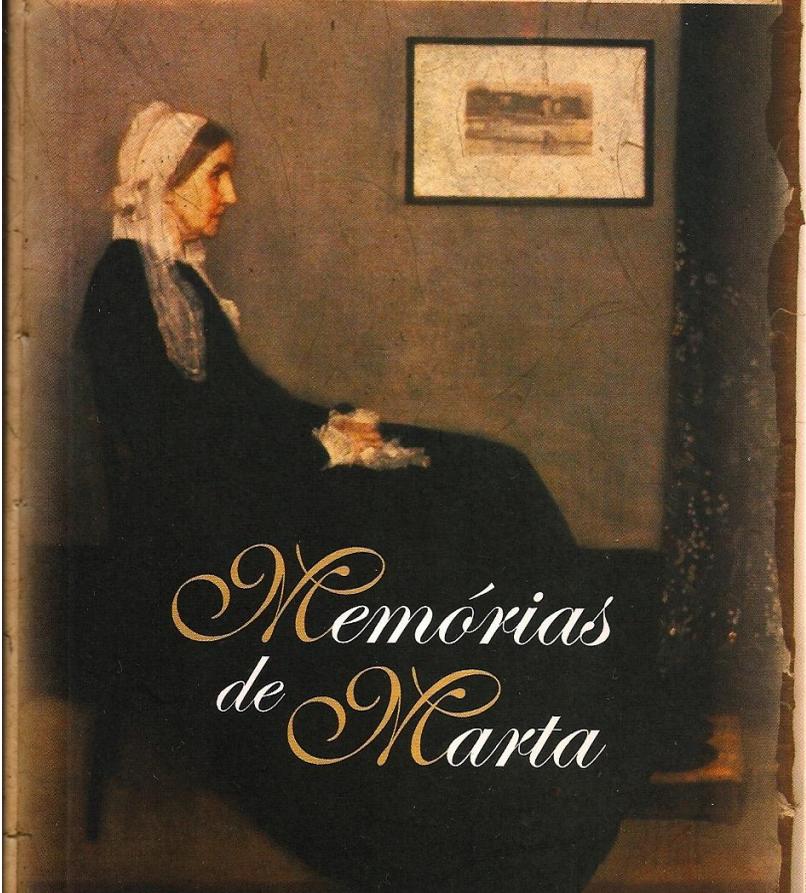
INÊS SABINO

Lutas do Coração



MULHERES

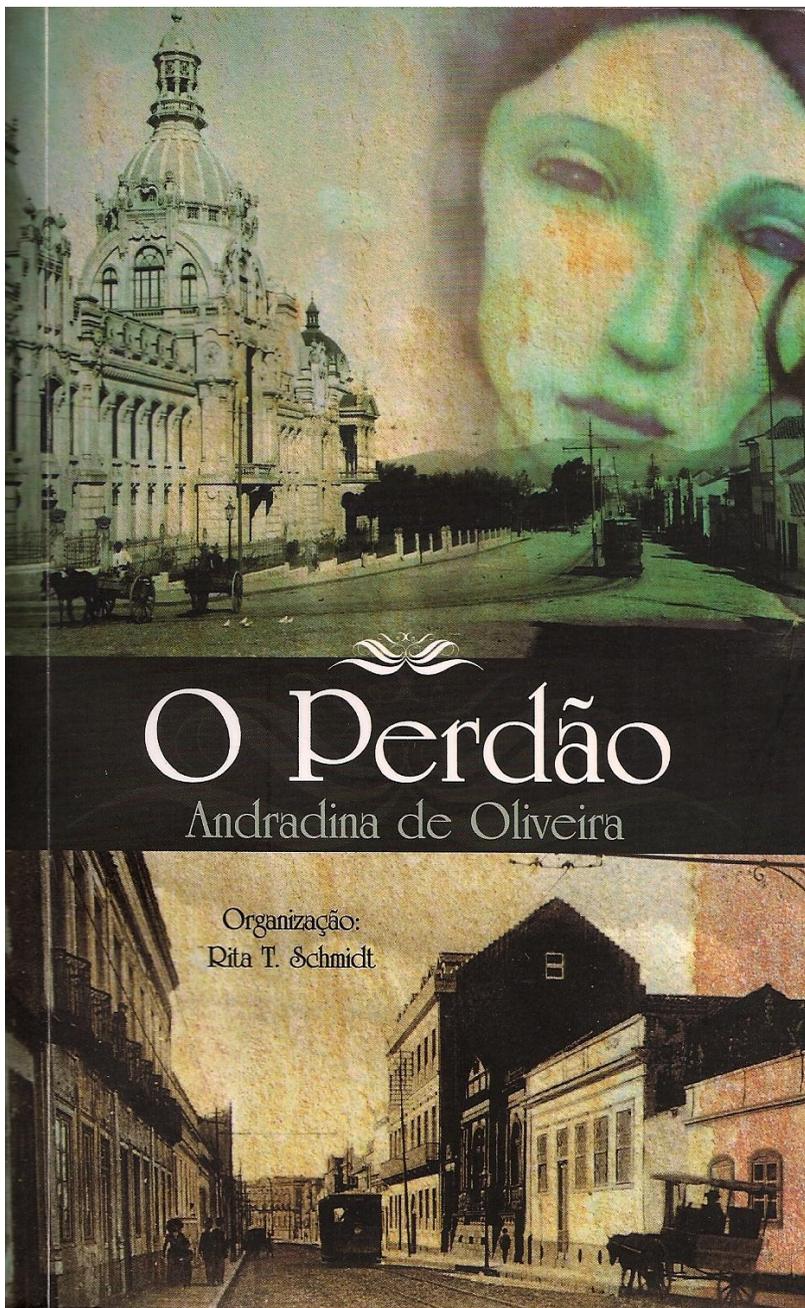
JÚLIA LOPES DE ALMEIDA



*Memórias
de Marta*

M
EDITORA MULHERES





O Perdão
Andradina de Oliveira

Organização:
Rita T. Schmidt

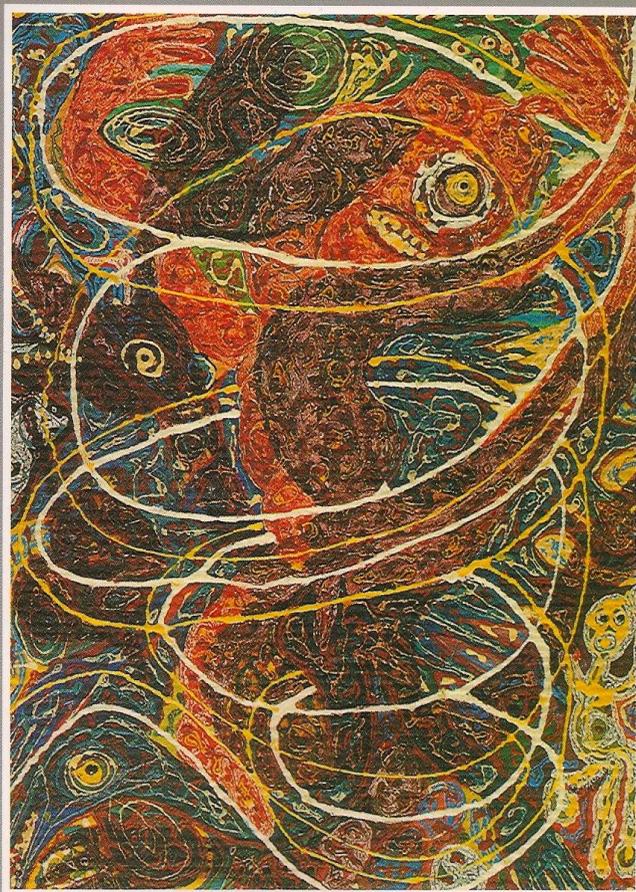
OROONOKO



Aphra Behn

editoramulheres

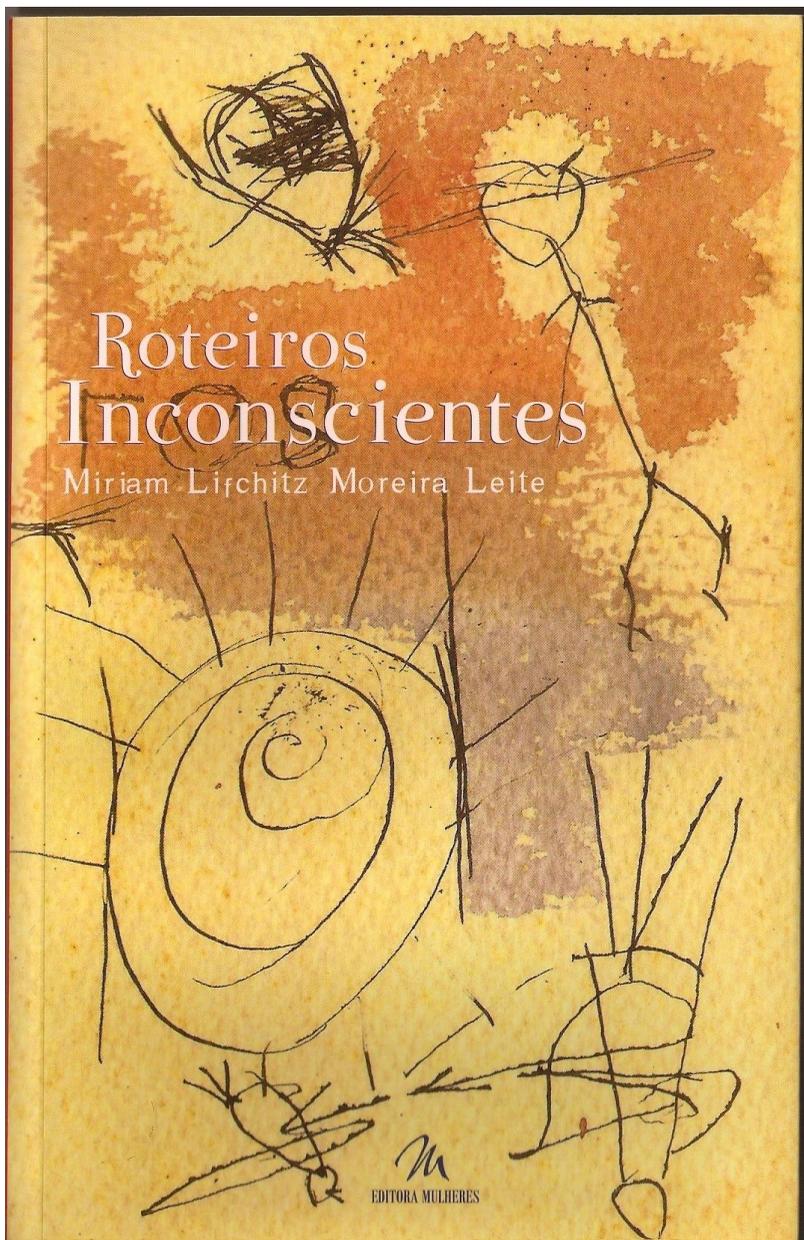
Os papéis do Coronel



M

EDITORA MULHERES

Harry Laus

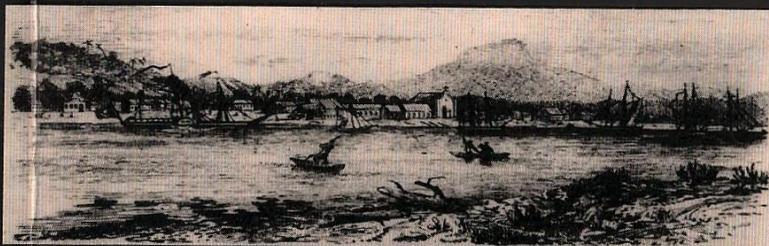


Roteiros Inconscientes

Miriam Lifchitz Moreira Leite

M
EDITORA MULHERES

Rachel Liberato Meyer



UMA MENINA DE ITAJAÍ

FCC
EDIÇÕES

mulheres

Maria Firmina dos Reis



ÚRSULA


EDITORA
PUCMINAS

*Editora
Mulheres*

Série Poesia e Teatro



Maria Luiza de Carvalho Armando

Pelos caminhos do mundo

Coletânea



Editora MULHERES

2009

Sorrisos & Prantos

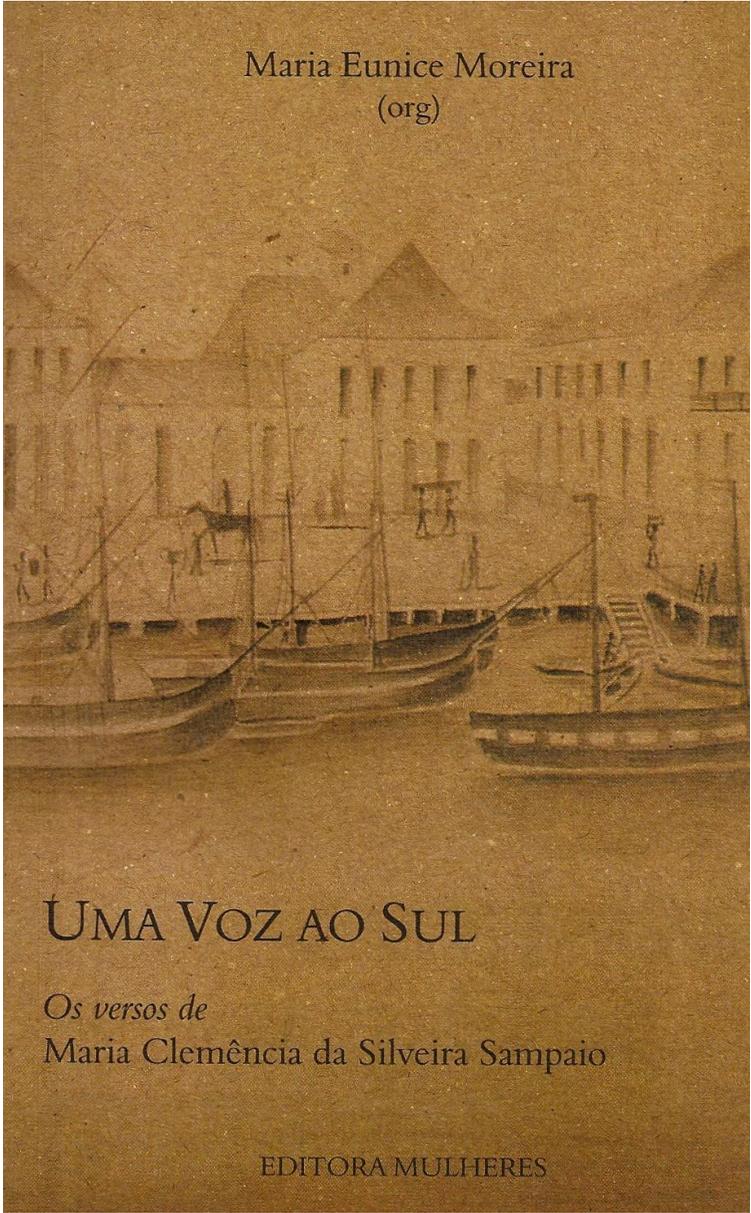


Rita Barém de Melo

 MOVIMENTO

EDITORA
MULHERES

Maria Eunice Moreira
(org)



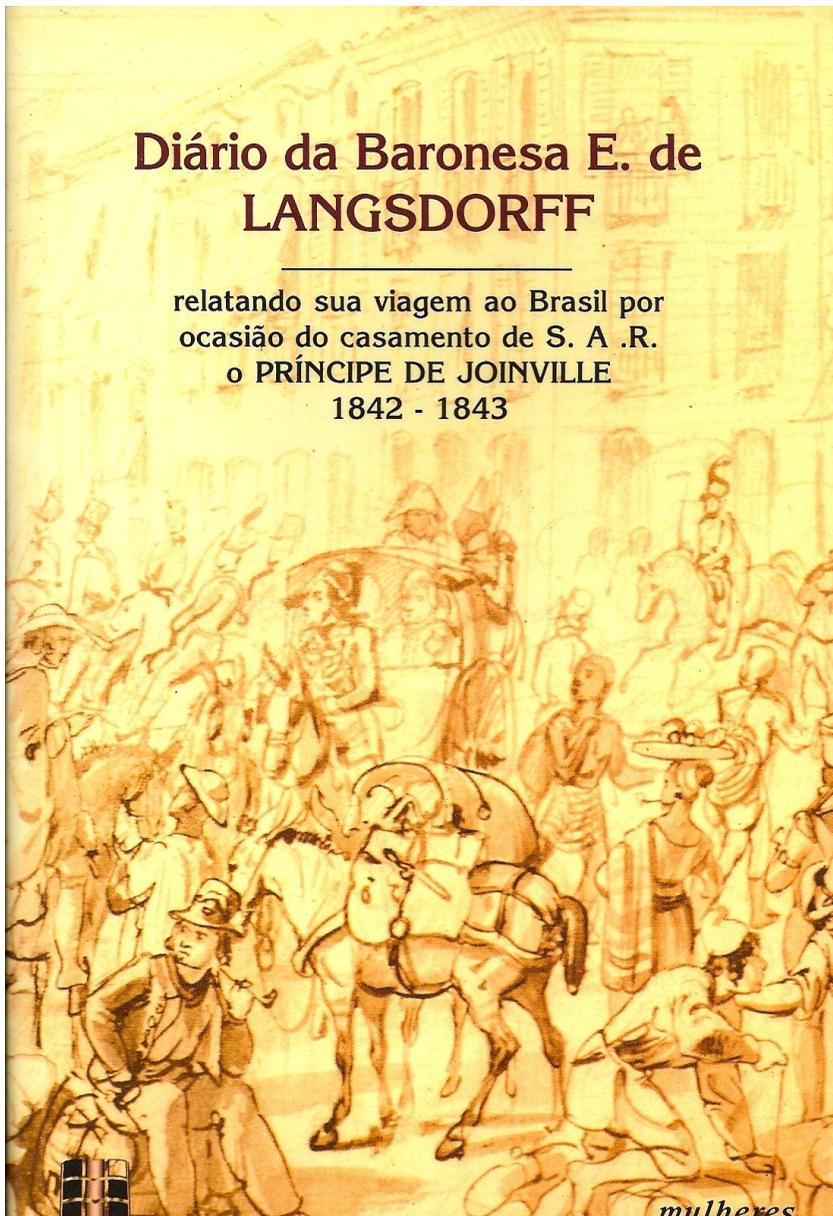
UMA VOZ AO SUL

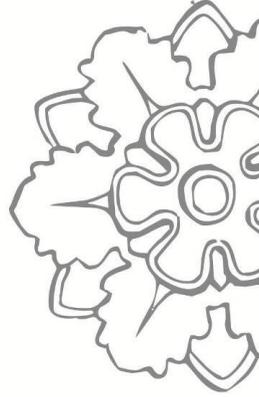
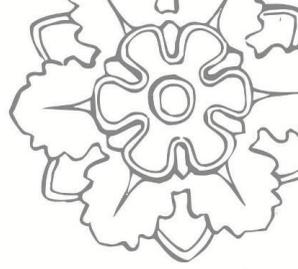
Os versos de
Maria Clemência da Silveira Sampaio

EDITORA MULHERES

Diário da Baronesa E. de LANGSDORFF

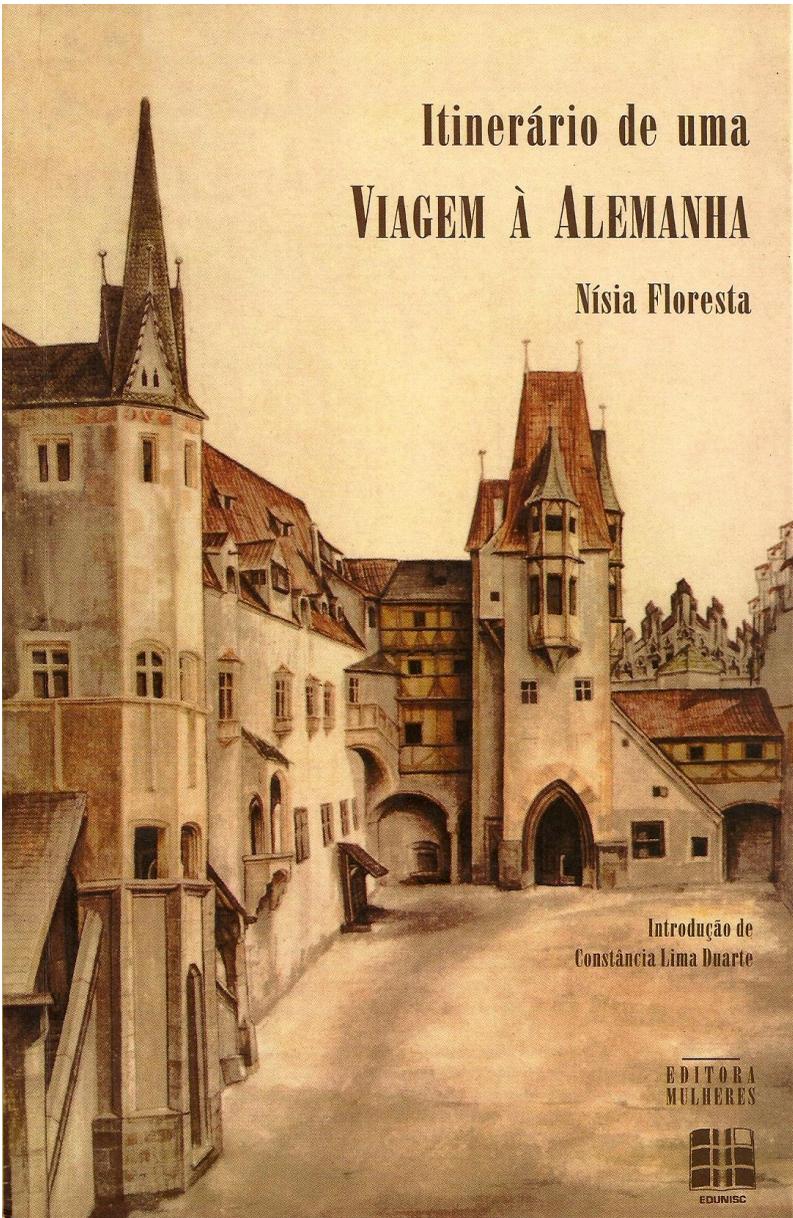
relatando sua viagem ao Brasil por
ocasião do casamento de S. A .R.
o PRÍNCIPE DE JOINVILLE
1842 - 1843





Série Viagens





**Itinerário de uma
VIAGEM À ALEMANHA**

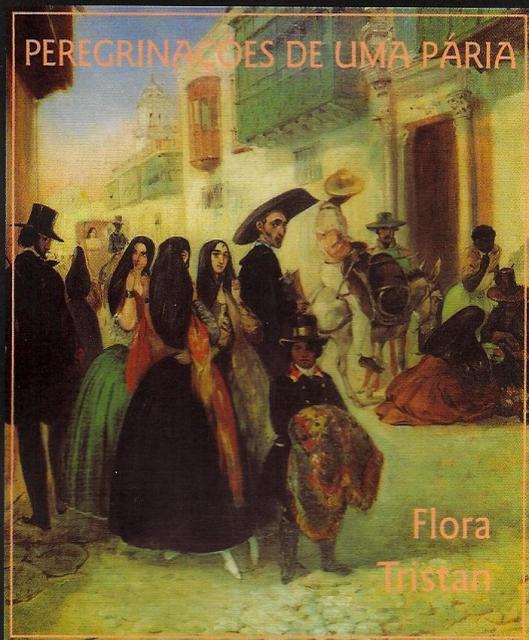
Nísia Floresta

Introdução de
Constância Lima Duarte

EDITORA
MULHERES



EDUNISC

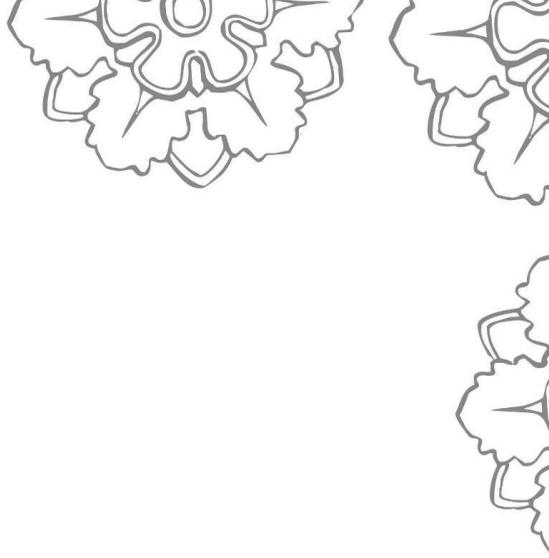


Madame van Langendonck

*Uma colônia
no Brasil*



Mulheres

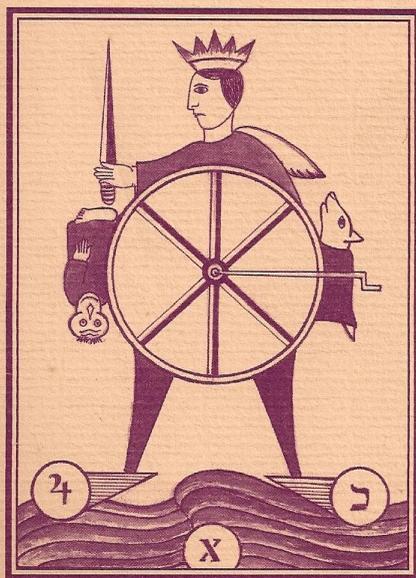


Série Cartas e Memórias

A DÉCIMA CARTA



LAUS. APENAS.



RUTH LAUS

Constância Lima Duarte (org)

Cartas

Nísia Floresta

&

Auguste Comte

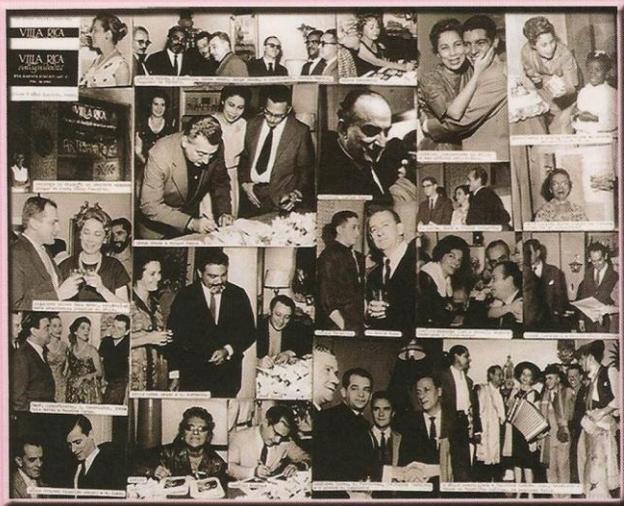
EDITORA MULHERES



VILA RICA

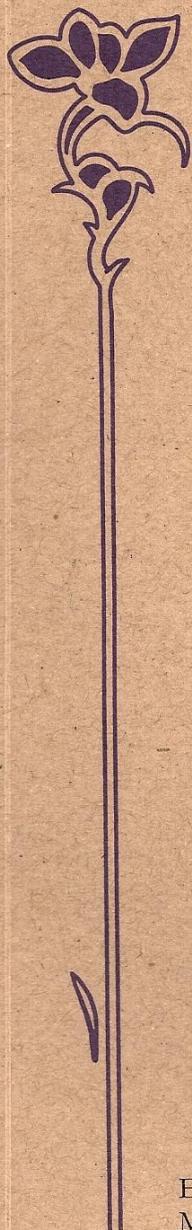
apresenta

UM TEMPO FELIZ



Série Feminista





MADELEINE
PELLETIER

Memórias de uma feminista

EDITORA
MULHERES



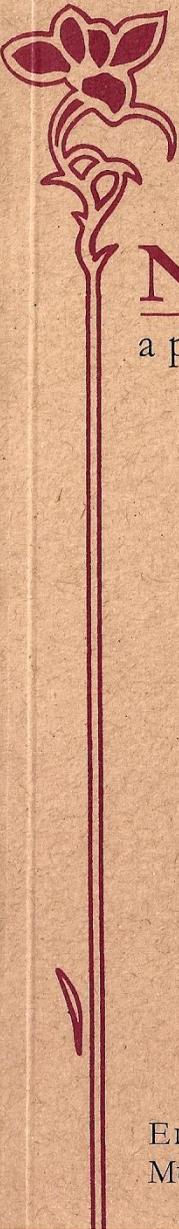
Miriam Lifchitz Moreira Leite

**MARIA LACERDA
DE MOURA**

uma feminista utópica



EDITORA
MULHERES



Constância Lima Duarte

NÍSIA FLORESTA
a primeira feminista do Brasil

EDITORA
MULHERES



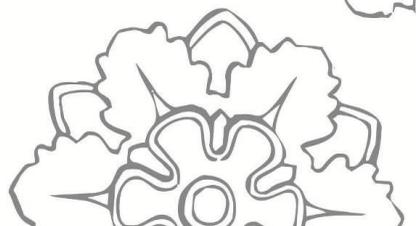
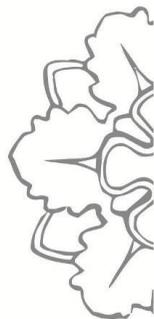
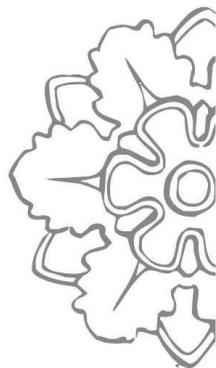
Rachel Soihet

**O FEMINISMO
TÁTICO DE
BERTHA LUTZ**



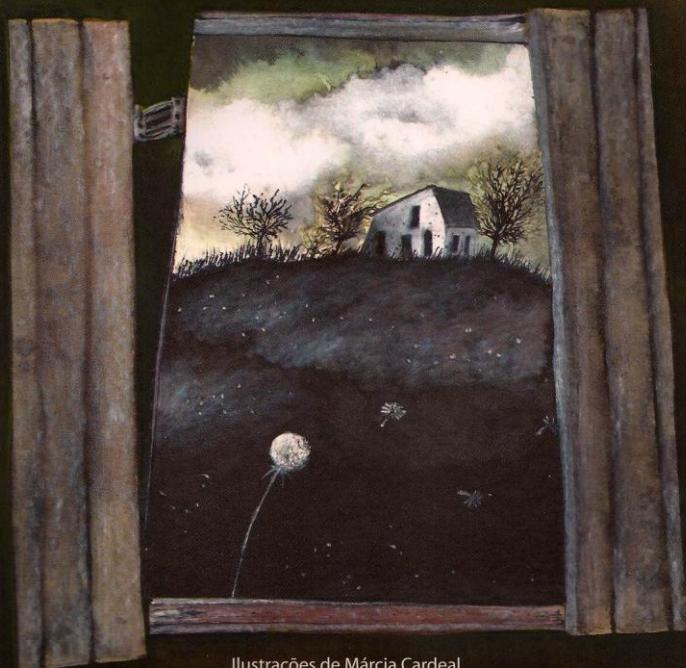
EDITORA
MULHERES

Série Infantotjuvenil



Zahidé Lupinacci Muzart

Uma casa sem cor



Ilustrações de Márcia Cardeal

Editora Mulheres





MO(VI)MENTO FINAL

Vimos que livro e leitura no Brasil raramente andaram de mãos dadas, em alguns momentos podemos dizer até que trilharam caminhos opostos ou desencontrados. Já na Europa o cenário que se apresenta é diferente, o leitor nasce com a sociedade moderna, mais precisamente no século XVIII, quando a impressão do livro passa a ser empresarial e é valorizada a família, reconhecida como a responsável por fortalecer o gosto pela leitura. A leitura era vista como uma atividade apropriada ao contexto de privacidade e servia para a formação moral das pessoas. Entre nós, é somente em meados do século XIX que surgem as tipografias, livrarias e bibliotecas...

Mesmo com o surgimento da imprensa, a educação no Brasil era para poucos, considerada obrigatória apenas a partir de 1870. Como esperar, então, uma quantidade razoável de livros e leitores num país que até final do século XIX contava com mais de 70% de analfabetos? E mais, enquanto assistíamos, no século XVIII, na Europa ao aperfeiçoamento da legislação sobre os direitos autorais, no Brasil a proposta de direitos autorais converteu-se em lei quase um século mais tarde. Vários desses fatores influenciaram consideravelmente a vida profissional de nossos escritores, que ainda no século XIX não conseguiam viver de literatura. Sua profissionalização ocorreu lentamente através do mercado escolar, porque estava assegurado o retorno financeiro.

A partir do momento em que a literatura foi ganhando público, sentiu-se a necessidade de um discurso que a legitimasse, ou seja, da organização de uma produção literária, daí o papel assumido pela história da literatura. Inicialmente, nosso certificado de identidade foi emitido por Ferdinand Denis, que aumentou o número de autores e obras do cânone, e Almeida Garret, que reuniu poesia de autores portugueses antigos e modernos, e também de autores brasileiros. Com esses e outros autores se estreou o cânone literário, dando voz e vez a alguns autores e textos.

Quando dizemos "autores", estamos tratando no sentido masculino da palavra, porque as mulheres foram excluídas do cânone literário – foram desconsideradas e suas obras tratadas como não sérias para compor o cânone. As mulheres só serão incluídas no campo literário brasileiro devido à atuação dos movimentos feministas, que lutavam pelo direito à educação, ao trabalho, ao voto... enfim, à mudança de costumes. E foram esses movimentos que permitiram a publicação de obras excluídas da historiografia literária.

Como concluir uma dissertação com a especificidade de nossa pesquisa? Registrando o ano de 1996 como um marco. Zahidé Lupinacci Muzart, Elvira Sponholz e Susana Bornéo Funck, professoras de Literatura da UFSC, preocupadas com a memória cultural e a história literária que passasse pela história das mulheres, fundam, criam, inventam, materializam uma editora com o objetivo de recuperar e publicar obras de escritoras do século XIX.

Quinze anos depois debruço-me sobre a materialidade dessa editora e busco fazer o levantamento e o registro documental da produção da Editora Mulheres. Reúno reportagens, artigos e resenhas encontrados na internet e/ou mantidos pela Editora. Apresento as capas e seus paratextos. Em cada cor, em cada capa, em cada textura de papel, em cada tipo, em cada título, em cada nome próprio, em cada texto crítico, em cada prefácio, em cada apresentação, histórias de mulheres. Mas muito mais: a Editora Mulheres é um capítulo na história do livro no Brasil, a possibilidade de outro entendimento da pequena editora, da edição, circulação e difusão do livro, da produção de conhecimento nas universidades, nos órgãos culturais, na intervenção da produtividade pelos órgãos de fomento. Toda a materialidade que aqui reúno quer se dar a ler, a conhecer e a responder como ler os códigos estéticos, regionais, ideológicos, políticos, inscritos nas publicações da Editora Mulheres.

Cada obra é sistematicamente organizada numa espécie de arte de cuidar: a capa, a orelha, a contracapa, a autora, a apresentação, a

biografia, o ensaio crítico, a bibliografia, conforme se mostra no Anexo A. O livro para a Editora e para a editora é visto como um espaço, um lugar, uma morada. Noventa e seis obras publicadas e classificadas dentro de séries: Referências, Ensaio, Gênero e violência, Romance/Narrativas, Poesia e teatro, Viagens, Cartas e memórias, Feminista e Infantojuvenil.

Durante esses 15 anos – e aqui destaco a editora da Editora –, Zahidé Muzart fez um trabalho de “ressuscitação” (no sentido mesmo bíblico de um renascer, de outra vida, de outro plano) de muitas obras através de contatos, de visitas a sebos e bibliotecas, de apelo a bibliófilos e pesquisadores. E congrega um dos maiores e sólidos grupos de pesquisadoras brasileiras do século XX e XXI, materializando e concretizando o investimento público e privado na pesquisa, disseminando conhecimento, solidificando os estudos feministas e de mulheres, formando outras pesquisadoras.

A Editora Mulheres possibilita a ampliação da história literária brasileira e, por que não, a mudança da nossa concepção sobre essa história. Soma-se a esta arqueologia, como eixo da Editora Mulheres, esse seleto grupo, esse elenco, como se queira denominar, de teóricas, críticas, ensaístas contemporâneas que, nos livros organizados, na seleção de textos em antologias temáticas, nos prefácios e nas apresentações dos livros, acentuam e documentam suas experiências de leitura e seu amadurecimento intelectual. Acima de tudo, a Editora Mulheres, ao preencher vazios e ao fazer falar o silêncio, leva à percepção de que, para se compreender como as escritoras (no sentido amplo de intelectual e escrevente) posicionam-se e são posicionadas no campo literário e cultural, é necessário levar em consideração, especialmente, as condições de exercício da leitura e como a crítica literária feminista influencia/influenciou esse campo, alterando substancialmente os marcos e as marcas da história das mulheres.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. Em busca do leitor: estudo dos registros de leitura de censores. In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson (Orgs.). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura no Brasil; São Paulo: Fapesp, 2005. (Histórias de Leitura).

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. Brasília: UnB, 1963.

ANCHIETA, José de. *A província do Brasil (1585)*. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Saúde, 1946.

ANDRADE, Mário de. Resposta ao inquérito sobre mim pra Macaulay. *Travessia*, Florianópolis: UFSC, v. 5, n. 3, p. 20, 1982.

ANDRADE, Mário de. *Amar, verbo intransitivo*. 19. ed. Belo Horizonte e Rio de Janeiro: Vila Rica, 1993.

ARANHA, Graça. *O meu próprio romance*. São Paulo: Nacional, 1931.

ASSIS, Machado de. *A mão e a luva*. São Paulo: Mérito, 1959a.

ASSIS, Machado. *Quincas Borba*. São Paulo: Mérito, 1959b.

ASSIS, Machado de. Semana Literária, 9 de janeiro de 1866. In: _____. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1962. v. 3. p. 841.

BALDISSARELLI, Adriana. Fazendo justiça. *Diário Catarinense*, 2 mar. 1997. Revista DC.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Papéis velhos, manuscritos impressos: paleógrafos ou livros de leitura manuscrita. In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson (Orgs.). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura no Brasil; São Paulo: Fapesp, 2005. (Histórias de Leitura).
ALENCAR, José de. *Diva: perfil de mulher*. São Paulo: Ática, 1980.

BAUMAN, Zygmunt. O livro no diálogo global entre culturas. In: PORTELLA, Eduardo (Org.). *Reflexões sobre os caminhos do livro*. Tradução de Guilherme João de Freitas. São Paulo: Unesco; Moderna, 2003. p. 15-33.

BERUTTI, Julia. Raro evento. *A Notícia*, Santa Catarina, 17 ago. 1997. Anexo.

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO (CBL). Disponível em:
<<http://www.cbl.org.br/>>. Acesso em: 15 jul. 2010.

CRUZ, Maria de Santa. *Crítica e confluência em Aventuras de Diófanos*. 1990. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 1990.

CUARTO PROPIO. Disponível em:
<<http://www.cuartopropio.cl/html/editorial.html>>. Acesso em: 6 dez. 2010.

DANTAS, Larissa de Araujo. *Espaços de visibilidade: trajetórias possíveis no campo literário brasileiro*. 2009. Dissertação (Mestrado em

Literatura) – Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

DENIS, Ferdinand. *Resumo da história literária da Brasil*. Tradução e notas de Guilhermino Cesar. Porto Alegre: Lima, 1968.

DUARTE, Constância Lima. Estudos sobre mulher e literatura: história, avaliação, perspectivas. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *A mulher na literatura*, Anpoll: UFSC, n. 9, p. 16-20, 2000.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. *Estudos Avançados*, v. 17, n. 49, p. 151-172, 2003.

DUARTE, Constância Lima. Arquivos de mulheres e mulheres anarquivadas: histórias de uma história mal contada. *Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 30, 2007. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/estudos/article/viewFile/2038/1611>>. Acesso em: 13 jan. 2011.

ELTERMANN, Raquel. Palavra de mulher. *Diário Catarinense*, 19 nov. 1996. Variedades.

FEIJÓ, Mário. As adaptações de clássicos para crianças na primeira metade do século XX e a nacionalização do livro escolar no Brasil. In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson (Orgs.). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura no Brasil; São Paulo: Fapesp, 2005. (Histórias de Leitura).

FLORESTA, Nísia. *Os direitos das mulheres e injustiça dos homens*. Introdução, posfácio e notas de Constância Lima Duarte. São Paulo: Cortez, 1989.

FRANC PARLER. *Florianópolis: 3 femmes se lancent dans l'édition*. abr. 1997.

FRANC PARLER. *Des femmes prement la parole*. maio/jun. 1997.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Exposição Brasil Feminino*. Rio de Janeiro, 2011.

GOTLIB, Nádía Battella. *A literatura feita por mulheres no Brasil*. 1998. Disponível em:
<http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/artigo_Nadia_Gotlib.htm>. Acesso em: 13 jan. 2011.

IENSEN, Jaqueline. Longa história de amor. *Diário Catarinense*, 31 jan. 2010. Disponível em:
<<http://www.clicrbs.com.br/diariocatarinense/jsp/default2.jsp?uf=2&local=18&source=a2792306.xml&template=3898.dwt&edition=14007§ion=1380>>. Acesso em: 9 dez. 2010.

KAMITA, Rosana Cássia. Mulher e literatura: o mundo além dos jardins. *Teoria e Debate*, ano 17, n. 56, dez. 2003/jan. 2004.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *O preço da leitura: leis e números por detrás das letras*. São Paulo: Ática, 2001.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2009a.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A leitura rarefeita: leitura e livro no Brasil*. São Paulo: Ática, 2009b.

LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. *As escritoras contemporâneas e o campo literário brasileiro: uma relação de gênero*. 2008. Tese (Doutorado em Literatura e Práticas Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Brasília, Brasília, 2008.

LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. O feminismo como agente de mudanças no campo literário brasileiro. In: STEVENS, Cristina (Org). *Mulher e Literatura – 25 anos: raízes e rumos*. Florianópolis: Mulheres, 2010. p. 183-207.

LIGA BRASILEIRA DE EDITORAS. *Editora Mulheres*. Disponível em: <http://www.libre.org.br/editora_view.asp?ID=169>. Acesso em: 12 dez. 2010.

MARTINS, Wilson. Cidade das mulheres. *O Globo*, 20 nov. 1999. Disponível em: <<http://www.revista.agulha.nom.br/wilsonmartins071.html>>. Acesso em: 7 dez. 2010.

MUZART, Zahidé Lupinacci. *A Editora Mulheres*. Florianópolis, maio 2003. Disponível em: <<http://escritoriiodolivro.com.br/oficios/mulheres.html>>. Acesso em: 10 dez. 2010.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma espíada na imprensa das mulheres no século XIX. *Revista Estudos Feministas*, v. 11, n. 1, jan./jun. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2003000100013&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 10 dez. 2010.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Histórias da Editora Mulheres. *Revista Estudos Feministas*, v. 12, p. 103-105, set./dez. 2004. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/381/38109911.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2010.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Poeira de arquivo: vozes da *belle-époque*. In: CAVALCANTI, Ildney Cavalcanti; LIMA, Ana Cecília Acioli; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). *Da mulher às mulheres: dialogando sobre literatura, gênero e identidades*. Maceió: UFAL, 2006. p. 76-82.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Entrevista concedida ao Usufruto. Disponível em: <<http://www.editoramulheres.com.br/>>. Acesso em: 7 dez. 2010.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma editora de fundo de quintal: a Editora Mulheres. In: STEVENS, Cristina (Org.). *Mulher e literatura – 25 anos*. Raízes e rumos. Florianópolis: Mulheres, 2010. p. 169-182.

NOSSAS antigas escritoras. *Mais Vida*, ano 3, n. 25, jan. 1998.

RAMOS, Tânia Regina Oliveira. Narrativas de si: lugares da memória. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, v. 4, n. 2, p. 155-165, jul./dez. 2008.

RUFFATO, Luiz. Quem são e como sobrevivem as micro e pequenas editoras brasileiras. Pela margem (1). *Rascunho*, maio 2010. Disponível em: <<http://rascunho.rpc.com.br/>>. Acesso em: 8 dez. 2010.

SARTI, Chyntia. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisando uma trajetória. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 35-50, maio/ago. 2004.

SCHAPOCHNIK, Nelson. A leitura no espaço e o espaço da leitura. In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson (Orgs.). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura no Brasil; São Paulo, SP: Fapesp, 2005. (Histórias de Leitura).

SCHMIDT, Rita Terezinha. Da ginolatria à genologia: sobre a função teórica e a prática feminista. In: FUNCK, Susana B. (Org.). *Trocando idéias sobre a mulher e a literatura*. Florianópolis: Edeme, 1994. p. 23-32.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Revisitando a mulher na literatura: horizontes e desafios. In: STEVENS, Cristina (Org.). *Mulher e Literatura – 25 anos: raízes e rumos*. Florianópolis: Mulheres, 2010. p. 257-270.

UNIVERSITÁRIO. *Zahidé Muzart fala de livros e autores no “Círculo de Leitura”*. 31 out. 2008. Disponível em: <http://www.universitario.com.br/noticias/noticias_noticia.php?id_noticia=6022>. Acesso em: 12 dez. 2010.

VASCONCELOS, Liana Aragão Lira. *Estratégias de atuação no mercado editorial: Marcelino Freire e a Geração 90*. 2007. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Departamento de Literatura Literária e Literatura, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

WILKE, Rejane. Mulheres não perdem o “trem da história”. *O Estado*, Santa Catarina, 7-8 mar. 1998. Magazine.

Obras publicadas pela Editora Mulheres

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *A Silveirinha*. Florianópolis: Mulheres, 1997.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *A viúva Simões*. Florianópolis: Mulheres, 1999.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *A falência*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Memórias de Marta*. Florianópolis: Mulheres; Edunisc, 2007.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *A família Medeiros*. Florianópolis: Mulheres, 2009.

AMORIM, Elisângela Santos de. *Trajetória educacional de mulheres em assentamentos de reforma agrária na região Tocantina-MA*. Florianópolis: Mulheres; São Luís: EDUFMA, 2009.

ANDRADE, Valéria (Org.). *Maria Ribeiro: teatro quase completo*. Florianópolis: Mulheres, 2008.

ARAÚJO, Nara. *O tempo e o rastro: da viagem e sua imagem*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003.

ARMANDO, Maria Luiza de Carvalho. *Pelos caminhos do mundo*. Florianópolis: Mulheres, 2009a.

ARMANDO, Maria Luiza de Carvalho. *Versos para pituquim: com pó de pirlimpimpim*. Florianópolis: Mulheres, 2009b.

BEHU, Aphra. *Oroonoko*. Florianópolis: Mulheres, 1999.

BEZERRA, Kátia da Costa. *Vozes em dissonância: mulheres, memória e nação*. Florianópolis: Mulheres, 2007.

BONETTI, Alinne; FLEISCHER, Soraya. *Entre saias justas e jogos de cintura*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007.

BORMAN, Maria Benedita. *Lésbia*. Florianópolis: Mulheres, 1998.

BRANDÃO, Izabel; MUZART, Zahidé L. (Orgs.). *Refazendo nós: ensaios sobre mulher e literatura*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003.

CABRAL, Loni Grimm; MORAIS, José (Orgs.). *Investigando a linguagem: ensaios em homenagem a Leonor Scliar-Cabral*. Florianópolis: Mulheres, 1999.

CASTRO, Ana Luísa de Azevedo. *D. Narcisa de Villar*. Florianópolis: Mulheres, 2008.

CAVALCANTE, Alcilene. *Uma escritora na periferia do Império: vida e obra de Emília Freitas*. Florianópolis: Mulheres, 2008.

COSTA, Cláudia de Lima; SCHMIDT, Simone Pereira (Orgs.). *Poéticas e políticas feministas*. Florianópolis: Mulheres, 2004.

DOLORES, Carmen. *A luta*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2001.

DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta: a primeira feminista do Brasil*. Florianópolis: Mulheres, 2005.

DUARTE, Constância Lima (Org.). *Mulheres em letras: antologia de escritoras mineiras*. Florianópolis: Mulheres, 2008.

EGGERT, Edla. *Narrar processos: tramas da violência doméstica e possibilidades para a educação*. Florianópolis: Mulheres, 2009.

FELIX, Regina R. *Sedução e heroísmo: imaginação de mulher (entre a República das Letras e a Belle Epoque – 1884-1911)*. Florianópolis: Mulheres, 2007.

FERRARA, Maria Amorim. *Contos antigos*. Florianópolis: Mulheres, 2010.

FERREIRA, Débora R. S. *Pilares narrativos: a construção do eu e da nação na prosa de oito romancistas brasileiras*. Florianópolis: Mulheres, 2003.

FLORES, Conceição; DUARTE, Constância Lima; MOREIRA, Zenóbia Collares. *Dicionário de escritoras portuguesas: das origens à atualidade*. Florianópolis: Mulheres, 2009.

FLORES, Noemi. *Brasileiras notáveis: uma abordagem radiofônica*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2006.

FLORESTA, Nísia. *Cintilações de uma alma brasileira*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1997.

FLORESTA, Nísia. *Itinerário de uma viagem à Alemanha*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1998.

FLORESTA, Nísia; COMTE, Auguste. *Cartas*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2002.

FRANCO, Jean. *Marcar diferenças, cruzar fronteiras*. Florianópolis: Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2005.

FRANCO, Stella Maris Scatena. *Peregrinas de outrora: viajantes latino-americanas no século XIX*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2008.

FREITAS, Emília. *A rainha do ignoto*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003.

FUNCK, Suzana Bornéo; WIDHOLZER, Nara (Orgs.). *Gênero em discursos da mídia*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2005.

GROSSI, Miriam Pillar; LAGO, Mara Coelho de Souza; NUERNBERG, Adriano Henrique (Orgs.). *Estudos in(ter)disciplinados: gênero, feminismo, sexualidade*. Florianópolis: Mulheres, 2010.

GROSSI, Miriam Pillar; MINELLA, Luzinete Simões; LOSSO, Juliana Cavilha Mendes. *Gênero e violência: pesquisas acadêmicas brasileiras (1975-2005)*. Florianópolis: Mulheres, 2006.

GROSSI, Miriam Pillar; MINELLA, Luzinete Simões; PORTO, Rozeli. *Depoimentos: trinta anos de pesquisas feministas brasileiras sobre violência*. Florianópolis: Mulheres, 2006.

HAHNER, June E. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850-1940*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003.

KAMITA, Rosana Cássia. *Resgates e ressonâncias: Mariana Coelho*. Florianópolis: Mulheres, 2005.

LAGO, Mara Coelho de Souza et al. (Orgs.). *Interdisciplinaridade em diálogos de gênero: teorias, sexualidades, religiões*. Florianópolis: Mulheres, 2004.

LANGENDONCK, Madame van. *Uma colônia no Brasil*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2002.

LANGSDORFF, E. de. *Diário da Baronesa E. de Langsdorff: relatando sua viagem ao Brasil por ocasião do casamento de S. A. R., o Príncipe de Joinville (1842-1843)*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000.

LAUS, Harry. *Os papéis do Coronel*. Florianópolis: Mulheres, 2007.

LAUS, Ruth. *Villa Rica: um tempo feliz*. Florianópolis: Mulheres, 2005.

LAUS, Ruth. *A décima carta: Laus, apenas*. Florianópolis: Mulheres, 2006.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Maria Lacerda de Moura: uma feminista utópica*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2005.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Roteiros inconscientes (narrativas)*. Florianópolis: Mulheres, 2010.

LISBÔA, Maria Regina Azevedo; MALUF, Sônia Weidner (Orgs.). *Gênero, cultura e poder*. Florianópolis: Mulheres, 2004.

MAIA, Cláudia. *A invenção da solteirona: conjugalidade moderna e terror moral*. Florianópolis: Mulheres, 2011.

MELO, Rita Barém de. *Sorrisos e prantos*. Florianópolis: Mulheres; Porto Alegre: Movimento, 1998.

MEYER, Rachel Liberato. *Uma menina de Itajaí: crônicas*. Florianópolis: Mulheres, 1999.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos (Orgs.). *Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000.

MINELLA, Luzinete Simões; CABRAL, Carla Giovana (Orgs.). *Práticas pedagógicas e emancipação: gênero e diversidade na escola*. Florianópolis: Mulheres, 2009.

MONTEIRO, Maria Conceição; LIMA, Tereza Marques de Oliveira (Orgs.). *Entre o estético e o político: a mulher nas literaturas clássicas e vernáculas*. Florianópolis: Mulheres, 2006a.

MONTEIRO, Maria Conceição; LIMA, Tereza Marques de Oliveira (Orgs.). *Entre o estético e o político: a mulher nas literaturas de línguas estrangeiras*. Florianópolis: Mulheres, 2006b.

MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *Uma voz ao sul: os versos de Maria Clemência da Silveira Sampaio*. Florianópolis: Mulheres, 2003.

MÜLLER, Fernanda. *Ecos do Oriente: o relato de viagem na literatura contemporânea*. Florianópolis: Mulheres, 2010.

MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999. v. I.

MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004. v. II.

MUZART, Zahidé Lupinacci. *Uma casa sem cor*. Florianópolis: Mulheres, 2008.

MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Mulheres, 2009. v. III.

OLIVEIRA, Andradina América de Andrade e. *Divórcio?* Florianópolis: Mulheres; Porto Alegre: Ediplat, 2007.

OLIVEIRA, Andradina de América de Andrade e. *O perdão*. Florianópolis: Mulheres, 2010.

PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pillar (Orgs.). *Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis: Mulheres, 1998.

PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe (Orgs.). *Gênero, feminismos e ditaduras no Cone Sul*. Florianópolis: Mulheres, 2010.

PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe; VEIGA, Ana Maria (Orgs.). *Resistência, gênero e feminismos contra as ditaduras no Cone Sul*. Florianópolis: Mulheres, 2011.

PELLETIER, Madeleine. *Memórias de uma feminista*. Florianópolis: Mulheres, 2005.

QUEIROZ, Vera. *Hilda Hilst: três leituras*. Florianópolis: Mulheres, 2000.

RAMALHO, Christina. *Elas escrevem o épico*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2005.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Florianópolis: Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.

RIAL, Carmen; PEDRO, Joana Maria; AREND, Silvia Maria Fávero (Orgs.). *Diversidades: dimensões de gênero e sexualidade*. Florianópolis: Mulheres, 2010.

RIAL, Carmen; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. *Genealogias do silêncio: feminismo e gênero*. Florianópolis: Mulheres, 2004.

RODRIGUES, Carla. *Coreografias do feminino*. Florianópolis: Mulheres, 2009.

SABINO, D. Ignez. *Mulheres ilustres do Brazil*. Florianópolis: Mulheres, 1996.

SABINO, Inês. *Lutas do coração*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999.

SCHPUN, Mônica Raisa (Org.). *Gênero sem fronteiras: oito olhares sobre mulheres e relações de gênero*. Florianópolis: Mulheres, 1997.

SCOTT, Joan W. *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem*. Florianópolis: Mulheres, 2002.

SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda (Orgs.). *Gênero e geração em contextos rurais*. Florianópolis: Mulheres, 2010.

SHARPE, Peggy (Org.). *Entre resistir e identificar-se: para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina*. Florianópolis: Mulheres; Goiânia: UFG, 1997.

SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (Orgs.). *Falas de gênero: teorias, análises, leituras*. Florianópolis: Mulheres, 1999.

SILVA, Cristiani Bereta da; ASSIS, Glaucia de Oliveira; KAMITA, Rosana C. (Orgs.). *Gênero em movimento: novos olhares, muitos lugares*. Florianópolis: Mulheres, 2007.

SOARES, Angélica. *Transparências da memória: estórias de opressão*. Florianópolis: Mulheres, 2009.

SOIHET, Rachel. *O feminismo tático de Bertha Lutz*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2006.

SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade. *Índice de dramaturgas brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Mulheres, 1996.

SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade. *O florete e a máscara: Josefina Álvares de Azevedo, dramaturga do século XIX*. Florianópolis: Mulheres, 2001.

STEVENS, Cristina. *Maternidade e feminismo: diálogos interdisciplinares*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007.

STEVENS, Cristina (Org.). *Mulher e literatura – 25 anos: raízes e rumos*. Florianópolis: Mulheres, 2010.

STEVENS, Cristina M. T.; SWAIN, Tania Navarro (Orgs.). *A construção dos corpos: perspectivas feministas*. Florianópolis: Mulheres, 2008.

SWAIN, Tania Navarro; MUNIZ, Diva do Couto Gontijo (Orgs.). *Mulheres em ação: práticas discursivas, práticas políticas*. Florianópolis: Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2005.

THURLER, Ana Liési. *Em nome da mãe: o não reconhecimento paterno no Brasil*. Florianópolis: Mulheres, 2009.

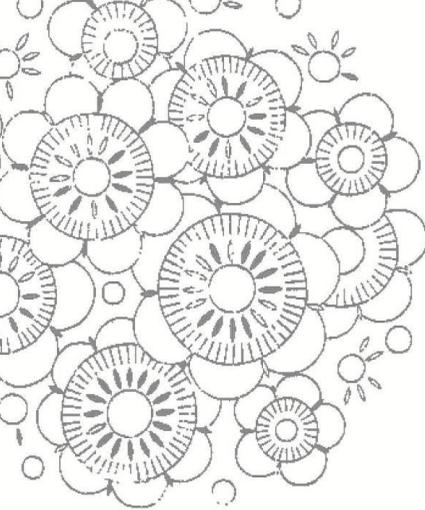
TORNQUIST, Carmen Susana et al. *Leituras de resistência: corpo, violência e poder*. Florianópolis: Mulheres, 2009. v. I.

TORNQUIST, Carmen Susana et al. *Leituras de resistência: corpo, violência e poder*. Florianópolis: Mulheres, 2009. v. II.

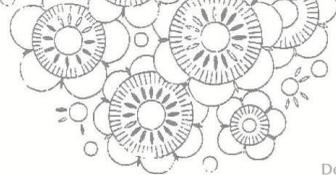
TRISTAN, Flora. *Peregrinações de uma pária*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000.

WOLFF, Cristina Scheibe; FÁVERI, Marlene de; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (Orgs.). *Leituras em rede: gênero e preconceito*. Florianópolis: Mulheres, 2007.

XAVIER, Elódia. *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*. Florianópolis: Mulheres, 2007.



Adelina Lopes Vieira
 Anália Emilia Franco
 Adelina Tecla Correia Lyrio
 Alaíde Ulrich
 Alba Valdez
 Albertina Berta
 Amélia Beviláqua
 Amélia de Resende Martins
 Ana Aurora do Amaral Lisboa
 Amália dos Passos Figueiroa
 Maria Benedita Câmara Bormann
 Maria Clara da Cunha Santos
 Ana Teófilia Filgueiras Autran
 Andradina de Oliveira
 Ângela do Amaral Rangel



Targélia
 Ana César
 Ana Facó
 Colombina
 Carmem Freire
 Delminda Silveira
 Ana Nogueira Batista

Anita Philipowsky
 Bárbara Heliodora
 Júlia Lopes de Almeida
 Júlia Cortines
 Júlia Maria da Costa

Amélia de Oliveira
 Amélia Rodrigues
 Ancilla Domini

Alexandrina da Silva Couto dos Santos
 Anna Alexandrina Cavalcanti de Albuquerque
 Ana Ribeiro de Góis Bittencourt
 Ana Luísa de Azevedo Castro

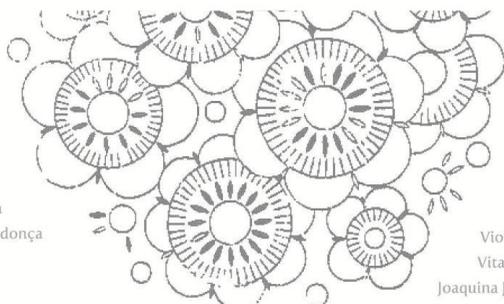
Emília Leitão Guerra
 Eufrosina Miranda
 Francisca Clotilde
 Emília Freitas
 Auta de Souza
 Âurea Pires
 Anônima

Zalina Rolim Rita Joana de Sousa Matilde Ulrich
 Rosália Sandoval Inês Sabino Narcisa Amália
 Sinhazinha Wanderley Delminda Silveira
 Georgina Mongruel Maria Augusta Guimarães
 Beatriz Brandão Ildefonsa Laura César Madame Chrysanthème
 Maria Firmina dos Reis Cândida Forte Maria Angélica Ribeiro
 Guilhermina Rocha Úrsula Garcia Carmosina Uzel
 Maria Josefa Barreto Clarinda Siqueira
 Isabel Gondim Francisca Júlia Corina Coaraci
 Gabriela de Andrade Rita Barém de Melo
 Serafina Rosa Pontes Josefina Álvares de Azevedo

Julieta de Melo Monteiro
 Luciana de Abreu
 Leontina Licínio Cardoso
 Luísa Amélia de Queirós
 Luísa Leonardo
 Ibrantina Cardona
 Maria Lúcia Duarte
 Mariana Coelho
 Gertrud Gross-Hering
 Mariana Luz



Castorina Lobo S. Thiago
 Carolina von Koseritz
 Honorina Galvão Rocha
 Francisca de Basto Cordeiro
 Escolástica de Moraes Veloso
 Delfina Benigna da Cunha
 Joana Paula Manso de Noronha
 Francisca Izidora Gonçalves da Rocha
 Honorata Minelvina Carneiro de Mendonça
 Maria Carolina Corcoroca de Sousa
 Emília Moncorvo Bandeira de Mello



Maria do Carmo de Melo Rego
 Maria Luísa de Sousa Alves
 Maria Cândida de Jesus Camargo
 Prisciliana Duarte de Almeida
 Nisia Floresta Brasileira Augusta
 Revocata Heloisa Figueiroa de Melo
 Maria Benedita de Oliveira Barbosa
 Maria Clemência da Silveira Sampaio
 Violante Atalípa Ximenes de Bivar e Vellasco
 Vitalina Pompeu de Camargo de Sousa Queirós
 Joaquina Júlia Navarro da Cunha Meneses de Lacerda